

# BOM TEMPO

Afonso Schmidt



*InteliGência*

**Afonso Schmidt**

**BOM TEMPO**

Copyright: ©Espólio de Afonso Schmidt 2023

**Coordenação Geral e Revisão de Texto**

Francisco Rodrigues Torres

***Digitação, Fotografia e Tratamento de Imagens***

Dilson Silva Matogrosso

***Colaboração Editorial***

Welington Ribeiro Borges

***Ilustração da Capa***

Ana Julia Linhares Ferreira

***Produção final de Capa***

Izabel Ferreira Mendes

***Projeto Gráfico e Diagramação***

Editora Inteligência

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Schmidt, Afonso

Bom tempo / Afonso Schmidt ; [coordenação  
Francisco Rodrigues Torres]. -- 1. ed. --  
Peruíbe, SP : Editora Inteligência, 2023.

ISBN 978-65-89632-16-0

1. Homenagem 2. Literatura brasileira  
3. Schmidt, Afonso, 1890-1964 I. Torres, Francisco  
Rodrigues. II. Título.

23-158638

CDD-B869

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira B869

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

**Instituto de Desenvolvimento Econômico e  
Social Afonso Schmidt**

**Acesse: [www.institutoafonsoschmidt.com.br](http://www.institutoafonsoschmidt.com.br)**

**E-mail: [idesascubatao@gmail.com](mailto:idesascubatao@gmail.com)**

Afonso Schmidt

# BOM TEMPO



Cubatão - 2023



Este projeto foi viabilizado por meio de Emendas Parlamentares  
(Emenda à Lei Orgânica nº 25, de 14 de março de 2017) □ TERMO  
DE FOMENTO Nº 37/2023.

## PREFÁCIO

A primeira edição de “Menino Felipe”, de autoria de Afonso Schmidt, ocorreu no ano de 1950. Na verdade, o autor, que é meu pai, se inscreveu num concurso literário organizado pela revista “O Cruzeiro” e dentre mais de quatrocentos escritores, Schmidt saiu vencedor e teve sua primeira impressão garantida.

Alguns anos depois, em 1958, Schmidt concebeu uma de suas mais belas obras, “Bom Tempo”. A narrativa se fez fluida ao mesclar as aventuras do protagonista, entre risos e lamentos, e o cotidiano de antigos moradores de Cubatão e do centro velho da cidade de Santos. Considero que esses dois livros evidenciam a atuação do escritor nessa região.

Várias décadas já se passaram e diversas reedições dessas obras foram concebidas. No entanto, as histórias narradas nesses livros trazem à lume as vivências, as experiências não apenas de meu pai, mas de incontáveis personagens que enriqueceram a narrativa. Em várias oportunidades, Afonso Schmidt declarou que ele era o próprio “Menino Felipe”, pois ambos nasceram no sítio localizado no Cubatão de Cima e que, desde a tenra idade, observaram o povoado, a estrada que o cruzava e as complexas histórias de seus moradores. Na prática, o personagem Felipe funcionava como *alter ego* de meu pai que traduziu muito de suas impressões da vida, principalmente, através dessas duas obras.

Estou com 99 anos de idade e já tive inúmeras experiências, mas sempre me emociono quando o nome de Afonso Schmidt é lembrado em sua cidade natal. Essa forma de relembrar meu pai, ou seja, reeditar suas obras me faz considerar em uma homenagem constante. Toda vez que um aluno, jovem ou educador abre um livro de Afonso Schmidt, na verdade, não está apenas lendo, mas prestando homenagem a um escritor que vivenciou a escrita e o viver dela de forma intensa.

**Aldo Schmidt**



## APRESENTAÇÃO

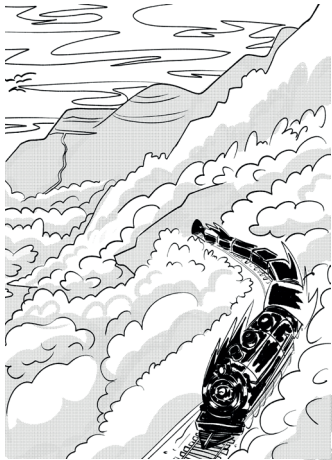
O Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social Afonso Schmidt nasceu em 9 de maio de 2002 sob a denominação de Sociedade Amigos da Biblioteca e Arquivo Histórico de Cubatão. A entidade é responsável pela realização do “Sarau do Sambaqui”, o qual ocorre todos os meses nas escolas do município e na Floricultura Central, espaços onde contadores de histórias, poetas e cantores recebem o devido apoio.

Em 2017, por necessidade de atualização estatutária em razão do Novo Código Civil, a diretoria da entidade, em assembleia, decidiu pela ampliação de suas atividades no apoio à pesquisa acadêmica, à difusão da cultura e do fazer cultural. Dessa forma, alterou seus estatutos criando um instrumento que permitisse uma maior possibilidade de atuação no município de Cubatão e em todo território nacional. O nome da entidade foi alterado para homenagear o grande escritor cubatense e valorizar sua vasta obra por meio da publicação de seus livros.

Nesse sentido, o Instituto Afonso Schmidt desenvolveu a “Coleção Afonso Schmidt”, na qual, as obras passaram por atualização gramatical completa e a devida reimpressão. O espaço se faz propício, também, para agradecer à família do escritor e, em especial, a Aldo Schmidt e Rosana Schmidt pelo incentivo.

Finalmente, consideramos que a grande homenagem que podemos prestar ao escritor é fazer sua obra conhecida novamente. Assim, a publicação de seus principais livros é uma maneira não só de homenagear o autor, mas acima de tudo, incentivar a leitura e despertar os leitores sobre a importância de Afonso Schmidt no cenário cultural e literário do país.

**Nalva Leal**  
**Presidente do Instituto Afonso Schmidt**



## ÍNDICE

1–	COISAS DO VELHO SÃO PAULO .....	15
2–	FOGOS DE VISTA.....	35
3–	ROMANCE NA ITÁLIA .....	105
4–	PÃO DE GUERRA .....	167
5–	VÉSPER .....	187





## NOTA EXPLICATIVA (1ª edição)

*Há quase dez anos, com a sua tradicional pontualidade, nos meses de janeiro, o Clube do Livro honra-se em editar para a sua rede de associados um livro de Afonso Schmidt, grande escritor brasileiro, cuja obra literária constitui um patrimônio poucas vezes encontrado na história literária brasileira.*

*Escrevendo especialmente para o povo, sem preocupações de escolas ou de estilos, sem partidarismos, consegue Afonso Schmidt seduzir o seu leitor com a intensa fabulação de seus trabalhos, com o calor de seu sentimento e com o brilho e graça da sua narrativa.*

*Mesmo quando enfrenta temas de fundo histórico, o festejado escritor patricio não desmerece as suas tão aprimoradas qualidades beletrísticas, alcançando um clima de arte que, dando veracidade ao cenário, não deixa de arrastar-nos para as regiões do sonho, onde todas as coisas são perfeitas e belas.*

*Como José de Alencar, o imortal cearense, Afonso Schmidt procura manter o elo entre o escritor e o povo, ávido sempre de ler páginas de verdadeiro encanto artístico, capazes de oferecer-lhe uma fuga à realidade quotidiana. O verdadeiro escritor cumpre realmente a sua missão, quando não engana ou não avilta o seu leitor. Os livros editados pelo Clube do Livro confirmam a grande, a silenciosa e construtiva operosidade desse nosso tão querido novelista, que se coloca no primeiro plano dos escritores brasileiros consagrados pela simpatia do povo.*

*“Bom Tempo” transporta-nos a uma época em que se misturavam a mocidade e o sonho do autor, dentro do cenário convidativo do Rio e São Paulo, nos começos deste século.*

*Através de uma série de depoimentos, Afonso Schmidt confirma as suas excepcionais qualidades de narrador e estas belas páginas enriquecem a sua já tão aplaudida e premiada bagagem literária.*

**São Paulo, 1º de janeiro de 1956.**  
**CLUBE DO LIVRO**







## 1 – COISAS DO VELHO SÃO PAULO

Ali pelo fim de 1903, ou começo de 1904, viemos mais uma vez de mudança para São Paulo, indo morar à Rua Bresser nº 29. Essa casa foi demolida há não sei quantos anos. E o quarteirão já não dá a mais longínqua ideia do que fora no passado. Duas janelas de frente, entrada por um portão de madeira. Na parte de dentro, à esquerda, um alpendrezinho com porta para a sala de visitas. O quintal era plantado de ameixeiras pesteadas, craquentas, que davam mais papagaios de papel de seda enroscados nos galhos do que propriamente ameixas.

Alguns meses decorridos, meus pais tiveram de voltar depressa para o sítio, pois os bananais estavam perecendo. E, não querendo abrir mão daquela casa que tanto nos convinha, deixaram-me lá na companhia de um empregado que se encarregava dos arranjos domésticos e do preparo das refeições. Mas o Guilhermino (assim se chamava ele), que tinha vindo da roça para tomar conta do pequeno estudante, acabou por descobrir as delícias da Capital. Era um rapazola magro e comprido como pé de feijão que brota dentro de garrafa. O rosto seria branco sem aquelas sardas que o tornavam quase castanho. O cabelo intenso seria louro, se não parecesse muito mais com estopa. Para completar-lhe o retrato, devo acrescentar que tinha os braços longos e finos, o peito cavo e as orelhas de abanos. Quando ele passava, arcado, com os sapatos enormes, muita gente se voltava para admirá-lo melhor.

Guilherminho começou por travar relações de amizade com uns tipos que faziam ponto na venda. Depois, toda noite, enquanto eu dormia, ele saía para a rua e só voltava ao amanhecer. Dormia até tarde. O dinheiro recebido semanalmente num depósito de bananas começou a ser pouco para as despesas. Entrou de vender a roupa julgada excessiva, as minhas botinas ainda em bom uso. Quanto mais a caderneta da venda registrava compras, mais o nosso menu empobrecia. Nunca soube o que Guilherminho fazia das latas de azeite português, das garrafas de vinho e de conhaque compradas para improvisar um suadouro, por causa do resfriado. Nos últimos tempos, eu, que sofria de amarelão, levava para a escola merenda estrambótica: uma sardinha de barril metida num pãozinho de tostão, cortado ao meio. E quando fazia cara feia, ele justificava:

— Não senhor! Nada de bife ou queijo, que isso engrossa o sangue! Leve mulato velho, que é bom prá barriga d'água! Mas, apesar de tudo, eu gostava da vida na Rua Bresser. Estava matriculado no Grupo Escolar do Oriente. O diretor era "seu" Espírito Santo, a quem minha tia Adelaide, por ser sua conhecida e colega, tratava por uma alcunha engraçada. Quando eu ia visitá-la, não deixava de perguntar:

— Como vai o Caquito?

Todas as manhãs, depois do café com biscoitos de barrica, quatro ou cinco livros inúteis debaixo do braço, eu partia correndo para a escola. Tomava pela Rua Joli, quase deserta, aspirando com delícia o cheiro matinal de suas flores. Era, naquele tempo, uma via pública que estava a surgir. Do lado esquerdo, uma casa aqui outra lá longe. Do lado direito, de ponta a ponta, corria a cerca de arame, revestida de trepadeiras sempre floridas que perfumavam a redondeza. No centro do vasto terreno, erguia-se casa apalaçada, toda branca, com as portas e as janelas pintadas de verde. Mais tarde vim a sa-

ber que ali, anos antes, existira uma das primeiras floriculturas de São Paulo.

O Grupo Escolar ficava na Rua Almirante Barroso; estava instalado em velha residência térrea, esparramada, mas bonita. Eu frequentava a classe do Professor Antônio de Sales Prado. Era bem moço, mas trajava-se de preto e usava barba à moda dos nazarenos. Muito distinto, muito afável. Seus colegas sabiam-no poeta. Nas revistas da época, publicava versos e artigos incisivos com este título: "Está tudo errado!"

"Seu" Sales, como nós o chamávamos, tinha um fraco pelas minhas composições escolares. Doía-se de ver a minha figura fanada, comida pela verminose, mas nimbada de pensamentos.... Na classe, quando me apanhava distraído, apontava-me com simpatia:

— O sonhador do 4º ano!

Mas o Guilherminho estava mesmo impossível. Quando chegou o tempo das ameixas, arrastou a mesa da cozinha, encaixou-a no portão e sobre ela amontoou toda a fruta do quintal, vendendo-a por atacado e a varejo, pela metade do preço corrente nas quitandas do bairro. Uma concorrência desleal ao comércio honesto, isto é, que pagava impostos.... Foi uma gritaria! Surgiram de repente legiões de fiscais que, segundo parece, estavam de tocaia nas bocas-de-lobo da rua! Multas e mais multas! E o Guilherminho, que não entendia de licença, nem de outras praxes administrativas, achava bonitos aqueles papéis e pendurava-os com gosto num prego da parede. Com uma ingenuidade que honrava a nossa terra, da Olaria aos Pilões, mostrava certo prazer em colecionar avisos com timbre do governo. Essa inconsciência encolerizava os fiscais.

Felizmente, "seu" Chico que, como o nome não deixa dúvida, era o vendeiro da esquina e discutia com meu pai a superioridade do fumo de Tietê sobre o fumo de Rio das Pedras, e nos fornecia os gêneros mediante ensebada ca-



derneta, anotada numa língua parecida com javanês, na qual a palavra farinha poderia ser lida como sardinha, até mesmo como champanhe, na hora confusa de somar a página, viu que as coisas no nº 29 estavam mal paradas e escreveu comprida carta para Cubatão, mexericando aquelas ocorrências, contando por miúdo o “dumping” do Guilherminho.

Ao receber a denúncia, meu pai inventou uma cara enfarruscada e botou-se serra acima. Quando chegou à Rua Bresser, assustado, mas divertido, encontrou o quarteirão em polvorosa. Os fiscais, organizando-se em arregimentada força, estavam atacando a improvisada fortaleza. E o Guilherminho, tomado de mavórtico calor, camisa aberta, cabelo arrepiado, empunhava uma velha garrucha de dois canos e arremetia contra as hostes municipais:

— Se argum botá os pé aqui, eu lasco fogo!

Com toda certeza, derramaria sangue na defesa da liberdade de comércio. Meu pai chegou, chamou de parte os **janízaros** da Intendência, explicou-lhes tudo, tintim por tintim, e convidou-os a tomar na venda de "seu" Chico a abrideira da cordialidade e da anistia. O vendeiro, gesticulando com os braços curtos, deu arras da nenhuma prática do caçara na arte de embrulhar o próximo. Os fiscais acharam graça, limparam o bigode na manga azul e tudo acabou bem, graças a Deus.

Dois dias depois, devolvida a chave da casa, despachados no Brás os cacarecos, nós três embarcamos numa segunda classe para Cubatão. E durante algumas semanas, pelos ranchos do sítio, os camaradas afrouxaram a cinta para melhor rir, contando e repetindo as estripulias do Guilherminho Fischer.

No ano seguinte, eu, o meu baú de folha e a minha ignorância chegamos ao Hotel Cantagalo, bem defronte da Estação do Norte. Vinha, como sempre, para estudar. Os hotéis das imediações não eram de luxo. Em São Paulo, por àquela altura, ainda não os havia como agora, vastos, confortáveis e

escorchantes. E, para ser franco, o Cantagalo parecia ainda mais modesto que os seus numerosos concorrentes. Estava instalado numa daquelas casinhas pintadas de verde que enchiam de ponta a ponta muitas ruas do Brás, a começar pelas avenidas Rangel Pestana e Intendência.

O proprietário desse hotel tinha um nome como os outros, mas nós o chamávamos de "seu" Ângelo. Homem mergulhado na profissão até ao pescoço, mas com rasgos de bondade. A esposa, D. Mariquinha, era magríssima, eloquentíssima, oriunda de antiga família da Penha. Observei ali um caso curioso: o marido genovês já havia esquecido a língua materna, mas a mulher, quando era preciso, discutia a conta com certos hóspedes recalcitrantes, no mais puro dialeto da Ligúria. Tinham quatro filhos travessos, indisciplinados, mas de bom e generoso coração. O menor, naquele tempo, devia orçar pelos nove anos. Se lhe plantassem um par de asas, ele sairia voando como os anjos. Era a loucura de "seu" Ângelo e de D. Mariquinha. Chamava-se Joãozinho.

Os hóspedes habituais, durante os anos que, com intervalos, lá passei, me pareceram pessoas bem curiosas. Negociantes do Vale do Paraíba que viajavam a compras. Entre eles, o boticário Simão, de Jacareí, e seu filho que usava cabeleira à Gonçalves Dias e tinha a pasta empanturrada de sonetos. Professoras de Pinda e de Guará, que vinham à Secretaria, solicitar licença com vencimentos para tratarem da saúde. Estudantes de Cruzeiro que corriam a São Paulo, a fim de cavar pistolões para os exames parcelados, no Curso Anexo. Cometas de firmas do Rio de Janeiro, ansiosos por empurrar o alcaide na Ladeira João Alfredo. De quando em quando, lá surgiam uns casais cheios de complicações: ele de fraque, calças de riscado, botinas acalcanhadas e polainas; ela de vestido comprido, colete de barbatanas, cintura de vespa, chapéu de longa pluma esgarçada. "Seu" Ângelo tinha o calo

da profissão. Com uma olhadela perscrutadora, via tudo, compreendia tudo. Punha-se a torcer a bigodeira brava:

— Desculpem, mas esta é uma casa de família!

A mulher abaixava a cabeça, o homem atirava a palheta para a nuca e saía brandindo a bengala. Foi ali que travei relações com as alegrias e as tristezas do mundo.

Mas, para falar a verdade, eu já estava taludinho. Sempre que me indispunha com aquela bondosa gente, arrumava o baú de folha e ia morar na pensão. Assim, fui parar no sobradinho da Rua José de Alencar, onde viviam outros estudantes: o futuro Professor Marques, o futuro boticário e tabelião Aquino e a tia de ambos, Dona Vergilina, que estudava Odontologia. Não raro, eu ia morar naquele quarto da Rua Assunção, número... já não lembro. O Herculano, meu professor para os empíricos exames parcelados, tinha brigado com o pai, e ali vivia das recordações do tempo em que vagabundeara em Paris. Na parede do quarto, estava pregado o cartaz de certa cantora do "Olympia". Uma loura incrível. Embaixo, num ângulo, a dedicatória ao jornalista Alberto Sousa. E o Herculano explicava:

— Ela pediu-me que entregasse o retrato a esse sujeito, mas eu achei melhor enfeitar a parede...

Aquilo para mim era uma maravilha. Foi assim que comecei a travar relações com a literatura. Quando a vida apertava, pegava de novo no baú de folha e corria ao Hotel Cantagalo. Quase não precisava explicar. Lá havia o meu quarto, nem melhor nem pior que os demais. No fim do mês, o "velho" vinha de Cubatão e pagava a conta. Quando me apertava a falta de dinheiro, falava em particular com "seu" Ângelo; ele torcia raivosamente a bigodeira, que começava a branquear, e me emprestava uns cobres.

Todos os sábados, invariavelmente, eu corria à Estação do Norte, à espera do noturno que, já naquele tempo, chegava com atraso. Ia comprar dois jornais que, de algum modo, me

interessavam. Um era "O Malho", onde, com certa frequência, o famoso Cabuí Pitanga, redator da não menos famosa "Caixa", xingava de nomes feios as minhas primícias poéticas. E, convenhamos, tinha carradas de razão, para isso. Outro, era "O Rio Nu", semanário **fescenino**, lido de preferência por marinheiros desembarcados e recrutas à porta do quartel. Seus colaboradores, no entanto, eram escolhidos entre os literatos da época. Falava-se em Olavo Bilac, Artur Azevedo, Coelho Neto etc. Pouco a pouco, o semanário foi sendo preferido pelos leitores de colarinho em pé. Por isso decaiu, tornou-se mais sensaborão do que alguns jornalões de nossa época.

Por essa altura, tornei-me devorador de romances traduzidos, geralmente franceses. Li todo Alexandre Dumas, Xavier de Montepin, Ponson du Terrail. E, principalmente, Paulo de Koch. Este último é autor de um livro curiosíssimo: as "Memórias". Foi graças a essa sublitteratura que fiquei com a obsessão de Paris e, logo depois, quando lá cheguei, procurei o bairro do Marais, a Rua dos Coveiros, o Beco da Andorinha e uma cidade desaparecida havia mais de meio século...

Abro aqui um largo parêntesis para anotar o fim do Hotel Cantagalo, de "seu" Ângelo, de D. Mariquinha e de alguns de seus filhos, os que foram meus amigos de infância. O velho comprou o Hotel Nacional, do outro lado da porteira, na esquina da avenida com a Rua Domingos Paiva. Embaixo, prosperava o grande armazém dos Adami. Ali, com um pedaço de carvão, no muro do quintal, o pintor Hugo Adami iniciava seus primeiros trabalhos...

Mas "seu" Ângelo não foi feliz. D. Mariquinha, sempre adoentada, veio a falecer. Os filhos foram arrastados pela vida. Com o pai na direção do hotel — que já tinha uns arrebiques de luxo — só ficou o Joãozinho, o seu querido Giovanin. A casa tornou-se recolhida, taciturna. Mais tarde, pai e filho adquiriram o Hotel da Sé, nas imediações da Rua 11 de Agosto.

Mas a sua finança ia de mal a pior. Assim mesmo, nas noites de junho, muita vez, fui-lhe pedir pouso... E "seu" Ângelo, já velho, não se dava ao trabalho de cobrar-me... É que, com certeza, eu lhe lembrava o tempo feliz, do Hotel Cantagalo. Contentava-se em torcer aflitadamente a bigodeira branca, entregando-me a chave de um quartinho lá em cima, que eu bem conhecia. Por intrigas talvez, na Associação dos Proprietários de Hotéis, "seu" Ângelo e o filho não me davam muita trela... Temiam, com certeza, algum pedido de empréstimo. E o honesto sitiante de Cubatão, já lá não apareceria para saldar, como antigamente, meus débitos...

Lembro-me de que, em 1920, quando se deu o empastelamento de "A Plebe", na Rua das Flores, ali perto, uma voz assustada chamou-me ao aparelho:

— Não tenho nada com política, mas sou seu amigo e quero informar que está ameaçado. A turma de agentes dirige-se para aí.

— Quem fala?

— Um amigo. Não conhece a voz?

E — crac — fone no gancho.

Reconheci a voz de Joãozinho, mas não contei a ninguém. No entanto, pai e filho tiveram triste fim. Certo dia, Joãozinho, talvez aborrecido da existência que levava, suicidou-se. Ao saber disso, pensei no velho que, dali por diante, deveria continuar na luta. Certa manhã, encontrei-o numa rua qualquer. Cumprimentei-o afetuosamente, mas ele não respondeu. Talvez não me tivesse reconhecido. Reparei melhor. Prosseguiu no caminho, aniquilado. O chapéu, fora de moda, atirado para trás, as mãos nas costas segurando a bengala de junco. Olhava para a frente, com olhos turvos. E parecia discutir com o destino. Na semana seguinte, aquela notícia curta, num jornal da tarde: o velho hoteleiro dirigira-se ao cemitério, ajoelhara-se na sepultura do filho e, depois, dera cabo da existência com um tiro no ouvido.

Fecho aqui, de olhos úmidos, o parêntesis que abri páginas atrás.

No fim do ano, realizou-se concorrida exposição de trabalhos no Grupo Escolar do Brás. Entre os expositores, como desenhista e escritor, brilhou nosso colega Antônio Silva, residente à Rua América, ali perto. Os mocinhos diziam que ele instalara uma tipografia em casa, no quarto de dormir, e nela imprimia um jornal: "O Janota".

Fiquei sobre brasas. Abordei-o, assim que pude. Ele, que estava desanimado dos estudos e pretendia enveredar pelo comércio, respondeu-me:

— Vá ver lá em casa. Aquilo não tem valor. Por quaisquer vinte mil-réis, eu lhe entrego tudo...

Na semana seguinte, irrompia eu na casa de Antônio Silva. Era uma residência modesta, agradável, onde tudo parecia ter chegado do século anterior. No seu quarto, mostrou-me a biblioteca. Não se parecia com as outras. Apenas caixas penduradas na parede, como oratórios. Nesses armarinhos, montes e montes de rolos atados com linha branca, de costura. Peguei num dos amarelinhos e vi do que se tratava. Eram rodapés de jornais. Ele os lia, admirava, e depois enrolava-os. Abri um deles: "A Casa Azul", de Campinas...

— Essa estante é de Coelho Neto.

Fiz o mesmo no oratório seguinte: nos citados rolinhos estava a seção "A lápis azul" que o "Comércio de São Paulo" publicava diariamente, sob as iniciais de A. A.

— Essa estante é de Artur Azevedo.

Esquadrinhei o quarto, com olhares ansiosos. Antônio Silva compreendeu:

— A tipografia de "O Janota" foi vendida ao Paulo de Almeida Lima, nosso colega. Eu vou dedicar-me ao comércio, você sabe...

Corri à casa do Dr. Almeida Lima. Naquele tempo, ainda

não era na Rua da Concórdia que, mais tarde, recebeu o seu nome, mas na Avenida Rangel Pestana, um pouco para lá do Largo da Concórdia. Quem me recebeu foi a mãe do meu colega, que devia estar aborrecidíssima com o trambolho. Quando lhe falei em comprar, ele ficou contente:

— Pode levar. Não precisa pagar nada. O Paulo comprou, passou dois dias no puxado do quintal e, depois, **enfarou-se**. Agora, já nem pode ver aquilo...

Eu não desejava ouvir outra coisa. Uma a uma, conduzi para o hotel as quatro caixas de tipos e, como não tivesse onde guardá-las, acomodei-as debaixo da cama. Os fregueses que passavam pelo pátio interno espiavam, curiosamente, por cima da meia-porta. Eu, indignado, fulminava-os com gestos e palavras que não pretendo consignar aqui. E o hotel inteiro divertiu-se. Menos um sujeito de Mogi das Cruzes, que lá aparecia para vender linguças. Foi procurar-me:

— Sabe? Eu tenho lá em Mogi duas caixas de tipos. Tomei-as de um freguês que não quis pagar seis quilos de chouriço...

Não hesitei:

- Quanto quer por elas?
- O preço da dívida, uns dezoito mil-réis.
- Pois pode trazer.

Na semana seguinte, minha cama já não era propriamente cama; ocultava debaixo dela uma tipografia.

Entrando em férias, transportei tudo para Cubatão. Quando desembarquei na plataforma, o chefe da estação, ao ver-me carregado com caixas envoltas em jornais, xereteou:

- Que é isso, menino?
- Uma tipografia.
- Uma o quê? — e riu com todos os dentes.

Cheguei à casa, na Água Fria, transportando a inesperada mudança. Foi um acontecimento. Veio gente de dois quilômetros ao redor, para ver a maravilha. E, no dia seguinte, encetei



os trabalhos para publicar o jornal que se chamaria "O Janota", pois era o título, em clichê, do tempo do Antônio Silva. Os de casa objetaram:

— Mas "O Janota", neste lugar, onde o primeiro rancho fica do outro lado da ponte... Você vai fazer um jornal para quem?

— Para mim mesmo.

De tipografia só tinha os tipos, geralmente empastelados. Nenhum componedor, nenhuma rama. E para agravar a situação, eu era inteiramente leigo na arte de Gutemberg. Tive uma saída. Dirigi-me a Cubatão, procurei o carpinteiro e mandei fabricar um quadrinho de madeira, mais ou menos da altura dos tipos. De posse desse quadro, que servia ao mesmo tempo de componedor e de rama, iniciei a feitura do jornal.

No entanto, o tipo não se equilibrava de pé. Também para isso encontrei remédio: trabalhava com uma xícara ao lado. Catava o tipo, mergulhava-o na xícara e punha-o de pé, dentro do quadro. Às vezes, levava o dia inteiro para alinhar uma dúzia de palavras, pois era preciso descobrir as letras nos diversos caixotins em que se repartia a caixa francesa, como diziam os tipógrafos. No fim de um dia de trabalho, cabelos arrepiados, suando em bica, a composição empastelava. Quase morria de raiva! Então, pegava em tudo aquilo e atirava pela janela, afugentando as galinhas que ciscavam no terreiro.

Tempo houve em que o quintal, por mais que a Maria e a Aracaci varressem, estava sempre estivado de uns bocadinhos de chumbo com letras em relevo, na extremidade. Nesse tempo, eu já fazia clichês. A casa parecia cheia de barretas de betume da Judeia e de vidros de tinta litográfica. Antes de qualquer pessoa beber uma caneca de água, precisava tomar cuidado: corria o risco de ingerir ácido nítrico, que pelos armários havia em quantidade.

Por esses e outros motivos, não saiu "O Janota" que se-

ria publicado no mato, a quase cinco quilômetros do povoado humilde onde, por sinal, não havia nenhum janota. Felizmente, Cubatão não soube da façanha. Nem perdeu nada com isso.

Um soneto não chegava a custar para mim o alento de um suspiro. Quando me sentia alegre e quando me sentia triste, ou mesmo quando não me sentia uma coisa nem outra, sentava-me à escrivaninha do hotel, entre grossos livros de hóspedes, embrulhos e cartas, e, diante do almoço, cortado em tiras, numa letra infantil que foi sempre meu desespero, lançava sobre o papel pautado os catorze versos.

Naquele tempo, as modestas redações do Brás mantinham permuta com alguns periódicos do Interior: “O Limeirense”, “O Povo”, de Caçapava, “O 15 de Novembro”, de Sorocaba. Por isso, fechado o soneto com uma chave de ouro, que me parecia “trouvaille” capaz de botar num chinelo os colegas do bairro, metia-o num envelope, acompanhado de insistente pedido de publicação, levava-o ao correio e ficava à espera. Mas os jornalistas a quem me dirigia eram **cautos**: teimavam em não acusar o recebimento de tais cartas.

Certo dia, porém, ocorreu-me mandar um trabalho para “A Luta”, de Santa Branca, jornalzinho de palmo e meio, feito com gosto. Na semana seguinte, andava eu no salão do hotel, quando, sobre a escrivaninha, vislumbrei um papel impresso. Lá estava “A Luta”, e com o meu trabalho! Ninguém poderá imaginar a satisfação de um poeta principiante que, pela primeira vez, depara com seus versos estampados em letra de forma! Levantei o semanário, como se fosse uma bandeira, e gritei para que todos os fregueses ouvissem:

— Minha poesia saiu no jornal! Vejam aqui!

Ninguém reparou em mim. Menos aquele senhor que, numa das mesas mais próximas, almoçava tranquilamente. Ergueu a cabeça, sorriu do meu entusiasmo e chamou-me:

— Venha sentar-se aqui.

Corri a ocupar a cadeira que ele me indicava.

— Sou o diretor desse jornalzinho. Chamo-me Argemiro Ramos de Siqueira, como está aí, no cabeçalho. Recebi seu escrito, gostei dele e publiquei, com uma referência na terceira página. Como sou freguês do Ângelo e venho assiduamente à Capital, deixei de propósito esse exemplar sobre a escrivã-ninha, para averiguar quem é o poeta. Deu resultado. Meus parabéns, você promete...

Foi o primeiro elogio que recebi. Minha produção poética que já era avultada cresceu enormemente. Abalancei-me a mais altas cavalarias. Nada menos do que à “Vida Paulista”, semanário ilustrado de Arlindo Leal e Peregrino de Castro. A redação era no Largo do Tesouro, no sótão de um prédio velho que já cedeu lugar a um segundo e a um terceiro prédios novos. Escrevi curta poesia dedicada a certa menina que, aos quinze anos, me enchia o coração de bonitos sonhos.... Levei pessoalmente a carta à revista, na esperança de entregá-la ao porteiro e fugir depressa... Mas, como fosse sábado, encontrei a redação fechada. Meti o envelope por baixo da porta, muscando-me em seguida, arrependido da façanha.

Na quinta-feira seguinte, comprei a revista e não descobri nenhuma referência. Mas, duas semanas depois, atacou-me um frenesi. De manhã cedo, fui esperá-la na porta da tipografia, onde os jornaleiros a recebiam para apregoá-la trepados nos estribos dos bondes, a gritar:

— Olhe a “Vida Paulista”! Leva o retrato dos **caraduras**!

Quando o primeiro vendedor saiu a correr, comprei um exemplar. Nem pude acreditar nos meus olhos! Lá estava a poesia, em lugar de destaque. Reparei que, por erro de revisão, a dedicatória saíra ligeiramente modificada. Em lugar das iniciais da minha musa, li: À M.E.M. Assim mesmo, comprei não sei quantos exemplares. Meus companheiros estavam fartos de saber quem era a dona daquelas iniciais, apesar do “gato”

que os revisores deixaram passar. Mas no Grupo Escolar do Brás onde, pela segunda vez eu estava matriculado, o Prof. Nilo Costa, depois de admirar os progressos da minha carreira, perguntou-me:

— E a quem se refere essa dedicatória? Posso saber? É alguém daqui do Grupo? Não hesitei e respondi:

— Está bem claro: “À minha estimada Mãe! ”

Ele olhou-os demoradamente, talvez admirando meus belos sentimentos...

A propósito da “Vida Paulista” há um estrambote. Dez ou quinze anos depois, quando dessa revista não perdurava, talvez, nem mesmo a lembrança, fiquei conhecendo um advogado de grande merecimento, tanto pela honestidade como pela cultura. Chamava-se Dr. Gustavo Pinto Pacca. Contando-lhe estas lembranças ele sorriu e disse:

— Eu fui secretário da “Vida Paulista”. Lembro-me perfeitamente do dia em que, entrando na redação, colhi aquele envelope, debaixo da porta. Publiquei a sua poesia. Não me agradeça. Eu, nos jornais em que tenho servido, nunca subestimei o trabalho literário que o autor, por mera timidez, deixa debaixo da porta e foge, como se estivesse cometendo um delito. Em princípio, é obra de estreante de valor. Se não tivesse mérito, não seria tímido; entraria na redação de chapéu na cabeça e iria direto ao diretor, fazendo valer seus conhecimentos não literários, mas de figuras da cidade...

Por essa altura, introduzi-me sub-repticiamente na redação de “A Concórdia”, à Rua Maria Marcolina. Lá tive como diretor o Sr. João Soares de Almeida, relojoeiro, dono de venda e, no momento oportuno, jornalista. Foi ele quem me arrancou da torre-de-marfim em que eu me esforçava por viver e que era tão própria daquele período francamente d’anunziano. Ele, escudado pelo Veríssimo, recebia meus escritos, lia, relia e, depois de um muxoxo:

— Vá lá... Por esta vez passa. Vou publicá-lo... Mas de futuro lembre-se do leitor... Não se esqueça de que o coitado compra o jornal e, se não entender o que está escrito, chorará o seu tostão...

Ao lado dele, o Veríssimo, muito acolhedor, botava em ordem os nossos escritos e, às vezes, publicava-os em duas colunas, abertas, para estarrecimento dos que punham em dúvida as nossas qualidades. Lembro-me também dos jornais publicados pelo Arlindo Roberto Alves e pelo Heitor Valery (hoje Dr. Heitor Valery, pediatra). A tipografia ficava na Avenida Rangel Pestana, para cá da porteira.

Minha família já residia à Rua Piratininga, numa casa baixa de cinco janelas e um portão, defronte aos depósitos de materiais do Augusto Tolle. Eu tinha encontrado meu caminho na vida: era o caminho do Hotel Bella Napoli. Para justificar, produzia sonetos a granel, em séries.

À instância do amigo Gastão Costa, matriculei-me no Conservatório Dramático e Musical, que acabava de inaugurar-se. A sede era naquele casarão da Ladeira Santa Ifigênia, esquina da Rua Brigadeiro Tobias. Casa histórica. Diziam que lá havia morado a Marquesa de Santos. Tive como professores: Venceslau de Queirós, poeta de largos remígios, autor de um livro então inédito e que só postumamente deveria aparecer, já superado, uns vinte anos depois de sua morte. Falava-se muito nas “Rezas do Diabo”, que ele ia publicando, soneto por soneto, aos domingos, no “Correio Paulistano”; e Hipólito da Silva, jornalista de combate que deixara sulco nas campanhas da Abolição e da República. Ele brilha entre os poucos poetas sociais de nossa terra. Conheço a sua “Gênese Sombria”, um grito contra a escravatura; em outro país, faria a glória de um poeta.

No Conservatório, tive oportunidade de conhecer “O Prelúdio”, órgão dos rapazes do curso de literatura. Nesse jornalzinho, li pela primeira vez o nome de um escritor que me surpreendeu.

Tratava-se de certo Monteiro Lobato, de Taubaté. Seu conto era “Gens ennuyeux”. Achei aquilo tão bom, tão diferente da nossa literatura... Soube-me a vinho de boa marca, num tempo em que eu tinha a sensibilidade quilotada pela **zurrapa** que as livrarias vendiam às quartolas...

Por esse tempo, como já deixei transparecer em diversos passos destas reminiscências, eu era francamente da imprensa. Fundei ou associei-me a diversas publicações de palmo e meio, com uma tiragem excessiva de 200 exemplares, que a gente conseguia imprimir por preço hoje inacreditável. Ao acaso, lembro-me do “Zig-Zag” e de “O Cromo”. E os versos a jorrarem copiosamente, a “malat” a deslizar maciamente sobre as tiras de papel almaço.

Certo dia, obtive de minha mãe importância necessária para a publicação de um livro. Mas que livro? Botei o dinheiro no bolso, sentei-me à mesa da sala de visitas e escrevi “Lírios Roxos”, versos dos quinze anos. Corri à tipografia do Stocco, à Rua Quintino Bocaiúva, e na semana seguinte fui buscar um daqueles caderninhos de capa verde, muito inferiores, se possível, aos poemas que encerravam. Nas primeiras páginas, meu retrato. Cabeleira, gravata borboleta, uma atitude hostil aos preconceituosos armazeneiros da Rua Piratininga. Um perigo...

O êxito do livrinho foi inegável. “O Município”, de Lorena, diretor Joviniano Bittencourt, falou bem e fez auspiciosos prognósticos sobre a carreira do poeta “in erba”. Do mesmo modo procedeu “O Tempo”, de Faxina. Mas o “Ipiranga”, de Mogi das Cruzes, meteu o pau. Despeito, do legítimo... Mostrei à minha mãe as palavras elogiosas e aproveitei a sua comoção para pedir-lhe novo dinheiro. Dessa vez, saiu “Miniaturas”, na tipografia do Globo, no Piques, onde o colega Paulino de Almeida imprimia seus poemas. Então, senti-me um nome do Brás e arredores.

Cheguei a ter firma no cabeçalho de um semanário que

Arlindo Alves e Heitor Valery editavam na sua tipografia, à Avenida Rangel Pestana. E frequentava a Farmácia Costa, onde o Herculano, já então estudante de Medicina, dava verdadeiras sessões literárias depois que o estabelecimento fechava as portas. Era muito acolhedor.

— Que licor preferem?

— Curaçao.

— Cuentrô.

Ele trepava na escada, catava frascos, misturava líquidos coloridos, depois nos oferecia, numa caneca, as preciosas bebidas de sua fabricação.

Foi na “Cidade do Brás”, um dos jornais de que falei acima, que conheci Aristeu Seixas. Era já naqueles dias de muito nome. Seu livro “Noites de Luar”, com prefácio de Carlos Ferreira, fazia barulho nos grandes diários de São Paulo e Rio de Janeiro. Ao ser apresentado, corri à prateleira onde se empoeiravam alguns exemplares de “Lírios Roxos” e, timidamente, mostrei-lhe os meus versos. O poeta pôs-se a ler, com atenção. Depois entrou de repinicar os dedos no balcão da livraria. Espantou-se:

— Mas não têm metrificação! Fiquei pasmo.

— Que é isso?

— A métrica é...

E tratou de explicar-me, por miúdo. Em resumo: eu já havia publicado dois livrinhos e ainda não sabia — em 1905 — o que era metrificação. Hoje ninguém poderá fazer ideia do que tal ignorância significava. Mas, naquele tempo, um poeta morria de vergonha só porque, em suas obras, a crítica **solerte** espiolhava um verso de pé quebrado. Comentava-se, em voz baixa, que Vicente de Carvalho, em certo soneto, tinha um verso frouxo...

Senti-me desmoralizado pela descoberta do poeta Aristeu Seixas. Só mais tarde, em Cubatão, o poeta Abimael Silveira, de paciência beneditina, conseguiu meter-me na cabeça essa

coisa espantosa sobre a qual Antônio Feliciano de Castilho, Olavo Bilac e Guimarães Passos escreveram judiciosos compêndios.

Mas, como poderia eu, autor de dois opúsculos de versos, admirado na Livraria Heitor & Alves e na Farmácia Costa, frequentar o Grupo Escolar do Brás? Interrompi o curso primário e abalancei-me aos exames parcelados. Então sim, era estudante. Botei a palheta de lado, afofei a gravata borboleta, fiz umas incursões pelos cafés do centro, puxei prosa com os colegas, mas compreendi logo que ninguém levava a sério um “bicho”.

No fim do ano, apesar da interferência amável de dois jovens conhecidos — o Dr. Cirilo Júnior e o Soares Maluco, quintanista crônico — levei uma série de bombas comuns, pois as atômicas ainda não estavam em moda. Ora (pensei eu), Castro Alves também passou por isso. Entre os meus examinadores, lembro-me de Almeida Nogueira, Padre Chico, Reinaldo Porchat e outros homens cultos de reconhecida complacência com a vadiação dos rapazes a quem examinavam.







## 2 – FOGOS DE VISTA

Minha primeira sortida levei-a a efeito em 1906. Foi dura de roer, mas gostosa de lembrar. Nesse ano, a posse de Afonso Pena, eleito presidente da República, revestiu-se de inusitado esplendor. O programa anunciado nos jornais era de perder a cabeça. Principalmente, aquele concurso de fogos de artifício, em plena Baía de Guanabara. Fogueteiros de todo o Brasil e de diversos países da Europa acorreram ao certame, dispostos a apresentar maravilhas. E, como se isso não bastasse, seria a desejada oportunidade dos provincianos conhecerem a Avenida Central e outros melhoramentos que faziam o orgulho dos cariocas.

Lembro-me de um trem especial que apitou e se precipitou, bufando, pela estação de Mogi das Cruzes. Na plataforma, quase escura, apenas alumada pelos lampiões de querosene, estavam reunidos numerosos cidadãos dispostos a associar-se às homenagens tributadas ao novo presidente que, no dia seguinte, festivamente, deveria tomar posse do cargo.

Quando o comboio parou, a banda de música local iniciou um dobrado patriótico. Ao mesmo tempo, o orador oficial, cercado de autoridades e pessoas gradas, estendeu os punhos eloquentes para o vagão que vinha na dianteira, na justificada suposição de que ali viajasse algum representante do governo do Estado. Mas não conseguiu ir além do “minhas senhoras, meus senhores”; as escorregitas palavras de saudação morreram-lhe na garganta, por trás da gravata borboleta. E isso se

deu porque um passageiro de fraque, polainas e chapéu de palha, saltando na plataforma antes do trem parar de todo, voltou-se para os vagões e gritou:

— Bugrada, avança!

Como à espera dessa voz de comando, centenas de sujeitos também de fraque e palheta saíram de supetão pelas portas ou saltaram pelas janelas dos seis carros da composição e correram em massa para o bar, iluminado e festivo àquela hora, para receber condignamente o trem especial. Na sua passagem precipitada, os indisciplinados itinerantes envolveram e levaram de roldão a banda de música, o encafifado orador e as pessoas graúdas que se encontravam na plataforma. Adeus, dobrado patriótico! Adeus, discurso inflamado! Em seu lugar, só ficou a gritaria dos que se haviam apoderado do botequim.

Pediam bebidas e sanduíches em altos brados. E, como o proprietário, assustado com tal procedimento, se recusasse a servi-los sem ver diante de si, no zinco polido do balcão, o níquel cantante das moedas, estalou o chinfrim. Xícaras e copos começaram a voar contra as prateleiras cujas vidraças iam caindo em estilhas. Os caixeiros tomaram a iniciativa de fechar violentamente as portas, aprisionando alguns dos turbulentos e empurrando os demais para fora. Então, começou a luta, a socos e bengaladas. Dois minutos depois, a turba ululante era atirada para a plataforma. E o trem partiu em marcha lenta, para permitir e apressar o reembarque dos arruaceiros.

Uma hora depois, com muitos apitos, o especial chegou a Jacareí. A estação estava deserta e escura. Todas as portas permaneciam fechadas, até mesmo as da sala de espera para senhoras. Na comprida e estreita plataforma não se via ninguém. Ou melhor, para sermos exatos, debaixo do lampião que alumia algumas braças ao redor, estava um ferroviário de boné e capote de oleado, lanterna pendente da mão e bandeiro enrolada, debaixo do braço. Com certeza, diante

de informações assustadiças transmitidas de Mogi das Cruzes, pelo telégrafo, os demais empregados, os curiosos e os possíveis manifestantes tinham-se muscado. Esse ato, de pura precaução, foi interpretado pelos passageiros do especial como ofensivo aos seus brios e, durante um minuto, as bengalas vingadoras puseram abaixo as vidraças das portas do café, do telégrafo e da sala do chefe. E a desforra iria mais longe se a locomotiva não soltasse o apito de partida e a composição não comesse a deslizar, mui lentamente, rumo ao Rio de Janeiro.

Dali por diante, ao longo daquela noite passada em claro, pois não havia lugar para dormir, nem ao menos para sentar, a viagem tornou-se suplício. O trem, tossindo, devorava os quinhentos quilômetros que separam o Café Girondino da Confeitaria Pascoal, isto é, os dois pontos, para certa gente, mais interessantes das duas capitais. Nesse trajeto cheio de gemidos e ranger de dentes, a locomotiva só fez alto em pequenas estações, isso mesmo a cem metros da plataforma, junto das caixas d'água, onde o maquinista enchia os tanques. Depois, com um apito curto, silvos e chiados de breques, partia pela escuridão em que se adivinhavam lugarejos humildes, com ruas de casas baixas e escassos lampiões, só acesos quando a lua dava ponto.

Em face do procedimento dos viajantes do especial, apostro singelo contra dobrado em como muita gente está perguntando quem seriam eles. Pois eu posso assegurar que eram boas pessoas, em princípio. Se não, vejamos. Com a subida de Afonso Pena ao Catete, em 1906, alguns conservadores, saudosos da Monarquia, resolveram comemorar o acontecimento não como era de fato, mas como se fora um estrondoso triunfo do bom senso e dos que tinham alguma coisa a perder, contra aqueles a quem chamavam, nos seus jornais, de civis envenenados por ideias exóticas (as ideias republicanas...) e de militares picados pelo mosquito de Comte...

Para que tal vitória fosse conhecida e admirada em todo o Brasil, anunciaram-se imponentes festas no Rio de Janeiro. Missas campais, procissões, recepções nas embaixadas amigas, um mundo de divertimentos para o povo que, dezessete anos antes, havia assistido à proclamação da República. Mas a “great attraction”, aquilo que fez os provincianos arredondarem olhos perplexos de antecipada admiração, que fez decidirem-se os derradeiros hesitantes, foi o número consagrado aos fogos de vista, em plena Guanabara. Nada menos que um concurso de fogueteiros daquém e dalém-mar, com promessas de maravilhas, de coisas do arco-da-velha!

Nos Estados próximos, organizaram-se logo caravanas de excursionistas, que se propunham levar homenagens ao novo presidente. Assim foi, também, em São Paulo. O caso é que, dois dias antes da data memorável, correu pelos cafés e adjacências a notícia de que estava sendo fretado um trem especial com o fim de conduzir ao Rio de Janeiro, gratuitamente, os estudantes que desejassem participar do júbilo nacional. A princípio, as adesões foram recebidas mediante a apresentação de documentos que identificassem os pretendentes ao passeio. Mas, como os rapazes das escolas, segundo parece, não tivessem afluído ao chamado e o trem já estivesse cedido pela Central, com dia e hora marcados, os organizadores, temendo um fiasco, começaram a aceitar qualquer **bicho-careta** que se deixasse tentar pela passagem grátis à capital da República. Não mais foi preciso exhibir certificado de matrícula. Era só ir à Estação do Norte, dar o nome, um nome qualquer, e receber o cartãozinho amarelo. Acredito que nenhum estudante tomou parte nessa caravana. Mas, em lugar deles, dando largas à vontade de espairar, embarcaram para o Rio de Janeiro, aquela noite, os mais distintos cavadores, picaretas e outros malandros que faziam ponto no Café Girondino, ou no Café América.

São Paulo de 1906 não se parecia nem de longe com o São Paulo de hoje. Não era melhor, como querem os saudosistas; nem pior como acreditam os proprietários de automóveis de boa marca, que se divertem à noite ao longo das avenidas. Era diferente. Nas nossas ruas, como nas de outras cidades daquele tempo, encontravam-se centenas de sujeitos sem profissão definida, vivendo de expedientes. Não encontravam emprego, não se adaptavam ao trabalho ou, o que era muito comum, estavam à espera de herança, de renome e até mesmo de uma glória literária que lhes cairia do céu, por capricho do destino. Para muitos, o triângulo central era a sala de espera da posteridade. Um poeta justificava assim a sua vida de **facadista**:

— Na repartição, querem pagar-me 90 mil réis por mês; ou deixo o emprego ou morro de fome!

Acabou desempregando-se mesmo; andava por aí, com três livrinhos de versos debaixo do braço, invocando a generosidade dos beneméritos, dos cidadãos prestantes.

Essa gente, para disputar às feras o pão nosso de cada dia, informava-se pormenorizadamente de homenagens a políticos, recepções a hóspedes ilustres e festas familiares. Geralmente, os banquetes eram promovidos a tantos mil-réis por caveira, como se dizia. Os promotores passavam calote no restaurante, na orquestra e guardavam no bolso a diferença. Muita gente engordou, explorando essa indústria de homenagens. Os que não tinham prestígio para tão altas cavalarias, contentavam-se em frequentar certa sociedade, com seus ternos comprados no Mascigrande (Travessa da Sé, esquina 11 de Agosto). Era um terno que já nascera velho, permanentemente de segunda mão. Nas horas de aperto, o dono dava um jeitinho e ia empenhá-lo, na esperança de dias mais felizes. O **adelo** expunha-o diante da porta e, quando a gente passava por lá, reconhecia a roupa deste ou daquele amigo. Meia hora depois:

— Sabe? Vi você hoje...

— Onde?

— Pendurado na porta do Mascigrande...

As festas e reuniões eram o campo das suas proezas; aí encontravam almoço, jantar ou ceia. Pelo menos, mesa de doces. E pessoas amáveis a quem, na hora da partida, pediam dois mil réis para o tálburi. Esses indivíduos eram conhecidos como penetras, mas, para falar verdade, acabavam por ser recebidos com deferência pelo dono da casa. E, não raro, com simpatia.

O maior número de tais valdevinos nem sempre tinha casa, ou qualquer cubículo para morar. Ninguém sabia como passavam a noite. De dia, porém, era certo encontrá-los no Java, Girondino, Caridade ou Acadêmico, estabelecimentos onde a gente, por dois tostões, tomava café, lia jornais, recebia visitas e, depois de estudar o ambiente político-social, alçava voo para a obtenção de certa quantia que, muitas vezes, era aquele cruzado indispensável à média com pão quente e manteiga.

Entre eles, havia uns moços cabeludos, de botinas cambaías, colarinhos e punhos postiços, não raro de celuloide, para evitar a despesa com a lavadeira. Sei de um que lavava tal roupa (que devia ser branca) na pia do café, com a toalha molhada, depois de passá-la sobre o tijolinho de sabonete de coco. Escreviam versos, publicavam “plaquettes” de 32 páginas, com entusiásticas dedicatórias aos comendadores em voga, para que estes, sensibilizados, fizessem contribuições destinadas ao desenvolvimento da nossa literatura. Depois dos comendadores, que chegavam a retribuir a homenagem até mesmo com 20 mil réis, o poeta “passava” os exemplares aos beneméritos de segunda classe atrás dos balcões ou por entre as grades da gaiola da gerência de algumas casas de negócio.

Eu estava destinado a pertencer a essa brilhante classe,



mas, por excessiva timidez, que me inibia de procurar os apatcados protetores das artes e das letras, contentava-me em viver de facadas, isto é, de níqueis tomados de empréstimo a amigos e conhecidos, sem oferecer a mais remota esperança de reembolso. O facadista era um mendigo como os outros, mas punha a palheta de banda e pedia a esmola tirando com piparotes, a poeirinha do paletó da vítima. Sem a palheta e a poeirinha, confundir-se-ia com os outros mendigos que procuravam as portas das igrejas para estender o chapéu aos transeuntes.

No entender dos conhecidos, eu levava vida flauteada. Mas a verdade é que lutava por um almoço como um mosqueiteiro se batia por sua dama. E começava a ter prática do ramo; infiltrava-me nos bailes e festas familiares, de batizados até casamentos. E não ia sozinho, mas no meio de uma súcia de lustrosos do mesmo naipe.

Os penetras eram mais ou menos conhecidos e apontados na cidade pequena. Gozavam fama de gafanhotos. Quando se abeiravam de mesa onde havia comes e bebes, tomavam conta dela. Não sobrava migalha de pão para ninguém. Uma verdadeira batalha, na qual os queixos desempenhavam papel saliente. A tais Waterloos de arrabalde se dava o nome de “avança”. A palavra da gíria generalizou-se, andou de boca em boca pelo menos dez anos, alargando sempre a sua significação. Passou dos pudins das festas esponsalícias à conquista desabotinada dos empregos e, por fim, ao assalto às posições da governança. No Rio de Janeiro, chegou a surgir, embora efêmera como tantas outras, uma revista semanal ilustrada, com o título de “O Avança”.

Pois foi essa gente pitoresca, até certo ponto simpática, que lotou o trem da caravana, como quatro anos antes fizera com outro especial, aquele que transportou vitoriosamente Santos Dumont, de São Paulo ao Rio de Janeiro. No caminho,

os eternos famintos chegaram a praticar assaltos — justificáveis, digo eu — pois tratavam de matar a sua inimiga irreconciliável de todos os dias: a fome.

Quando o trem especial, de que ora tratamos, já estava com dupla ou tripla lotação, eu e Otávio de Paula, poeta negro, empregado de uma das primeiras Mútuas que se instalaram em São Paulo (para fazer a riqueza de milhões de contribuintes) penetramos despreocupadamente na Estação do Norte. Não tínhamos a mais longínqua ideia de visitar o Rio de Janeiro. Mas encontramos conhecidos.

— Vocês vão ao Rio?

— Não.

— Olhem que é de graça...

— Não.

— Para ver a Avenida Central e os fogos de artifício, em plena Guanabara! Esse pormenor amoleceu-nos.

— E se a gente fosse, mesmo?

Nem bem a proposta foi feita por Otávio, que estava limpando seus magníficos óculos de aros de ouro, desta grossura, já eu me dirigia ao gabinete do chefe da estação e, no livro ali existente, inscrevia os nossos sugestivos nomes. Em caminho pela plataforma, procurando o trem especial e, nesse trem especial, uma fresta por onde nos pudéssemos introduzir, eu fiz uma observação boba:

— Você leva dinheiro, Otávio?

— Não. Mas, também, para que dinheiro? Tudo é grátis!

— É verdade. Nem me lembrava disso!

A conversa foi interrompida pela balbúrdia que reinava no interior da composição e fora dela. Dentro dos vagões, já não cabia ninguém e, na plataforma, cerca de cinquenta pretendentes esforçavam-se por descobrir uma brecha para, esgueirando-se, penetrar na lata de sardinhas. Meia hora de espera num ambiente de gritos e protestos, com frequentes interven-

ções da Guarda Cívica, e o comboio principiou a arrastar-se, apitando, bufando, chiando, mastigando ferros, na direção do Rio de Janeiro. Ainda não atingira a primeira parada e já se ouviam aqueles gritos sediciosos:

- Onde está o “buffet”?
- Morro de sede!
- Estouro de fome!
- Quebrem o vidro e apertem o botão!

Pelas janelinhas, fugiam as fieiras de lampiões das paradas suburbanas. A fadiga geral foi crescendo, crescendo; e, com a fadiga, o mau humor. Por duas vezes, o funcionário encarregado de verificar os papeluchos amarelos tentou percorrer os vagões, mas teve de desistir, pois muitos queriam responsabilizá-lo pela falta de conforto. E estavam nessa perlonga, famintos e vociferantes, quando o trem, como dissemos, entrou pela estação de Mogi das Cruzes.

Não repetirei o que ali se passou. Tampouco, o quebra-quebra na estação de Jacareí. Mas insistirei em que, para evitar novas violências, até mesmo represálias das populações assustadas, o trem só fez alto nas estações de ínfima importância, isso mesmo para receber carvão e água. Nas estações importantes — como os excursionistas julgaram ver pelas janelinhas — já tinham sido organizadas linhas de defesa pelos proprietários dos cafés. Felizmente, o trem entrava e saía apitando, sem interromper a marcha ao lado das plataformas desertas, onde as portas envidraçadas dos bares mal apareciam atrás de fardos de alfafa ou de bancos transportados à pressa, para protegê-las da fúria dos passageiros do especial.

Foram catorze horas de martírio. Os muitos excursionistas que não encontraram assento à partida do comboio não os encontraram mais, até o fim da viagem. Os estropiados tiraram as botinas, os calorentos sacaram o paletó. E como os de uma extremidade do vagão não se pudessem locomover até a outra,

onde deveria encontrar-se a privada mil vezes mais infecta que de costume, aliviaram-se por ali mesmo, com protestos dos mais próximos e risadas dos que, distantes, eram informados do sucesso. Os menos resistentes entraram de empalidecer, de suar frio, de sentir tremeliques nas pernas. Iam, com certeza, desmaiar. Nesse número estávamos nós, eu e Otávio, que fizemos a viagem de pé, espremidos contra uma parede.

Depois da Barra do Piraí, o céu começou a tornar-se translúcido. E, à proporção que o trem despencava serra abaixo, os que estavam comprimidos nas janelas comunicaram aos demais passageiros uma boa nova: amanhecia. Quando apareceu Belém, na planície subjacente, os lampiões dos carros foram apagados e os itinerantes ficaram mergulhados numa meia escuridão, cheia de gritos e risadas. Cascadura, Meier, Anchieta... E às dez horas, com um sol que já surgia quente, anunciando dia tórrido, o comboio uivou à entrada da Estação Central que — é bom lembrar a alguns leitores — ainda datava da construção da Estrada. Pardieiro escuro, **bafiento**, movimentadíssimo a qualquer hora do dia ou da noite.

Foi nesse casarão, há anos demolido, que baixou a nuvem de gafanhotos; atirou-se pelas plataformas pavimentadas de cimento, mas com buracos cheios de detritos. Encontrando escancaradas as portas que davam para a Praça da República, precipitou-se por elas, caindo de chofre na grande cidade, onde já se ouviam, àquela hora, bandas militares e longínquos estrondos de morteiros. Otávio e eu tínhamos viajado catorze horas numa posição incômoda, quase impossibilitados de mudar um pé para descansar o outro, ou levantar um braço para acender o cigarro. À chegada do trem, fizemos o que se chamava um pare-gata e rompemos a muralha humana que nos cercava, tornada menos resistente pela fuga dos que se anteciparam, saltando pela janela, ou apeando do trem ainda em movimento. Envolvidos pelos que nos alcançaram, fomos empurrados

para a rua. No último degrau da escadaria, conseguimos parar um instante, a fim de trocar impressões:

— E agora, Otávio?

O pobre estava quase branco, de fraqueza. Sob sua palheta nova, brilhava a armação dourada dos óculos. Sacudiu os ombros, antecipadamente vencido pela aventura:

— Prá falar verdade, não sei...

— Você não tem mesmo algum dinheiro?

Otávio virou pelo avesso, cinicamente, os bolsos das calças.

— Nenhum vintém. Mas, felizmente, tudo está assegurado para os excursionistas!

Atravessamos a praça, onde encontramos alguns táxis Fiat e Berliet, à espera de fregueses. Esses carros ainda estavam mais para o lado dos Landaus e “coupés” do que para o lado dos automóveis, como nós hoje os vemos. Passamos pela frente do antigo Ministério da Guerra, com guaritas nas esquinas, alcançamos a Rua Larga. O movimento de pedestres e veículos era intenso. Ao chegarmos à Prainha, como nos disseram, vimos muitos pardieiros postos abaixo, muitos edifícios em construção. Aquilo era a embocadura da Avenida Central, de que tanto se falava. O primeiro golpe de **alvião** tinha sido dado em 8 de março de 1904 e em 15 de novembro do ano seguinte já se realizava a inauguração. Mas, em 1906, dois anos depois de iniciados os trabalhos, ainda não passava de uma via pública em obras. A comissão construtora era chefiada pelo engenheiro Paulo de Frontin. Custou ao governo federal pouco mais de 40.000 contos. O edifício da Tabacaria Londres foi desapropriado por 20 contos. Um prédio de cinco andares que lhe ficava próximo, por 14 contos...

Alguns artífices portugueses, contratados em Lisboa, tinham iniciado ali perto o calçamento decorativo dos passeios, ajustando pedrinhas brancas e pretas, em desenhos orna-

mentais. Numerosos transeuntes esqueciam as obrigações e ficavam longo tempo a admirá-los, martelo na mão, abstraídos naquele curioso jogo de dominós. Depois de apreciarmos o trabalho dos homens de bigode, com calças de veludo cor de garrafa, eu e Otávio embocamos pela avenida.

A grande artéria lembrava uma feira internacional, com suas construções em desencontrados estilos. Os primeiros edifícios pareciam transplantados do Japão, até da Pérsia. E muitos outros ostentavam ainda os largos beirais que era a glória dos vice-reis. O edifício do “Jornal do Brasil” já estava quase concluído; os próprios cariocas paravam diante dele, embasbacados pela altura, pela torre, pelo relógio... Nas tabuletas sobre as obras viam-se nomes de arquitetos conhecidos: Januzzi, Heitor de Melo, Morales de Los Rios. Lá estava a Caixa da Conversão. E o prédio de “O País”. O sobradão de Theodor Wille... Chegamos à esquina da Rua do Ouvidor. Essa via pública, tão famosa, era estreita, de passeios ladrilhados, com muitas lojas. Parecia escura de gente.

Sol de meio-dia, quente como brasa. Os homens vestiam-se de casimira escura, não raro preta e felpuda, com colete do mesmo pano, ou de fantasia. Colarinho duplo que chegava ao queixo, à moda, dizia-se, de Santos Dumont. Gravata de laço feito, às vezes plastrão, de cores vivas. E palheta, ou “canoinha”, postas de banda. E bengala. E “pince-nez”, uma expressão francesa que, nesse sentido, os franceses desconhecem. E faziam o “footing”, palavra inglesa que nesse e em outros sentidos, os ingleses ignoram... E lá iam eles pelos passeios escorregadios, vidrados, com suas botinas envernizadas, umas de laço, outras de abotoar. Todas de biqueira estreitíssima. E polainas de camurça. Debaixo de tudo isso, supunha-se a existência de ceroulas de cor, que desciam até os tornozelos, onde eram amarradas por cadarços. E camisetas de lã, para evitar resfriados. E meias que subiam até o meio da canela,

onde eram fixadas por ligas de elástico. Em 1906, um homem que tirasse na rua a sua roupa de cima, não ficava nu; a roupa de baixo conservava-o perfeitamente vestido...

As senhoras encontradas nessa rua, que ainda por muitos anos deveria manter o seu prestígio, usavam vestidos de cauda e de meia cauda. Seu corpo era elegantemente deformado por incríveis espartilhos de barbatanas que as deixavam rígidas e, ao mesmo tempo, inclinadas para a frente. Bastos chapéus de grandes plumas. Borzeguins ou botinas de camurça, um palmo para cima do tornozelo. E meias azuis, dos mais vistosos tons. E, sob os vestidos de seda, até mesmo de veludo, adivinhavam-se a camisa e muitas saias engomadas.

Estacamos na esquina da Avenida. O “Jornal do Comércio” ainda não tinha iniciado a construção do seu prédio. Era um sobrado com beirais, pintura cor de havana, com os batentes de um azul esmaecido. Ali fazia ponto, conversando, um grupo de homens de letras. Pelas fotografias que andavam nos jornais e revistas, os provincianos procuraram identificar alguns, com o Artur Azevedo, que era gordo, baixo, usava chapéu de abas largas; Olavo Bilac, austero, de “pince-nez” e flor à lapela; Alberto de Oliveira, Coelho Neto...

Quase toda “gente boa”, de ajudante de guarda-livros para cima, usava fraque. Não raro, ternos de fraque de uma só cor: cinzentos, castanhos, verdes. Os velhos, que sobraram do outro regime, teimavam em mostrar-se na Rua do Ouvidor — de sobrecasaca preta e cartola. Os pequenos empregados públicos pareciam uniformizados: paletó de alpaca e calças de linho. Quase todos os transeuntes carregavam embrulhos, às vezes muitos embrulhos. Nas rodinhas, discutia-se o eixo da Avenida. Uns afirmavam, categoricamente, que o eixo estava certo; outros levantavam a bengala para convencer os antagonistas de que o eixo estava errado...

— E nós com isso? — Perguntei. — Quero lá saber do

eixo da Avenida!

O que interessava era chegar ao Catete, pois estávamos tinindo de fome e lá alguém deveria providenciar sobre o alojamento, o almoço. Então, Otávio, acercou-se de um homem, sentado em silhares próximos a uma construção, a sugar pa-chorrentamente o cachimbo.

— Meu amigo, informe-nos por favor o caminho do Cate-te... O negro nem sequer virou o rosto:

— I don't know.

Otávio começou a rir e, lembrando-se da sua passagem pela Escola Berlitz, perguntou:

— English man?

— No. I am an American.

— Esta é boa! Viajo uma noite inteira, chego ao Rio e o único parceiro a quem me dirijo é norte-americano! Estou mesmo caipora...

Pela primeira vez via um negro de outra nacionalidade. E não gostou da amostra. Achou que os habitantes do Harlem estão muito prejudicados pelo contato com os brancos. Tornam-se, por dentro, uns brancos tão chucros como os outros! Nem sequer conservam a flor da cortesia.

— Puxa, você está de mau humor!

— Estou mesmo. Já viu alguém de bom humor depois de uma viagem como a nossa? Até esta hora sem ao menos o café da manhã? Sinto-me inteiramente do partido do contra, do não pode!

Recorrendo a outras fontes de informação menos rebarbativas, partimos dali para o Catete. Mas a pé, pois não dispúnhamos de dois tostões para o bonde. O sol **faulhava** nas calçadas. O calor era espantoso. Poder-se-ia estrelar ovos sobre os paralelepípedos. Tínhamos a roupa amarfanhada e empoeirada pela viagem. A camisa e as ceroulas encharcadas de suor. Uma fonte morna, oleosa, corria-nos pelo espinhaço. A cami-



seta sungava nas costas, empecendo os movimentos. Para aproveitar uma sombra, perdemos o rumo do Catete e fomos ter ao Mercado Novo. Estava ainda em construção. Ao que nos disseram, ali era a praia de D. Manuel. Um bairro todo de ferro e vitrais. Muitos portões largos, espaçosas entradas em ângulo cortado. Ao centro, entre andaimes, trabalhava-se na torre e no assentamento do grande relógio. Numerosas ruas calçadas a paralelepípedos, com lojas de fora a fora. Destinava-se o novo mercado à venda de carne, peixe e legumes. Mas, ainda em obras, já primava pelos cafés, botequins e casas de petisqueiras. O movimento era intenso. Quadros-negros, encostados às portas dos botecos, com inscrições a giz, anunciavam feijoadas completas, bacalhau de forno, peixe à moda da praia, cuscuz à baiana, carne à espanhola, com garbanzos ou pimentos... Para nós, aquilo era uma sinfonia. Um sonho. Ficava para lá da realidade, isto é, da nossa realidade lamentável, de turistas sem tostão.

— Está vendo, Otávio? Um prato de caldo verde, daquele que ali ferve na grande panela de ferro esmaltado, com um naco de carne e outro de toucinho, por 800 réis! Se eu tivesse alguma coisa para vender ou empenhar...

Otávio compreendeu, fez cara feia e ajeitou amorosamente os óculos de ouro.

Aproximamo-nos da porta tentadora e olhamos para dentro. No interior do estabelecimento, enxameavam fregueses. Pelas mesas, cobertas por toalhas manchadas de vinho e gordura, sentavam-se trabalhadores quase nus, de torsos reluzentes de suor. Comiam com gana, acompanhando a refeição com bojudas garrafas de cerveja preta. Deitamos olho comprido, sem-vergonha, nos pratarrazes de garoupa à moda da praia e seguimos o caminho. De repente, Otávio estacou.

— Que é isso? Você está mancando?

— Estou. Olhe aqui, parece que o calor fez meus pés

crescerem, como pães no forno...

Pedimos informações a um transeunte e chegamos ao Boulevard Carceler, pseudônimo que naquele tempo usava a Rua 1º de Março. Mas os nossos passos eram bambos, não alimentávamos esperanças de chegar. Se ao menos tivéssemos tomado um bom café com pão... Descemos, contornamos o morro, encontramos umas plataformas de pedra, com ervas a brotarem pelos interstícios. Sentamos ali e descansamos um pedaço. Eu tirei o calçado, para desafogar os pés. Meia hora depois, ao resolvermos prosseguir no caminho, fiquei perplexo: os pés já não cabiam nas botinas. Foi preciso grande esforço. E saí mancando; onde punha o pé, parecia querer por o nariz. Começou o meu suplício.

Depois de tremendo esforço, alcançamos a Avenida Beira-Mar, Botafogo, o Palácio do Catete. Conhecemo-lo logo, pois a fotografia da casa do governo andava pelos jornais. E aqueles quatro pássaros de bronze, pousados lá em cima, não deixavam dúvidas. Eu observei:

— Lá estão os quatro urubus! Otávio corrigiu:

— Urubus não, águias. Não está vendo?...

O caixa-de-óculos estava mesmo impossível. Parecia ter comido um **ragu** de **caninanas**.

Encaminhamo-nos para a porta do palácio, mas fomos logo barrados por paisanos que surgiram das esquinas.

— Nós somos da caravana que chegou de...

— Qual caravana, nem meia caravana! Os poucos estudantes que de lá vieram já foram cumprimentar o presidente. Os penetras que se infiltraram no trem especial e promoveram distúrbios na viagem foram postos na rua... Acho prudente vocês sumirem daqui...

Otávio e eu aproveitamos o subentendido convite e tratamos de pôr-nos ao fresco. Pôr-nos ao fresco no Rio de Janeiro, num dia **canicular** como aquele, era o que de mais desejá-

vel poderia haver. Voltamos para o centro, com o humor ainda mais azedo, se possível. Eu, pisando ovos, filosofei:

— Está aí em que deu entregar-se o governo a esses vira-casacas! Otávio abespinhou-se:

— Já vem você com besteiras. Então, a quem queria você entregar o governo? Precisamos de homens austeros, à altura do cargo. Quanto ao que nos aconteceu, nada influi. Se o Imperador ainda estivesse encarapitado lá em cima, nossa sorte seria melhor? Quando não tiver coisas úteis para dizer, fique calado, está ouvindo?

— Ora, se o Imperador estivesse no poder eu, para vê-lo, não faria o sacrifício que fiz. Você sabe que sou republicano, às direitas!

— Qual sacrifício, qual nada! Você veio ao Rio de Janeiro, como eu, por espírito de malandragem, porque é um cavador sujo. Pior ainda que isso, não sabe ser cavador. Está reprovado como picareta. Não consegue defender-se na vida. Na hora em que os penetras de São Paulo, até mesmo os mais reles como o Serracim, do “Álbum Comercial”, estão aproveitando almoços e festas, você não tem onde se hospedar, sem banho, sem o café da manhã, sem almoço, sem passagem de volta...

— E você?

— Ora, eu não conto; sou um empregado no comércio, que você desencaminhou.

— Eu?

— Desencaminhou, sim senhor. Se eu não o encontrasse diante da Estação do Norte não estaria aqui, neste estado. Maldita hora!

Dizendo isso, desistiu da companhia. Procurou a soleira de uma porta e sentou-se. Eu tentei encorajá-lo. Mas foi inútil. O coitado fez beicinho para chorar. Tirou os óculos de lentes grossas, de pesada armação de ouro, limpou com o lenço os cristais embaciados. Depois, permaneceu um momento pisca-piscando

para a luz meridiana que reverberava no calçamento da rua.

Inesperadamente, levantou-se, deu palmadas nos fundilhos para apagar as marcas de poeira e começou a rir. Eu percebi que ele havia despertado de um pesadelo, senti ganas de abraçá-lo, mas não tive ânimo. Então, ambos, tendo recobrado a cordialidade, trocamos palavras amáveis, para não dizer afeituosas. Fui eu que encaminhei a conversa:

— Olhe, Otávio, nós dois juntos, sem dinheiro, com os nervos levados da breca, não poderemos tirar o pé da lama. Você sabe o que são dois mendigos batendo à mesma porta; pois a nossa situação ainda é pior, já que não temos diante de nós nenhuma porta... Proponho que cada um siga o seu caminho; o que primeiro se arranjar, comunicará ao outro e, se puder, tratará de ajudá-lo...

— Então, você não quer a minha companhia?

— Quero, sim. Por que motivo não havia de querer? Mas você, que é ajuizado, acha possível nós dois, com os nervos em pandarecos, conseguirmos juntos alguma coisa? Acabaremos brigando novamente, como dois idiotas.

— Está bem. Mas aonde pretende ir?

— Não sei. Por aí. Quem sabe?

— Combinado. Só não atino como nós dois, perdidos nesta enorme cidade, poderemos nos corresponder...

— Ora, pelo correio!

— E o endereço?

— Posta-restante. Tenho prática dessas coisas...

Otávio bateu duas vezes com os pés na calçada, para alijar a poeira que se havia acumulado. Depois, pronunciando vago “até logo”, tomou à esquerda, perdendo-se entre umas palmeiras anãs que mais pareciam repuxos verdes, espirrando absinto nos canteiros da praça.

— Otávio!

Ele não respondeu. Eu, já arrependido de haver proposto

a separação, corri atrás dele, arrastando os pés inchados. Mas já tinha ido embora. Então, estropeado, encostei-me num poste e, pesando os prós e os contras, achei que, de fato, assim era melhor.

Fazendo da fraqueza força, tomei vagamente o caminho do centro, na esperança de chegar à Estação Central. Andei, andei. Meu estômago já não sentia fome, tinha desistido. Mas uma fadiga imensa entortava-me o corpo para a frente. E os pés, que mal cabiam nas botinas, doíam-me atrozmente. De quando em quando, atracava um sujeito de cara mais acolhedora e informava-me da direção que deveria seguir. A resposta, quase sempre, começava assim:

— O amigo está longe. Mas tome ali na esquina o bondinho Barcas, que passa bem perto...

Andei, andei. Vi-me mais uma vez entre as demolições e as construções da Avenida. A grande artéria, que emergia ainda úmida, cheirando a reboco, sempre coberta por uma poeira esbranquiçada que se apegava aos transeuntes, rasgava ruas velhas onde as casas a meio demolidas mostravam interiores empapelados, com manchas descoradas deixadas por móveis e quadros que tinham permanecido anos naqueles lugares. Em certo ponto, os operários haviam derrubado a parede lateral, pondo à mostra os compartimentos de casa assobradada; era como um cenário de teatro, visto da plateia, tudo exato, direitinho, mas de três lados apenas... Logo adiante, em rua condenada, fileiras intermináveis de casebres, de largos beirais, com janelas e portas estreitas, mas guarnecidas de venezianas. Deviam ter sido amarelos, outrora; no momento, em vias de se desfazerem em escombros, apresentavam a cor dos charutos claros. No meio do caos, apareciam árvores de quintais, poupadas até ali, jardinzinhos interiores, outrora bem tratados, agora sujos de cal, pastas de reboco. E muros guarnecidos de cacos de garrafa, para impedir assaltos de ladrões,

pareciam indagar com que fim continuavam ainda de pé. Em diversas casas, inquilinos recalcitrantes realizavam, à pressa, a mudança, em “macacos”, isto é, carrinhos de duas rodas, puxados pelos varais por um **saloio**. Andei, andei.

Não demorei a lobrigar os cimos das paineiras do Campo de Santana. Reconheci-as por tê-las admirado à chegada. Gagnei a Rua da Constituição e, quando menos esperava, vi-me diante da Estação. Como sempre, apresentava-se apinhada de gente. Moradores dos subúrbios, pessoas que viajavam na linha tronco ou nos múltiplos ramais. Perdidas nessa chusma, deparei aquelas caras, se não amigas pelo menos vistas e revistas diariamente no triângulo paulistano. Eram a escória da esperteza, pois a flor, essa, hospedava-se na Rotisserie e fazia visitas oficiais em landaus puxados por duas parelhas. A julgar pelo traje amarfanhado e o abatimento da fisionomia, encontravam-se nas mesmas condições — ou quase. Só havia uma diferença: eles não sofriam passivamente o abandono a que se viram relegados, reagiam, lutavam bravamente. Eu cheguei a perguntar a mim mesmo: se estes moços são capazes de tal energia, por que não entram para o comércio, ou não vão logo às de cabo, assaltando transeuntes retardatários? O deus pagão, para os dois casos, é o mesmo, Mercúrio é sempre Mercúrio.

Aqueles infelizes visitantes corriam de um lado para outro, afoguesados, protestando contra a injustiça que se lhes fazia, gritando o seu acendrado amor pela Pátria, a sua confiança ilimitada no quatriênio que auspiciosamente se iniciava. Não eram seres humanos, eram artigos de fundo! Menos para defender a roupa branca do que para esconder o estado miserável em que ela se encontrava, tinham passado o lenço encardido entre o colarinho emporcalhado e o pescoço suarento. Traziam consigo, achincalhantes, as marcas deixadas por um dia e uma noite sem banho, sem repouso, naquela temperatu-

ra de forno. Era de vê-los lustrosos, mas pesporrentes. Discutindo, punham para dentro, com a mão solerte, o punho pos-tiço que a cada passo ameaçava engolir-lhes a mão. Quase todos envergavam fraque. Por lamentável coincidência, nunca tinham encontrado o seu defunto 100 por 100; num o defun-to era mais gordo, noutro era mais magro. E calças listradas, com joelheiras. E destripadas botinas de verniz, escondidas sob polainas sujas. Essa indumentária, nos dias comuns, tal-vez conseguisse iludir a pessoas desavisadas. Mas ali, naque-le braseiro, sem o aparelhamento das mágicas, a miséria tirava a máscara e mostrava a cara repelente que Deus lhe deu.

Meti-me num grupo de excursionistas que, discutindo entre si, foi parlamentar com o subchefe da Estação. Em cima de nós, o relógio bateu sete pancadas. O noturno paulista partiria dali a pouco. Em desordem, temerosos, corremos para o gabinete do funcionário da Estrada. Aquilo mais parecia um assalto. À porta do gabinete, deparamos com este aviso escrito a tinta azul-preta, ainda fresca: “Estão suspensas até segunda ordem as passagens de favor”. Nós hesitamos. Mas o Joca, que era o mais alto de todos e cultivava uma barbicha impicante, sen-tenciou:

— Isso é para os outros... Para os penetras...

E íamos entrando de cambulhada, mas o porteiro, que sabia fazer figurações, abriu os braços, olhou-nos por cima dos óculos de aros de prata e nos manteve a respeitável distância:

— Calma, seus moços! Isto aqui é uma repartição da República. Ouviram?

Todos arrepiaram carreira, menos o Joca, que grudou nele olhos superiores. Diante dessa atitude, o coitado, no seu unifor-me cáqui, com aquele bonezinho chato, posto de banda sobre a cabeleira de poeta, foi-se encolhendo, encolhendo. E o Joca, que tinha prática das repartições, mostrou-se indignado:

— Sabe você com quem está falando?

Só vendo... O porteiro murchou, acovardou-se. Então, num bolo, entramos todos juntos no gabinete. O subchefe, debruçado sobre a escrivaninha, ainda continuou na sua escrita por dois minutos de relógio e só depois deu mostras de nos ver à sua frente:

— Ah, sim... Que desejam os senhores?

O Joca, que era escolado, tomou a palavra:

— O momento é decisivo para o Brasil. Nós, os patriotas, bem o compreendemos. Tanto assim que...

O funcionário, homem pálido, seco, de lábios enviesados sobre dentadura mal-acabada, estourou:

— Ah! Já sei! Vocês são os tais que se infiltraram no especial e depredaram os cafés de duas estações! Ponham-se daqui prá fora! Se não eu chamo a força e...

Quis levantar-se, mas, graças a Deus, era reumático. Enquanto ele se esforçava para pôr-se de pé, Joca, aquele incrível Joca, abriu os braços e suplicou-lhe serenidade no julgamento, invocando a circunstância de que todos eram brasileiros e estavam na sua terra, na sua grande terra. E concluiu:

— Não por mim, mas por esses rapazes inexperientes, que aqui vieram conhecer as grandezas da Capital da República e prestar homenagens ao novo presidente do Brasil, no dia inesquecível da sua posse!

Ao ouvir tais palavras, o homem zangado, bumba, amoleceu. Começou por ajeitar os óculos; retirou a máscara da rigidez funcional e em seu lugar afivelou aquela outra, a das circunstâncias, que tinha um sorriso intermediário, situado entre o escarninho e o efusivo.

— Está bem. Eu já fui moço, sei o que são essas coisas. Pois, para que não vão dizer por aí que o subchefe da Estação Central é um mata-mouros, estou disposto a conceder-lhes dez passagens de segunda classe porque, assim, só se servirão delas os que de fato estiverem muito necessitados...

Com essas palavras, debruçou-se novamente sobre a es-



crivaninha e começou a extrair do talão, com indicação de indigência, as dez passagens. Gatafunhava, destacava o passe e punha-o de lado. Joca, mais que depressa, contou os que se encontravam a seu redor. Eram catorze, ou quinze. Então, para evitar aborrecimentos, resolveu, ele próprio, fazer a seleção. Começou por lançar um olhar suspeito sobre mim. Depois, armou escândalo:

— Não! Você, não! Foi por causa de penetras da sua laia que se deram aquelas cenas reprováveis na viagem do trem especial. E agora, nós, os patriotas, estamos sofrendo as consequências. Retire-se deste augusto recinto!

Os outros, acovardados, enxugaram o suor no lenço enlameado e aplaudiram a tirada do improvisado líder. Este, para corresponder à admiração que havia despertado, caminhou para mim, segurou-me pela gola, empurrou-me para fora do escritório. E esbravejou:

— Isto aqui não é o que você pensa... Ouviu?

Não me dei por vencido e quis voltar, para protestar, mas o porteiro (aquele mesmo a quem Joca desarmara com um olhar feio e uma frase petulante) bateu-me a portinhola no peito e não me deixou entrar. Humilhado, sem ânimo para mais nada, afastei-me dali, a arrastar os pés que, àquela hora da noite, já pesavam mais, muito mais do que se fossem de chumbo.

Desci a escadaria de pedra e, por não ter nada, mesmo nada que fazer, encostei-me a uma árvore. Diante de mim, a noite clara. Os elétricos passavam à distância, com fulgurações esverdeadas nas curvas. Os bondes a tração animal estacionavam por ali e, de quando em quando, partiam para as Barcas, para a Lapa, para a Praça 11. Um vendedor de jornais da tarde esforçava-se por impingir os últimos exemplares que lhe restavam. Como não conseguisse, estendeu-os no passeio, diante da escadaria, para tentar os que entravam ou saíam.

— “A Notícia!” “A Tribuna!” “O Século!”

O chofer de um Berliet ajoelhou-se na frente do automóvel, acendeu os faróis de gás acetileno e pôs-se a virar raivosamente a manivela, para dar a partida. Dali a pouco, o veículo começou a deitar fumo pelo escapamento, a produzir fortes ruídos. E tremia como se estivesse atacado de maleita.

Aquilo não me interessava, absolutamente. Eu me ocupava em vasculhar a memória, à procura de um nome, de um endereço de pessoa conhecida, ali no Rio de Janeiro, a quem talvez pudesse suplicar o dinheiro da volta ou, pelo menos, alguns níqueis para matar a fome. Meus conhecimentos de menino do Brás eram escassos. Pensava, pensava, mas nada. E ainda estava debaixo da árvore mirrada, a dar tratos à bola, quando vi descer a escadaria um dos tipos que pouco antes deixara a mendigar passe para São Paulo, no gabinete do subchefe da Estação. Era homem esquisito, visivelmente zangado. Dirigiu-se a um engraxate e mandou lustrar as botinas.

Reconheci-o logo: nada menos que o Serracin, editor, diretor e único proprietário do “Álbum Comercial”. Negro baixo, atarracado, de barriga proeminente, bengalão debaixo do braço, palheta escura que parecia feita de gravetos. Vestia fraque de alpaca azul sobre calças de listras. Polainas cinzentas sobre botinas cambaias. E gravata-borboleta cujos folhos lhe caíam pelo peito, sobre a camisa de cor suspeita. Na Pauliceia era homem gorduroso; no Rio de Janeiro, mesmo à noite, sua-va em bica, por todos os poros. Enxugava o carão oleoso num trapo de cor viva, talvez fosse lenço... Suas mãos eram grossas, de dedos curtos, com unhas chatas e arroxeadas.

Trazia o “Álbum Comercial” bem dobrado, metido no bolso do fraque, com o cabeçalho à mostra, para que todos o vissem, Eu conhecia esse periódico. Oito páginas de texto e capa de um verde enjoado. Logo abaixo do cabeçalho, com cercaduras, estampava, em 8x12, o retrato do botequineiro de bastos bigodes, ou então do agiota unha de fome que, para clorofor-

mizar os fregueses, fazia demonstração de recatado esmoler. Como legenda do clichê, vinha a palinódia. Isso de palinódia, entre os cavadores do ano de 1906 e seguintes, era o panegírico do retratado. Todos eles, legítimos ornamentos do alto comércio, pela probidade e dotes do coração... No entanto, a rodinha do Café Acadêmico, inimiga soez da turma do Café América, murmurava que o “Álbum Comercial” era a sala de espera da Penitenciária. Inveja, pura inveja.

O aspecto dessa publicação era desolador. Também, o Serracin não pretendia levá-la a nenhum concurso de beleza. Feita no Stocco, à Rua Quintino Bocaiúva, tinha a mesma cara das muitas revistecas que de lá saíam. O dono, grandalhão, idoso e quase careca, gabava-se de ser o mais barateiro da praça; além disso, fazia concessões, tornando o pagamento assaz acessível. Chegava mesmo a confiar ao Serracin, os dois primeiros exemplares impressos, para que ele, com essa amostra, conseguisse dos beneméritos o cobre necessário à retirada da edição inteira. Mas a oficina era velha, maltratada e só trabalhava com aprendizes. E a rodinha do Acadêmico, que tinha fumaças, afirmava que o Stocco a arrematara na Alemanha, em Mogúncia, num leilão de antiguidades. Nada menos que a oficina de Gutenberg. Portanto, a tipografia do Stocco era a primeira tipografia do mundo!

Naquela casa baixa, de três portas, com tosco balcão que a atravessava de lado a lado, não se adotava o corriqueiro processo, de revisar as provas e emendar os paquês. Os originais do “Álbum”, penosamente desenhados pelo Serracin, nem bem recebidos pelo chefe da oficina, encaminhavam-se logo para as caixas de tipos, entregues a canhestros aprendizes. As linhas pulavam do componedor para a bolandeira; desta para a mesa de zinco, diretamente nas páginas. Ajustadas nas ramas, com lingotes enferrujados, caíam na máquina Alauzet, que, ruidosamente, imprimia os duzentos exemplares da edição.

As páginas da revista ostentavam títulos deste naipe: “Miseráveis! ” Subtítulos sugestivos: “Uma roleta viciada, em pleno funcionamento no centro da cidade”. Texto inquietante: “Consta-nos que um clube carnavalesco da Avenida São João está explorando roleta ensinada, daquelas que somente dão o número que o croupier pede. Trata-se de certa espelunca fantasiada de sociedade carnavalesca; os banqueiros que exploram o jogo estão depenando, com revoltante descaramento, os incautos que todas as noites se acercam do desmoralizado pano verde. Vamos apurar a verdade e, em caso afirmativo, seremos rigorosos na defesa da moralidade pública! ”

O Serracin ia buscar os dois primeiros exemplares, metia-nos na pasta (aquela pasta esfrangalhada, que ali estava) e fazia uma visita aos batoteiros visados pelo lamiré. Não se descobriu qual o seu argumento, mas se presume que era irretorquível. Depois da conversinha em particular com os exploradores do jogo, a portas fechadas, o cavador retirava-se do escritório, muito cumprimentador, ajeitando qualquer coisa no bolso da calça. Despencava pela escada, ganhava a rua e lá ia, pendê-pendendo, a fazer molinetes com o bengalão. Na semana seguinte, quando aparecia novo número do “Álbum Comercial”, não se encontrava nas oito páginas a mais remota alusão às ameaças anteriores. E quem teria coragem de procurar o jornalista para interpelá-lo sobre esse ou qualquer outro assunto? Ninguém.

Quando as botinas foram dadas por espelhantes, Serracin atirou pequena moeda ao engraxate que, examinando-a e sentindo-se roubado, lhe rogou cabeluda praga. Mas o jornalista não a ouviu: mesmo que a ouvisse, não era homem para se amofinar com ninharias. Ao caminhar, apressado, viu-me. Reconheceu-me logo, pois muitas vezes o encontrara no triângulo. E, como precisasse desabafar, correu na minha direção. A duas braças de distância, explodiu:

— Viu o Joca? Sem-vergonha! Eu me fiz de novas:

— Que foi, Serracin?

— Aquele batedor de carteira! Arranjamos com tanto trabalho dez passes para São Paulo e o Joca — você conhece, explora uma mina na Rua Senador Feijó. — Está intimando de chefe da caravana! Pois o vigarista me excluiu da turma, afirmando publicamente que eu não passo de um picareta!

E eu, num tom patético:

— Xingou você de picareta? Oh! Meu Deus!

Ao ouvir essas palavras, de quem certamente não encontrara outras mais adequadas ao momento, o homenzinho de fraque de alpaca azul apoiou fraternalmente a mão direita sobre o meu ombro. Senti-lhe a manopla gorda, com dedos de salsichas. E o jornalista, enternecido:

— Você também foi excluído?

— Também. Por culpa do Joca. Veja o meu estado...

Serracin, grato pelas demonstrações de solidariedade, portou-se à altura. Meteu os dedos no bolso do colete, que lhe comprimia o ventre exuberante, filou dois níqueis de duzentão e mos deu, num gesto magnífico. Depois, sem se despedir, tocou para a cidade. Ia fulo de raiva.

Eu corri a um daqueles horrorosos quiosques que prosperavam ao lado da estação e comprei grossas talhadas de bolo de fubá cobertas com canela em pó.

— Como se chama isto?

— Mata-fome. Não sabes? — e o caixeiro riu.

— Ah, pensei que...

Nunca imaginei em minha vida que aquilo se comesse. Pois comia-se e era saboroso. Depois, pedi uma caneca daquele café que tresanda a clorofórmio e matei a saudade. Pensei em dirigir-me ao parque próximo, que àquela hora mais parecia uma floresta iluminada, mas não quis mortificar os pés inchados e preferi voltar ao ponto em que antes me encontrava. Po-

deria aparecer algum conhecido de São Paulo... E, como não tivesse nada que fazer, dirigi-me para o lado do vendedor de jornais da tarde, que havia estendido as últimas folhas sobre o passeio, debaixo do globo incandescente, à espera de que algum passante lesse os títulos e lhe comprasse o encalhe.

Lá estava “A Notícia”, em papel róseo. Pus-me a pescar novidades: “O auspicioso quatriênio que se inicia”. “Hoje, o concurso de fogos na enseada de Botafogo”. “O Senador Andrade Figueira e o novo governo”. “O Senador Pires Ferreira” etc. “A Prefeitura e o cemitério do Catumbi...”

Senti um repelão nos nervos e repeti a palavra:

— Ca-tum-bi!

Ao ver escrito, em letras de forma, o nome desse bairro então considerado de ciganos, serenatas e macumbas, lembrei-me do Tomás. Com Tomás, diversas vezes, bebera uma gasosa-de-bolinha, no Café Portuense, ao pé das porteiras do Brás. Por que não me lembrara antes do Tomás? Era amigo de um caixeiro do Biela do Norte, casa de ferragens que prosperava paredes-meias com o Café Portuense. Enquanto o caixeiro se demorava para sair, ocupado em vender esquadros, compassos, prumos e trolhas ao último freguês, Tomás esperava-o no café, fazendo horas.

Eu, por um prodígio de memória, estava a vê-lo, ali, adiante. Era um homem triste. Roupa preta. Paletó abotoado até ao pescoço, botinas de elástico bem engraxadas, bengala de castão dourado, chapéu canoinha, cabelo repartido ao meio, com uma risca bem feita. Tinha bigodes comerciais. Só bebia gasosa. Não fumava, não jogava no bicho, não lia livros que o seu confessor pusesse em dúvida. Era um anjo, sem tirar nem pôr. Agora, eu me lembrava da última vez que o vira. Foi na Estação do Norte. Ele encontrava-se em companhia do caixeiro e de outros amigos. Despedia-se, ia tomar o noturno para o Rio de Janeiro, onde casaria, dali a

quatro dias, com uma jovem muito prendada e bonita. E, ao ouvir o primeiro sinal de partida do trem, mostrou-se comovido, repetindo muitas vezes seu endereço na Capital da República. Desse endereço, eu apenas lembrava estas indicações:

— ... Casa C, Catumbi. Catumbi, não se esqueçam!

E o homem puro saiu a correr, entre duas malas, perdendo-se na chusma de passageiros apressados.

Agora, tantos meses depois, eu, perdido e esfomeado, com os pés em brasa, diante da Estação Central, fazia um esforço gigantesco para me recordar do endereço completo. E repetia:

— Casa C, Catumbi... Casa C, Catumbi!...

Aquilo era pouco, muito pouco. Dirigi-me ao vendedor de jornais:

— Amigo, como é que eu devo fazer para ir a Catumbi?

— Para ir a Catumbi?

E o carioca riu, divertido, ao descobrir, na Praça da República, um tipo excêntrico, que não sabia onde ficava Catumbi. Depois, compreendendo que o interlocutor era um provinciano recém-chegado para as festas da posse presidencial, interrompeu a hilaridade e respondeu:

— Olhe... Tome aquele bondinho de burro que está parado ali...

Meti a mão no bolso e senti nas pontas dos dedos, lá no fundo, uma rodelinha de níquel. Era um tostão, preço da passagem. Arrastei-me para o bonde e, enquanto esperava a partida, ouvi o relógio da Central bater oito badaladas. Só então, observei uma coisa: era noite de lua cheia, fazia um luar incrível.

Viajei durante algum tempo apertando a moedinha na mão, temeroso de perdê-la. O cobrador, ao recolher-me o tostão, percebeu o meu cuidado e riu, comentando com um sacudir de ombros:

— Ora, se o perdesse, seria a mesma coisa... Um tostão

não empobrece o passageiro nem enrica a Ferro-Carril de São Cristóvão...

O bondinho tomou logo aquela rua comprida, de sobradões de outros tempos, e lá foi. Alguns mocinhos conversavam de banco para banco.

— Jarbinhas, vais assistir ao concurso:

— Só se os fogos de artifício puderem ser vistos da esquina de minha casa. Tu sabes...

Fiz um esforço doloroso para não dormir. Procurei interessar-me pela conversa, mas quando ia arriscar uma pergunta qualquer, eles, a propósito de um bom dito, começaram a cantar certo maxixe em voga, repinicando com os dedos na copa da palheta.

Na noite muito clara, com lua cheia pairando sobre Santa Teresa, o bondinho corria ao longo de dois renques de palmeiras; entre elas havia um canal estagnado, de águas espelhantes. Pensei: deve ser o Canal do Mangue. De repente, o bondinho apartou-se das palmeiras e tomou por uma avenida que parecia não ter fim. Seguiu maciamente por ela afora. Tão maciamente que tive de lançar mão de novos recursos para não adormecer. Pus a cabeça para fora do balaústre, a fingir que procurava determinada casa. Mas isso não bastou. Foi preciso levantar-me no banco, pois se acomodado ficasse, com certeza, daria o temido pulo da vigília para o sono. As pálpebras pareciam-me de chumbo; não encontrava em mim forças bastantes que as mantivessem erguidas e solertes. Felizmente, por essa altura, rebentou uma alteração entre os mocinhos:

— Quando eu encontro um “baeta”, espinafro mesmo!

— Ora, deixa de ser bobo, seu “gato”.

— E tu, que estás aí? Não passas de um reles “carapicu”!

Essas designações referiam-se aos três principais clubes carnavalescos do Rio de Janeiro. E, em 1906, como durante



os anos subsequentes, muitos cariocas se engalfinhavam nas ruas, ou nos cafés, defendendo heroicamente as cores dos seus clubes, que eram os Fenianos, os Tenentes do Diabo e os Democráticos Carnavalescos.

Numa esquina, os trocistas saltaram do bonde e desapareceram.

Tal foi, daí por diante, o esforço despendido para manter-me acordado que eu, em certo momento, acabei por perder o domínio de mim mesmo. Meus olhos tresnoitados continuaram normalmente ativos, contemplando a noite inundada de luar, que desfilava de um lado e de outro do veículo; meus ouvidos aurados por tantas horas de jejum e fadiga, prosseguiram como até ali escutando o bater das ferraduras das bestas sobre os paralelepípedos, o tilintar do **cincerro**, a tosse do homem de fraque e “pince-nez”, que viajava no mesmo banco, a voz áspera do cobrador que, estendendo a mão, treliava com os novos passageiros, cobrando-lhes a passagem, mas o meu entendimento foi sumindo, sumindo, até que desapareceu numa zona de sombra e de silêncio. Adormeci, de olhos abertos. Súbito, uma voz desagradável chegou até a minha compreensão:

— Catumbi!

Ergui-me, assustado. O bonde estava imóvel numa praça; e o cocheiro e o cobrador, proferindo queixas, mudavam as parselhas. Homens, mulheres e crianças que se dirigiam ao centro da cidade, para assistirem às demonstrações pirotécnicas, tomavam o veículo de assalto, falando, rindo. Eu, em pé, no estribo, tive de reunir todas as forças para descer, para dar os primeiros passos. O calçado castigava-me espantosamente. Meu primeiro impulso foi sentar-me ali mesmo, no meio-fio da calçada, e arrancar dos pés volumosos as botinas que pareciam de ferro, de ferro escaldante.

Do largo, partiam diversas ruas, de casas baixas; umas galgavam a encosta do morro, outras desciam alegres, não

sabia para onde. Então eu, mancando penosamente, procurei a porta de um botequim, onde figuras barbadas e de botas, roupas vistosas, com enfeites e mais enfeites, conversavam entre si, gesticulando de maneira extravagante. Pensei: perdi a razão, esta gente não existe, não passa de...

Mas o caixeiro do botequim, em mangas de camisa, encostado à porta, sequioso por dar à língua, pôs-se a rir e perguntou-me:

— Olá, amigo, a como vendes os ovos? Fitei-o, sem entender.

— Esses, que estás pisando...

Milagre da cordialidade carioca, nós dois sem sabermos mesmo porque, começamos a rir um diante do outro, como se fôssemos conhecidos.

— Que gente é essa aí? — perguntei, não por mera curiosidade, mas para tirar a prova de que não estava delirando.

— Vo-po-cê e-pé um-pum trou-pou-xa-pá!

Estremeci ao ouvir aquela resposta; estava mesmo maluco.

Mas o caixeiro, não me dando tempo para novas deduções, explicou:

— São ciganos. Não estás vendo?

E achou graça, uma graça ingênua, naquele **pacóvio** que não sabia o que eram ciganos. Em Catumbi, eles andavam por toda parte. Tinham suas casas. Ostentavam coloridas indumentárias. Soldavam painéis furadas, barganhavam cavalos, as mulheres tiravam a “**buena-dicha**” e as crianças brincavam com outras da mesma idade. Mas eu, naquele momento, já não cuidava de nada que não fosse descobrir a casa do Tomás, daquele sisudo Tomás, de paletó abotoado até os gorgomilos, admiração das velhas, esperança das moças do Largo da Concórdia e adjacências. Acreditava que Tomás, ao ver-me assim, em estado tão lastimoso, abrir-me-ia a bolsa; mas — e isso me amedrontava — seria obrigado a ouvir comprido sermão sobre a maneira de

me conduzir na vida... Interroguei o caixeiro:

— Você conhece por aqui algum Tomás? O menino te pensou um pouco, depois:

— Conheço mais de um...

— O meu chegou há uns nove ou dez meses de São Paulo. Não lhe guardei o sobrenome. É um sujeito alto, magro, sempre vestido de preto...

— Não. Esse nunca vi. Os que conheço são proprietários: de quitanda, de leiteria, de armazém. Todos eles, gente gorda, em mangas de camisa, cara rapada a navalha...

— Está bem. Mas não haverá por aqui uma rua chamada Nossa Senhora de...

— Há, sim. É aquela. — esticou o braço e mostrou uma ruazinha torta mas pitoresca, que começava quase em frente, no outro lado da praça. — Em que número reside o moço a quem procuras?

— Não sei o número. Mas a casa tem a letra C.

— Deve ser uma “avenida”. Nessa rua, há duas. Na primeira a numeração é por letras, na segunda é por algarismos. A que procuras deve ser a primeira; sai do terceiro quarteirão, à direita, entre a Loja Síria e a quitanda pintada de azul. Não queres mais informações? Um copo de água? Um jornal? Um cigarro? É só pedir por boca...

— Obrigado.

E como eu voltasse a mancar, o patusco gracejou:

— Se quiseres vender ovos, diz; pago-te um pataco a dúzia...

E riu com gosto. Os ciganos que se aproximaram dele, ao saberem do caso, cofiaram bigodes compridos, caídos nos cantos da boca.

Eu segui à risca as informações do **marçano**. Atravessei o largo, entrei na ruazinha, passei a primeira esquina, a segunda, a terceira. Então, comecei a observar as tabuletas dos ne-

gócios. Pouco adiante, entre uma casa de fazendas, fechada, sobre cujas portas se lia Loja Síria, e outra casa igualmente fechada, sem letreiros, mas que tinha meias-portas guarnecidas de arame, à moda das quitandas, deparei com um velho portão escancarado, ostentando um frade de pedra à direita, outro à esquerda. Era ali. Olhei o céu para agradecer. E vi uma quermesse de luzes sobre o morro e Santa Teresa. Aquilo devia ser o Sumaré, de acordo com o que ouvira dos passageiros que, à minha chegada, tomaram o bonde para o centro da cidade.

Junto ao primeiro cone de pedra estavam dois namorados agarradinhos; no segundo, uma preta sem idade, sugando o pito de barro. Dirigi uma pergunta aos jovens, mas estes, no seu idílio, nem sequer me ouviram. Então eu, com uma pontinha de despeito, perguntei a mim mesmo:

— Que faz o beatíssimo Tomás que não proíbe, nas vizinhanças de sua casa, esta pouca-vergonha?...

Agastado, dirigi-me à preta velha. Ela olhou-me, sorriu-me, mas teve dificuldade de entender, de responder; devia ser tantã, pois só conseguiu taramelar coisas incompreensíveis. Deixei-a com o pito de barro e o silêncio. Entrei pelo portão e vi-me naquilo a que em São Paulo se chama um cortiço. Uma rua coberta de areia, onde os moleques tinham formado roda e jogavam pinhões. Cheguei-me a um deles:

— Onde mora a família do Tomás?

— Ali... — indicou o menino, sem olhar a pessoa com quem falava.

Na “avenida”, havia doze casas, seis de cada lado. Todas muito antigas, de porta com meia-porta e janela de uma só folha. Ao fundo da “avenida” começava o morro. Vislumbrei barrancos e vultos de árvores. Caminhando, senti um cheiro adocicado de incenso. Eram, com certeza, as fumigações, os banhos-de-cheiro. A casa apontada pelo moleque correspondia, de fato, à letra C. Estava fechada, mas percebi luz por trás

das venezianas das portas, sim das portas. Escutei. Lá dentro conversava-se pausadamente. O nheque-nheque de uma rede. O ajuntar de xícaras depois do café.

Bati à porta, com discrição. Os rumores do interior da residência cessaram. Ouviu-se logo um leve arrastar de chinelas. Um homem corpulento, baixo, tismado, em mangas de camisa, gola desabotoada, espiou pela fresta da porta. Ao ver-me ali, abriu a veneziana e perguntou com desconfiança:

— Que quer?

— Eu vim de São Paulo, sou amigo do Tomás e...

— Amigo do Tomás?

— Sim, senhor. Lá do meu bairro. Eu e ele somos muito amigos.

— Pois esse seu amigo não o recomenda, sabe? Casou com minha filha, caiu na bilontragem, meteu o pau nas nossas suadas economias e muscou-se, quando não viu mais tostão para gastar. Não quero nem ouvir falar nesse patife, compreendeu?

Como eu ficasse perplexo a olhá-lo, atalhou cerce a cena incômoda:

— Boa noite!

E bateu-me a veneziana na cara.

Saí do cortiço, a cambalear. As botinas a me esmigalharem os ossinhos dos pés. Os moleques interromperam o jogo de pinhões para ver-me. Seus olhinhos redondos de admiração pareciam objetivas empenhadas em fixar a figura vadia do desconhecido, que tinha o desânimo no rosto e demonstrava não possuir forças para caminhar. Passei por eles, sem encará-los. Quando cheguei ao portão, a preta velha continuava a pitar, atacada de um banzo que já ia por meio século e não se extinguia. Os namorados estavam unidos, apertadinhos, chuchurriando um beijo que não tinha fim. Fingi que não os via e passei. Delicadeza inútil, pois nem sequer notaram a minha

presença. Lá fui. Para onde? Não sabia. Tanto podia ficar lá no Rio como em Catumbi. Era a mesma coisa. Mas quem se encontra perdido numa grande cidade procura sempre chegar a um ponto determinado, que tanto pode ser a porta do hotel onde se hospedou como o quiosque de rua onde tomou o primeiro café. Para mim, a casa, o centro, era a Estação Central. Havia nisso, também, um motivo respeitável. Por ali chegavam e partiam viajantes de São Paulo. E, no fundo de minha alma, nutria a esperança acalentadora de topar um conterrâneo mais ou menos conhecido, a quem pudesse suplicar socorro.

Cheguei à praça de Catumbi, já minha conhecida. Um relógio qualquer assinalou nove horas. O bondinho estacionava no ponto: o cocheiro e o cobrador transferiram a parelha de mulas de uma extremidade do veículo para a outra. Levantado o balancim, as correntes arrastavam-se, alegres, pelo calçamento. Passageiros desembocavam das ruas próximas com mulheres e crianças. Olhei a porta do boteco. O marçano com quem conversara há pouco já lá não estava, nem mesmo por trás do balcão. Se o visse, ter-lhe-ia pedido um tostão para o bonde; o rapazola, com certeza, não mo recusaria.

Perdida essa vaga esperança, encetei a pé a viagem de regresso à Praça da República. Cerca de três quilômetros, duros de roer. Tanto mais que... Parei para ajeitar o calçado. Mas foi inútil. Cada passo, um gemido. Vi-me diante do velho cemitério.

Devia ser aquele a que se referia “A Notícia”. Muros altos que outrora tinham sido caiados. Dentro, vultos imóveis de ciprestes. Passei diante do portão de ferro batido. Vislumbrei túmulos de mármore, capelas com lanternas votivas, sepulturas rasas, sob cruzeiros e roseiras. Tudo isso estava muito bonito à claridade macia da lua cheia.

Prossegui. Lá adiante encontrei a longa avenida por onde viera. Como se chamava mesmo? Na esquina, consultei a placa: Marquês de Sapucaí. Caminhando, observei que muita

gente se reunia nos pontos de parada, esperando os bondes que passavam na direção do centro. Automóveis particulares, abertos, com grandes faróis de gás acetileno, pinoteavam sobre o empedramento; os cavalheiros inclinavam-se e, com a mão direita, firmavam a cartola na cabeça; as senhoras pegavam nas abas do chapéu enorme, enquanto as plumas de avestruz se agitavam afluamente.

Em certas vivendas nobres, havia piano e risadas femininas. Em outras, moças conversando no alpendre frouxamente alumiado. Aquilo para mim tinha qualquer coisa de irreal. Encontrei chácaras mergulhadas na noite. Cercavam-nas extensas grades de ferro trabalhado, com arabescos. Os portões eram largos, verdadeiras obras-primas de fundição. Sobre eles, inclinavam-se árvores escuras, quietas, batidas pelo luar. À minha passagem, cachorros vinham da sombra e investiam contra as grades, ladrando. Pelas esquinas, vendedores de doces tinham armado a traquitana e gritavam, meio desanimados:

— Co-cadinha... Co-cadinha...

Não tive mais do que seguir os trilhos pelos quais, de quando em quando, passava um bonde apinhado de passageiros, na direção da cidade. Longos quarteirões e casinhas baixas, umas parecidas com as outras. Portas e janelas estavam fechadas, mas lá dentro havia modinhas em voga, com acompanhamento de violão. Próximo à esquina, uma dessas casas ainda estava aberta. A morena vestida de cor de vinho sorria debruçada no peitoril; o namorado do lado de fora, encostado à parede, murmurava brandícias. E eram segredinhos, risadinhas assustadas. Eu refleti:

— Afinal, a felicidade anda por aí; eu a vejo de longe, neste velho quarteirão...

Meus pés recusaram-se a caminhar. Estavam mais doídos, mais pesados do que nunca. Tive a impressão de que mais uma dúzia de passos me seria impossível. E alcançar a

estação? Muito menos. Apesar de tudo, só fui parar lá embaixo, onde a rua desembocava no Canal do Mangue. Aos meus olhos, apresentou-se quadro inesquecível: as palmeiras estavam prateadas pela lua; as águas tinham-se feito espelhantes, com inquietas tremulinas.

Vi-me num correr de sobradinhos. Passeios largos e arborizados, com zonas alumiadas por lampiões de gás e zonas alumiadas pela noite. Onde terminava a iluminação terrena começava a iluminação lunar. Ranchos de moças palradoras e alegres iam e vinham pelo passeio, gozando as delícias daquela hora. Em todo o Rio de Janeiro, só havia um infeliz: eu. Ainda não tinha concluído essa melancólica observação quando um vulto, lá adiante, entrou na zona alumiada pelo lampião. Era um cavalheiro que devia morar por perto. Regressava, talvez, de uma visita. Alto e magro. Vestia terno cinzento, de fraque. E chapéu da mesma cor. Colete de seda verdosa, com botões de madrepérola. Sapatos de verniz, polainas de camurça. Tudo indicava que se sentia feliz; atirava o chapéu para a nuca, fazia molinetes com o junco de castão esférico. Veio vindo, veio vindo. Quando chegou a dois passos de distância, eu lhe falei, na vozinha mais chorosa que encontrei:

— Cavalheiro...

O desconhecido estacou, disposto a ouvir-me.

— Eu não sou daqui. Estou morrendo de fome e de cansa. Quer me arranjar um tostão para eu tomar o bonde.

Pedinchei aquilo e me arrependi, antes mesmo de saber o resultado. O cidadão, talvez por hábito, levou dois dedos ao bolsinho do colete, mas, examinando melhor o pedinte, esbravejou:

— Não dou nada! Um moço forte, bem-disposto, vendendo saúde, a pedir esmola? Ora vá trabalhar, não seja vadio!

E lá foi, zangado, a bater com a biqueira do junco no cimento do passeio. Desejei sumir. Olhei para os lados, ninguém



tinha visto.

Retomei o caminho e venci, um após outro, diversos quarteirões. Já não era ser humano, mas máquina de sofrer. Quando os trilhos da Ferro-Carril São Cristóvão deixaram o Canal do Mangue eu, automaticamente, acompanhei-os. Tomei por uma rua relativamente larga, ladeada de sobradões. Na parte térrea, li tabuletas de oficinas e casas de negócios. Mas tudo deserto. Aqui uma janela com luz interior, lá longe a porta clara de um botequim. “Ao Barateiro da Rua Frei Caneca”. “Foi aqui que anunciou”. “Petisqueiras à moda do Porto”. “Casa de Pasto Figueiró dos Vinhos”. E os letreiros iam ficando para trás, apagados, escritos na parede escura ou em placas, penduradas perpendicularmente à frontaria. O mais, eram o luar e o silêncio.

Passando pelos últimos botequins abertos, via o caixeiro ocioso encostado à porta, ou atrás do balcão, a servir um freguês retardatário. Devia ser tarde; onze horas, ou onze e meia... Acabei por desistir de caminhar. Caminhar para quê? Encostei-me a um poste telefônico, em frente à loja “Ao Porto Artur dos Calçados”. Fiquei esquecido de mim mesmo. Dali a pouco, ouvi uma cantiga festiva que veio vindo lá de baixo, cosida às casas silentes. Quem quer que fosse devia estar satisfeito da vida...

*Iaiá me dêxa  
Subi nessa ladêra!*

O cantor entrou no círculo de luz do lampião mais próximo e eu pude vê-lo. Era um negro de chinelas, camiseta de malha às listras, toalha felpuda passada pelo pescoço à guisa de cachecol. Na cabeça, sobre os cabelos arrepiados, um quepe de jornal. Vinha entregue à melodia quando, de repente, defrontou comigo. Primeiro, ficou sério, depois abriu um sorriso que lhe tomou a cara larga:

— Que é isso, meu irmão? Tu estás doente?...

— Não, estou cansado.

O desconhecido examinou-me, tirou conclusões.

— Quer me acompanhar num cafezinho, ali perto? Tou chegando do banho. Pobre, toma banho nas pedras do cais...

Riu da própria frase e, bondosamente, ajuntou:

— Decide, mocinho, é só pra descansar.

— Aceito, nem se pergunta...

Caminhamos juntos e entramos no café da esquina.

Estava quase deserto. O desconhecido preferiu uma mesa de canto e ordenou:

— Chaveco, tráis dois móca. Entendes?

— Preto? — perguntou o caixeiro, passando a manga pela testa, para enxugar o suor.

— Não, homem! Xícara grande, pão com manteiga, mas isso depressa, que venho da água, estou com a barriga nas costas...

Enquanto Chaveco providenciava o pedido, conversamos:

— Tu não és daqui...

— Não. Sou de São Paulo.

— Já tinha manjado. Desembarcou, não cavou serviço, caiu na disga...

— Vim a passeio, não encontrei o que esperava. Agora estou passando estreito.

— A gente vê logo essas coisas... Entendes?

— E você?

— Pinto tabuletas. Biscateio por aí. Mas sou zangado, espinafro, armo um fuá e caio na rua. Dou trabalho pra eles... Entendes?

Chaveco trouxe duas tigelas de café com leite e dois pãezinhos tostados.

— Vai comendo, meu irmão, que eu gosto de café frio...

Não esperei que repetisse o convite. Devorei tudo. O pintor,

depois de verificar se alguém nos observava, trocou as tigelas, ficando com a vazia e empurrando a cheia para meu lado.

— E você?

— Eu? Estou em casa. Não te preocupes... Entendes?

Eu não me fiz rogar. Ao terminar o festim, manifestei desejo de tomar um copo d'água. O caixeiro andava lá pela cozinha. Então, o pintor encaminhou-se ao balcão, lavou um copo, encheu-o na torneira e trouxe-o para mim, achando graça naquilo. Quando Chaveco apareceu, perguntou-lhe:

— Quanto é esta disgracêra?

— Oito tostões.

— Então pindura... Entendes?

— Ora essa: tá pendurado, mesmo... Nós três rimos.

— Boa noite, Chaveco!

— Boa noite, pra vosmiceis!

Sáímos. Na rua, o pintor estendeu a mão, despedindo-se.

— Mas como? Você ainda não me disse o seu nome!

Quero saber a quem agradecer, cá comigo...

— Eu tenho nome, mas ninguém sabe. Aqui me chamam de Zezinho da Gamboa... Entendes?

— E eu... Tome este cartão, está encardido, mas...

— Quem sabe, um dia... Até as pedras se encontram...

— Não me esquecerei de que você gastou comigo o que estava acima de suas posses.

— Não gastei um vintém. No fim do mês mudo de bairro!

— E o Chaveco? Ele terá de pagar...

— Não paga, é irmão. Hoje por mim, amanhã por ti.

Entendes?

Abraçamo-nos. Foi uma coisa tão espontânea! Zezinho da Gamboa achou necessário desculpar-se: não me dava o tostão para o bonde porque não tinha, não tinha mesmo. E, na ânsia de provar, virou os bolsos pelo avesso.

A dez passos de distância voltamo-nos para dizer adeus:

ainda estávamos rindo do encontro...

E a voz de Zezinho da Gamboa perdeu-se na noite:

*Eu só do grupo  
Não pego na chalêra!*

Andei, andei. Depois de caminhar muito, parei. Suava, sentia as pernas bambas, via a cidade oscilar à volta de mim. Parei, enxuguei a testa:

— O café com leite deu na fraqueza. Também...

De repente, ao virar de uma esquina, vi-me na Estação. Mas, por essa altura, eu já não era muito eu mesmo. Estava, de fato, o que por força de expressão se diz: fora de mim. Aca-bei por sentar-me no primeiro degrau da escadaria de pedra e mergulhei, de todo, no sono. Mas isso não durou muito tempo. Apertados nas botinas secas, duras e cor de terra, os pés mais inchavam, mais dolorosos se faziam. Então eu, numa quase inconsciência, descalcei-me com alívio, colocando as botinas ao lado. E saquei os farrapos das meias. Meus pés enormes, craquentos, pousaram sobre as pedras que ainda guardavam um pouco da quentura do sol. Com isso, senti um profundo bem-estar.

Aí surgiu e tomou vulto, no meu espírito confuso, a certeza simples e natural de que as botinas eram minhas inimigas. Eram a causa de todo o mal que eu sofria. Ah! Aquelas terríveis botinas!

À claridade dos globos incandescentes que crepitavam e ziniam no alto da escadaria, eu, embora dormindo, via chegar vultos que trocavam palavras entre si. Aproximavam-se, inclinavam-se sobre a minha pessoa e depois se reintegravam na noite lambida pelos relâmpagos. Vinham outros. Um me bateu no ombro:

— Eh, acorde!

Reunia as forças de que dispunha, mexia-me, mas, como

num pesadelo, não conseguia acordar. O sono e a fadiga eram superiores à vontade. Assim mesmo, entreabria os olhos foscos, procurava identificar as sombras que me rodeavam, e fechava-os de novo. Nunca para ninguém, como para mim, em tal momento, o sono foi tão irmão da morte... Assim devem sofrer, ao acordar debaixo da terra, os enterrados vivos...

Uma voz de taquara rachada:

— É um vadio... Chamem o guarda, que isto aqui não é albergue! Respondia voz de veludo, cheia de bondade:

— Talvez não seja vadio. Estas coisas acontecem. Nós semo arriero e no caminho andemo...

As vozes compassivas acabaram por vencer, afugentando as vozes malévolas. Então, no vácuo que se fez, eu voltei a ouvir aquela voz meiga, quase suplicante:

— Moço, não faça isso. Eu sou guarda noturno da estação. Meu dever é prendê-lo, mandá-lo para a delegacia, aqui perto. Mas não quero fazer isso, ouviu? Ali dentro, ficará em paz. Todos pensarão que você vai embarcar no diurno de Minas que parte às 4:35 da madrugada.

Eu ainda quis persistir no sono, mas o eco daquele conselho continuava a fazer-se ouvir no silêncio interior:

— Moço, suba a escada, vá para a plataforma...

Ergui-me, apanhei as minhas inimigas, as botinas; e, guiado mais pela intuição do que pela reflexão, atravessei os corredores quase desertos àquela hora, fui ao fundo, onde havia grade de ferro com diversas entradas, penetrei na plataforma, umbrosa, sem dar ouvidos a um guarda que me chamava. O guarda também devia estar cochilando, pois não me seguiu. Lá dentro, vi encostada à plataforma uma composição, talvez chegada há pouco, com vagões de primeira classe. Não hesitei: senti-me passageiro, passageiro de recursos... Entrei num carro-dormitório, de luzes apagadas, levantei a cortina do leito inferior e nele me estendi. Acomodei as botinas ao lado. Elas

me perseguiam por toda parte, como um remorso.

Quando ia mergulhando no sono, surgiu de novo a voz de taquara rachada:

— Aqui tem gente! É um ladrão!

Lá fora, na plataforma, ao que me pareceu, sobreveio um rebuliço. Gente que chegava a correr, batendo as solas no chão acimentado; guardas que entraram cautelosamente pelo carro-dormitório, agitando lanternas.

— Onde está ele?

— Aqui no 4.

Um homem adiantou-se, ressabiado, mas vendo o intruso a dormir botou a lanterna mesmo na sua cara e exclamou com voz áspera:

— Olhem... É aquele malandro que estava dormindo na escada! Outro, também de voz rascante:

— Vá chamar o guarda, deve ser preso como suspeito de roubo!

Nesse ponto, eu, lá dentro do abismo da semiconsciência, tive esperança na voz macia. E ela, como ouvindo meu angustioso chamado, fez-se escutar pausadamente:

— Ora, que é isso? Vocês, por afobação, acabam praticando uma injustiça. Não veem que o coitado do moço não se encontra em condições de fazer mal a uma mosca? Ele ainda há pouco estava dormindo na escada; fui eu quem, de pena dele, o mandei para a plataforma. O pobre entendeu mal e aboletou-se aqui!

E a voz macia riu com gosto. As vozes que tinham cacos de vidros cederam. Então, ficaram de acordo: puseram-me de pé, com as botinas na mão, penduradas pelas orelhas, levaram-me meio encostado até transpor as grades da plataforma. Chegando à escada, eu cambaleei e, descendo de dois em dois degraus, fui parar na praça.

O relógio da estação pingou as badaladas da meia-noite.

Como a responder-lhe, lá longe, para as bandas de Botafogo, uma coroa de fogo subiu em linha reta até o céu, deu formidável estrondo que abalou todos os vidros da cidade e se desfez em flores luminosas. A seguir, a segunda e a terceira coroas ígneas. O céu da meia-noite foi-se tornando branco. Sobre o mar desdobrou-se imenso leque, cujas varetas de cores cambiantes se abriam e se fechavam, incessantemente, como nas auroras boreais.

Súbito, voltou a escuridão, reinou o silêncio. E no céu, que se arqueava sobre a baía, apareceram seis luas cheias, idênticas à outra que, àquela hora, pairava nas alturas da Gávea; subiram, desceram, bailaram loucamente sobre a cidade, como se lá por cima, na eternidade azul, operasse um malabarista a jogar com luas, como os da terra costumam jogar com laranjas, pratos ou bandejas.

Estaquei e murmurei:

— Estou doido...

Dali a pouco:

— Tudo por causa destas botinas! E concluí, com certa lógica:

— Vou atirá-las ao mar!

Ladeei o edifício do Ministério da Guerra, alcancei a Rua Larga e por lá segui. Caminhava, tinha os olhos abertos, mas dormia. Dormia e sonhava. O firmamento continuava a tomar colorido efêmero. Ouvia estrondos que abalavam a cidade, os morros. Descalço, à procura do mar, para atirar às águas o par de botinas, vivia uma alucinação. Via-me na alameda principal de imenso cemitério. A areia do chão era branca. Os ciprestes enfileirados estavam imóveis. De um lado e do outro, apareciam túmulos de mármore, lambidos por claridades brancas, que vinham do alto. Mulheres de mármore, cobertas de véus, colunas partidas, anjos tocando trompa, cruzeiros enormes, de pedra, que projetavam sombras leves sobre a areia da alame-

da. E capelas, sepulturas rasas com flores espalhadas sobre os epitáfios, valas comuns onde tinha nascido uma capoeira de cruzeiros de pau, com um número preso no encontro das hastes. Lanternas balouçavam, indo e vindo até quase tocarem no meu rosto. Esse quadro clareava e escurecia, alternadamente. A cada clarão cambiava de cor.

Eu seguia, as botinas penduradas pelas orelhas, a oscilarem na extremidade do braço. Ia à procura do mar. Aquele mar que entrevira na Prainha. Lá chegando, livrar-me-ia das inimigas, as terríveis botinas. E quando elas tivessem desaparecido, nas águas empoadas de lua, tudo voltaria a ser calmo e doce na minha vida.

E lá fui, descalço, monologando. Não via a rua movimentada de povo, não via os veículos passarem à desfilada. Não via coisa alguma. No cemitério só existia eu. E, contra mim, aquelas odiosas botinas. Foi quando o Tinhoso saiu de trás de uma capela cor de violetas, deu uma volta rápida e parou na minha frente.

— Espere aí... Você não é o... de São Paulo?

Acordei do desvairo, encarei a entidade e me pus a rir. Depois, maravilhado:

— O Emílio!

E ficamos a rir um diante do outro. Eu procurei esclarecer o que me ia pelo cérebro conturbado:

— Emílio, que faz você fantasiado de Sganarello, perdido neste cemitério? O outro quase escangalhou-se de tanto rir:

— Eu, fantasiado de Sganarello... Eu, perdido neste cemitério...

Acordando de todo, comecei a ver com realismo. Era de fato o Emílio Laporte. Não estava vestido pelos figurinos do Orco, mas do Reunir. Fraque preto e calças de casimira listrada, sapatos de verniz com polainas bege e palheta finíssima. Colete de seda cor de canário e luvas. Mas parecia sofrível-



mente bêbedo, mantendo-se à custa de trabalhosa ginástica, e atrapalhado, atrapalhadíssimo, com seis ou oito pequeninos embrulhos de papel de cor que, continuamente, mudava de bolso ou deixava cair no chão, apanhando-os com dificuldade.

O incrível Emílio tinha passado alguns anos em São Paulo, na vida flauteada de que falamos páginas atrás. Mas este estroina não se confundia com os outros. Não vestia roupa de segunda mão. Seus paletós não eram lustrosos, a gola não era caspenta. Tinha sempre dois ou três ternos no cabide. Não pagava o alfaiate mas, frequentando outra roda, escorava-se em fiadores idôneos que, achando graça naquilo, escorropicham o dinheiro na hora solene da cobrança. Por outro lado, não pagava o aluguel do quarto. Chegava a ter violentos arranca-rabos com o senhorio, mas conseguia morar, ter um endereço para mandar imprimir no cartão de visita: Emílio Laporte, Rua Tabatinguera nº 32 (Sobrado). E mostrava muita habilidade na defesa da sua situação. Exemplo: quando não dispunha de dois tostões para tomar o bonde elétrico, chamava o tílburí, fazia-o conduzir ao jornal onde tinha um bico. Desembarcava na porta da redação e dizia ao cocheiro:

— Espere aí que eu vou buscar o cobre...

Subia à redação, descia a escada dos fundos e, dali a pouco, saía pela porta da oficina. O cocheiro esperava dez, vinte minutos, depois lá ia praguejando, no mais puro dialeto do Basso Porto.

Para pintar-lhe o retrato de corpo inteiro é preciso contar que Emílio tinha diversos bicos pela cidade, mas não trabalhava em parte alguma. No entanto, quando era preciso, tirava a carteira de “chagrin” com ângulos de ouro e mostrava à roda, fosse no Progredior ou no Fasoli: estava empanturrada de notas e das graúdas!

Levou vida regalada no triângulo central da Pauliceia, mas, apesar disso, não se aclimou na terra da garoa. Uma noite, tomou aquele carro de praça que o levou à Estação do Norte.

Disse ao cocheiro que ia esperar o diurno. Mas embarcou no noturno para o Rio de Janeiro e deixou furioso o profissional da boleia. Quando este soube do logro que Emílio lhe pregara, atirou o chapéu no chão, pisou em cima. E tocou para a cidade, a chicotear os cavalos.

Dali por diante, quando algum picareta do Girondino ou do Café Caridade cavava passe na Secretaria e ia, a serviço ou à falta de serviço, visitar o Rio de Janeiro, ao regressar a São Paulo deslumbrava a roda.

— Sabem? Encontrei o Emílio...

— O de bigode encerado?

— Esse mesmo. Está numa ponta onça!

Isso, em 1906, devidamente traduzido, queria dizer: é um leão da moda, elemento social precursor do almofadinha e, atualmente, do granfo.

Aquela noite, numa esquina, eu a cair de miséria e Emílio a cair de bons vinhos, entendemo-nos perfeitamente. Por isso, enquanto calçava com dificuldades aquelas botinas que por pouco não foram mergulhar nas águas da Prainha, o boêmio me foi explicando muita coisa:

— Não, eu não estou fantasiado de Sganarello. Esta roupa que você está admirando foi feita por um grande alfaiate do Rio. Não vim do cemitério, como você pensou, mas de uma batalha de flores na Avenida Beira-Mar. De volta, passei pela Casa Círio, na Rua do Ouvidor, e comprei isto...

— Isto o quê?...

— Perfumes. Franceses, ingleses e alemães. Veja este frasquinho de lavanda. Custa uma fortuna. Nada menos de oitenta mil-réis. Daria para comprar meia dúzia de pares de botinas, das boas.

— Para que tantos extratos? Sempre imaginei você um homem limpo, que toma diariamente o seu banho...

— São para presentes. Quando eu entro num Ministério,

todos sabem que levo os bolsos cheios de perfumes caros. Por isso, do porteiro ao Ministro, eles se julgam felizes quando apareço. Já se diz por aí que para Emílio Laporte, em todo o Rio de Janeiro, não há portas fechadas!

Aquele encontro incendiou meu espírito com labaredas de esperança. Para provar mais uma vez a força do moral sobre a pobre condição humana, as minhas dores, fadigas e desânimos fugiram de supetão, por encanto. Calçado, dei um puxão na gola do paletó ensebado, atirei para trás a palheta encardida, afrouxei a corda que me servia de gravata e declarei-me pronto para acompanhar o amigo. Como Emílio me perguntasse qual o motivo por que me encontrava ali, naquele estado de... cansaço, contei-lhe tudo... O estroina riu-se a perder. Depois sentenciou, do alto de uma prática que já se estava fazendo velha:

— Olhe, menino, quando a gente está sem vintém, deve vestir-se melhor ainda, jantar em restaurantes caros, beber vinhos de grandes marcas etc. Dinheiro atrai dinheiro, miséria atrai miséria. “Qui semble ressemble”! Gostou do meu inglês?...

Aquilo para mim pareceu sortilégio, mas a verdade é que meus pés já não doíam; a fadiga esmagadora tinha cedido lugar a um ânimo solerte, a um fulgurante bom humor. Portanto, seguimos pela rua, a conversar. Emílio, de quando em quando, aprumava-se e deixava passar qualquer coisa, assim como quem receia dar guinadas. Nesses momentos, esforçava-se por manter nas mãos os seis pacotinhos embrulhados em papel de cor.

— Esta lavanda, só ela...

— Já sei, custou uma fortuna. Você me contou.

— Há mais de sete horas que eu ando pela cidade, com estes embrulhinhos. Estive no Brama, na Garota do Minho, na Confeitaria Pascoal... Mas, espere aí... Já me ia esquecendo. Você deve estar com vontade de tomar alguma coisa... um Madeira?

— Não, obrigado. Prefiro uma feijoada completa, por mais incompleta que seja...

— E por que não disse antes? Vamos cear no primeiro restaurante que encontrarmos aberto!

E, sempre atarefado, com os embrulhinhos de preciosas essências, levou-me a uma casa de petisqueiras, ali pela Rua da Alfândega. Apesar da hora, mantinha meia-porta aberta, por causa da afluência de fregueses naquela noite, em virtude dos fogos de artifício. Fácil será imaginar a alegria com que me abanquei a uma mesa e vi chegar o labrego, a enrolar o guardanapo nas mãos. Emílio, mais loquaz ainda que de costume, foi logo declarando:

— Não é preciso cantar a lista. Traga-me maionese de salmão para dois, uma garrafa de Bourgogne, do legítimo, hein? E frutas no gelo.

O garçon não entendeu aquilo. Foi ao dono da casa. Este veio, muito cortês, cochichando a Emílio que sua casa não era como os grandes restaurantes, não dispunha de artigos de tal qualidade... Emílio indignou-se:

— É um fregê!

— Pois seja isso mesmo. Só peço que as pessoas finas e endinheiradas procurem as casas que mais lhes convenham... e me deixem em paz!

— A culpa é minha! Procurar espelunca sórdida como esta, numa capital civilizada, onde há restaurantes que se honram com fregueses como eu, como nós!

Levantou-se e foi saindo. Eu — para que acrescentar aqui? — Acompanhei-o, num nobre movimento de solidariedade. Na rua, posto em brios, o carioca quis fazer demonstrações:

— Vamos ao Franciscano! Quer apostar comigo em como lá nos servirão tudo aquilo que eu pedir, por mais estrambótico que seja?

— Não topo a aposta, Emílio; em se tratando de aposta,

prefiro a posta de peixe, com molho de camarão e tomate!

— Pois você vai ver!

Caímos na cidade adormecida onde, aqui e ali, brilhavam frestas de portas apenas cerradas; os **noctâmbulos** sabiam que nesses lugares podiam entrar, comer um bife a cavalo e tomar uma cerveja. Eu, depois da injeção de ânimo que para mim foi o encontro com o amigo, começava a decair: meus olhos fechavam-se, meus pés voltavam a doer. Na Rua da Assembleia, entramos num daqueles vastos e luxuosos restaurantes, frequentados pela “jeunesse dorée”. Salão coruscante de espelhos, multiplicando ao infinito as lâmpadas incandescentes. Mesas quadradas, cobertas e alvíssimas toalhas, alegradas com um buquê de flores frescas. Frequência escassa, mas chique. Senhoras e cavalheiros ali se encontravam mais para conversar do que para cear. Garçons corretos, aprumados como embaixadores, abriram alas à nossa passagem. Emílio na frente, eu atrás. Ele entrou chamando a atenção de todos e foi direto à mesa do centro do salão. Parecia conhecer os que estavam reunidos. Trocava cumprimentos à direita e à esquerda.

Mas eu... Enquanto me achava na rua, ou à meia claridade da casa de petisqueiras, tudo bem. Ali, porém, no centro de um salão de luxo, exposto à luz forte das lâmpadas e dos espelhos num quadro em que predominavam a alvura das toalhas, as cores das “toilettes” e a vivacidade das flores, eu próprio me vi tal como me encontrava depois e não sabia quantos dias sem casa, sem comida, sem roupa para mudar. Minha figura, em contraste com a de Emílio e das pessoas que lá ceavam e conversavam, tornou-se chocante. Eu disfarcei, circunvaguei tímido olhar pelo chão. Algumas senhoras e cavalheiros conversavam entre si e, nas pausas, examinavam furtivamente os recém-chegados. Não fora a situação, eu me recusaria a entrar nesse restaurante de luxo. Só quem está a morrer de fome, por

falta de dinheiro, suporta um ambiente elegante. Mas já agora, no estado em que me encontrava, não podia deixar de fazê-lo, sob pena de cair na rua, tal era a fraqueza.

Tomei, pois, a resolução de sumir o mais possível na cadeia; assim que chegasse da cozinha o prato pedido, mergulharia nele. Ora, coração à larga — pensei; estava a quinhentos quilômetros de minha casa, no restaurante noturno de uma cidade onde, infelizmente, ninguém me conhecia. Dali a pouco, cruzado aquele portal, desapareceria na cidade e ninguém mais daquela gente me botaria a vista em cima...

Emílio debicou-me:

— Em que está pensando, homem?

— Estou pensando em que você vai emprestar-me 25 mil-réis para eu voltar...

— De segunda classe?

— Que fazer? Não há de terceira!

— Claro que lhe empresto.

E, para reforçar a resposta, tirou a carteira, examinou o conteúdo, mas objetou:

— Veja que caipora... Só tenho notas de 100 e de 200. Aqui nos bolsos, apenas uns 20 mil-réis trocados, para estas despesinhas. Mas, depois de pagar a ceia, dar-lhe-ei o dinheiro: não 25, mas 30 mil-réis. Sim, você não vai passar toda a viagem em jejum, precisará fazer uma refeição no caminho!

Meteu a carteira, conscienciosamente, no bolso esquerdo interno do paletó. Empilhou o melhor que pôde os pacotinhos coloridos sobre a mesa. Um garçom veio e perfilou-se a seu lado.

Fiquei suspenso. Nem respirei para melhor ouvir o pedido.

Emílio fez uma cara de homem farto, nauseado pelo ramerrão dos menus.

— Vou querer... vou querer... Enquanto eu resolvo, tragam-nos uma garrafa de Madeira, 1896. Enrolada num guardanapo

quente.

Eu sofria. Uma onda amarga me subia do coração para a boca. Complicado, aquele Emílio! Por que não pedia bifês a cavalo, ou fritadas de qualquer coisa? Já era vontade de espezinhar-me, de humilhar-me. Um a morrer de fome, ansiando por comer feijão, arroz, picadinho, qualquer comida; outro a examinar, com ranhetices, a lista de iguarias! Só o que o anfitrião iria pagar por aquela garrafa de Madeira, talvez uns cinco ou seis mil-réis, no dinheiro poderoso de 1906, seria para mim uma riqueza: poderia cear à vontade e, depois, dormir num hotel. Veio o vinho, consoante fora pedido. O garçom começou a encher o meu copo, pois eu, embora não parecesse, era o convidado. Mas quando o vinho chegou à altura de dois dedos, Emílio protestou:

— Chega! Não ponha mais! Detesto um bêbedo! Acho que a temperança é a mais nobre das virtudes!

Tomou a garrafa e passou, ele próprio, a servir-se. Bebeu, com sede, um copo atrás do outro. Enxugou a garrafa. E como já estivesse na bitra, o Madeira misturando-se ao lastro, subiu-lhe depressa à cachimônia. Eu olhava-o naquele estado e temi que se desmandasse, ou melhor, temi pela sorte da ceia, que já se delineava no horizonte...

O garçom, julgando azado o momento, voltou à mesa e perfilou-se, como havia feito pouco antes. Então, Emílio, que no frege pedira maionese de salmão, pediu ali, no restaurante de gente fina, com toda simplicidade:

— Traga-nos sardinhas fritas no azeite, com rodela de cebolas, bem fininhas, você sabe...

O garçom começou a rir, discretamente, como convinha a um restaurante de primeira classe.

— Mas, doutor, o senhor sabe que aqui não trabalhamos com sardinhas. Se deseja outros pescados, temos garoupa, corvina, badejo, camarões frescos, mariscos recebidos ao anoitecer, polvo e tartaruga...

Eu estremeci na cadeira, vendo as coisas mal paradas. Emílio mostrou-se zangadíssimo:

— Não, senhor! Quem manda no meu estômago e no meu dinheiro sou eu! Se pedi sardinhas é porque resolvi comer sardinhas. Está claro. Cobre o que quiser. Quinhentos mil-réis, um conto de réis... Mas me traga sardinhas!

O garçom, desenxabido, olhou para a banda em que se acomodava o gerente, como a pedir socorro. E o gerente atendeu-o. Veio lá do fundo, rebolando as **enxúndias**, que fazem parte da profissão, com o mais complacente de seus inúmeros sorrisos...

O salão inteiro já não disfarçava a curiosidade. Aquilo era um espetáculo digno de assistir-se. Os casais interromperam a ceia e a conversa e nos fixaram com uma curiosidade incomedativa para mim, agradabilíssima para Emílio. O gerente, representando de amável e discreto, apoiou a mão no espaldar da cadeira de Emílio e falou-lhe, a meia voz, de modo que todos ouvissem:

— Doutor, eu sei o que são essas coisas; o senhor faz um pedido dessa marca para gozar o efeito que ele produz nesta seleta concorrência. É de fato muito engraçado...

E o freguês:

— Nada de lérias, ouviu? Eu quero é comer sardinhas fritas no azeite, com rodela de cebola por cima!

— ... Mas, doutor, apesar do seu bom humor (ele aludia, delicadamente, ao estado eufórico do anfitrião), peço-lhe que compreenda... Num estabelecimento como o nosso não trabalhamos com essa classe de peixe...

Só vendo o desprezo que o gerente votava às sardinhas. Não queria nem mesmo pronunciar-lhes o nome! Emílio, porém, permanecia irredutível. Oscilava a cabeça, batia com os dois punhos cerrados na mesa:

— Pois eu quero sardinhas! Pois eu quero sardinhas!



Foi quando o gerente desistiu de branduras, perdeu as estribeiras:

— Quer saber de uma coisa? Se tanto assim as deseja, vá comê-las na casa de sua santa avozinha! Vá comê-las na casa do raio que o parta! Não sei onde estou que não...

— Vá para a raiz... do diabo que o carregue!

— Vá você, seu bêbedo!

E os dois atracaram-se. As mulheres soltaram gritinhos assustados e fugiram para o fundo, à procura das capas, dos embrulhos, de tudo o que lá haviam deixado. Os homens levantaram-se dos seus lugares e foram apartar o rolo. Formaram-se dois grupos, a trocar murros. No meio desse barulho, Emílio foi saindo. Eu acompanhei-o, a dois passos de distância. Mas o gerente já estava com o diabo no corpo.

— Quem paga o vinho? Quem paga o Madeira?

— Quanto é?

— Seis mil-réis! Seis mil-réis!

— Isso é um roubo! Não pago coisa alguma! Se quiser, passe amanhã, às duas pelo meu escritório!

— Ladrão!

— Vá para o inferno!

— Bêbedo! Sem-vergonha! Vou telefonar para... E é já!

Ao sairmos do restaurante, fizemos uma descoberta curiosa: amanhecia. Fomos andando. No caminho, Emílio, cujo estado se agravara ainda mais com a garrafa de vinho, fez parar um marinheiro:

— De que navio é você?

— Do “Tamoio”.

— E não me conhece? Não sabe que eu sou tenente do “Floriano”? O rapaz, indeciso, aprumou-se, bateu continência. E ele, generoso:

— Pode ir, por esta vez relevo...

Mais adiante, um homem negro, já idoso, ia passando

entre duas moças. Emílio lhe disse:

— Felizardo, hein?...

E o homenzinho, sem mostras de zanga:

— Sou felizardo mesmo: vou levar as filhas até a porta da casa onde elas trabalham.

Assim foi durante o trajeto; o elegante divertia-se, o vadio cambaleava de fadiga e de fraqueza. Tomamos a Avenida Beira-Mar. A comprida muralha estendia-se pela orla do oceano, ostentando um bruno tendente a violeta, no rosiclário magnífico do amanhecer. Emílio lembrou-se de dançar com a bengala, rindo muito. Dois homens vieram lá do fundo e, quando nos alcançaram, o da frente gritou:

— Estão presos!

Eu perguntei:

— Apenas porque o meu amigo está alegrote, dançando com o seu junco?

— Não. Não se faça de esquecido. Porque beberam uma garrafa de Madeira, quebraram vidros, machucaram o gerente e assustaram os fregueses do restaurante!

Emílio quis saber:

— Para que delegacia nos levam?

— Para qual havia de ser? Para a do distrito...

Seguiu na frente, atrapalhado com os embrulhos, e eu depois dele, a arrastar os pés que não cabiam mais nas botinas; atrás de nós, achando o caso engraçado, os dois agentes de polícia. Atravessamos a Avenida, caminhamos dois quarteirões e, numa casa velha, com sentinela à porta, encontramos a delegacia. Entrando, o **estroina** pediu fogo à sentinela e informou-se:

— Quem está de serviço?

— O Dr. João.

— O da barbicha?

— Não, o da verruga...

Quando chegamos à sala, o comissário dormia sentado na

cadeira giratória, com os pés em cima da escrivaninha. Emílio fez algazarra:

— Está vendo, Joãozinho? Prendi esses dois agentes que se fizeram de engraçadinhos conosco. Venho trazê-los aqui, para que você lhes aplique o necessário corretivo...

O comissário despertou feito cascavel:

— Chega, Emílio! Quase todas as noites você me aparece aqui, preso por desordem. E eu, em consideração aos nossos amigos comuns, mando-o embora. Mas acabou-se. A paciência tem limites...

— Joãozinho... que é isso?

— Cabo Levino, recolha esses dois malandros à sala dos presos!

— Joãozinho! Deixe-me telefonar!

— A quem você quer telefonar, de madrugada?

— Ao Senador Pedroca, meu amigo particular. Para que ele venha buscar-me no seu landau... Está ouvindo, Joãozinho?

O cabo veio lá de dentro, abriu os braços, e, como quem enxota marrecos, espantou-nos para a sala contígua. Os bêbedos e desordeiros que ali, em bom número, curtiam a camoeca, nos deram as boas-vindas. Emílio era popularíssimo naquele meio. Sentou-se na ponta do banco e ficou a contar a história dos frasquinhos de perfumes.

— Este aqui, estão vendo? É extrato de lavanda. Custa uma fortuna...

Eu dei a volta pela sala e, não encontrando lugar melhor, sentei-me num canto, tirando com delícia as botinas. Estava gozando o alívio dos pés quando, lá dentro, na sala do comissário, explodiu nova algazarra. Um preso saiu de onde se achava e foi espiar pelo vão da porta. Dali a pouco regressou, dando conta do que vira.

— É um negro de fraque, chapéu de palha e “pince-nez”. Com ele veio uma francesa grisalha. Brigaram feio, no Brahma.

Emílio estava a par de tudo:

— Ah! Já sei! É o Zeca!

Dez minutos depois, quando eu ia cerrando os olhos, novo falatório na sala contígua. Levantei-me e, descalço, fui ver. Era um quarentão alto, magro, de paletó escuro e calça clara. Usava largo cinto de couro envernizado. O comissário admoestava-o:

— Mas você, Bernardino, canta a sua amada em belos sonetos e, quando a gente começa a acreditar, lá vem a briga, o apito, o pedido de socorro ao guarda de serviço...

Sentada na cadeira, quase desfalecida, lastimava-se o pivô da questão. Esse pivô era uma negra, gorda, vestida com espalhafato. Trazia chapéu à moda da Réjane, muito em voga, mas com uma pena de avestruz que, partindo da cabeça, lhe varria o ombro roliço, cor de cuia. O comissário mostrou-se conciliador:

— Bernardino, você é meu amigo, além de tudo um nome conhecido; vá-se embora, leve sua musa para casa... E... não me apareça mais aqui, ouviu?...

Os dois, embora excitados, acabaram dando-se o braço e partindo com reiterados agradecimentos à autoridade.

Eu voltei ao meu canto e mais uma vez ia passando da vigília para o sono quando vi o Cabo Levino entrar, dirigir-se a Emílio e dizer-lhe:

— Você não está preso.

— Então, o que é que estou fazendo aqui?

— Está de-ti-do...

— Ah! Pensei...

— O doutor quer falar com você.

O pândego levantou-se e interrogou o cabo:

— Será que ele vai mandar-me embora?

— Quem sabe? Eu não adivinho. Não sou o Barão de Ergonte, mais pode Deus!

Emílio pôs em ordem os seus embrulhinhos e saiu atrás

do cabo. Eu quis acompanhá-los, mas o carcereiro afastou-me, zangado:

— Quem foi que o chamou? Tá confundindo Germano com gênero humano?

Voltei ao mesmo lugar e dessa vez mergulhei num sono que causou admiração a todos quantos me viram estirado no chão e me ouviram ressonando com invejável regularidade. Quando acordei, já com o sono em dia, exclamei desanimado:

— E o miserável foi-se embora sem me emprestar o dinheiro da passagem!

Dali a pouco, entrou o Cabo Levino, fez a chamada geral dos presos, ou melhor, dos detidos e, como nenhum de nós estivesse sob processo, transmitiu-nos a ordem de soltura. Como eu não me movesse, o carcereiro olhou-me com raiva:

— Desordeiro, não está ouvindo? Ponha-se já lá fora!

Dessa vez, não esperei nova ordem; enfiei as botinas, que calçaram com certa facilidade. Procurei o chapéu de palha e encontrei-o debaixo do banco precisamente num lago de vinho e grãos-de-bico. Barafustei pela porta e fui saindo de cabeça baixa, envergonhado. Mas o comissário, que tinha retomado o serviço pouco antes, estava de bom humor:

— Que esta noite lhe sirva de lição. Nunca mais acompanhe o Emílio. Ele é um perdido. Mas vai à Câmara e trata por você a todos os deputados! Conhece-lhes os apelidos familiares e as crônicas particulares. Que pode a Polícia contra ele? Nada. Vá-se embora, desculpe o mau jeito, releve a péssima hospedagem e crie juízo!

Eu deveria estar impregnado daquele patchuli característico das delegacias. O comissário, rapaz que se picava de hábitos finos, tirou o lenço caro que espocava como corola escarlate sobre o bolsinho superior do paletó-saco, e agitou-o diante do nariz, a fim de afugentar a catinga que eu espalhava. Com esse gesto de autoridade, a sala ficou rescendente de delicadíssimo

perfume. Identifiquei-o logo: era aquela lavanda de 80 mil réis, o frasquinho, que Emílio, entre generoso e atilado, distribuía a mãos rotas pelo caminho, no Parlamento e nos Ministérios, como também ali, na modesta delegacia do distrito...

Transpondo o portal daquela casa baixa e velha, cheia de sombra e de budum, topei de cara com o sol maravilhoso. Um relógio distante assinalou um quarto depois do meio-dia. Era a hora em que, habitualmente, o comissário vinha ao posto e mandava embora os presos da noite. Por isso, diante da porta, estavam reunidos homens e mulheres; uns, faziam-no na esperança de encontrar parentes que não haviam aparecido em casa; outros, eram transeuntes que ali estacionavam para assistirem a um dos espetáculos mais divertidos do bairro...

Cerrei os olhos por causa da luz, abaixei a cabeça e saí. Nas janelas próximas, havia gente debruçada nos peitoris, a escangalhar-se de rir, a mortificar os retirantes com perguntas idiotas. No quarteirão seguinte, já as botinas recomeçaram a molestar-me os pés, com incrível tenacidade. Andei, andei. Uma hora, duas. E sem destino, sem olhar para trás. Senti-me arrasado. Tinha descido a escada da degradação. Vinha do xadrez, por bêbedo, vadio e desordeiro. A roupa não passava de molambo. O chapéu de palha tinha perdido a forma primitiva; a copa encardida, as abas onduladas. O cabelo crescido saltava por cima do colarinho ensebado. A barba de quatro dias completava a minha **catadura** suspeita.

Com certo medo, avalei a extensão do declive por que rolara. Era agora um vadio dos que se estiram nos degraus da Estação Central e que os guardas enxotam ou prendem. Como se isso não bastasse... Ah! Lembrava-me da volta, a pé, do Bairro de Catumbi. Estendera mão súplice a um desconhecido que me negou a esmola, com palavras de indignação. Que me faltava mais? Dedicar-me a pequenos furtos no Mercado Novo. Ou assaltar transeuntes retardatários na Rua

Camerino, na Praça da Harmonia... Meus olhos secos e ardidos umedeceram; gotas quentes e cristalinas começaram a correr-me pela máscara de poeira grudada sobre suor. Parei, desanimado. Mas, olhando à volta de mim, comecei a descobrir frontarias de prédios e tabuletas comerciais que já tinha visto antes. Talvez fosse no dia confuso da chegada, ainda em companhia de Otávio...

— O miserável! Quando eu voltar e o encontrar na rua, hei de dizer-lhe boas, na lata, na lata mesmo, como se faz com um salafrário da sua marca!

Ergui os olhos molhados para invocar o testemunho do céu; na esquina, lá em cima, havia uma placa nova, de ferro esmaltado de azul, com dizeres em letras brancas: Bulevar Carceler. Era assim que, em 1906, alguns sujeitos mal avisados tinham crismado a pitoresca e tradicional Rua 1º de Março.

— Então... — fiz um esforço de memória.

Pouco adiante, erguia-se vasto edifício, ostentando no alto da porta principal uma inscrição em letras de bronze. Li-a à distância, com dificuldade: Repartição Geral dos Correios. Uma recordação acendeu-se e alumiou-me o caos interior. Lembrei o pacto que fizera com Otávio, naquela hora de aflição. Sorri, sem fé. Apesar disso, atravessei a rua, entrei no Correio e fui lendo as indicações grudadas sobre os postais, assinaturas de caixas... No fim daquele corredor encontrei, satisfeito, o que procurava: a posta-restante. Um moço pálido, calvo, catacego, ia e vinha dentro da gaiola de arame. Com certeza vivia ali. Fora criado ali. Nunca saíra dali. Eu experimentei:

— Por favor, há uma carta para...

O empregado veio até a janelinha:

— Como?

Repeti, pausadamente, meu nome. Então, o habitante da gaiola foi a um armário quadriculado, no qual cada caixa correspondia a uma letra do alfabeto e cada letra a um nome

ou sobrenome. De uma delas tirou cerca de vinte envelopes. Manuseou-os rapidamente, com destreza de **prestidigitador**. Súbito, interrompeu o carteio, desentranhou um envelope de ofício. Voltou ao guichê entregou-o à “parte”, como se diz na profissão. Ainda voltou e procurou mais correspondência no maço. Mas a parte esperava uma só carta, se é que a esperava... Quando o funcionário veio para dizer “por hoje é só”, já não me encontrou.

Eu, preocupado com a muamba que possivelmente viria no envelope, saí e, coração aos pulos, fui encostar-me a um poste, na primeira esquina, onde procedi a um exame preliminar do papel que segurava. No alto da sobrecarta, à esquerda, havia dizeres impressos: “Mútua Clarividência” — Sede S. Paulo — Rua da Caixa da Água — Edifício próprio — Sucursal no Rio de Janeiro: Rua da Carioca, 123”. Era, sem dúvida, do Otávio. Também, para falar com franqueza, uma carta para mim, na posta-restante do Rio de Janeiro, só podia ser do Otávio. Não precisava recorrer a nenhum barão de Ergonte para profetizar. O **celerado**, pelo menos, havia cumprido a promessa... Pus-me a filar o conteúdo. Dentro do envelope, dobrada ao meio e depois redobrada, vinha uma folha inteira de papel almaço quase toda coberta pela letra grossa e alta que eu bem conhecia, do desleal companheiro de aventura. E dentro desse ofício, novinha em folha, como passada a ferro, surgiu uma pelega (assim se dizia na época) uma pelega de cinco mil-réis. Ora, cinco mil-réis na era afonsina representava uma soma respeitável para qualquer pessoa, principalmente para quem estivesse com o estômago nas costas. Basta lembrar que, com essa importância, poder-se-ia fazer pelo menos três refeições, num restaurante! E ainda sobrava para o bonde...

— Admirável Otávio! — pensei, comovido. — Eu sempre fiz justiça à inspiração dos teus versos eternamente inéditos, à



bondade do teu coração!

Diante do auspicioso achado, estive para meter a carta no bolso e, antes de qualquer providência, ir restaurar as forças numa daquelas casas em cuja vitrina se viam leitõezinhos assados, postos sobre tenras folhas de alface, com uma rodela de limão entalada entre os dentes... Mas a minha ansiedade, previamente consultada, concedeu dois minutos para a leitura da comprida mensagem. Não vejo nenhuma indiscrição em reproduzi-la aqui, mais de meio século decorrido:

“Meu bom amigo. Antes do mais, quero contar-lhe a minha descoberta: o que nos liquidou foi a infelicidade de chegarmos ao Rio já vencidos, isto é, cansados, famintos e sem tostão no bolso, ou fora dele. Essa situação tirou-nos logo, na escadaria da estação em que desembarcamos, a faculdade de raciocinar; criou um verdadeiro caos em nosso espírito. Para pularmos fora dele, o que tínhamos a fazer era almoçar. Mas como? E com quê? Daí tudo o que nos aconteceu.

Felizmente, você passou raspando pela verdade, ao propor que nos separássemos. A princípio não gostei, está claro. Mas, depois de algum tempo, caí em mim e tratei de agir. Comecei por destacar as lentes dos meus óculos, que me são preciosas para a miopia, e empenhar a armação, que os fatos demonstraram ser igualmente preciosa para os Srs. David & Leitão, com casa de penhores à Rua da Alfândega. Na balança ensinada do “prego”, minhas cangalhas acusaram quase trezentos gramas de ouro, bom quilate. Recebi uma cautela no valor de 7\$500. Agora, porque sou mesmo catacego, ando de monóculo. Leio de monóculo. Quando desembarcar no Brás, o que será amanhã, mandarei fazer para as lentes uma armação de tartaruga, ou de qualquer outro quelônio prestativo.

Meu primeiro impulso foi correr ao Mercado Novo, entrar numa daquelas casas de petisqueiras e almoçar ou jantar, pois a hora era intermediária. Não fiz isso, porém. Dirigi-me a uma

loja e comprei camisa, ceroulas e meias, de ínfima qualidade, já se sabe, e um precioso tijolinho de sabão de coco, que me custou 100 réis. Sobreçando esse material, pisei na caixa de um engraxate, que me explorou cobrando um tostão pelo polimento das botinas. Mas, seja dito em seu abono, deixou-as espelhantes.

Você não avalia o que representa de psicológico um par de botinas bem engraxadas. Então, corri ao Hotel Transtagano (que pelo nome não se perca), o mais modesto de um beco que fica nas proximidades do porto. Por chorados oito tostões, tomei um quarto, ou para ser mais exato, tomei uma cama principesca, das seis que contei naquela espécie de enfermaria. Mas o que eu queria não era dormir, pelo menos no momento — era tomar banho. Paga adiantadamente a dormida, que ali nem o Sr. Dom Carlos de Portugal conseguiria um fiado, peguei nas compras, corri ao quintal, onde há um chuveiro talvez melhor que o do Catete, meti-me embaixo da Cachoeira de Paulo Afonso e me lavei demoradamente, com sabão, munheca e caco de telha. Fiquei mais leve, cerca de dois quilos. Em compensação, a água servida entupiu o ralo.

Levei mais de uma hora lá dentro. Quando saí, encontrei oito pessoas diante da porta, a resmungarem. Mas eu estava limpo, vestia roupa limpa e trazia um embrulho na mão: era a roupa suja, usada durante os dias de dolorosa vagabundagem. Subi ao quarto e, como lá não estivesse ninguém, meti o sinistro pacote debaixo do travesseiro da cama situada ao lado da minha. Qual seria a reação da vítima? Se você encontrar nos jornais a notícia de que um pobre homem morreu envenenado pela exalação da roupa escondida por mãos criminosas, sob o travesseiro esse será por certo o imprudente hóspede daquela cama. Não conte nada a ninguém, mas o presumível assassino foi este seu criado.

Depois desse prólogo eu, de corpo leve e alma resplandecente, entrei naquela casa de petisqueiras cujo interior nós

um dia lobrigamos, a espiar de fora, e mandei vir garoupa ao molho de tomate. E um caneco de vinho verde, daquele néctar que cheira a Portugal. Sim — pensava eu — já que esta refeição é a primeira e talvez a última que os fados me concedem, nesta terra para os outros deliciosa, desejo que ela seja a mais suculenta, a mais saborosa do mundo. E não quis pensar no futuro indicativo, nem no futuro imperfeito.

Pois, menino, deu-se o milagre! Estava eu a lambiscar a guelra, que mais parece escrínio, a chuchurrear a carinha delicada das ventrechas, a ingerir de olhos em alvo os goles do verdasco, e pensei cá comigo: esta garoupa ao molho de tomate seria capaz de atirar um papa nos quintos dos infernos pelo que de gula desencadeia nos felizes mortais! Então, uma coisa voou, voou, e veio cair no caneco de vinho. Pensei que fosse mosca e tratei de tirá-la, com muito jeito. Mas, deslumbrado, reparei que não se tratava de uma mosca — era uma ideia! E tão simples... As ideias geniais são assim mesmo. Afinal — pensei eu — por que não me dirigir à sucursal da Mútua Clarividência, onde todos os empregados são pelo menos meus conhecidos, meus colegas?

Depois do jantar, quase desprovido de níqueis, toquei para lá. Quando apareci, choveu abraços. Os rapazes, que tinham sabido do meu passeio ao Rio de Janeiro, já se sentiam magoados, estranhando que eu não lhes fizesse visita. Mas quando referi, com luxo de pormenores, a nossa aventura, foi uma alegria! Até os contínuos saíram de onde estavam e vieram, de olho consternado, ouvir a penosa narrativa. Para encurtar razões: fiz um vale de metade do meu ordenado deste mês e daqui a pouco embarcarei pelo noturno, para São Paulo. Antes disso, porém, tomei diversas providências: escrevi este relatório que você está lendo, meti dentro dele, à **sorrelfa** dos serviços postais, a nota de cinco mil-réis a que você está louco por dar conveniente destino, e deixei com o meu colega Fidélis

(guarde o nome, que você terá de procurá-lo) a incumbência de atendê-lo, o que ele fará com entusiasmo, pois é um camaradão. Fidélis tem em seu poder o “cumquibus” para uma passagem de primeira, a fim de transladar os seus ossos (que a carne você já perdeu) para o nosso cada vez mais querido Bairro do Brás. Além da passagem, ele lhe dará mais cinco mil-réis do mesmo naipe desses que você desentranhou da carta. São para o jantar no carro-restaurant e múltiplos cafezinhos durante a noite. **Sibarita!**

Então, até lá e, como ainda há pouco, não faça má ideia deste seu amigo — Otávio”.

Eu, ao dobrar o ofício para metê-lo no bolso, senti os olhos marejados; devia ser o primeiro sereno da tarde. Então, lembrei-me de que já eram cinco horas e os escritórios fechavam-se às seis. Entrei num botequim, comi sanduíches, bebi um copo de leite, comprei ambicionada carteira de cigarros Icaraí, que custava um tostão e, tendo trocado a nota de tantos mil-réis, tomei o bonde e segui para o Largo da Carioca. A rapaziada esperava-me. Depois de muita conversa, muitas risadas, Fidélis entregou-me a importância de que se fizera tesoureiro. Tomei o bonde que me inculcaram e apeei pertinho da Estação. Já parecia conhecedor das ruas do Rio de Janeiro... Inclusive a Avenida Central...

Depois de melhorar quanto pude a própria apresentação, para que a minha presença não alarmasse, no trem, os passageiros vizinhos, comprei um vespertino e fui aboletar-me na poltrona que me competia, no vagão de primeira classe. Também, já era tempo. Campanhas retiniram. Na poltrona ao lado estava encaixado um homem gordo e pacífico. Tinha um alfarrábio aberto diante dos olhos e parecia inteiramente absorvido. Era a “Imitação de Cristo”. Eu, no desejo de puxar conversa, perguntei-lhe:

— Já estamos na hora da partida?

O sujeito levantou a mão papudinha e mostrou-me o reló-

gio da plataforma, sem desviar a atenção do livro.

Diante desse salutar exemplo, abri o jornal e me pus a ler. Era “O Século”. Diretor, Brício Filho. Redação, Avenida Central. Tará, tará, tará. Tudo política, resultado da competição dos fogueteiros, telegramas do Exterior, o feijão a 180 réis o litro, a vida pela hora da morte...

O trem partiu. Pelas janelinhas, começaram a aparecer as ruas alumiadas a gás, as praças festivas, as fileiras intermináveis de casinhas baixas.

Em certo ponto da leitura, estremeci. Era notícia curta, com título de nenhum interesse. Dizia assim: “Ontem, à meia-noite, quando a cidade estava cheia de povo procedente de todos os bairros e subúrbios para assistir ao espetáculo dos fogos de artifício na enseada de Botafogo, rebentou, em frente ao Teatro Lucinda, um conflito entre a polícia e alguns vadios desses que ainda comprometem o bom nome da cidade. Depois do tiroteio, foi encontrado morto, junto à porta do velho teatro, certo capoeira conhecido no seu meio por Zezinho da Gamboa, o terror do Catumbi”.

Exclamei:

— Coitado do Zezinho da Gamboa!

O homem do alfarrábio interrompeu a leitura e perguntou-me:

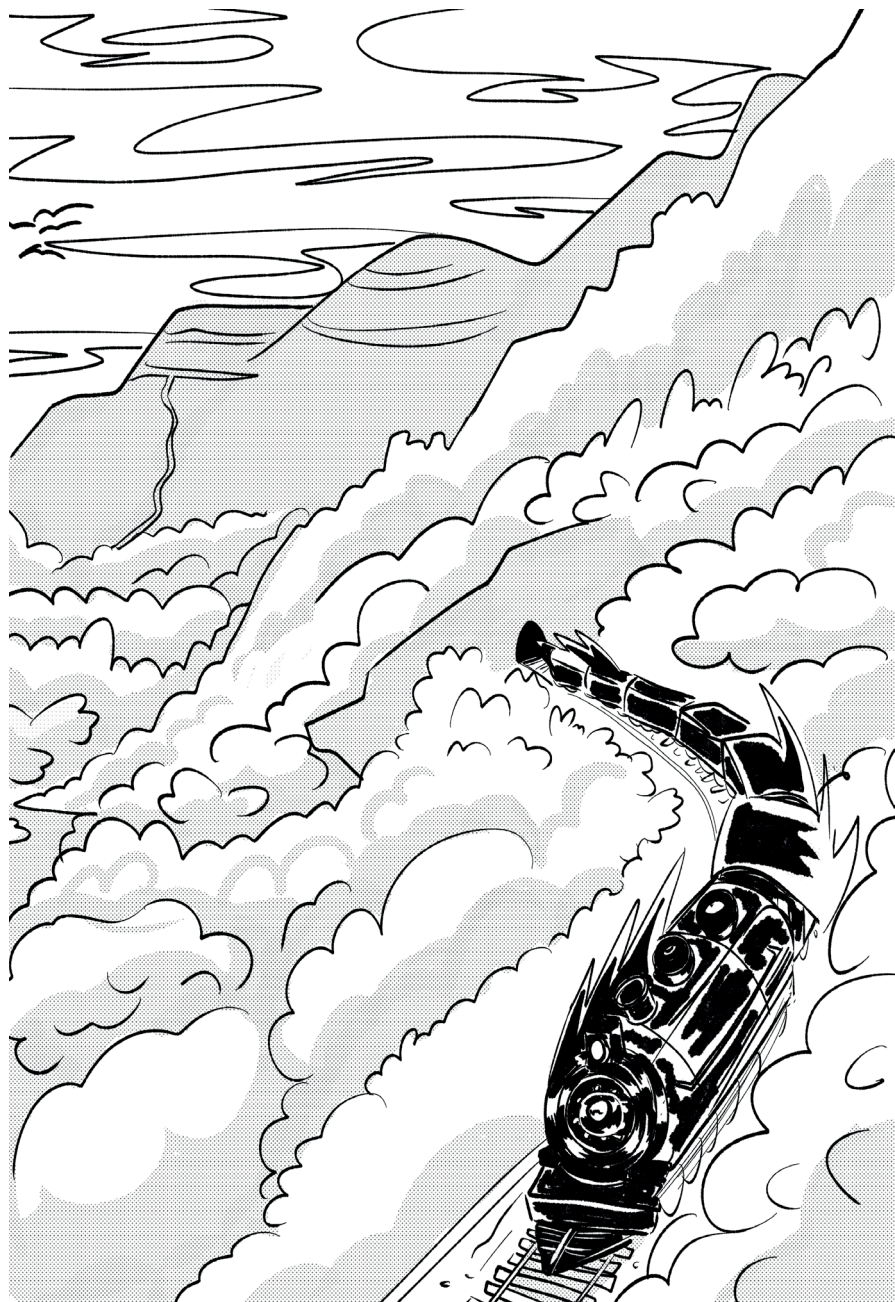
— Pois o senhor conhecia aquela bisca? Pensei, pensei bem o que ia dizer e respondi:

— Conheci, ou quase... Basta dizer-lhe que, no dia mais angustioso de minha vida, quando tudo me faltou, ele, sem perguntar quem eu era, chamou-me de irmão e matou a minha fome.

O homem gordo assustou-se, olhou-me de viés e mergulhou de novo no **alfarrábio**. Os demais passageiros do vagão preparavam-se para atravessar as catorze horas de viagem. Uns dobravam a mala e tiravam pequena almofada de cetim, para descansar a cabeça e cochilar um pouco. Ainda estavam amáveis, corteses; o mau humor, geralmente, começava

depois da Barra do Piraí. Então, na ânsia de acomodar-se o melhor que podia, alguns deles refestelavam-se na poltrona, atirando os pés sobre os vizinhos.

Pelas janelas, passava, incessantemente, uma torrente de fogo; eram as fagulhas de carvão de pedra, expelidas pela chaminé, em forma de pião. E a locomotiva, dando apitos curtos, investia pelos subúrbios que começavam a rarear, pela planície onde surgia uma luz aqui, outra a meio quilômetro de distância, pela noite apenas entrevista através dos riscos vermelhos das chispas, que fugiam para trás. E a locomotiva devorava o caminho: cheque-cheque, cheque-cheque, cheque-cheque...







### 3 – ROMANCE NA ITÁLIA

Num dos primeiros meses de 1913, ainda não sei como foi, arranjei dinheiro para comprar passagem de terceira e tocar para a Europa. Aconteceu que o vapor era o “Garibaldi” e o porto de destino era Gênova.

Levava, como da primeira vez, escassíssimos recursos. Mas a travessia não foi de todo má. Lembro-me de que o botequim de bordo tinha na porta um letreiro desconhecido para mim: “Cambusa”. O cambuseiro era chamado pelo nome ou apelido de Pacciccia. Velho gordo, brincalhão. Gozava de grande popularidade entre os passageiros da proa. Para dar ideia desse particular, posso contar que, alguns anos depois, viajando para São Paulo, numa segunda classe cheia de imigrantes, ouvi muitas histórias do Pacciccia. Ele ainda vivia: ainda era cambuseiro do “Garibaldi”...

A marcha desse navio, logo depois suprimido da linha da América do Sul, era lenta. Mas o aborrecimento natural da travessia não dava para matar ninguém. Estou a ver, com os olhos da lembrança, um velho de torna-viagem, repatriado pelo cônsul. Em outro lugar, eu o teria tomado por um caipira característico, daqueles a quem quero infinito bem.

O pobre estava no último grau da velhice, da doença e da miséria. Vi-o durante boa parte da travessia, encolhido num canto, agarrado ao bastão feito de um ramo de árvore. Com certeza, ele o cortara e alisara com a faca, na hora aflita da partida...

Não se comunicava com ninguém. Afirmava-se que assim procedia porque já havia esquecido a língua materna. Passageiros que vinham do Prata condoíam-se dele:

— Está vendo? O Brasil...

O velho erguia os olhos baços e resmungava:

— Eu gosto do Brasil, taí...

Depois da linha do Equador, começou-se a sentir a primavera europeia. O velho mudou de lugar, à procura de um pouco de sol. Mais tarde, vi-o esconder-se atrás dos cachimbos da ventilação, para fugir à friagem. Trazia a roupa do corpo, de um paninho riscado, muito ralo, entremostrando as carnes escuras, arroxeadas pelo frio. E os seus patrícios que regressavam do Prata treliam:

— Então, o teu Brasil... Hein?... E ele, teimoso:

— Eu gosto do Brasil, taí!

Em Gênova, dois marinheiros deram-lhe o braço e ajudaram-no a descer a escada, com as pernas trôpegas. Ah! Se eu fosse rico como aqueles passageiros de primeira classe, que eu via lá em cima, de sobretudo com gola de pele, “casquette”, cachecol, máquina fotográfica a tiracolo e binóculo na mão, promover-me-ia a neto daquele avô...

Entre todos os passageiros do “Garibaldi”, eu era aquele que, por muitos motivos, não deveria pensar na pobreza e desamparo de quem quer que fosse.

Debruçado na amurada do navio, esperando a minha vez de descer, acompanhei com os olhos o velho que naquele porto embarcara menino e, agora, voltava octogenário, sem ter realizado o seu modesto sonho. Não maldizia a terra que lhe fora ingrata. O Brasil, para muitos, é um grande amor; por mais que tudo nos seja negado, a gente passa a vida gostando dele, morrerá gostando dele. Taí!

Caminhou pelo cais, perdeu-se no meio de uns vagões de estrada de ferro e desapareceu, para sempre.

Desembarcando, com certa dificuldade por causa da insuficiência dos papéis, entrei no “Caffé Brasiliano” e pedi o correspondente àquilo a que chamamos de “média”, isto é, de café com leite e pão com manteiga. Cobraram-me tão caro que eu, se aqui ficasse, na “cidade cenográfica”, não poderia almoçar e jantar muitos dias a fio. Por isso, um companheiro de viagem deu-me um conselho sensato... Embarquei pelo primeiro trem para Milão.

Na janelinha que me ficava ao lado, fiz aquilo que mais me desagradava no Grupo Escolar do Brás: estudei uma lição de geografia. A Península Itálica é um museu geográfico. A Ligúria é montanhosa, pedregosa, difícil. A estrada de ferro era uma aventura de ferro e cimento. Só se viam pontes, túneis, cortes e aterros. Deveria ter custado um milhão, por dormente. Mas a região é linda. Linda, apenas? Entre uma cidade e outra, dezenas de vilas, de comunas. Contaram-me que há comunas constituídas por um prédio só, escondido nas dobras das montanhas. Mas é um cupim: conta mais famílias do que um hotel pobre, e é mais musical, mais alegre, do que uma caixinha de música.

Naqueles dias, a vegetação preparava-se para mudar de roupagem, como nos entreatos dos “ballets”. Já não se via a neve, mas ainda havia muitas vinhas escuras. Sucediavam-se os pequenos lagos, os moinhos de vento, as charnecas cobertas com véu de noivas. O ar era gostoso de respirar-se; cheirava a mel, a azeite, a figo seco. Talvez sugestão. As mulheres que viajavam no mesmo carro, que embarcavam ou desembarcavam, eram saudáveis, alegres, envergavam trajes bizarros. E tratavam todos os passageiros com espontânea cordialidade.

Horas depois, o trem começou a deslizar pelas planícies cinzentas da Lombardia. Uma torre branca e aguda apontou na distância, furando o céu. Era o Duomo de Milão. Logo depois, chegamos à cidade do arroz com queijo, do bife coberto de farinha de rosca. Pensei:

— Quando eu me tornar muito rico, atravessarei o mar

para comer “risoto”, “busecca” e “bisteca alla milanese”... Nesta viagem, contentar-me-ei com o “Duomo”, a biblioteca de Brera e a Crusca...

Milão, já naquele tempo, era um centro ferroviário. Dali partem trens para toda a Itália, para quase toda a Europa. O movimento desse “quartiere” é enorme. Nos fundos, está o bairro “della gomma”, ou seja, da borracha. Pirelli tem ali o seu mundo. Desembarquei na estação monumental, botei as mãos nos bolsos e saí, para conhecer a grande cidade da Lombardia. A saída não é magnífica, porque o viajante desemboca na praça fronteira com seus altos e escuros bastiões, que datam de um passado remoto; atrás dessas avenidas suspensas, sombreadas por grandes árvores que a primavera cobria de rebentos verdes, entrevê-se um grande jardim.

Na praça há vários hotéis. Um deles, o “Concórdia”, me transportou à Rua Maria Marcolina, ao semanário de Seu João, que era cor-de-rosa e publicava meus versos. Na fronteira de um muro, li esta frase: “Vietato affissare”. Tão fácil, tão compreensível. Logo depois, na parte baixa de um edifício, a mesma proibição. Entrei na Via Panfilo Castaldi, com a ideia de aproveitar as últimas liras e alugar um quarto para nele me instalar. Mas não encontrei nenhum cômodo para alugar. Em compensação, nas janelas dos segundos e terceiros andares, lobriguei muitos avisos que me pareceram idênticos aos que lera nos muros. E pensei com os botões:

— Que ideia estrambólica essa e proibir a colocação de cartazes lá em cima dos sobrados...

Felizmente, entrei numa barbearia e, lançando mão do incrível italiano que aprendera no Brás, perguntei ao fígaro de cabeleira e pente enroscado na gaforina, se na cidade não havia quartos para alugar. Ele boquiabriu-se:

— Mas a rua está cheia de quartos para alugar!

E, com a navalha aberta na mão, indicou-me no segundo

andar do prédio fronteiro, um daqueles cabulosos avisos. Só então reparei que em lugar de “Vietato affissare” estava escrito “D'affitarsi”, o que queria dizer: aluga-se... Ilusão de ótica de que muito padecem os turistas da minha laia...

Entrei no prédio nº 22 da Via Panfilo Castaldi e aluguei um quarto, pagando à vista, pois a minha bagagem não fazia fé. Era “una stanzetta” com janela para o “cortile”, ou seja, o pátio interno. Duas camas e móveis rudimentares. A senhoria era a Sra. Pattaccini, viúva de quase oitenta anos, que ali vivia. Ao lado, no compartimento contíguo, moravam a filha dela, o genro e os netos. Na porta de entrada li numa chapinha de metal: Tonon Fioravante. Tudo gente trabalhadora e amável. O genro era gravador e tinha entusiasmo por tudo: tanto dizia o divino Turatti, chefe do socialismo, como o divino General Canova, que espatifara os abissínios... A mulher dele, “signora” Teresina, era modelo das donas de casa; discutia com três dias de antecedência o prato que deveria cozinhar no domingo. Passava as manhãs tirando água com a bomba, para lavar a roupa da família; subia e descia muitas vezes a escada de pedra para ratinhar nos preços do “verziere” e do “fondighe”. Maria, a filha mais velha, trabalhava numa fábrica de perfumes, em Corso Loreto; Angiolina, três ou quatro anos mais jovem, ainda meninota, vendia numa “bottega” qualquer mercadoria que nunca cheguei a saber. Alugado o quarto, recebida a chave, escrevi no caderninho meu novo endereço e saí para conhecer Milão.

Encontrei uma cidade incrível. As ruas estavam riscadas de trilhos; havia muitas garagens e muitas cocheiras, mas não descobri nenhum veículo. Quase todas as grandes casas comerciais estavam fechadas. Os cursos, os viales e as ruas que vão dar no centro pareciam escuras de pedestres, mas não topei nenhum bonde ou automóvel, ou carro de praça. Cidade esquisita, aquela... Assim que achei jeito, perguntei a um rapazi-  
nho que sorria, estranhando as minhas botinas de camurça com

botões de madrepérola, elegância refinada do Brás, naquele ano.

— Cosa c'è? — perguntei eu.

— Sciopero generale! — respondeu ele.

Era a greve de que falavam os cartazes afixados nas paredes, o “Avanti!”, que tinha um diretor chamado Benito Mussolini e os oradores que vociferavam nas praças públicas...

Naquele tempo, como eu devia escrever mais tarde, Milão era para a Itália o que São Paulo era para o Brasil. E, já que fiz esta comparação, não resisto ao desejo de lembrar que entre as duas metrópoles havia uma certa semelhança, perceptível, mas não explicável. Não se trata da topografia, pois a cidade da Lombardia se ergue sobre uma extensa planície. Nem da gente que a povoa, pois o milanês dificilmente emigra e a sua percentagem é ínfima entre os que procuram as terras da América do Sul. O fato, porém, é que o viajante paulista, na praça Cordusio ou no “Viale de Pota Venezia”, sente-se muitas vezes tentado a procurar, no alto dos prédios, uma tabuleta em português, ou a descobrir, entre a gente que passa, uma cara familiar da Praça da Sé...

O milanês é homem de estatura meia, cabelo castanho, rosto fino, olhos claros, não sendo raros os que têm olhos verdes ou azuis. Abundam os nomes Tedesco ou Tedeschi, como a explicar a origem nórdica de uma parte desse povo. O milanês só emprega a língua italiana nas relações cerimoniais. Em casa, na rua, nas confeitarias, por toda a parte, fala a língua da terra, isto é, o “meneghin”, de uma formação que parece afastar-se do romano. Como se esse dialeto não bastasse, conta mais quatro, um em cada ponto cardeal da cidade. Um habitante de Porta Cicca afeta dificuldades ao entender-se com um habitante de Porta Marcona. E quando este se socorre da madre língua, o interlocutor chama-o energicamente à realidade:

— Ui ti, parli la língua che mangi!

Mas o “meneghin” é tão diferente do italiano quanto o es-

panhol do português. O romano “non c’è”, traduzido em milanês, dá “gheé nó”. Um “calzolaio” é um “bagut” e “cinque soldi” são “cin ghei”. O “non mi piace” romano quando chega a Milão é “mi piaz nô”. Uma casa de comestíveis é um “fond di ghei”, assim por diante. O povo lombardio é hospitaleiro. O turista, apesar de todas essas dificuldades, faz-se entender perfeitamente. E, nas coisas mais mezinhas, tem motivos para rejubilar-se da visita. Publicam-se jornais em dialeto, como por exemplo o “Guerin Meschin”. E há grandes poetas dialetais, que, há séculos, são lidos e declamados na província. Para nós, Milão está cheia de Carlos Gomes. Por sinal, a sua estreia naquela cidade foi com um trabalho em linguagem milanesa: “Si sa minga”...

O milanês é alegre e expansivo. Canta por “dá cá aquela palha”. Cantando, prefere as suas canções dialetais.

A maior parte do povo milanês trabalha nas fábricas. Vai e volta do serviço em suas bicicletas. Na entrada das residências e dos escritórios, além da chapeleira, há um lugar reservado a essas máquinas. Nos jardins e nas grandes avenidas, encontra-se frequentemente este aviso: “Riservato aí ciclisti”. Em certas horas da manhã e da tarde, a cidade fica escura de bicicletas. Homens e mulheres, velhos e crianças, pedalam convictamente.

As grandes usinas estão situadas nos arredores. Esses distritos são ligados ao centro pelos “corsi”, avenidas de irradiação. Uma dessas avenidas há anos trocou o nome que lhe fora dado pelo fascismo para o de Corso Matteotti; outra, para o de Corso Amendola; outra ainda, para o de Corso Filippo Turati. Essas artérias vão terminar (ou começar) nas proximidades dos “viali” que contornam os “bastioni”. Os bastiões são os mesmos que, há mil anos, cercavam e defendiam a terra dos Sforza. A cidade velha está enclausurada dentro dessa muralha de pedra, transformada, há cinquenta anos, em linda avenida circular, com árvores e canteiros, por onde os milaneses passeiam, os namorados trocam juras e, alta noite, os “tepiste” esganam

algum burguês intrometido...

Dois monumentos atraem a atenção dos forasteiros: o “Duomo”, que é uma das mais belas igrejas góticas da Europa, e o Palácio Sforza. Este, a cuja sombra o burgo primitivo se desenvolveu e se tornou cidade, está otimamente conservado. É um castelo medieval, com fossos e ameias, no coração de uma metrópole irritantemente moderna. Ao saber-se que o castelo “sforzesco” pertence ao boticário Carlo Erba, sente-se, por toda parte, um cheirinho de bicarbonato, mas isso não impede que se admire a sua grandeza, onde há tanta coisa de outros séculos, de outra civilização. E, para corrigir os maus efeitos do bicarbonato, não há como, voltando ao centro urbano, entrar no Cova ou no “Biffi”, viveiros de tenores e barítonos, e pedir um copo de vinho, daquele vinho inteligente e gostoso, no qual a uva só foi empregada para motivo ornamental, nos rótulos das garrafas.

No dia seguinte, fiquei conhecendo a vizinhança: meu companheiro de quarto, o hóspede da outra cama, tinha o nome de Folco, era natural de longínquo vilarejo emiliano e, como artista estucador, trabalhava nas obras permanentes de conservação do Duomo. O barbeiro que me indicara aquela casa chamava-se Argento e, nas horas vagas, saracoteava como corista de óperas, no Scala. Nossa vizinha era a “signora” Rosa Dell'Ovo, dizia-se filha ou neta de uma certa torre do golfo de Nápoles, onde há morcegos e lendas sinistras... No primeiro andar, habitava uma moça que, nas tardes de bom tempo, saía de carro com o “mantenuto”. Davam um verdadeiro espetáculo de mocidade e de dinheiro. Afirmava-se que o “amant-du-cœur” era exigente e morria de ciúmes quando a bela recebia a mesma visita mais de três vezes consecutivas. No fim da primeira semana, eu já estava a par de todas as intrigas do prédio.

Folco, quando havia dois ou três feriados próximos, reforçava-os com um pedido de licença e corria ao povoado da



Emília, onde moravam os parentes, com certeza a noiva. Sua vida era circumspecta. As velhas alcoviteiras do segundo andar olhavam-no com olhos meigos, na esperança de lhe inculcarem as protegidas. Mas ele não ia além do “*buon giorno*”, da “*buona sera*”. Falava-me com carinho da Alemanha, onde trabalhara na sua arte durante anos e não se esquecia daquelas “*fräuleins*” loiras que levavam existência livre de rapazes.

Tudo ia bem, mas os meus bolsos pareciam furados; o cobrinho ia desaparecendo de dia para dia. Quanto mais eu o espremia, mais ele se esgueirava pelo vão dos dedos... A Sra. Pattaccini, do seu jantar, me servia substancioso prato de minestra. No fim do primeiro mês, paguei pontualmente o quarto e o jantar. A seguir, enveredei pelo regime do crédito, tão condenado pelos mais abalizados economistas. Aconteceu, porém, que a Providência, sob o pseudônimo de Manuel Pompílio dos Santos, sabendo do meu endereço (que era a posta-restante) remeteu-me 100 preciosas liras, para que lhe comprasse uma dúzia de livros. Comecei por torrar o dinheiro do amigo, depois escrevi-lhe um cartão razoavelmente explicativo.

Quando me senti inteiramente sem recursos, sentei-me num banco do jardim. Mas o meu descanso, mesmo ali, era povoado de inquietações. Meti a mão até ao fundo do bolso e só encontrei vinte centésimos. Deixei de comprar o charuto toscano, que era minha preocupação. Tanto fazia acabar o vício naquele momento como dois dias depois. Fui a uma ‘edicola’, ali pertinho, e comprei a segunda edição do “*Corriere della Sera*”, corri à página da pequena publicidade e, como se tivesse lido antecipadamente o jornal, encontrei este anúncio: “Precisa-se de um correspondente em língua portuguesa... — Escrever para...” Saí correndo, rabisquei uma carta com o auxílio do menino Orlando, filho do meu senhorio, neto da Sra. Pattaccini e fiquei à espera do resultado. No dia seguinte, bumba, veio o chamado. Tratava-se de uma casa exportadora de

máquinas e peças para fábricas de tecidos, de Artur Koelike e Enéa Sacconaghi, instalada à Via della Moscova nº 15. Fui aceito e o Sr. Carnuovari, que era o gerente, me estabeleceu um salário de 90 libras mensais. Mas trabalhava das 8 da manhã às 6 da tarde. E o pior era que não havia o que fazer. Tinha de ficar sentado, o dia inteiro, diante da máquina. De três em três dias, o Sr. Sacconaghi me chamava ao escritório para perguntar-me:

— Como é que se diz “navetta” em português? Ou então:

— Minas Gerais é uma cidade ou uma Província?

E eu, como de costume, errava sempre. Mas com aquelas noventa libras, pagava as vinte do quarto, as trinta da minestra e ainda me sobravam alguns cobrinhos para fazer, na esquina de Via della Moscova, uns almoços de carne assada e batatas fritas, servidas num cartucho de papel. Nesse modesto estabelecimento, havia compridas mesas escuras, servidas por bancos de tábuas, rústicos. Os fregueses falavam, discutiam. Não sei como, um carregador, sabendo que eu era brasileiro, foi procurar-me para perguntar de que região. E a propósito, contou-me que passara a mocidade em Jaú, fazendo verdadeira preleção sobre a boa gente daquela cidade, principalmente sobre as mulheres que, disse, são “belleasciutte”, expressão que gravei como depoimento de um viajante que não escreveu livro, como tantos outros.

Em frente à firma, do outro lado da rua, estava a real fábrica de tabacos. Na janela fronteira à minha, trabalhava aquela atleta de olhos verdes que se chamava Olga. Um nome sem sobrenome. Durante o serviço — ela embrulhando charutos e eu embrulhando os patrões — trocávamos cumprimentos e sorrisos. Acabamos por nos encontrar na hora do almoço. Repartíamos evangelicamente o cartucho das batatas, o naco de carne assada. Notei que Olga tinha sempre a cabeça envolta num lenço de cor.

— É para o fumo não lhe sujar o cabelo?

— Não. É para o meu cabelo não sujar o fumo...

Na minha finança, deu-se forte desequilíbrio entre a receita e a despesa.

Olga tinha a paixão do “latte miele”, ou seja, a “pannera mondata”, ou se quiserem o “creme de Chantilly”. E gostava de dar à noite um longo passeio que terminava em certa igreja da Via Navaglio. Quem pensou que íamos rezar? Era um templo condenado havia muito e se transformara em casa de vinhos a retalho. Lá, bebia-se um espumante tão gostoso que até parecia falsificado por mãos de anjos.

Num dia de aperto, recorri aos vales. Na Itália, até 1913, segundo me disseram, os nossos vales, tão benquistos, ainda não eram conhecidos. Mas eu o ignorava. Com esta candura que Deus me deu, fiz um vale de cinco liras e pretendi descontá-lo na gerência. O pagador ficou perplexo e chamou o Sr. Carnuovari. O Sr. Carnuovari olhou-me curiosamente e correu a conversar em particular com o Sr. Koelike, um suíço de cabelos cor de fogo, feio como as necessidades. A casa movimentou-se. Por fim, o homenzinho mandou chamar-me e, assustado, perguntou-me o que era aquilo. Expliquei-lhe. Ele, ali mesmo, tomou o telefone e dirigiu-se ao advogado da empresa. Na mesma tarde houve reuniões, conversas a portas fechadas. No dia seguinte, o pagador em pessoa foi levar-me, lá em cima, na sala da correspondência, as 5 liras pedidas. Quando as datilógrafas e demais empregados da seção viram aquilo, correram a especular do que se tratava. Como especialista, proporcionei-lhes ligeiro curso sobre vales. E os colegas me admiraram. Dali por diante, todos eles, com crescente assiduidade, recorreram à minha pretendida invenção. Mas fiquei mal visto pelos diretores. Ciumeira. Não quiseram aceitar minha superioridade evidente em assuntos de crédito.

Então vi-me sem ordenado para receber, em consequência de vales. Por seu lado, a real cigarreira tinha encontrado

um estudante grego que se encantara com seus olhos verdes. Alegando frio, Olga fechara a janela. E eu deixei de vê-la para sempre. Certa noite, ao entrar no quarto, soube que Folco tinha embarcado para seu vilarejo distante. E, como estivesse com uma fomezinha muito humana, abri o guarda-roupa a fim de verificar se o estucador havia deixado algum comestível, como era de seu costume. É que eu, naquele tempo, tinha um estômago horivelmente bom. Fui feliz. Folco, com a pressa da partida, esquecera de aferrolhar um queijo de leite de cabra, alto, de bom diâmetro e com delicioso cheiro de bode. Não resisti à tentação e cortei uma fatia fininha, certo de que, ao voltar, o companheiro não daria pela minha pouca educação. No dia seguinte, ao sair para o trabalho, não resisti: cortei outra fatia, dessa vez mais grossa. Depois, perdi de todo a vergonha. Numa semana, devorei o queijo inteiro. E quando o Folco voltasse?...

Andava ressabiado, arisco. À noite, de volta de Via della Moscova, parava no “cortile” e perguntava ao menino Orlando, afetando saudade:

— E o admirável Folco?

— Está demorando... Voltará amanhã, ou depois...

Tranquilizado, subia a escada, entrava no quarto e me fechava por dentro. Depois de repousar um momento, deitado na cama, abria o guarda-roupa e fazia meticulosa investigação pelas gavetas internas, mas já não encontrava sinal de comestíveis. Queijo de leite de cabra só acontece uma vez na vida.

A escada de pedra era escura, gelada. Depois de adormecido o prédio, apresentava escasso movimento. Uma noite, voltando da rua, tive aquele encontro. Uma figura feminina estava encostada na abertura de um dos patamares, “veletta” pela cabeça loura, espiando lá embaixo o “cortile” deserto.

— Buona sera, signorina... Ela não respondeu.

— Está doente, “signorina”?

— Siga o seu caminho, não me aborreça.

Assim começou aquela história de “Zingarella” que, mais tarde, eu deveria contar num poema. Trabalhara na Telefônica, mas perdera o emprego na última greve.

Certa noite, diante do “uscio”, que era a entrada noturna do prédio, o menino Orlando me informou:

— Folco voltou. Mas veio zangado. Pegou na mala e foi-se embora, sem se despedir da “nonna”.

— Disse o motivo?

— Não.

Respirei aliviado. Naturalmente, meu companheiro de quarto dera por falta do queijo. Mas fora correto. Não contara à Sra. Attaccini o motivo da sua cólera. Bom rapaz, aquele Folco.

Minha situação estava desesperadora quando, numa visita à posta-restante, lá encontrei um cartão do professor Luís Américo que, em outros tempos, fora meu colega de carteira no Grupo Escolar do Brás. Comunicava-me: “O Pedro Scalini, da Rua Marcos Arruda, está aí em Milão, com os pais, a fim de fazer um curso de contraponto. Pelo mesmo correio, escrevi-lhe longa carta recomendando-o a você, pois, tenho certeza, ficarão muito amigos. Assim que receber este, procure-o no Hotel Concórdia. ”

Lida a curta mensagem, pulei no trapézio e dei um espetáculo de sonhos. Caminhando pela Piazza Cordusio, imaginei-me a subir a escadaria de mármore do Hotel Concórdia, que eu bem conhecia, desde a minha chegada. O porteiro, vestido à maneira dos generais de Haiti, inclinar-se-ia à minha entrada. Que deseja o senhor? Vim visitar o meu amigo Pedro Scalini, do Conservatório. O homenzinho me conduziria ao salão nobre onde, numa roda de comendadores de casaca e flor na lapela e moças em trajes de primavera, eu encontraria o patrício da Rua Marcos Arruda, sentado ao piano, executando as suas maravilhosas composições... Seria uma festa para ambos aquele primeiro encontro...

Quase fui atropelado por um carro de praça que virava em disparada uma travessa da Via Margherita. O cocheiro freou os cavalos, ajeitou a cartola e voltou-se para xingar-me. Mas xingou em “meneghin”, não compreendi, por isso não lhe dei o troco. Podia muito bem ser que o ouriga estivesse a felicitar-me, por ter escapado ileso de um desastre certo... Toquei para a estação, cheguei ao Hotel Concórdia; na portaria, perguntei pelo sr. Pedro Scalini. Agora não era mais o sonho, era a própria realidade. O porteiro estava em mangas de camisa, palitava os dentes e só depois de fitar-me 37 segundos, respondeu-me:

— Eccolo lì; quello giovane agli occhiali...

Entre a portaria e a escada, observei Pedro Scalini; estava parado, a olhar a noite de primavera, com receio de qualquer coisa. Era um tipo comum. De estatura meã, terno marrom, botinas polidas, colarinho duplo, lenço de cor no bolsinho de cima, gravata de laço feito, comprada na Galeria Bocconne, óculos com aros de ouro.

— Boa noite... Eu sou o amigo do Luís Américo...

— Ah, sim... Ele escreveu-me... Veio passear em Milão? Não esperou a resposta. Olhou de novo a noite esplêndida:

— Sabe? Vou buscar o guarda-chuva. Imagine se cai uma pancada de água e me apanha sem agasalho...

Levou dez minutos para subir, apanhar o guarda-chuva e a capa e descer novamente. Vi-o melhor, à luz das lâmpadas do hall. Cara bolachuda, boca e olhos sem expressão, providente, meticoloso. Enfim...

Saímos pela praça pouco iluminada, mas toda branquinha de luar.

— Aonde iremos? — perguntou ele.

— Por aí. A primavera na Itália, você sabe... Contou pelos dedos.

— É verdade, estamos na primavera. Nem tinha notado. Mas não acredite muito no tempo. Por que não compra aqui

um bom guarda-chuva? Custa vinte vezes menos do que no Brasil. Armação sólida, cobertura de seda e cabo de âmbar. Dura a vida inteira. Mas vou-lhe dar um conselho: não se fie nessa história de câmbio. Patacoada... uma lira custa 600 réis. Mas, na prática, uma lira vale muito mais. Aqui se almoça muito bem por duas liras, mas para o milanês ganhar essas duas liras... Papai me admira porque eu compreendo perfeitamente essas coisas...

A sua conversa era deprimente. Ouvindo-o eu sentia medo da situação em que me encontrava. Maquinalmente, apalpei no bolso do colete os trinta ou quarenta “ghei”, ou centésimos, que havia guardado com tanto carinho para comer no dia seguinte. Ele notou.

— Está procurando os cigarros?

— Estou. Você tem aí?

— Não. Não fumo.

— É uma virtude.

— Eu chego a não tolerar a vizinhança de pessoas que fedem a tabaco. Acho uma coisa horrorosa.

Então, lembrei-me de que todas as manhãs, quando tinha uns cobres, comprava um daqueles charutos toscanos de um palmo, mas que parecem ter muito mais. Cortava-o em quatro partes: a primeira para o café a segunda para o almoço, a terceira para o jantar e a quarta para a noite, quando me extraviava pelos bastiões, sob as árvores escuras...

— Estou com uma sede... — gemi.

— Eu também. Você tem algum dinheiro?

Entramos numa farmácia perto do Duomo e pedimos refrescos de tamarindo com orchata. Na hora de pagar, ele depositou no balcão a sua moeda de “vinghei” e olhou comprido para mim. Eu mexi no bolso, tirei parte da reserva fiduciária e coloquei-a ao lado da moeda que lá estava. Mas me assustei:

— E a gorjeta?

— Para que “la mancia”? Não pretendo voltar aqui, e se voltar eles não me reconhecerão...

Saiu rindo, contente com a esperteza. Na porta, fomos acovelados por duas mocinhas lindas que nos olharam e caminharam um pedaço em nossa frente. Perguntei-lhe, em dialeto:

— Non ti piaz qui bei tusan lì?... Ele alarmou-se:

— Eu? Você tem cada uma... Há o perigo da sífilis... E o que é pior, essas não são registradas. Podem estar a serviço de ladrões. Rebocam a gente para casa e os facínoras se encarregam de nos tomar tudo, de nos deixarem na rua, em ceroulas... Será preciso tomar um carro para chegar ao hotel... Prefiro a Via San Zeno. Às sextas-feiras, janto mais cedo e pelas nove horas, entro numa daquelas casas. As mulheres são visitadas duas vezes por semana pelos médicos, que põem o visto em suas cadernetas. E a gente passa alguns minutos ali, em segurança, porque, lá embaixo, na porta da rua há sempre algum elemento da “Pubblica Sicurezza” expressamente destacado para tal serviço.

— Pois eu prefiro o acaso, a Rua da Esperança! Mas Pedro Scalini tinha a obsessão dos assaltos.

— Isto aqui é muito perigoso. Ao virar uma rua, a gente pode ser assaltado, despojado de tudo, esfaqueado por algum “teppista”. Nas estações, nos cinemas e nos teatros, há sempre aquele aviso: “Attenzioni ai ladri”. E isso não impede que, todos os dias, os jornais estejam cheios de notícias arrepiantes.

Seguimos por um dos “viali”, talvez o de Porta Venezia. A poesia brincava na esquina, tão à vontade como se estivesse na Rua Marcos Arruda. A música expandia-se por toda parte, como o oxigênio do ar, da noite primaveril, um oxigênio que cantasse canções em dialeto, que tocasse bandolim, como os barbeiros da Rua Marcos Arruda. E nós seguíamos pela calçada larguíssima, passando por entre as mesas rodeadas de gente moça, onde os namorados trocavam segredos primaveris e riam doidamente...



Tirou o relógio de ouro:

— Puxa, dez horas... Vou para o hotel, que os velhos não conseguem pregar olho enquanto não entro... Já devem estar assustados com a minha demora...

Eu me sentia decepcionado com o patrício.

— Pelo que vejo — você não veio a Milão para estudar contraponto, mas para fazer economia.

A frase, que escondia uma censura, foi-lhe grata aos ouvidos:

— E sabe que seria um grande negócio? Morar na Rua Marcos Arruda e gastar na Via Madonnina! Quem assim pudesse viver, ficaria rico em três tempos!

Não respondi. Um minuto depois, para exhibir virtudes, contei-me:

— Todas as manhãs, papai me dá dez liras para as despesas extraordinárias do dia, pois tenho tudo pago no hotel. Agora, ao entrar, peço-lhe a bênção e mostro-lhe as cinco liras que economizei. Os outros hóspedes sabem do meu juízo e gabam a minha conduta!

— Todos os dias?

— Todos, menos a sexta-feira, que é o dia de Vênus.

Chegamos ao hotel. Estava com o patrício por aqui. Despedimo-nos à porta. E ele, já com o pé no primeiro degrau, voltou-se:

— Sou ou não sou um artista?... Estourei:

— Você será tudo o que quiser, mas não artista. Quem foi o engraçadinho que lhe espetou no crânio essa ideia do contraponto, do Conservatório? Dentro de pouco, hei de encontrá-lo, no Beco do Escarro, entre os agiotas mais piolhentos!...

Ele fugiu, escada acima.

Sobre esses fatos passaram-se trinta e cinco ou quarenta anos. Um dia, passeando com o professor Luís Américo, recordávamos coisas do nosso bairro, do Grupo Escolar. Na Praça

do Correio, ele estacou de repente e mostrou-me alguém, encostado à porta, no topo da escadaria:

— Veja...

Olhei para o local indicado. Tratava-se de um sexagenário de roupa surrada, sapatos cobertos de poeira, óculos na ponta do nariz e chapéu para trás, exibindo calvície oleosa.

— Quem é? — perguntei eu.

— É o Pedro Scalini. Passa as tardes ali, à espera dos enforcados. Dá dez cruzeiros para receber vinte, no dia do pagamento. E aí dos “barnabés” que procuram fugir-lhe às garras... Mas é um homem amargo... O que ele extorque aqui, desova na “boîte” deles, onde há uma certa Marion que faz dele gato sapato e, por qualquer coisa, só não o xinga de santo...

O coitado devia acabar assim. Aos vinte anos, não sabia quando começava a primavera; e usava guarda-chuva em Milão, quando as noites não eram noites, mas festas cósmicas, às quais compareciam, em traje de rigor, a lua e todas as estrelas.

Abril, maio, junho... ganhando noventa liras, recebidas antecipadamente nos vales, eu vivia em crescentes aberturas. A Itália, nessa estação, é invadida por uma onda de frutas, cada qual mais saborosa. E eu, com este horrível bom estômago que Deus me deu, sentia água na boca ao ver, por toda parte, as uvas brancas e pretas, toldadas de açúcar; as ameixas (nespole) que se dissolvem na língua, como um creme de ouro e mel; os pêssegos velutínios de manchas escarlates como rostos corados de aldeãs; as cerejas sanguíneas de pedúnculo torcido, aos montes nas carretas, com o cartão do preço espetado no tope. Os fruteiros esgoelavam-se nas ruelas, apinhadas de crianças. Esses e outros mimos de Pomona pareciam rolar pelo chão, de tão abundantes e baratos!

Atravessei o verão sem provar uma baga de uva. Ou aquelas ameixas de polpa sávida, aqueles pêssegos que cheiravam a beijo. Nem mesmo os que transbordavam nas alcofas e se

perdiam como escrínios partidos, no lixo das sarjetas. Por último, nem fumava. Não tinha nada de meu. Era só envergar o burel e bater à porta da Trappa. Então, comecei a dirigir apelos à minha mãe, embora conhecendo a situação aflitiva da família. Se alguma desculpa podia acomodar-me a consciência, era esta: a fome.

Postava cartas sem selo, esperando que a compassiva destinatária pagasse o dobro do porte. E organizava uma escrituração dessa correspondência. Duas semanas para chegar a Santos, uma semana para a resposta ir ter às minhas mãos. Por isso, dentro de um mês e dias, comecei a receber missivas tão singelas e comovidas que nenhum poeta seria capaz de compô-las melhor. Diziam tanta coisa, mas geralmente começavam assim: “Meu filho. Nós estamos gozando boa saúde e o mesmo suplico a Deus para você. Tenho rezado muito. Até hoje não pude mandar-lhe uma lembrança, mas...”

Entrei de aguardar as benditas lembranças e nem sempre essa espera foi em vão. Com os olhos azuis da imaginação, “via” minha mãe esforçar-se por socorrer-me; “via” a bondade humana, de cabelos brancos, economizar algum dinheiro naqueles dias de crise para a família. Sempre que podia, ela mandava meu irmão à cidade a cambiar uma nota de dez ou vinte liras que, dissimulada dentro do papel xadrez, me era remetida em carta simples. Acompanhava, ansioso, o seu trajeto. E como realizava esse milagre? Tão simples... Pelo sonho, que é o telégrafo preferido pelos santos e pelos tristes. Certa manhã, acordava contente:

— Mamãe vai mandar-me dinheiro!

E, durante as duas semanas que a carta levava para chegar, eu a seguia no percurso. Em sonho, escutava a queixa das marolas, lavando o costado do navio. Até que numa auspiciosa manhã:

— Já chegou à Europa: “vi” quando o envelope azul, entre milhares de outros, metido num saco de lona com as insígnias

nias postais e fechado com sinete de chumbo, foi transportado do porão do navio para a carreta do Correio, em Gênova...

Saindo do escritório à hora do almoço, dei um pulo à posta-restante e pedi ao funcionário que, de tanto atender-me, já me conhecia de longe:

— Amigo — disse-lhe eu — dê-me a carta quadrada, azul, que esta manhã me chegou do Brasil.

Ele achou graça na certeza com que eu falava. Foi ao vasto armário colado à parede e meteu a mão num dos escaninhos em que esse móvel se repartia, tirando um envelope anilado, diferente dos que me eram dirigidos. Voltou ao guichê, colocou-o diante de mim e gracejou:

— À meia-noite, você andou por aqui?...

Fui abri-la na rua. Dentro do papel, encontrei uma cédula pequena, retangular, avermelhada, com efígie em filigrana. Vinte liras! E tal dinheiro, tão trabalhoso para a remetente quão alvissareiro para o destinatário, menos me alegrava do que me entristecia!

Certa noite, vagabundeando pelo país da Oníria, cujos caminhos estão sempre abertos aos que vivem para dentro, vi partir do sítio, com o meu endereço, uma inesperada missiva. Mas essa já não era azul, era dourada. Quando despertei, senti-me contente! No escritório, chegaram a perguntar-me por que motivo olhava o teto e ria, como se no estuque estivessem escritas anedotas de Boccaccio... Na noite seguinte, a mensagem onírica tinha mudado de cor; tornara-se de um verde enjoativo... Gastou não sei quantos dias para fazer a travessia do Atlântico. Naturalmente, era transportada num cargueiro...

Afinal, chegou à “ferma in posta”. Minha mãe escrevia-me: “Vendi o anel de sua avó, última lembrança dela, e assim pude mandar-lhe cem liras. Desejo que este dinheiro possa, de algum modo, facilitar o seu regresso porque...” Mas onde estariam as cem liras a que ela se referia? Virei e revirei o papel xadrez-

do, espiei dentro da sobrecarta. Nada. Com certeza, eu estava entendendo mal. Vai ver que ela, à última hora, por tratar-se de importância maior, resolvera remetê-la num vale postal. E esperei.

Na semana seguinte, nova carta, dessa vez aflita:

“Acho que você não recebeu o que lhe mandei. Digo isto porque seu irmão, indo a Santos, adquiriu as cem liras, e, bobinho como é, foi perguntar no guichê da agência fronteira à estação se podia mandá-las dentro de carta comum. O empregado, ou quem o ateneu, só de maroto, respondeu-lhe que sim. Seu irmão, ali mesmo, pôs a nota dentro da carta, sobrescreitou o envelope e meteu-o na abertura da caixa-geral. Acredito que o zeloso funcionário, ou alguém por ele, tenha retirado a carta e depois de subtrair o dinheiro, como é do seu direito, ao que me disseram, recolocara na caixa o envelope.

Sabedora do que aconteceu e também porque às vezes adivinho, estou certa de que se extraviou ao partir de Santos a maior importância das que consegui remeter-lhe desde que você aí se encontra...”

Nos dias que se seguiram, as datilógrafas das mesas próximas, que se admiraram por me verem rir, sem motivo, os olhos pregados no estuque, alarmaram-se com a minha tristeza, consultaram-se em silêncio e sacudiram a cabeça:

— Lui gh'é mat...

Eu tinha os olhos foscos, um rictus de desânimo nos cantos da boca e passava horas debruçado sobre a “Underwood”, sem dizer palavra, sem dedilhar um soneto que fosse.

Certa manhã, aconteceu aquilo...

Eu me dirigia ao Correio, à procura da correspondência e, numa rua antes de Piazza Cordusio, ouvi alguém gritar meu nome. No passeio fronteiro, um senhor vestido de azul-marinho. Borsalino cinzento, capa dobrada no braço, cachecol e boné, para saudar-me erguera no ar o cachimbo. Perto dele,

arriada no chão, estava a mala de viagem, obesa e rica. Atravessei a rua e fui abraçá-lo:

— Benedito de Toledo!

Era um pintor piracicabano cuja biografia muitos e muitos anos depois esbocei no meu livro de contos “O Tesouro de Cananéia”, premiado pela Academia, edição da Livraria Anchieta. Desembarcara havia pouco e andava por ali à procura de quarto. Levei-o à Sra. Pattaccini. O pintor também era Judeu Errante. Para ele, viajar era viver; e viver sem dinheiro o seu esporte. Além disso, dizia-se vegetariano, com uma exceção digna de respeito: o frango com polenta de certa trattoria de Corso Loreto. Ostentava, com os maiores sacrifícios, predcados que me faltavam: guarda-roupa suntuoso, pose de príncipe, e aquele cachimbo que o tornava amigalhão, em qualquer parte. Era como a “rapière” de um espadachim. Toda gente abria alas à sua passagem!

Dois dias depois, Benedito de Toledo alugou um quarto, parece que em Via della Morgue, endereço sinistro que ele, quando trabalhava diante do cavalete, costumava alegrar com tangos aprendidos nos bairros de Buenos Aires. Não quisera participar do meu quarto, por achar demais modesta a cama deixada pelo Folco, o estucador do Duomo. No entanto, só para ver-me, dizia ele, conveio em comer todas as noites a minestra da Sra. Pattaccini. Por isso, frequentava o prédio. Impunha-se pela jovialidade, pela elegância. As moças dos três andares saíram à porta para vê-lo. Uma vez, estando eu no alto da “ringhiera”, em companhia da moçoila Angiolina, ele entrou pelo “cortile”. Olhou para cima, agitando o junco de que não se separava. E a meninota confidenciou-me:

— Como é belo! Parece um anjo!

Quando apertava a miséria, punha um quadro debaixo do braço e procurava as galerias de Arte. Durante dois dias, almoçávamos num restaurante de certo luxo e à noite íamos a

teatros e cinemas. Lembro-me do Cabaré Apolo, instalado num porão da Galeria Vittorio Emanuele. Do programa constava a cantora portuguesa Eva Pinto, com guitarra e fados. Aplaudimos tanto, fizemos tal barulho que foi ela, do palco, a pedir-nos:

— Rapazes! Estou convosco de todo o coração, mas deixai-me cantar!

Assim, duas pessoas de bom humor deram ao público e, certamente a ela própria, a impressão exagerada de sua grande popularidade. No dia seguinte, porém, já tendo comido, bebido e cantado o poente de Veneza, não pensamos mais nela nem nas alegrias do Apolo. Voltamos à Via Panfilo Cataldi, à saborosa minestra da Sra. Pattaccini.

Isso tudo aconteceu em poucos meses. Depois, assaltou-me aquele frenesi de regressar ao Brasil. Para tanto, fiz coisas do arco-da-velha. O pintor continuou frequentando o prédio, visitando os seus moradores. Na véspera da minha partida, ele me confidenciou seu drama:

— Deixei minha mãe doente e agora soube que está nas últimas. Se ela morrer, não resisto: fecho os olhos e dou o pulo...

Compreendi seu sofrimento mas, não levei muito a sério aquelas palavras. Abro agora um parêntese nesta narrativa, para contar o que aconteceu.

Logo depois que desembarquei em Santos, desencadeou-se a guerra. Assim mesmo, de quando em quando, recebia cartas do amigo que deixara em Milão. Numa delas, o falecimento da Sra. Pattaccini; ele, em companhia dos moradores do prédio, fora levá-la ao cemitério de Musocco. Mais tarde, o casamento de Angiolina, com um bravo companheiro de trabalho. O pintor servira de padrinho, no religioso. Eu sorria ao imaginá-lo, benquisto, admirado, naquele meio humilde e hospitaleiro.

Certa manhã, abri um jornal e como levei uma cacetada na cabeça. Limpei na manga as lentes dos óculos e, no meio de tantos telegramas da Europa conflagrada, reli este: “Milão,

23 (AH) — O pintor brasileiro Benedito de Toledo, num acesso de neurastenia...”

Era verdade. Suicidara-se o meu amigo, o meu companheiro de andanças pelo mundo!

Seus haveres tinham sido entregues ao Consulado, para serem remetidos à família, no Brasil. Lá estavam, com certeza, o terno azul, o chapéu Borsalino, o junco grosso e leve, o cachimbo vistoso que era a sua “rapière”! Fiquei a ver o cônsul de alma e corpo mirrados, que se instalara num “cortile” de Via Borgonovo e atendia com desconfiança os brasileiros pobres que lá apareciam. Fiquei a ver o homenzinho, muito amolado, ao receber das mãos da autoridade aqueles despojos de um artista...

Benedito de Toledo foi enterrado no cemitério de Musocco, imensa cidade de cruces, onde ele já contava conhecidos: a bondosa sra. Pattaccini e o gordo Dudu, goleiro do antigo São Paulo, que fora para Milão estudar canto e lá ficara para sempre.

E se aquele morto não fosse o meu amigo? E se, como às vezes acontece, se tratasse de outro pintor de igual nome? Em São Paulo, procurei seu irmão, negociante no Brás. Ele me disse:

— Quando mamãe ficou doente, em estado grave, o Benedito, que parecia tão despreocupado, mudou. No entanto, não houve força que o retivesse aqui. Não podia esquentar lugar. Embarcou para a Europa. E quando lá soube da morte de mamãe, o coitado perdeu a calma — acompanhou-a na última viagem.

Fecho aqui, comovido, o parêntese.

Linhas atrás fiz referência ao meu regresso da Itália, mas acho que essa aventura merece mais detalhado registro nesta autobiografia. Voltemos, pois, a alguns meses antes, a outubro de 1913. Foi assim:

Quando o Outono, que na Península tem galas de Primavera melancólica, começou a dourar as folhas dos plátanos, atapetando com elas o chão da grande avenida suspensa que



são os bastiões, resolvi voltar. Minha situação não era melhor do que antes, mas eu era um personagem dos meus próprios contos, poderia chamar-me “O menino das duas sombras”.

No escritório de Via della Moscova, passava horas de escuro aborrecimento, sem nada que fazer. A tradução do catálogo relativo a serras de fita, serras de pão e serras circulares, estava terminada. Na açafate, cheio de cartas de fregueses do Brasil imediatamente respondidas, havia papel, envelopes e selos. A “Underwood” era ótima. Então, escrevi um poema dirigido a amigos e conhecidos de Santos, solicitando uns cobres para passar o Natal. Era uma circular. Ou melhor, uma “facada” circular. Como documento, aí vai ela, com a forma bem portuguesa e com as ingênuas preocupações literárias daquele tempo. “A Notícia” publicou-a. Nada mais tenho do que reproduzi-la aqui:

*PASTORAL DE INVERNO*  
*(Aos Arciprestes do Verbo Alado)*

*Vós que viveis ao sol ardente do Equador,  
que é sangue para a Vida e vinho o Amor  
e como o Santo Deus tira mundos do Nada  
e põe no vosso olhar, na voz abrasilada,  
de vermes o sonhar em pétalas e rosas,  
preguiças ancestrais, volúpias deliciosas,  
grande saudar!*

*Eu ando por aqui, como o Judeu Errante,  
neste peregrinar de zíngaro, incessante,  
levando de remorso a triste alma repleta  
por — em vez de banqueiro — haver nascido Poeta.  
E hoje, para meu mal, não sei porque, me lembro  
que em passando este mês entramos em dezembro  
e no Natal.  
Natal! E com saudade este programa eu armo;*

*a missa na Matriz, o presépio no Carmo.  
Ir à Missa do Galo e ver a que é só Minha  
e, em vendo-a, murmurar uma Salve Rainha!*

*No entanto, aqui na Itália, a neve cai, o vento  
repete sem cessar o seu velho lamento  
e afasta para longe em assobios finos  
o grave badalar monótono dos Sinos!  
Começo uma canção... E meus lábios trementes  
não conseguem reter este bater de dentes.  
Nem teórba, nem pléctro...*

*Ó vós, tende piedade  
de alguém que quer cantar o poema da Saudade  
neste Natal de exílio, ao fumegar das piras!  
Mandai-me um alaúde, uma teórba, um pléctro...  
Ou, para afugentar melhor o meu espectro,  
mandai-me, por favor, um punhado de “liras...”*

*Antecipadamente, agradeço a bondade  
e daqui vos auguro esta feliz lembrança:  
que o Ano Velho seja — o Beco da Saudade  
e o Ano Novo seja — a Rua da Esperança...*

*Milão, novembro de 1913.*

Esta modesta cavação — era assim que se chamava em 1913 — num tempo em que a Europa estava cheia de rapazes da famosa “Embaixada do Ouro”, não produziu o que eu esperava. Poucos atinaram com o que eu pedia. Os demais acharam os versos muito engraçados, principalmente aquela referência à Rua da Esperança que, na época, era uma verruga no nariz de São Paulo... Tudo muito interessante mas, de prata mesmo, níquel!

Apesar disso, de um dia para outro, apareci no escritório de chapéu novo, sobretudo apresentável, gravata incrível. Cheguei a tirar o retrato no “atelier” Casarico, nome que me pareceu auspicioso. Almoçava, jantava. À noite, tocava para Via Naviglio, entrava na igreja condenada que se transformara em cantina e mandava vir copázios daquele famoso vinho, pagando-os na ficha, como exigia o aviso em letras graúdas, pregado sobre o antigo altar: “Si paga alla consegna...”

Eu, que sempre tive um fraco pelo pitoresco, naquele meio sentia-me viver no tempo de Catarina de Médicis. Às vezes, olhava em redor e procurava entre os bebedores um certo François Villon, poeta capaz de aventuras dessa e de outras marcas.

Ao terminar o outono, o céu perdeu o belo azul que é a mais legítima glória da Península, os dias tornaram-se **enfarruscados** e começou a fazer um frio dos diabos. E eu com aquela melancolia, com aquele desejo de voltar..

Uma tarde, à volta do serviço, encontrei a Sra. Pattaccini com cara de novidade. Tinha recebido uma carta de certo lugarejo chamado Barca, no Vêneto. Disse-me a rir que essa era a terra do Romeu, da Julieta. Seu sobrinho, com a mulher e o filho pequeno, estavam de partida para Milão; ele trabalharia na Pirelli, ali perto, a mulher costuraria para as Galerias Bocconi e o filho se matricularia numa das escolas primárias do bairro. Depois, com certa hesitação, ajuntou:

— Eles vêm a propósito, pois as coisas estão bicudas para nós! Quarto e refeições para três, imagine! Se o senhor quisesse...

Fiquei frio.

— Quisesse o quê?

Ela arriscou:

— Ceder o quarto para eles... Nossa família reunida! Opus as minhas resistências:

— Veja que estamos ainda no dia...10. Não tenho dinheiro para pagar a senhora nem para dar adiantado em outra casa. O

inverno está aí...

Mas a senhoria tinha pensado em tudo:

— Por isso não; já falei com a Rosana, irmã do defunto meu marido. Ela é tão boa!

Eu conhecia nonna Rosana. Ela e o Leandro viviam sozinhos e não queriam receber inquilinos que lhes perturbassem o sossego.

Depois da minestra, fiz um embrulho dos cacarecos e toquei para Via Napo Torriani, nas proximidades da estrada de ferro. Casarão pobre, exibindo roupas de trabalho estendidas nas janelas. E latas de conserva com as últimas plantinhas, pois o inverno estava chegando.

O casal habitava um apartamento dos fundos no segundo andar. Subi pela escada exterior, de pedra. Apenas uma porta no patamar. Penetrei na sala exígua. Ao centro, a mesa das refeições. Do lado esquerdo, a janela de guilhotina aberta sobre o pátio ferroviário, coberto do resíduo das fornalhas. Os trilhos riscavam de linhas paralelas o quadro negro e deserto, onde não aparecia quase ninguém. Mas, dia e noite, as locomotivas de manobras movimentavam-se, transportando vagões de carga de uma linha para outra, com gritos curtos e esguichos de fumaça branca; ou então permaneciam paradas, a receber água diante das caixas suspensas, e carvão de pedra nos galpões de zinco escurecidos pelo minério.

Do lado direito da mesa, um estrado feito cama, com auspiciosos cobertores. Entre essa cama e a mesa, a passagem estreita. Do lado esquerdo, entre a mesa e a janela, sempre de vidraça erguida, a passagem parecia mais larga. As poucas cadeiras, de um lado e de outro, só mostravam o encosto, para não atravancarem o caminho.

A dependência onde morava o casal mantinha a porta sempre aberta, mas vedada por cortina de pano escuro. De manhã, eu só tinha tempo de correr ao pátio, manejar o zoncho da bom-

ba e lavar o rosto, segundo o tradicional preceito dos gatos. Às 7 e um quarto, despencava pela escada de pedra, para chegar às oito ao escritório, na parte velha da cidade. Ao meio-dia, procurava a “rosticeria” mais próxima e improvisava um lanche, muito aquém do apetite. E só à noitinha regressava à Via Napo Torriani. Pendurava o chapéu no cabide e ia à bomba, para refrescar o rosto fatigado, tirando-lhe o suor e a poeira.

Sempre que dispunha de meia lira, dava um pulo ao balneário popular de porta Garibaldi, e afundava numa banheira de água morna, tão profunda e clara que daria para lavar uma consciência. Pedia o toalhão felpudo, a toalhinha de rosto e o minúsculo cálice de “Strega”, a fim de prevenir resfriados à saída do estabelecimento... Depois, liberalmente deixava na mão do banhista, como “mancia”, ou propina, os dez “ghei” do troco. Tais banhos, pela assiduidade, não dariam para adelgaçar a minha pele...

No primeiro ou no segundo sábado da nova pensão, entre a minestra e o mergulho no vale dos lençóis, “nonna” Rosana preveniu-me:

— Não se assuste se amanhã, de madrugada, eu atravessar esta sala, esbarrando nas cadeiras; é que todos os domingos vou à missa das cinco.

— Tão cedo? Não é um sacrifício?

— Claro que é, mas não vou lá para ver nem para ser vista. Nessa hora só rezam no templo umas vinte ou trinta velhas como eu. E quanto ao sacrifício, tanto melhor, ofereço-o a Deus como a mais bonita de minhas orações.

Fiquei a olhá-la. Sua religiosidade impunha-se por sincera, humilde, quase alegre. Nonna Rosana era dessas criaturas chãs em cujo semblante a fé transparece como claridade interior. E irradia. É aquele glorial de prata que os santeiros colocam ao redor da cabeça das imagens. Desprendida dos escassos haveres, estava sempre pronta a servir, com risonha

espontaneidade, sem dar mostras de que o fazia.

Eu a admirava: chamava-se de “nonna” como as crianças do prédio. E ela se sentia contente. Todas as noites, sentando-me à mesa para comer a minestra que havia contratado para encher o bucho, deparava ao lado do “tondo”, ou prato fundo, talhada de polenta ou febra de vaca, fígado guisado ou mancheia daquelas passas que as velhas preparam pendurando cachos de uvas ao longo do corredor como enfeites caseiros.

Aos domingos, dia em que a população dorme até tarde, ela se levantava ainda com a noite e as últimas estrelinhas, piscando no céu, e ia a caminho da igreja. De “veletta” pela cabeça e xale pelos ombros, cautelosa para não despertar-me, atravessava a sala. Quando passava diante de mim, eu a via contra a vidraça, como num vitral.

Nesses domingos, à noite, “nonna” Rosana recebia visitas: a Maria e a Angiolina Tonon, a Irma Cozzi, a Maria Campi e o ferroviário do terceiro andar, que morria de paixão por esta última. Não raro, lá aparecia o pintor Benedito de Toledo que, não podia ser de outra maneira, era o príncipe da roda e sabia contar mentiras como ninguém...

Nessas reuniões, o Leandro, marido de “nonna” Rosana, ficava à cabeceira da mesa, com a camisa de flanela axadrezada aberta no peito e o colete de veludo. Era gordo, verme-lhusco, de queixo rapado, e não largava o cachimbo de tubo comprido, nem mesmo para escancarar a boca escutando as patacoadas do Benedito.

Leandro, então aposentado e com uma carga razoável de jneiros, devia ter sido levado da breca. Contava-se que ele ainda gostava das boas companhias, nas cantinas do bairro. Muitas vezes perdia a direção e entrava ao amanhecer, tropeçando nas cadeiras. Nunca fiz perguntas ociosas, mas “nonna” Rosana, ao dar-me o café da manhã, apontava para o quarto e piscava:

— Lui gh'e sciapato la gaína...

Isso, em bom “meneghin”, queria dizer que o marido havia entrado tarde, um tanto alegre.

Nos domingos em que havia visitas, ele trazia o garrafão de vinho para beber em casa. Enchia nossos copos. E gostava de entornar vinho na mesa, porque isso traz felicidade. Vi-o de mangas arregaçadas, mostrando o pelo esbranquiçado dos braços, de camisa aberta, exibindo a corrente de ouro, fininha, com a mascote. Do meio para o fim, procurando deslumbrar o pintor de Piracicaba, resolvia repetir-lhe todas as canções que outrora cantara na caserna:

*Ed il caporale,  
Un certo Casimiro de Milano...*

Ali pelas onze horas, as visitas saíam, eu me preparava para dormir e “nonna” Rosana, à força de persuasão, conduzia para o quarto o marido **recalcitrante**.

Certa madrugada de dezembro, despertei a tremer de frio. Não havia coberta que bastasse. A julgar pelo aspecto inusitado da vidraça, passava-se qualquer coisa de novo lá fora. Levantei-me e fui espiar. Tive de pegar num guardanapo esquecido sobre a mesa e limpar com ele os vidros embaciados. O céu estava muito claro. Quase azul apesar da hora matinal. O pátio de manobras que eu sabia coberto de resíduo das fornalhas, como imenso quadro negro deitado no chão, apresentava-se branco, mas branco mesmo, como se durante a noite tivesse chovido açúcar em pó. À primeira claridade do dia, ostentava tonalidades aniladas, como se algures ardessem lâmpadas de cor. Era a neve. Assim, eu ainda não conhecia, embora, seis anos antes, tivesse passado meses de inverno no extremo Sul da Europa.

Horas depois, em caminho do escritório, senti-me contente. Observei que, depois da nevada, o frio amaina. E estava

a pensar nessa descoberta quando — zás! — escorreguei no chão vidrado e me estirei a fio comprido, na calçada. Nenhuma contusão, felizmente. E limpando a neve que se apegava à roupa, pus reparo no inesperado número de ambulâncias que iam e vinham pela cidade, com suas sirenes, socorrendo os acidentados do primeiro dia de inverno, que são numerosos, alguns com bilhete para o outro Mundo. Nessa noite, regresssei maravilhado, admirando a cidade caiada de branco, as árvores vestidas de noivas, as estátuas deformadas. Depois do jantar, “nonna” Rosana veio lá de dentro com uma vasilha de ferro fundido, chata, mostrando leve luminosidade interior, e colocou-a embaixo da mesa, para não impedir a passagem, no caso pouco provável de eu me levantar de noite, com aquele frio.

— Que é isso, “nonna”?

— O fogareiro de turfa.

— Não quero essa estrumela no meu quarto! Morrerei envenenado pelo gás carbônico!

Ela ficou pasma e chamou o marido. Este surgiu na porta enfiando uma carapuça de lã, os suspensórios descidos. Ao saber da novidade, riu com gosto:

— Fesserie... Há milhares de anos que o povo, no inverno, acende o calorífero! Menos os labregos que dormem no borralho do fogão, ou conduzem para dentro de casa a vaca de leite e o burro da carroça, a fim de esquentarem o ar...

— Está bem — retruquei eu — mas como procedem, então, aqueles que desejam suicidar-se?

Ele puxou para trás a carapuça, a fim de agasalhar as orelhas geladas.

— Bem, aí é diferente; acendem o fogareiro de turfa, fecham a porta e a janela e deitam-se, exatamente como você, mas desejam morrer e por isso morrem. Você deseja morrer? Não. Nesse caso, não corre perigo!

Os dois, rindo dos pavores do cubatense, retiraram-se para



seu quarto. Mas eu, por via das dúvidas, não consegui pregar olho. Horas depois, resolvi levantar a vidraça, mas o frio que andava lá por fora era tal que tive de abaixá-la de novo. Voltei depressa para a cama. Sempre que ia mergulhando no sono, sentia dedos finos e compridos a me apertarem os gorgomilos... Acordava em sobressalto.

O dia seguinte pareceu-me terrível. A cair de sono, fui obrigado a passar horas inteiras ocioso, imóvel, diante da máquina de escrever. As pálpebras tinham-se tornado de chumbo. Por duas ou três vezes, a “signorina” San Luigi veio lá do fundo da sala e, por pura camaradagem, bateu-me discretamente no ombro, segredando-me:

— Cuidado com o sr. Carnuovari... Quando passar a noite bebendo em Via Naviglio, vá de manhã à gerência e peça licença para ficar em casa... O sr. Carnuovari também já foi moço, embora não pareça, e é homem compreensivo...

Dias depois, comecei a sentir dificuldade em caminhar. Os calcanhares, ou melhor, os tendões de Aquiles, tinha-se aberto em feridas. As meias grudavam na carne. Depois das meias, os contrafortes do calçado. Todas as noites, para sacar as botinas, e todas as manhãs, para enfiá-las, levava meia hora, a gemer e a praguejar. Os primeiros passos eram um martírio, de que em Cubatão ninguém suspeitava. A boa Rosana, sentada à mesa, saboreando a tigela de leite, com um tiquinho de café e um naco de broa, condoía-se:

— Son i geloni!

Eram aquelas mortificantes frieiras de que ouvira falar em Lisboa, seis anos antes. As frieiras são um mal de inverno, como as cabeças-de-prego o são da primavera. Encontrei pelas ruas transeuntes bem mais infelizes do que eu. Uns, com os pés embrulhados em trapos; outros, viçosos e galhardos, a apoiarem-se em bastões tal como se fossem velhos. Colegas de escritório não podiam escrever à máquina, com os dedos embrulhados

em algodão. E todos sabiam do que se tratava. O cubatense, no entanto, ignorava essas coisas.

“Nonna” Rosana, lutando com as dificuldades daquele segundo andar menos que pobre, onde a água era elevada com a bomba e o gás medido com a moeda — metia-se um “cavourino” na greta do relógio e o fogão funcionava o tempo suficiente para cozinhar a minestra — arranjava jeito de preparar-me todas as noites, à volta do serviço, um escalda-pés com sais cujo nome não me ocorre no momento. Haverá no mundo coisa mais deliciosa do que, no inverno, mergulhar os pés gelados e doentes num balde pelo meio de água tépida? Bendizia “nonna” Rosana. Naqueles momentos eu a via espalhando bondade à volta de si. Era como as lamparinas dos oratórios que espargem claridade e, embora minúsculas, alumiam a alcova em que sofre um ser humano. E o mais curioso é que a boa mulher não incluía tais trabalhos e despesas nas minhas modestíssimas contas semanais, cujo pagamento eu, de motu-próprio, ia adiando para o mês seguinte.

Permaneci, se bem me lembro, até março de 1914, na casa de Via Napo Torriani. Ao primeiro sopro de primavera, atirando azinhavre sobre os salgueiros dos bastiões, resolvi embarcar de qualquer maneira para o Brasil. Essa resolução não se baseava em coisa alguma. Era do naipe daqueles pensamentos que se entrassem na cabeça de um burro, o burro voava... Para evitar despesas, tive a ideia de pedir hospedagem no atelier do pintor Benedito de Toledo, pois o seu quarto de Via della Morgue poderia comportar mais uma cama, ou colchão, ou monte de roupa velha... Fosse o que fosse! Mas, para realizar a longa viagem, eu não podia dispor do minguado cobre do salário. Portanto, começaria por não pagar as quarenta liras que, naquele momento, devia a “nonna” Rosana. Tive dias e noites de luta entre o dever e o desejo de voltar à minha terra. Depois de verdadeiros arranca-rabos com a consciência, coitadinha,

resolvi que, à noite, deixaria sobre a mesa, uma carta. Nesse papel, jurava que, em chegando ao Brasil, lhe remeteria, por intermédio do banco, dinheiro bastante para saldar meu débito. Ela talvez acreditasse, porque não era deste mundo. Mas o Leandro, **querençoso** e brigão, bateria com os punhos na mesa e gritaria para quem quisesse ouvir:

— Vigliacco!

Tudo resolvido, esperei um domingo para pregar-lhe o feís-simo calote. De madrugada, quando “nonna” Rosana passasse para a missa, eu pegaria na mala que estava embaixo da cama e... Nesse ponto, o coração como se enchia de fel. E a **amarugem** me subia à garganta, aos olhos. Mas necessidade é necessidade.

Custou a chegar o domingo. Acordei de madrugada, quando o relógio da igreja próxima batia três quartos. Devia, pois, estar próximo das cinco horas. A vidraça fronteira à minha cama começou a cambiar de cor, do azulado para o róseo. O calorífero, em virtude das noites serem mais quentes, já havia sido retirado debaixo da mesa. E o quarto já não cheirava a suicídio. Então, de olho e coração alertas, esperei que a velha fosse à missa. Ao soarem as cinco horas, confirmadas por apitos de fábricas e rodar de carros leves no áspero calçamento da rua, a cortina da alcova moveu-se; ouvi o som metálico das argolinhas correrem sobre a travessa de ferro. Ela, pisando de manso, o fichu a cobrir-lhe a cabeça branca e o rosto, o xale preto a abrigar-lhe o busto transido de frio, deslizou por entre a mesa e a janela, na direção da porta. Quando passou diante da vidraça cor-de-rosa, vi sua silhueta triste; era como a de Santa Ana, no vitral de uma igreja.

A porta descerrou-se e ela saiu. Então, com um espinho a revolver-me a consciência, sentei-me na cama e esperei o tempo necessário para ela descer a escada, entrar no corredor lateral e desembocar na rua, donde seguiria para o templo. Dez minutos depois, bruscamente, a fim de fazer face ao frio, atirei as pernas para fora da cama. Num instante, eu me vesti-

ria, pegaria na mala, colocaria sobre a mesa, em lugar visível, o bilhete que trouxera escrito na “Underwood” e, com um vago adeus àquela casa hospitaleira, despencaria escada abaixo, caminho de Via della Morgue, de onde...

Mas, estava eu a calçar as botinas quando uma chave lá fora raspou a fechadura. Deitei-me, cobri-me. A porta descerrou-se, “nonna” Rosana entrou, tornou-se bem visível ao passar diante da vidraça e sumiu na cortina da alcova, com um novo correr de argolinhas sobre vara metálica. Naturalmente, por qualquer motivo, desistira de assistir à missa aquele domingo. Virei-me para o canto e dormi até tarde. Quando levantei, a tigela de leite esfriava sobre a mesa, tendo ao lado incrível fatia de bolo, recheada de frutas secas. Fui à bomba, lavei o rosto e, sem a preocupação de correr para o trabalho, levei bem meia hora a degustar o primeiro almoço. Durante esse tempo, “nonna” Rosana ia e vinha, industriosa, varrendo os cantos, arrumando os modestos móveis.

— Por que voltou tão cedo da igreja? — perguntei-lhe.

— Eu?

— Sim. Vi quando saiu e, logo depois, quando voltou...

— Não pode ser... — respondeu ela com acento de absoluta sinceridade. Esta manhã não pude ir à missa, como é do meu costume, porque o velho ontem esteve em boa companhia, na cantina ali debaixo, e voltou que parecia envenenado. Passou a noite mal. Ele não cria mesmo juízo...

Fiquei pasmo.

— Então a senhora não passou por aqui esta madrugada, às cinco horas, e não voltou logo, uns dez minutos depois de ter saído?...

Ela apoiou-se no cabo da vassoura.

— Não, senhor. Eu e Leandro passamos quase em claro esta noite, mas não saímos do quarto uma só vez. Com certeza foi a mulher do Papão...

E riu, com gosto.

Desisti de fugir daquela casa, como havia planejado. Felizmente, não foi preciso fazer uma madrugada, levando comigo a mala, sem pagar as poucas e preciosas liras que devia a “nonna” Rosana.

Na semana seguinte, sem poder arredar-me da cadeira do es critório, ocorreu-me uma ideia: escrever à “Société Brésilienne de Bienfaisance”, com sede em Paris, Rue d'Auteville nº 28, solicitando passagem de volta para Santos. E se bem pensei melhor fiz. Mas, na hora de assinar o pedido, lembrei-me de que, seis anos antes, estando em Paris a “la belle étoile”, fui repatriado pela benemérita instituição. O cônsul Augusto Mesquita provavelmente seria consultado, encontraria meu nome no fichário e, embora homem encantador, despacharia à margem da carta: “Já passou por aqui, é vagabundo e da pior espécie”.

Meditei vinte minutos e acabei botando o **jamegão** no lugar competente. Se assim não fizesse, como receber a resposta? Na firma, ninguém me entregaria correspondência chegada sob pseudônimo. Na posta-restante, muito menos, pois devia apresentar documentos e, além disso, os funcionários da “ferma in posta”, atendendo-me diariamente, estavam fartos de conhecer-me. Por isso, devidamente assinada, a solicitação lá foi. Na semana seguinte — gente admirável aquela da “Société”! — encontrei no Correio a resposta. O secretário informava-me, cortesmente, que a nobre instituição só atendia a brasileiros que se encontravam em dificuldades na França. E eu pensei cá comigo: pois é fácil entender-nos — vou para a pátria de minha avó.

Dias depois, recebi o salário. Descontados os vales, contei no envelope do pagamento umas cinquenta e tantas liras, importância extra para pagar “nonna” Rosana e a “lattaia”, aquela moça roliça de maçãs escarlates que me fiava clandestinamente a tigela de leite, sob condição de pagá-la todas as semanas pois, do contrário, a patroa lhe chuparia os olhos. A expressão

rubelaisiana era da gíria milanesa. Só vendo o ar garganuesco com que a gorducha repetia:

— La vecchia mi cava gli occhi!

Mas, animado de novas energias, vendi o cargo de tradutor àquele jovem músico de São Paulo, que residia em Via Plínio nº 15, e andava louco por um emprego qualquer, não para comprar pão, pois era pensionista do Estado, mas para encher as horas vagas, como se os relógios da Itália, além das doze regulamentares, marcassem também horas vazias... Dei-lhe um cartão afetuosíssimo dirigido ao sr. Sacconaghi, transferindo a cadeira, mas o industrial, que sofria do fígado, esteve vai não vai para atirar-lhe o tinteiro na cabeça...

O Benedito pintou um poente de Veneza, para ajudar-me. Alcançamos por esse quadro cento e cinquenta liras, numa Galeria de Arte. O pintor ficou com a parte do leão e, num gesto nababesco, passou-me os quebrados. No dia seguinte, chegou-me, fora de tempo, mas sempre bem recebida, uma resposta à “fachada circular”, contendo cinquenta liras remetidas, sob reserva, por um admirador anônimo.

À vista dessa fortuna, embrulhei num “Corriere della Sera” o que me pertencia e, às cinco horas da madrugada, ainda com uma estrelinha bem em cima das agulhas do Duomo, toquei para a estação. O Benedito não foi ao meu bota-fora pois, naquele tempo, ele dormia até tarde, para não alimentar o vício de fazer duas refeições por dia...

Ao entrar na estação, lembrei-me de uma coisa: aquele poema inédito intitulado “Os Noctâmbulos” que, na semana anterior, emprestara à “signorina” San Luigi, minha colega de escritório. Na realidade, ela chamava-se Teresina, como metade das moças de Milão. Mas eu a crismara de San Luigi em homenagem ao santinho de Gonzaga, com quem ela assombrosamente se parecia. E a datilógrafa, que estava treinando para beata, nutria a ingênua pretensão de aprender a língua

portuguesa decifrando as minhas liras em cassange.

Assim, aquele poema já anunciado, lá ficou. E, que me conste, até hoje, tantos anos decorridos, ninguém deu por falta dele...

Chegando à estação, onde as bilheterias da estrada de ferro se alinhavam, com mapas, horários, tabelas de preços de passagens e demais informações, gastei meia hora a consultar os quadros, depois, dirigi-me ao guichê:

— Modanne!

Era a primeira localidade francesa para lá da fronteira. Imaginei uma cidade como qualquer outra. Uma Paris em miniatura. Meia hora depois, chegou o trem de Turim. Subi a um carro de terceira classe, acomodei-me num canto e fui ouvindo as conversas dos demais passageiros. Em Novara, mamei um copo de leite e comi um pacote de bolachas. De madrugada, cheguei à grande cidade dos Alpes. Um panorama suntuoso. Avenidas largas e belas, a perderem-se de vista. Lembro-me de uma delas, onde perambulei para fazer horas. Era o Corso Prealpino.

À noite, na estação de Porta Nova, tomei o trem da França.

Algun tempo depois de deixar Turim, o comboio começou a subir pelos Alpes. O luar era tão claro que parecia sol, sol branco, anilado. A paisagem que dançava no quadro das janelinhas era fantástica, de uma beleza de sonho.

A neve nos picos brilhava ao luar como alvíssimos lençóis. Nos abismos azulados, fulguravam lagos minúsculos, circundados de sombras densas que deviam ser pinheirais. Às vezes, em assentada escura, descobria-se o rosário de luz, partido e disperso, de alguma povoação adormecida ao silêncio da cordilheira.

No vagão, os passageiros dormiam estirados sobre os bancos, envoltos em lãs; alguns mantinham a boca aberta, como peixes fora d'água. O acaso fez-me sentar perto de uma senhora ruiva que guardava vaga lembrança do Brasil, como aliás do mundo inteiro. Era filha de um domador e, ainda menina, estivera com o pai em São Paulo, exibindo feras, no Politeama, à Rua

de São João.

Em certo ponto, ela estendeu a mão cintilante sobre a brancura dos Alpes e me indicou um ponto ainda mais branco, com reflexos, informando-me de que aquilo era a Soperga. A Soperga? A Soperga é um cemitério de reis e príncipes e nele, entre outros mortos ilustres, repousa uma senhora cujo nome deveria ser do meu conhecimento: Dona Maria Pia de Saboia, Rainha de Portugal.

Eu, debruçado à janela, contemplava as casas e as árvores deformadas pela neve. E lembrava de um casal de andorinhas que se hospedara, todo o inverno, na janela de meu quarto, em Via Napo Torriani. Que seria feito daquelas aves? Mas, como o frio aumentasse a cada quilômetro de viagem, aconcheguei-me e dormi. Cerca de três horas da madrugada, acordei com um prolongado apito da locomotiva. E o trem penetrou num túnel.

— Addio Italia! — bradou um operário que cachimbava na extremidade do vagão.

Durante muito tempo, ouvi o ruído ensurdecedor de um milhão de toneladas de ferro mastigadas pelo abismo. O túnel não tinha fim. Mas eis que uma luz avermelhada entrou pelas janelas e o comboio foi amortecendo a marcha com esguichos de vapor e lamentações de rodas brecadas. Estávamos na al-fândega da fronteira, bem no coração da Mont Cénis. Olhando pela janela, vi o movimento sempre igual das fronteiras ferroviárias; sapadores com fardamentos inéditos, funcionários aduaneiros e ferroviários balançando, monotonamente, à altura dos joelhos, as lanternas de vidros coloridos.

A verdade é que o trem parara dentro do túnel, a um quilômetro da abertura. Uns homens vestidos de oleado corriam os vagões, levantando a lanterna para ler os papéis. Interrogavam os passageiros, examinavam as malas, catavam contrabandos, notadamente tabaco. Com a demora, o carro foi-se enchendo de fumaça da locomotiva, a ponto do ar se fazer



irrespirável. Terminada a vistoria, ouviu-se novo apito, o trem pôs-se em movimento e dali a pouco desembocou na noite branca, cheia de reflexos. A senhora ruiva explicou-me: entrava-se naquele túnel na Itália e saía-se na França. A primeira estação da França ficava a dois quilômetros de distância. Chegamos. Era bem modesta. Pouco mais do que um telheiro sobre a plataforma. Na extremidade da plataforma, a tabuleta com o nome da localidade: Modanne.

Desembarquei. Caía neve muito alva, muito fina, que nem talco. Reparei que já não trazia bilhete e a continuação da viagem, se por acaso tentasse, seria extralegal. Sem querer, apalpei o bolso. Apenas vinte francos. Poderia, quando muito, chegar até Grenoble. Vi-me entalado entre as pontas de um dilema: chegar sem vintém numa cidade ou ficar com vinte francos num lugarejo. Optei pela última hipótese. Resolvi, pois, permanecer ali até que o Acaso, meu velho amigo e protetor, me visasse o passaporte. Saí da estação. Uma praça escura. Um lampião sepultado na neve. Nada mais. Depois de me haver extraviado na neve várias vezes, consegui chegar ao centro de Modanne. Tinha necessidade de um hotel, mas que não fosse, precisamente, o Astor. Com dificuldade, na escuridão, fui lendo as tabuletas: “Jean Bar” — “Boulangerie” — “Grande Hotel Savoy” — “Pneus Michelin...”

Depois eram terrenos vagos, ladeiras escuras que se perdiam no abismo de onde vinha um cachoar soturno, de águas em convulsão. Que cidade aquela! Lá embaixo, mesmo ao pé da encosta que se perdia no céu, lobriguei pequena lanterna com os dizeres: “Albergo del Sole”. Chegando à porta, puxei repetidas vezes a argola, fazendo soar a sineta. Minutos depois, fui atendido, o hoteleiro conduziu-me a um quarto, no sótão, com janelinha para a rua. Sentia-me morrer de sono e fadiga; dormi imediatamente.

No dia seguinte, apenas acordei, lancei um olhar pelo mo-

desto aposento e senti necessidade de conhecer duas coisas indispensáveis no cantinho de universo em que habitamos: o lugar e o tempo. Pelas vidraças descidas entrava uma clareza esbranquiçada, que tanto poderia ser das 8 como das 16 horas. Em que lugar estava eu? A verdade é que não tinha muita certeza do ponto em que me encontrava; havia perdido o seu nome no arquivo desarrumado da memória.

Vestido e calçado, tratei de agir. Meti pelo corredor escuro, úmido, atravancado de malas e móveis fora de uso, tomei a escada que rangeu com o meu peso e entrei num salão fumarento, onde meia dúzia de montanheses, ferroviários e pequenos burocratas tomavam “groggs”, lendo jornais de Lion. Na aparência, prestaram pouca atenção à minha pessoa. No entanto, quando me abanquei junto ao fogão, onde ardiam duas toras de pinheiro, e tomava tranquilamente a chicória com farinha de trigo, que ali se conhece vulgarmente por café com leite, reparei que os circunstantes me espiavam de esguelha. A situação de um estrangeiro em Modanne é pouco desejável. Sendo a primeira cidade fronteiriça, é sempre um foco de malandros expulsos da Itália. À tarde já tinha conhecidos. Poucos deles concebiam que ali se encontrasse, em carne e osso, sem sobretudo nem felpudas lãs, pisando a neve eterna, o filho de um país onde o sol (Parbleu!) derrete as próprias casas, como se elas fossem de cera! Gozava o seu pasmo.

Uma preocupação devorava-me. Como sair de Modanne? Dentro de quatro ou cinco dias, meus modestos recursos estariam esgotados. Subi ao quarto, deitei-me, acendi o cachimbo e fiquei a parafusar. A quem poderia dirigir-me? Três ou quatro nomes apareceram na minha memória, mas uns moravam muito longe; outros, com certeza, não atenderiam ao meu apelo. Foi quando lá no fundo de mim mesmo uma figura amável se pôs a olhar-me, a sorrir-me... E se eu lhe escrevesse? Levantei-me, fui ao correio, rabisquei breve carta cujo endereço as-

sombrou a lépida funcionária que a registrou. Chegou a chamar-me de excelência... E a minha excelência ficou, desde aquele momento, à espera de resposta muito incerta, pois que poderia vir ou não vir, mas na qual se fundavam minhas pobres esperanças.

Quem já teve ocasião de jogar a sorte numa carta, seja carta de baralho ou carta postal, poderá imaginar a ansiedade com que, durante uma semana inteira, eu ia ao guichê da agência do correio, duas vezes por dia, receber a resposta negativa de “mademoiselle”. Na segunda-feira terminava o capital de que eu dispunha, avaramente contado e recontado. Os dias, em Modanne, tinham mais horas do que em qualquer outro lugar do mundo. E as horas eram elásticas como tripa-de-mico, com que se fazem estilingues. Nos longos passeios, chafurdando na lama gelada as botinas de verniz, que decaíam de dia para dia, fiquei conhecendo a cidade.

A paisagem diurna era ainda mais triste, se possível, do que a noturna. Apenas uma grande avenida, de onde partiam travessas, becos, ladeiras e escadinhas. De um lado, as casas terminavam na montanha; de outro, sobre estacas fincadas à beira do rio. Por baixo dessas construções, havia correntes e água. Um dia, aborrecido daquele quadro, perguntei a uma velha italiana:

— Senhora, quando acabará este inverno?

Ela cruzou os braços no colo, ergueu os olhos claros para o céu e respondeu, soturnamente:

— Mai!

Aquela neve jamais acaba. É assim o ano inteiro. As estações são mais ou menos parecidas. Modanne conta a poucos quilômetros uma fábrica de papel e exporta minério em bruto para outras regiões, mais bem aparelhadas. Não há folhas de erva. É povoada por ferroviários, empregados aduaneiros, soldados sapadores, funcionários públicos e operários que cortam pinheiros ou que extraem e transportam granito. Na sua

única avenida, só se veem carretões carregados de pedras ou de troncos, velhas de xale na cabeça, sapadores e escolares de capa, boina e chancas. Não sei como alguém possa avir-se sobre a lama vidrada com aquele calçado. Eu, com brandos sapatos brasileiros, andava dançando sobre os blocos de vidro... Certa manhã aventurei-me num passeio. A avenida apresenta mais de um palmo de lama gelada. De quando em quando, um carretão de pedras esmagava essa lama, deixando um sulco que, pouco a pouco, se ia enchendo de água... Aí apareciam os sapadores, com pás e enxadões, e davam escoamento à enxurrada, até a passagem de novo carretão. É uma luta incessante entre o homem e a água, uma luta que vem de longe, que irá ainda muito longe...

Preferi pisar a neve solta. Entrei por ela a dentro, como se fosse mosca em açucareiro. Deliciei-me com o panorama da encosta. Era uma ondulação de alvuras. Raramente, o esqueleto carbonizado de uma árvore. E o teto destoante de uma casa. O cemitério é um quadrado escuro de muros altos; parece uma casa destelhada. Sobre os muros, emerge a galharia seca dos ciprestes. Nenhuma erva, nenhuma flor.

Alonguei-me no passeio. E estava a contemplar, lá embaixo, sombras pardas de vilarejos, quando vi um homem a correr para mim... Quem seria? Era um bom sujeito. Começou por perguntar-me se conhecia a região... Se era essa a primeira viagem às montanhas etc. Quando lhe disse que no ano anterior ainda não tinha visto neve, ele arregalou os olhos. Avisou-me, então, de que eu corria perigo. A neve forma verdadeiros **fojos** sobre os abismos e mais de um turista desavisado tem sumido para sempre em tais armadilhas. Para provar o que estava dizendo, mostrou-me, braços adiante, uma cratera; por aquele rasgão praticado no lençol alvacento, via-se o abismo. Abismo de um quilômetro de profundidade, toldado de nuvens brancas, onde bem caberia uma cidade!

Apesar de tudo, Modanne seria agradável se não for a sua circunstância topográfica de ruela espremida entre o monte e o rio. Com o calor do dia, formam-se pequenos córregos que se precipitam sobre a avenida onde há, seguramente, dois palmos de lama gelada, de modo que a maior artéria local só se faz praticável mediante intervenção dos sapadores. Estes, de blusa e boina azuis, munidos de pás de madeira e enxadões, abrem valetas encaminhando as águas para o rio. Pouca gente ali deverá fazer ideia do que seja uma rua seca, com paralelepípedos ao sol, faiscantes de malacachetas.

Ali permaneci uma semana. Ao cabo desse tempo, à míngua de recursos, resolvi embarcar para longe, no expresso, sem pagar passagem, arrostando todos os contratempos possíveis. Só alimentava um desejo: sair de Modanne, fosse pela porta da morte ou do comissariado de polícia. Às 17 horas, entrei no hotel. O hoteleiro esperava-me à entrada e dessa vez, sem tirar o barrete, anunciou-me que eu, até aquele momento, já tinha comido, bebido e dormido vantajosamente os vinte francos que lhe entregara, adiantadamente.

— Muito bem. Nesse caso, pode guardar o troco para si. Parto daqui a pouco pelo expresso.

Sentia-me terrivelmente calmo.

À hora do expresso, fui à estação e fiquei a passear de um lado para outro, vendo os ponteiros do relógio grande comerem o tempo. Ao faltarem dez minutos para a chegada do trem, uma campainha ressoou longamente, pondo de pé os raros passageiros. Logo depois, ouvi um correr de arames à beira da plataforma e, longe, os braços dos sinaleiros caíram com ruído seco, mudando de vermelho para verde a cor das lanternas. Ouviu-se o ronco do comboio a esgueirar-se pelo túnel. Nesse momento comecei a sentir que fazia frio. Sem querer, olhei o termômetro fixado à parede da estação: marcava 10 graus abaixo de zero. Ao longe, numa volta da montanha, apareceu,

de súbito, um olho vermelho, monstruoso, que se aproximava com ruído de avalanche. Ai de mim...

Nesse momento, o hoteleiro entrou afobado pela estação e, procurando-me entre os passageiros, entregou-me uma carta, aquela que eu tão ansiosamente esperava. Abri-a logo. Capeando um cheque de 50 francos ao portador, encontrei, trêmulo e comovido, uma folha de papel azul em cujo ângulo esquerdo superior brilhava uma coroa principesca. O dono do Albergó del Sole já não acreditava nos próprios olhos. A carta era de Sua Alteza Imperial Dom Luís de Bragança, que bondosamente atendera ao apelo de um jovem patrício, extraviado nas altas e gélidas dobras do Mont Cénis. Depois de tomar conhecimento dos dizeres declarei:

— Só amanhã poderei partir. — O hoteleiro tirou o barrete e curvou-se.

— Continue a honrar o nosso rancho com a sua presença!

No dia seguinte, recebido o dinheiro, tomei o expresso P.L.M., com destino a Marselha. Mas, dessa vez, graças à bondade do neto de Dom Pedro II, viajei como quase toda gente: com bilhete... Era um bilhete de terceira classe, mas autêntico, como os que mais o sejam.

Nessa viagem atravessei a Alta Sabóia e outros departamentos do Sul da França, travando conhecimento com uma região de vinho, azeite e linguagem áspera. Já noite, desembarquei em Grenoble, onde pela madrugada deveria baldear para outro comboio. Depois de contar o escasso numerário que me restava, saí a passeio para conhecer a capital do Isère. Tomei uma rua qualquer, de casas relativamente baixas, e caminhei por ela afora. Mas, na sombra, tramava-se contra mim. Era o cheiro capitoso que desembocava das portas dos restaurantes. Funcionavam no rés do chão e estavam apinhados de ruidosa freguesia. Olhava para dentro, vislumbrava aquelas caras de páscoa, ouvia aquele falatório e seguia, melancoli-

camente sem destino. Mas acabei por encontrar meu ponto de fusão. Derreti-me. A sobriedade, que eu me havia proposto para chegar a Marselha com alguns vinténs no bolso, ruiu por terra diante de certa porta larga e festiva. Nessa tasca, só se cozinhasse um prato por dia. Mas que prato! “Hoje, a famosa sopa de cebola!”

Ora, na juventude eu tinha horror a esse bulbo. Em nossa casa, bastava lóbrigar na concha do arroz uma rodelinha esverdeada para cruzar o talher e retirar-me da mesa, resmungando. Mas ali, a sopa de cebolas era “à discrétion”, tinha a acompanhá-la um naco de broa e, a julgar pelo perfume ave-ludado que me chegava às narinas, não devia ser tão odiosa... E, acima de tudo, custava 80 cêntimos, apenas!

Entrei, saudei a alegre companhia e fui abancar-me a um canto, entre o sujeito gordo, de cabeça rapada a navalha e olhos azuis a saltarem das órbitas, e o sujeito magro, cabeludo, peludo, de cara citrina, que não tinha tirado o boné para sentar-se à mesa. Reparei, com o rabinho do olho, que aquela galharda gente esforçava-se por decifrar o meu enigma. Italiano? Não. Alemão? Muito menos. Belga!... Uma jovem de touca, repolhuda e corada, infinitamente risonha, veio lá do fundo e plantou a terrina diante do meu prato fundo, que tinha ao lado uma colher maior do que as nossas e uma cesta de fatias de broa, mas tão alta e bem fornecida, que me protegia da curiosidade dos comensais fronteiros. Em seguida, fez nova aparição trazendo o jarro de vinho e colocou-o à minha frente. Fiquei amedrontado com aquilo e, num francês que teria horrorizado minha saudosa avó Josephine, perguntei-lhe:

- Para mim?
- Sim, senhor.
- Mas eu não pedi vinho!

A moça ficou atarantada. Ora — pensou ela — eis aí um freguês que se priva de vinho numa terra onde entre água e

vinho a diferença de preço é quase nula! E eu, num acesso de honestidade cubatense, mostrei-lhe a moeda de prata na palma da mão:

— Só tenho este dinheiro!

A caixeira hesitou mas o homem de coco rapado a nava-lha, exibindo duas roscas no toutiço, acendeu para mim olhos azuis, como duas contas, e interveio:

— Se o senhor me dá licença, eu pago o vinho... Uma mulher comentou:

— Oh! A hospitalidade dos grenobleses!

Todos riram, com a boca cheia. O sujeito de cabeça cor de barriga de porca julgou-se na obrigação de explicar:

— Faço propaganda dos vinhos da região. Compreende?...

Olhei a mulher. Trazia o cabelo preto enrolado na testa, formando uma bananinha que ia de uma fonte à outra. Tinha as maçãs pontudas e, por cima delas, verrumantes olhinhos vivos, mais claros do que seria para esperar. Perto de mim, e até esse momento eu não havia reparado, havia outra moça. Estava debruçada sobre o prato e comia com gana a sopa. Ouvindo o curto diálogo, ergueu a cabeça. Tinha cabelos de um louro aguado, queixo pontudo, colo excessivo. Pôs-se a rir, com a colher suspensa:

— O senhor, acaso, é vinhateiro?...

Diante de tal pergunta, muitos falaram ao mesmo tempo; ouvi todos os termos de um compêndio de enologia: “vin”, “vigne”, “vigeron”, “vignoble”, “vinaire”, “viner”, “vinicole”, “vinification”. As mulheres arrulhavam. Os homens, entornavam os copos, enxugavam os beijos na manga de pano azul e discutiam tipos, marcas, procedências, “en roulant” ruidosamente os erres.

Enquanto eles opunham Saint Julien des Rochers à Mont-Melien, eu tratei de esvaziar o jarro. E o sujeito de cabeça cor de couro de toucinho, tendo imposto aos demais seu ponto de vista, voltou-se para mim. Só então pude agradecer-lhe a corte-



sia. Mas o que ele queria, por preço tão módico, era satisfazer a curiosidade. Cruzou as mãos escuras sobre a mesa, entre o naco de queijo encetado e a maçã de forno a meio comida, e perguntou-me, piscando um olho finório:

— Espanhol?

— Não, brasileiro.

Toda a mesa estava à espera daquela declaração. Julguei que tivessem feito apostas. Mas, pelo visto, ninguém ganhara o bolo. Eu era mesmo uma figurinha difícil.

— Turista?

— Não, estudante.

Deus me releve, no momento azado, o pecadilho da mentira.

— Já sei; vai para Chambéry, onde se fala a melhor língua francesa!

— Não. A minha história é um pouco comprida. Estive na Itália, fazendo um curso de contraponto (palavra que aprendera com o unhas-de-fome do Pedro Scalini, da Rua Marcos Arruda); deixei de receber a mesada da família e agora volto, como estão vendo, um tanto...

A mesa inteira solidarizou-se comigo. A moça da bananinha na testa, das maçãs salientes e dos olhinhos vivos, mais claros do que deviam ser, encarou-me e, para manifestar a sua simpatia, atirou-me na testa uma bolinha de pão. Nem reparei nesse gesto de suma camaradagem. A sopa era mesmo deliciosa. O vinho da casa, não passava de água-pé, mas subiu-me sorrateiramente à cabeça. E eu que, ordinariamente, pago para não trocar palavras, maravilhei os comensais. Eles queriam saber dos bugres. Respondi-lhes:

— Eu tenho quase vinte e quatro anos e nunca vi um bugre, a não ser no Larousse. Mas se o visse em corpo e alma, correria a abraçá-lo, o meu querido patrício!

A criada alarmou-se, arregalou os olhos cor de mel, ergueu no ar a cesta de pão:

— Que horror! Abraçar um bugre!

A loura, que tinha na testa um desenho de cabelos grudados a goma-arábica, inquiriu:

— E as serpentes?

Bati na testa com os punhos cerrados:

— Eu tenho quase vinte e quatro anos e...

Que Deus me releve mais essa mentira. Mas eu represento um caso excepcional. Basta dizer que nasci em Cubatão, fui puxador de trena na construção de uma estrada de ferro. Apesar disso, em sã consciência, posso afirmar que nunca vi uma serpente. Será que jararaca, jararacuçu e alguns urutuzinhos de cacaracá podem ser acoimados de serpentes, como os ofídios da Bíblia? Não!

— E Buenos Aires?

— Eu tenho quase vinte e quatro anos e...

Por essa altura, senti-me zangado. Levantei, disse um boa noite geral, que foi respondido com simpatia. O sujeito de coco rapado quis levar-me até a Estação, onde havia uma grande sala rodeada de bancos para cochilarem os passageiros à espera da baldeação, mas eu me opus. Terminantemente. Saí meio entropigaitado, entrei num dos poucos cafés que àquela hora ainda estavam abertos e pedi o moca. Ao pagar, meti os dedos no bolso do colete e, pasmo, encontrei a “pièce” de cinco francos, a moedinha de prata e três ou quatro cobres de vinte “sous”. Não havia pago a sopa. O cubatense honesto esperneou dentro de mim.

Vai ver que foi o homem de cabeça azul que, para humilhar-me, pagara o jantar...

Pensei ir tomar-lhe satisfações, mas, já na porta, achei mais prudente tocar para a gare, cuja silhueta me apareceu ali perto, com o relógio de lua cheia, as esverdeadas lâmpadas incandescentes e numerosos carros de praça reunidos no larguinho que lhe ficava fronteiro. Segui para lá. O salão de espera, vasto, umbroso e frio, cheirava a sopa de cebola. Nos bancos

que o rodeavam, lobriguei passageiros deitados com a cabeça sobre o braço e o chapéu sobre a cara. Um homem dormia sentado, com a cabeça da mulher pousada no colo. Num sobretudo estendido sobre o banco, aninhava-se uma criança. E havia labregos sentados sobre trouxas, velhas de cócoras, mastigando em seco.

Procurei o banco mais escondido, saquei as botinas exibindo meias esburacadas e deitei-me a fio comprido, caindo de ponta-cabeça no sono, como prego em poço. Numa hora qualquer, despertei assustado com a sineta e vozes roucas:

O trem de Marselha! O trem de Marselha!

A terceira classe estava cheia de rapazes alegres que começaram por fazer uma aposta: qual seria a minha nacionalidade. Todos perderam... Então coube-me a vez de dizer qual a sua procedência. Ora, na França com tipo de francês, talvez um pouco mais alourado, falando língua algo diferente, viajando num trem que chegava dos Alpes, arrisquei:

— Suíços!

Pois assim mesmo perdi: eram belgas. Não compreendi como aqueles flamengos chegavam pelo Sul. Depois de um naco de broa e de uma fatia de queijo cortados — o olho no guarda-trem, para que não visse a arma proibida... — com a navalha de barbear, o ferrrabraz que me sentava ao lado, deu-me a explicação: eram jovens que fugiam ao serviço militar de sua terra... para alistar-se na Legião Estrangeira. As autoridades francesas sabiam disso e faziam vista grossa pois — já estávamos em 1914 — e a França precisava de “spahis”.

Ora, eu já tinha lido um livro em moda naqueles dias, parece-me que “Le monastaire de l'action”, assinado por um general cujo nome cheirava a aristocracia, a dez léguas de distância. A julgar pelas informações desse livro, ir para a Argélia era assentar praça num romance de Alexandre Dumas. Aquilo buliu com os seus nervos... Então eles, práticos, se interessa-

ram pelo meu caso.

— Idade?

— 23 anos.

— Nacionalidade?

— Brasileira.

— De um país tropical... Para você, a África é como o Níger para os jacarés...

Já estava combinado que eu também assentaria praça na Legião Estrangeira quando um mocetão, visivelmente amigo da onça, ou inimigo do tigre, para maior cor local, resolveu pegar na fita métrica e medir-me o tórax. Dois centímetros abaixo da largura exigida. Então desisti. Tanto pior para o Exército francês. Compreendi que era um homem franzino.

Pelo menos ao lado daqueles brutamontes. O que sentava a meu lado e se mostrava mandão mostrou-me os pulsos, a rir. Nada menos de três polegadas de largura. Perguntei-lhe:

— Boxeur?

— Não, padeiro.

Por isso, tive a sorte de não me alistar na Legião Estrangeira, uns poucos meses antes da primeira Grande Guerra.

Cheguei a Marselha certa manhã, com um belo apetite e, havia muitas horas, sem um vintém no bolso. Só tinha uma coisa a fazer: procurar o consulado. Foi o que fiz. Na secção de informações da P.L.M., uma senhora idosa que tricotava sem dar por isso, indicou-me o endereço do consulado do Brasil e o caminho mais curto para lá chegar. Lembro-me apenas de que ficava nas primeiras ruas do velho porto. Era — parece-me agora — um prédio assobradado. Embaixo, um armazém de mercadorias. Ao lado, uma escada estreita, reta, de trinta degraus. Mais parecia escada de bordo. Quando a gente começava a subir já via, lá em cima, a meia-porta envernizada do escritório. Por sua vez, o funcionário que lá se encontrava já via, cá embaixo, a pessoa que subia em sua direção.

Naquela manhã, como se lê no capítulo “João Meucci”, do volume intitulado “Lembrança”, eu fui quase feliz ao dirigir-me ao consulado. Subindo a referida escada, vi logo que lá em cima, debruçado na portinhola, estava um moço barbudo a espiar-me. Foi ele quem me atendeu:

- É brasileiro?
- Sou.
- De onde?
- De São Paulo.
- Qual a sua profissão?
- Jornalista.

O tipo barbudo sentiu um repelão nos nervos. E, já muito camarada, contou-me que também tinha sido jornalista em São Paulo. Mas na minha resposta, em maio de 1914, havia um certo exagero; por isso, senti um friozinho cabuloso ao longo da espinha.

- Que jornalistas você conhece em São Paulo?
- Alberto Sousa, Jacomino Define, Venceslau de Queirós...
- Conhece Amadeu Amaral?
- Ih... É meu amigo do peito!

Mentira. Naquele tempo eu não conhecia Amadeu Amaral, a não ser através de seus formosos poemas. A situação — vocês devem desculpar-me... — não era para bancar o modesto.

O funcionário chamava-se João Meucci. Contou-me a sua história e, como colegas, fizemos camaradagem rápida, fulminante. Dali a pouco ele, em pessoa, levou-me à presença do cônsul. Mas a minha causa era difícil de advogar. Vejamos: estando eu na Itália, obrigado a recorrer a instituição brasileira na França, não podia usar o meu nome, isto é, aquele com que, inadvertidamente, escrevera a Paris... Tive de abrir mão de meus papéis — aliás muito escassos — e adotar um nome de guerra: Luís de Gonzaga Macedo. Essa já era uma dificuldade muito apreciável. Mas surgiu outra. Ao conduzir-me à presen-

ça do cônsul, João Meucci com certa simpatia declinara o seu nome: Augusto Mesquita. Diacho! Era exatamente o mesmo cônsul de Paris que, em 1908, me socorrera com uma passagem de favor!

Então, se deu este diálogo:

— Como se chama?

— Luís de Gonzaga Macedo.

— Mostre-me os papéis.

— Perdi-os em Grenoble...

Mas o simpático cônsul esforçava-se por lembrar-se de qualquer coisa:

— Eu já o conheço.

— Pode ser...

— Há anos, quando eu era cônsul em Paris.

— Não pode ser.

— Lembra-se da Rue Cambon?

— Nunca lá estive.

— Palavra?

A “Société” não socorre duas vezes a mesma pessoa. Eu estava sem vintém. E não tinha dormido na última noite de viagem. Um apetite, um apetite... Tomei um ar que faria inveja a Dom Egas Muniz, descalço, diante de Dom Afonso Henriques de Portugal. Dizia meu avô — e ele conhecia essas coisas — que os nossos Munizes descendiam daquele português do século XII. Mas envergonhei os Munizes da minha família.

— Palavra — respondi.

O cônsul começou a medir o escritório com largas passadas. Tinha o busto inclinado e as mãos nas costas. Meu destino oscilava, na ponta de uma teia de aranha. De repente, parou, voltou-se para o Meucci e determinou:

— Escreva a Paris, pedindo a passagem. E dê cinco francos para ele, na minha conta.

la a sair, satisfeito, quando o cônsul me fez parar:

— Vai levar a passagem, mas não pense que me enganou. Está ouvindo?

Na outra sala, Meucci abriu uma gaveta e entregou-me “une pièce de cent sous”, dizendo-me:

— Se não fosse o caso da outra passagem, ele mandaria dar-lhe dez francos. É a tabela.

— Há outros nas minhas condições? Ele cofiou as barbas magníficas:

— Outros? Quase todos os brasileiros que vêm à França voltam por conta da Société de Bienfaisance. Chegamos a ter um hotel, com redução nos preços...

— Que hotel?

— O Hotel des Anglais, Rue du Tapis Vert n. 5.

— É longe?

— Não. Fica ali perto.

Fui ao estabelecimento que acolhia, por preço camarada, os brasileiros que ficavam sem dinheiro, na França. Encontrei logo o sobrado. O proprietário ou gerente era um sujeito baixo, roliço, em camiseta, mostrando no peito e nos braços abundante capilosidade; equilibrava uma boina chata no crânio rapado a navalha. Já dizia algumas palavras em português, ou melhor, numa língua estranha:

— Mil-réis... Tienes mil-réis? Ou então:

— Um franco cada... dormida. Entendíeis brasileiro?

— Pode falar em francês que eu também não entendo.

— Os papiéis?

Quando eu disse que não trazia papéis, ele arregalou os olhos, engrossou o pescoço, quase deixou cair o cachimbo:

— Então, volta da porta. Esta é uma casa séria.

Mas, como já tivesse metido o franco no bolso, não se sentiu com coragem de devolvê-lo. Levou-me a um dos vinte cubículos em que se repartia o primeiro andar do prédio. Era um cômodo estreito, de paredes de dois metros de altura, de

tábuas delgadas e mal juntas. Uma cama de ferro, um lavatório, um cabide para pendurar a roupa. A porta não tinha folha, mas cortina de pano verde. Como eu olhasse para essa particularidade, ele assegurou:

— Aqui tudo boa gente. Muitos brasileiros ricos.

Nos cubículos laterais, conversava-se, ria-se ou brigava-se como se os hóspedes, homens e mulheres, estivessem em suas casas isolados do mundo. Gostei do quartinho. Como estivesse com o sono atrasado, deitei-me e dormi. Depois saí para passear. À noite voltei, para dormir de novo. Mas o homem estava à porta.

— Um franco.

— Já paguei.

— Não senhor; agora paga outro franco.

Hoteleiro odioso, aquele. Dei-lhe nova moeda e voltei para a cama, onde ele, por esperteza, fazia uma criação intensiva de percevejos. Dali a pouco acordei com uma algazarra na vizinhança. Era um casal em lua de mel. E que lua de mel difícil! Uma gata dando cria a seis gatinhos não faria mais barulho do que aquela mulher. As nossas camas estavam unidas; apenas, entre ambas, a parede de tábuas delgadas e mal unidas. Ouvia lavarem o rosto, sentia o cheiro do sabonete barato. Por discrição, arrisquei:

— Amigos, aqui tem gente!

— Tais-toi, que je te casse la gueule!

E a lua de mel continuou, mais animada. Sentei-me na cama. Depois fui à janela. Estávamos em maio. Uma lua de sonho pairava sobre Notre Dame. Os últimos bares mantinham as portas abertas. Grupos de marinheiros discutiam, cantavam. Mulheres de traje preto e lenço vermelho no pescoço esperavam alguém à luz dos **merencórios** lampiões. Diálogos dos choferes com os amigos que estacionavam na calçada.

Depois, o quarto silenciou. Voltei à cama e quando já ia dormindo, segundo casal, em lua de mel. O mesmo aparato. O mesmo ruído, o mesmo sabonete. Mas o noivo estava bêbe-



do como um gambá. E ela queria, à fina força, saber em que perna ele havia amarrado o maço de dinheiro. Bati de novo na parede. Os dois riram a bandeiras despregadas e já tínhamos iniciado um florido diálogo através da parede de tabuinhas delgadas e desunidas quando o hoteleiro veio pôr cobro àqueles desmandos:

— Silêncio!

Perguntei:

— Silêncio porquê?

E ele:

— Isto é uma casa séria.

Mas o cobre acabou no segundo dia e a passagem custou a chegar de Paris. O Meucci passou a dar-me, talvez do seu bolso, dois francos por dia. Um para o hotel, outro para a subsistência. Conheci aqueles botequins do porto onde a gente encontrava árabes de turbante e albornoz, sentados no ladri-lho à volta de um narguilé. Comia-se uma espécie de cuscuz, com postas de peixe perfumado, a 20 centavos a talhada. Nas esquinas, julgando-me um rico alemão, malandros da Argélia, fantasiados de Aladim, ofereciam-me a verdadeira lâmpada maravilhosa por uma tuta e meia. Uma pechincha. Quase de graça. Passei, pois, a viver no Vieux Port. Aquela era a minha gente. Lá, todas as manhãs, erguiam-se verdadeiras montanhas de mexilhões que, encaixotados, eram remetidos para longe, talvez para Paris. O dono de uma dessas montanhas, como bom marselhês, era conversador. Tanto admirei os seus mariscos que ele me permitiu tratá-lo com uma certa familiaridade. Um dia, estávamos sentados no banquinho, assistindo ao desembarque da mercadoria, quando ele me disse:

— Tome conta disso que eu vou chupar uma “verte”.

Esperando-o, como não tivesse nada a fazer, peguei no canivete que ali estava e pus-me a comer gulosamente os mexilhões. Abria as valvas e tragava o bicharoco. Empanturrei-me.

Quando ele voltou e me viu naquela doce ocupação, chamou um compadre e explicou:

— Ele gosta dessa porcaria. É brasileiro, sabe? Em Buenos Aires, os nativos andam nus, nas praias, e comem mariscos...

A passagem tardava, por falta de um determinado navio, que oferecia redução no preço. Certa manhã, Meucci, na minha visita cotidiana, deu-me um cartão, com direito a viajar até Santos, a bordo do “Pampa”, transatlântico das “Messageries Maritimes”. Corri ao porto, não porque o navio estivesse de partida, mas para saber como ia fazer a travessia. Barco grande, mas velho. Estava atracado ao cais. Ao pé dele, na sombra projetada pelo casco, vi reunida uma família armênia. Aproximei-me. Depois de algumas voltas, travei conversa com um jovem da minha idade. Pretendia seguir para o Brasil, exatamente para Santos, e naquele momento ia comprar a passagem.

— Vendo-lhe a minha. Quer comprar?

— Quanto?

— Cem francos.

— Aceito a proposta, mas primeiro precisamos saber se essa passagem da Société de Bienfaissance é transferível.

— Claro que é.

Tocamos para os escritórios da Companhia, na Cannebière. Lá chegando, eu me aproximei do guichê e perguntei ao empregado que me atendeu:

— Esta passagem pode ser transferida?

O homenzinho olhou para mim e ao bilhete. Depois pegou no cartão e declarou:

— Não é transferível. Tanto assim que vou ficar com ela e devolvê-la ao sr. Cônsul.

Assustei-me:

— Faça favor, dê-me a passagem!

Um velho veio lá de dentro e quis saber o que estava acontecendo. O empregado contou que o passageiro repatriado lhe

perguntara se a passagem era transferível...

Então eu, inspirado, dei ao velho uma resposta em que, antes, não havia pensado:

— Pergunto se a passagem é transferível por um motivo muito justo. Veja ali na porta, nos “placards”: o “Pampa” permanece no Rio de Janeiro, ao passo que o “Plata” toca em Santos. Pensei em transferi-la deste navio para aquele... Veja lá...

O velhote viu uma coisa que eu próprio não tinha visto: minhas palavras estavam exatamente de acordo com os quadros que anunciavam os dois vapores. Então devolveu-me o bilhete verde:

— Não se incomode com os “placards”. Se a Companhia se comprometeu a deixá-lo em Santos, ela o deixará lá.

Peguei no cartão e saí com o armênio, que não se mostrava zangado. Antes, para festejar a nossa amizade, levou-me a um bar das vizinhanças, onde havia árabes de albornoz e me pagou um café feito sem coador, no qual o pó era colocado na xícara e a água era trazida, a ferver, num cachimbo que me pareceu de ferro. Até então eu não acreditara naquele café. Pois era ótimo, posso dizer e jurar.

Cheguei a Santos, depois de uma viagem normal, nos primeiros dias de junho.

O navio subiu o estuário e foi atracar diante do armazém 17, de passageiros. O comissário de bordo reteve-me, entregando-me à polícia do porto, por não dispor de papéis. E o agente que lá subiu não se cansava de olhar-me.

— Eu lhe conheço.

— Está claro que conhece. Trabalhei no “Cidade de Santos”. Quantas vezes fui à Polícia do Porto, buscar informações para o jornal...

— Pois eu estou lá há doze anos. Conheci o Cartolina, o Dario Félix, o João Figueiredo...

— Eu sou o Luís de Gonzaga Macedo!

— É curioso! Eu lhe conheço, mas não sabia que tinha esse nome...

Dali a pouco, vieram lá dos fundos o Chaves e o Heitor Pereira, dois guardas da Alfândega que, antes, tinham sido tipógrafos de “A Notícia”. Cumprimentaram-me:

— Está fazendo alguma reportagem?

— Não. Estou chegando de viagem.

— Do Rio?

— Não, de Marselha.

Os dois riram. Aproveitei a intimidade, meti pela escada do portaló, desci ao cais apinhado de passageiros, atravancado de malas e sumi.





## 4 – PÃO DE GUERRA

Para falar a verdade, as malucas viagens que fiz não me haviam tirado, aos vinte e quatro anos, o gosto por essa vida. No fim de maio ou começo de junho, regressara repatriado da França. Alimentava o desejo de partir de novo, fosse para onde fosse. Mas no dia 31 de julho seguinte, após o atentado de Sarajevo, uma espantosa tempestade desencadeou-se sobre a Europa. Era a primeira Guerra Mundial.

Ao anoitecer desse dia memorável, quando muita gente estava reunida no pátio da Matriz, esperando a reza do costume, a terrível notícia foi gritada por alguns homens que, de volta do trabalho, apearam do bonde de São Vicente, linha 2, nas proximidades do Largo da Biquinha. Eu também me encontrava no pátio e, ouvindo-a, não pude deixar de assustar-me:

— Puxa! Se meses antes, no trem de Marselha, tivesse acompanhado aqueles jovens belgas que iam assentar praça na Legião Estrangeira? Ou então se, no Vieux Port, diante do “Pampa”, que deveria trazer-me, tivesse vendido por cem francos a passagem de regresso ao simpático armênio que estava disposto a comprá-la? Com certeza, agora, seria arrebatado pelo furacão de ferro e fogo...

Em São Vicente, minha família atravessava um período de desaforo. Meu pai, não podendo reter em suas mãos calosas a propriedade da Água Fria, fruto duma existência inteira de trabalho, que lhe dava as melhores dores de cabeça, aca-

bara por aceitar a proposta do antigo feitor e a arrendara por dois contos de réis mensais. Esse dinheiro em 1914 era como se falássemos agora de importância dez vezes maior. Basta lembrar que a residência em que eu, de volta, encontrei meus pais instalados era na rua então mais elegante da cidadezinha; contava jardim, alpendre enredado de trepadeiras quartos que sobravam para as necessidades da família e o aluguel era de 150\$000 (cento e cinquenta mil réis). Meu tio Nhonhê, que lá esteve um dia, em visita, alarmou-se:

— Credo! Onde se viu pagar tanto dinheiro por uma casa?

E nós, com esta velha indiferença pelo dia de amanhã, passamos a gastar religiosamente o dinheiro que, todo dia 5 de cada mês, recebíamos das mãos daquele animoso trabalhador que arrendara as terras. Mas aconteceu que nos primeiros meses da conflagração, esporeado pelas dificuldades financeiras que surdiam de toda parte, o encalacrado arrendatário recorreu a um **rábula**, que lhe prometeu este mundo e o outro. E, a seu conselho, suspendeu os pagamentos.

— O proprietário do sítio — perguntou o antigo feitor — não poderá exigir o cobre estabelecido no contrato?

— Pode — respondeu o caspento, piscando um olho — mas ele não tem dinheiro para defender-se. Não lhe leve um só tostão, está ouvindo? Não vá dar arma ao inimigo!

O rábula era, de fato, perito na chicana. E a título de honorários, o antigo capataz, todos os meses, ia levar-lhe quinhentos mil-réis. Mas sentia-se contente, pois esse gasto redundava num belo negócio.

Agora, tantos anos decorridos, sinto-me incapaz de contar direitinho essa história. Mas posso adiantar que foi de perder o juízo. A família de seis pessoas, com duas crianças em idade escolar, habituada a existência diferente, viu-se de um dia para outro sem vintém de reserva, sem emprego e sem amigos. Embalde, assustados, procuramos trabalho, mas era o tempo



da parcimônia nos gastos e encontramos fechadas todas as portas. Meu pai, que era valente trabalhador e fundara a fazenda da Água Fria em terras onde antes só havia mata virgem, sentiu-se esmagado pelo desespero; e eu, filho mais velho, revelei-me inadaptável à vida cotidiana, tal como as pessoas tidas por sensatas compreendem.

Os credores não precisaram ir à casa da cartomante para inteirar-se da nossa situação. O senhorio, dantes tão amável, começou a fazer lama no aprazível alpendre; seu modo de tratar foi descendo rapidamente na escala da cortesia, à proporção que os aluguéis se atrasavam. E o mesmo aconteceu com o dono da padaria, o dono do armazém, o dono do açougue...

Mas, como não há desespero sem o socorro de uma esperança, por mais vã que ela seja, passamos a pensar no dr. Vergueiro Steidel, advogado de meu falecido avô; sem pedir-nos o necessário para as custas, ele fez o possível para defender nossos direitos numa velha demanda contra a “City of Santos”, a fim de reaver o que por esta companhia havia sido tirado à família. Aconteceu que, mais ou menos nessa altura, ela foi incorporada pela Light e o dr. Vergueiro Steidel, em publicação nos jornais, responsabilizou-a por três mil contos, que a tanto montava a questão, e dos quais uma parte nos caberia na partilha.

Ora — pensávamos nós — este período de vacas magras acabará depressa, será logo substituído pelo das vacas gordas... E, para confirmar a esperança, os tribunais nos davam ganhos de causa, chegando o dia em que só faltava a liquidação... Isso seria logo, dentro de um, de dois meses. E nós a esperar, a sonhar. Mas a desejada sentença liquidatária, que só viria muitos anos depois, foi... Aqui está uma história que será contada a seu tempo.

Nessas noites, sentados à volta da mesa, onde já faltava muita coisa, passávamos horas felizes, organizando a lista dos

pagamentos que faríamos, das lindas novidades que compraríamos. Meu pai, de olhos verdes e risonhos, parecia absorvido num propósito: matricular as meninas no Colégio Bom Conselho, de Taubaté... O caçula da família seria mandado para a Bélgica, a estudar engenharia na Universidade de Gand... E, toldado de sonhos, uns acreditavam piamente no que os outros diziam.

E a situação a piorar. Quando não pudemos mais viver na bela residência do jardim e do alpendre, tratamos de procurar casa acessível a nossas posses, num bairro distante. Alguém nos informou que, na Praia Grande, para lá da barca encalhada, existia um rancho muito bonito que, entrava ano saía ano, estava sempre desalugado. O proprietário era o dr. Guilherme Aralhe, advogado em Santos. Corri ao seu escritório e perguntei-lhe quanto pedia pelo aluguel. Ele não respondeu. Abriu a gaveta, tirou uma pesada chave e disse:

— Se precisa, vá morar lá... Não se preocupe com o aluguel...

A dificuldade em que nos encontrávamos ficou resolvida, mas pelo meio. Sim, pelo meio, pois não dispúnhamos de dinheiro para a mudança, isto é, para transportar ao rancho do Itaipu os móveis indispensáveis. Mas, como desejo contar estas coisas com a possível exatidão, aqui vai o que aconteceu:

Passei a noite agitado pelas preocupações, e sonhei com um número: o 209. Ao levantar-me, tratei de vasculhar os bolsos, para ver se achava alguns níqueis. Apenas 600 réis. Pensei em arriscar esse cobrinho na centena sonhada para, no caso de acertar, o que me parecia difícil, fazer jus a 360\$000. Uma fortuna naquela hora amarga! Mas entre a casa e o chamado chalé — na esquina da estação dos bondes — fui me tornando cético. E, na hora de escrever no talão o número, perdi parte daquela fé que transporta móveis, e joguei na mesma centena, mas invertida. Será preciso explicar à maioria dos

leitores como era e ainda é — o jogo do bicho? À tarde, bumba, 209. Recebi 60\$000, quanto se pagava naquele tempo, e com essa soma fiz a mudança para a Praia Grande. E ainda achei jeito de comprar no Antão uma lasca de carne seca e uma talhada de toucinho para pendurar na embira do fumeiro.

A chegada ao rancho velho, à beira-mar, foi uma festa para todos, pois sempre fomos gente simples e a cidade — São Vicente em 1914 era pouco mais de uma vila — ainda assim representava certa discordância para nossos hábitos.

As crianças, nem bem entraram, atiraram o calçado para o canto e, descalças, correram a juntar gravetos, a atear um fogaréu para animar a cozinha. Levaram a chaleira à **sanga** escura que corria no quintal, entre ingazeiros, e puseram água a ferver, na esperança de um café. E tiveram sorte, pois dali a pouco a vizinha mais próxima, como é costume na praia, veio oferecer-nos os seus préstimos, trazendo um prato de beijus de tapioca que cheiravam a erva-doce a meia braça de distância. Depois do café, improvisaram esgalhada vassoura de guanxumas e varreram o terreiro atapetado de folhas secas amontoando-as numa alegre fogueira.

O rancho era coberto de sapé que, tendo apodrecido, se tornara numa pasta escura, rarefeita nos beirais, onde apareciam pontas de caibros. Os três cômodos em que se repartia eram de chão batido e no alto das ripas pendiam rendas escuras de picumã. Na frente, havia uma janela de folha inteira, pintada de um azul que o tempo desbotara. De noite, era defendida por tranca e taramela, mas de dia, escancarada, não era janela, mais parecia um quadro de Benedito Calixto... Quem dela se aproximava via a paisagem colorida e áspera, tendo ao fundo uma nesga verde de mar.

No terreiro, erguia-se **virente** chapéu-de-sol em cujos ramos compridos e deitados muito desejei armar uma rede, para a sesta. Na copa da árvore, as grandes folhas móveis, de um

verde transparente, como faziam rendas com fios de sol. E, para justificar esta imagem, pousavam ali bandos de rendeiras, umas avezinhas brancas, de xale escuro pela cabeça, que produziam um som característico, como se trabalhassem com bilros.

Na base do chapéu-de-sol, ao redor do tronco, existia um banco circular, feito de tábuas largas. Sempre esperei poder sentar-me ali, despreocupado, numa semana em que o fumeiro estivesse guarnecido, para ler um grande livro escrito pelos homens, mas essa alegria nunca me foi concedida, pois saía para a cidade ao amanhecer e dela voltava à noite, quando através das frinchas da porta já via o candeeiro aceso no interior do rancho.

Não fora a situação em que nos encontrávamos, aquela vida singela representaria uma página deliciosa para todos nós. Mas não tivemos tempo nem paz para nos sentir felizes naquele recanto paradisíaco. Era preciso trabalhar e não havia trabalho.

Meu irmão Godofredo, dirigindo-se a velhas amizades da família, conseguiu o lugar de professor substituto na escolinha do Porto do Rei, isto é, no Boqueirão mais povoado do Itaipu, onde a estrada do governo que atravessa a Ponte Pênsil, inaugurada dois anos antes, desemboca na praia. Como não houvesse o número de matrículas requerido pelo regulamento, todas as manhãs, livros debaixo do braço, as crianças do rancho acompanhavam o irmão professor... O ordenado era modestíssimo, mas não havia melhor.

Por meu lado, arranjei emprego de repórter na “Cidade de Santos”, vespertino que naquele tempo bruxuleava até que se extinguiu. Seu diretor, antigo chefe da oficina, era um moço negro chamado Astrogildo dos Santos que, em hora difícil para a empresa, assumiu a responsabilidade do jornal e lutava desesperadamente para mantê-lo. Quando lhe falei em trabalho, ele aceitou logo, mas preveniu:

— Só lhe poderei pagar oitenta mil-réis por mês, não escore ordenado maior...

Morando no Itaipu e trabalhando em Santos, tive de iniciar vida diferente.

Levantava-me às seis horas da manhã, quando ouvia o tiro de peça nas obras da fortaleza. Ia à cozinha e esquentava um resto de café, acompanhando-o com talhadas de aipim, pois no quintal havia restos de uma plantação de maniva. Depois, botava-me a pé pela praia vidrada, com reflexos de ouro do sol nascente. A paisagem era linda. Nunca mais vi coisa que se lhe parecesse. Sobre o mar, o céu cor de pérola ia-se, pouco a pouco, fazendo cor-de-rosa. As ondas estendiam-se na areia como colchas verdes com orlas de rena alvíssima. E murmuravam docemente. Para trás, na ponta da fortaleza, ainda ardiam poderosas lâmpadas elétricas, cujo brilho a manhã se esforçava por atenuar. A barca “Caldebeck”, adernada para terra, craquenta de ferrugem, parecia pintada a tinta violeta. Nos mastros inclinados, sem mastaréus, joanetes e “gafs-stops”, as vergas baixas oscilavam e as últimas cordas iam e vinham balançando ao vento de fora. Passando debaixo dessa barca em ruínas eu ouvia os guias do vento e os gritos agudos das gaivotas.

Saltava duas sangas de águas cor de café fraco e chegava ao Porto do Rei. As vendolas ainda estavam fechadas; dentro, havia luz e passos pesados, com tamancos. A criação reunida diante da porta do quintal fazia matinada à espera da ração. Eram galinhas, porcos e cabras. Nas copas das laranjeiras, havia mais passarinhos do que folhas.

Seguia pela estrada que naquele tempo não passava de um caminho de duas braças, entre valas secas. O leito era de areia branca, com touças de ervas nas margens. Avançando, descortinava, à direita, o Morro do Xixová, de um azul de ágata, com a ponta metida num estrato alvíssimo. Logo, esquecia-me dele. Dez minutos depois, numa curva, deparava-o em minha frente. Perdia-o de vista. Mais um estirão, e ele plantava-se à minha esquerda... Nossa vizinha mais próxima bem me preve-

nira de que o Xixová é encantado. Eu, caminhando, pensava nas palavras da velha praiana. Devia ser encantado, mesmo.

Chegando a São Vicente, ali pelas sete e meia, tinha de recorrer a alguém — nas mais das vezes àquele santo Benedito Ribeiro — pedindo-lhe o níquel para o bonde Via Matadouro, que era mais barato. Muitas vezes, tomado de repente aca-nhamento, seguia a pé pela praia, até José Menino ou Gonzaga, na esperança de topar um conhecido. Não raro, encontrava gente do Parque Balneário, que me levava de carro para a cidade. Entrava tarde no serviço, num estado de fadiga e desânimo que me inibia de chegar à Praça dos Andradas, consultar o livro de assentamentos, ouvir o escrivão Pedro Neves a redigir o noticiário para a seção “Na polícia e nas ruas”. Não fora a complacência daquele Astrogildo dos Santos, teria sido, com carradas de razão, despachado no dia seguinte.

Por outro lado, não faltava quem me desencorajasse:

— Trabalhando na “Cidade”? Vai ser fintado na certa...

Devo contar aqui, com toda a lisura, que ele sempre me pagou corretamente, até ao último vintém. E fez mais. Quando lhe pedia um vale de cinco ou dez mil-réis, a fim de levar umas comprinhas para o rancho, o coitado ficava aflito; pedia-me que esperasse meia hora, botava a pasta de couro surrado debaixo do braço, e ia fazer um giro pela praça. Dali a pouco, voltava com a nota apertada na mão e me dava, dizendo:

— Tome lá, alemãozinho, mas não se acostume que eu ando muito acarretado...

A volta para o Itaipu, entrava mês saía mês, era penosa mas inesquecível. Chegava já noite à estação dos bondes, em São Vicente, e tomava o caminho do Tumiaru, que subia entre o morro e o mar morto. À esquerda, um grande corte na terra vermelha, terminando lá em cima numa orla arrepiada de mato. À direita, no tijuco preto, cheio de estalidos de águas que subiam e desciam por entre a raizama do mangue, lobri-

gava canoas de borco sobre rolos de madeira e redes estendidas em pontas de estacas, ainda com **sargaços** enredados nas malhas escuras; menos via do que adivinhava casebres de palha, ou de zinco, em cujo interior alumado a querosene, havia falatórios e risadas. Não raro, uma modinha praiana, um zenguezengue de viola, um repinicar de tamancos no chão de terra dura. Ali viviam pescadores, daqueles que de madrugada rolavam a canoa para a água e iam pescar nas bandas do Candiú.

Atravessava a Ponte Pênsil, de torna-viagem, e mergulhava na estrada escura e solitária, onde raramente cruzava com a sombra de um caminhante. Cumprimentava-o sem saber quem era. Só encontrava duas ou três claridades de ranchos até chegar ao Porto do Rei. Aquele estirão de quilômetros acabou por se me tornar familiar, poderia fazê-lo de olhos fechados. Conhecia os barrancos, as pedras salientes, as árvores tombadas no leito de areia branca. Caminhava automaticamente, esquecido de que o fazia. E a imaginação, à solta, voava. Era um sonho pobre, de fazer dó...

Ao chegar ao jornal, no dia seguinte, encontrava uma carta sobre a mesa. De quem será, meu Deus? Haverá por aí alguém que me escreva? Abri-a com as mãos trêmulas e lia. Era do Dr. Crissiúma, prestigioso chefe político. “Meu caro senhor. — Para corresponder à sua inteligência e bondade, e por saber a situação amarga que o senhor está atravessando neste momento, resolvi oferecer-lhe um emprego de contínuo nesta Repartição; é modesto, como vê, mas lhe garantirá uma casinha de porta e janela no Catiapoã, uma caderneta na venda, outra na padaria e uns níqueis certos para o bonde. Do seu conterrâneo e admirador...”

Mas dava uma topada.

— Mal raio a parta!

E o negro do leite espatifava o pote nas pedras.

Certa noite, já na metade do caminho, fui alcançado por

uma caçamba puxada por um burro. Transportava sacos de mantimentos para alguma vendola das proximidades da fortaleza. O carroceiro ia encolhido na boleia e cantava uma modinha. Eu, vendo a lanterna que se aproximava, balançando, saltei para a margem da estrada, a fim de dar passagem. E o homem parou o veículo, amável:

— Se quiser uma veradinha, trepe aí atrás.

Não esperei novo convite; subi no veículo, sentando-me em cima da pilha de sacos. A caçamba retomou a marcha lenta, o carroceiro retomou a cantiga praiana. Embalado, pela **carripa**, eu também retomei o fio do sonho...

Com o empreguinho de contínuo, oferecido pelo bondoso dr. Crissiúma, usarei calças brancas e paletó de alpaca. Engraxarei todas as manhãs as botinas de elástico. Comprarei um par de óculos redondos, com aros de ouro. Instalarei na sala da minha casa uma mesa grande, um tinteiro de boca larga, uma caneta a meu jeito, com pena nova, daquelas douradas. Então...

Para falar verdade, não sei o que foi aquilo. Por mais que me esforce, não lembro de coisa alguma. Só sei contar que, de repente, vi o céu todo estrelado e recebi uma pancada surda nas costas. Depois, houve um espaço vazio, entre as penas douradas e as estrelas do céu. A morte deve ser assim. O carroceiro pegou na lanterna que dançava na frente da caçamba e aproximou-a de minha cara:

— Arre lá combosco! Estais machucado? Demorei a responder. Depois:

— Eu, não. Por quê?

Só então dei conta de que estava deitado na estrada, de costas, tendo por cima sacas e pacotes.

— Que foi isto? — perguntei.

— Nada. Acontece algumas vezes. O gancho da frente escorregou e a caçamba virou para trás, despejando a carga. Ela pensou que estava removendo aterro para a picada do Te-



légrafo, ali adiante...

E o caçara, vendo-me sair incólume de baixo da pilha de fardos, pôs-se a rir, divertido.

— E você, não se machucou?

— Eu vinha na boleia, fiquei firme onde estava. Nunca esqueci esse tombo.

Entre o Porto do Rei e o boqueirão do meu rancho, a noite era quase sempre escuríssima. Então caminhando, eu deixava de sentir o corpo; tornava-me apenas olhos. Guiava-me não sei como. À direita, a queixa surda das ondas estirando-se na praia, e a silhueta da “Caldebeck” vista contra a fosforescência do mar. À esquerda, a mancha arrepiada do jundu, ou orla da praia, com suas palmatórias-do-diabo e palmeiras anãs. Em certo ponto, distinguia a sombra do enorme chapéu-de-sol do boqueirão e para ela me dirigia, revolvendo, sem ver, a areia solta, esmagando as plantinhas rasteiras, as rosetas e as coranhas. Estava, afinal, diante do rancho. Olhava para trás e via as pegadas luminosas.

A porta, de uma folha só, estava pouco mais do que encostada. Metia o lápis pelo vão e fazia girar a taramela. A família quase sempre, depois do jantar, ficava na cozinha. Entrava, dizia algumas palavras secas e sentava no lugar costumeiro, com apetite voraz. Geralmente, só havia um pitéu. Estava naquele caldeirão de ferro, bojudo, como nunca mais vi. Feijão cozido com abóbora, chuchus, nabos, carás etc. No fundo, como escondidos, um naco de carne seca, outro de toucinho. E cheirava muito bem. Eram as alfavacas e os coentros do quintal, plantados pelo último inquilino.

— Ando com vontade de comer um peixinho frito.

— Quem é que vai pescar? Quem é que vai ajudar a puxar a rede de arrasto? As meninas foram pescar na sanga e os lambaris acharam graça nos anzóis feitos de alfinetes...

Por essas e outras comíamos muito feijão. Nunca imaginara antes que se pudesse comer tanto feijão. Feijão existia

mesmo, não era figura de retórica. Um domingo, não podendo ir pescar sargos e garoupas, de linhote, nas pedras, porque as visitas estavam proibidas nos terrenos da fortaleza, eu e meus irmãos menores resolvemos fazer um estrago nas piabas da sanga. Pois até aqueles bichinhos bobos pareciam contra nós. Voltamos para casa com o samburá vazio, sem esperança de melhor almoço.

Então, sem querer, descobrimos o mel de pau. O mel de pau, no caso, era uma salada que, com certeza, outros praianos, em idêntica situação, já haviam descoberto. Na areia da praia viceja certa plantinha verde e carnuda, muito simpática, que atende pelo nome de perrexil. Não sei se em 1915 já era comestível. Nós a preparávamos à maneira dos espinafres e com ela fazíamos opíparos banquetes. Tantos anos decorridos, vou à enciclopédia e verifico que se trata de uma umbelífera (*crithmum maritimum*), ótimo estimulante para o apetite. Compreendo agora muita coisa que, então, me parecia incompreensível. Talvez fosse por causa daquele aperitivo que, ao terminarmos as refeições, continuávamos com o mesmo apetite de antes, talvez maior...

Durante o dia, minha mãe e as meninas iam para a beira da sanga e ensaboavam a roupa da casa, estendendo-a depois para coarar nas guanxumas do terreiro, debaixo da copa chata do chapéu-de-sol. A visão daquele quadro muito me entristecia. Quase todas as peças estavam remendadas. As fraldas das camisas eram incompletas porque delas eram cortados bocados de pano para remendar peitos e punhos já puídos. A roupa era toda branca sem um fio de cor, e isso não por ser fina, mas porque já havia desbotado de todo.

As noites, entre as quatro paredes de pau a pique, eram alegres. Na cozinha, onde estava a mesa grande, luxo de outros tempos, fumaceava o candeeiro de querosene cuja mecha fazíamos de meias velhas, por não dispormos de pavios

melhores. O cômodo do casal e o das meninas permaneciam escuros. Não raro, intrometido vagalume penetrava pelo teto pobre. Ou então, era um grilo que se punha a zinzinar no canto. O primeiro que escutava pedia silêncio e, com um pouquinho daquela superstição que é a religião dos aflitos, anunciava:

— A demanda está no papo... Ouçam o grilo...

— Agora, você precisa tirar carta de chofer para, todas as manhãs, ir de carro para o emprego.

— Em que carro?

— No meu. Empréstimo-lhe desde já, mas com a condição de tratar muito bem dele. É um Espano-Suíça.

— Bobinha... Não sabe que esse carro é de turismo? Então, por que não compra um...

E, nesse andar, acabava-se brigando por causa da marca daquele carro que, quarenta anos depois, ainda não chegou a nossas mãos.

De um dia para outro, ficamos apreensivos. Minha mãe e minhas irmãs começaram a entristecer, embora não se queixassem. Iam sentar-se no banco debaixo do chapéu-de-sol e ali ficavam a tremer de frio, mesmo quando a tepidez daquelas manhãs não o justificava. Depois, sobrevinha a febre e elas iam para a cama, onde se atiravam sem ânimo de levantar-se. O primeiro caçara que as viu diagnosticou: maleita. E nós, naquela luta, sem encontrarmos emprego que nos permitisse voltar para São Vicente, onde o tratamento seria fácil. Ainda passamos ali um mês, dois meses, e nada de aparecer trabalho mais bem remunerado. As pobres, enfraquecidas, tornavam-se de uma palidez citrina. Quando lhes vinha o acesso de febre, deliravam.

Acabei por perder a paciência e resolvi pôr um paradeiro àquela situação, custasse o que custasse. Depois de uma certa conversinha em particular com o caçara que eu encontrava todas as manhãs, sentado na boleia, a transportar mantimento para a praia, consegui que ele, voltando sempre com a carroça

vazia, transportasse nossa mudança para a cidade. Pagaria regamente, mas no fim do mês. Ele aceitou, mais por bondade do que por ganância. Caiçara tem ainda mais coração do que baço.

Empilhei na carroça os cacarecos que nos sobravam e mandei o homem tocar para São Vicente.

— Que rua, patrão?

— Toque o burro que lá eu lhe mostro.

Trepei na boleia, ao lado do carroceiro, e a mudança partiu pela praia, ladeou a “Caldebeck”, dourada de sol, com gaivotas a revoarem e a gritarem ao seu redor, e entrou pelo boqueirão do Porto do Rei. Quando a carroça fez a curva, olhei para traz e vi três mulheres de branco, unidas, que faziam penosamente o mesmo caminho. E os meus irmãos? Ah! Esses, com certeza, já deviam estar lá pela Ponte Pênsil...

No fundo do Largo de Santa Cruz existia e parece que ainda existe uma ruela muito simpática. Não tinha placas nas esquinas, mas toda a gente sabia que era a Rua das Sete Casas. Do lado esquerdo, estendia-se o muro **esborcinado** de velha chácara e sobre ele se debruçavam árvores abandonadas, cobertas de ervas-de-passarinho. Do lado direito, um correr de casebres de outros tempos, com degraus de pedra diante das portas. Em algumas janelas, os vidros tinham sido substituídos por folhas de papel grosseiramente grudadas nos caixilhos. A antiga calçada estava quase desaparecida, tal o número de buracos, onde viçavam touças de gramíneas. E o centro da rua, coberto de ervas, apresentava trilhas pelas quais os raros transeuntes encurtavam caminho. No correr de casas a que me refiro, via-se uma bem mais estragada que as outras, pois havia não sei quanto tempo estava condenada, com um papel oficial grudado na porta e onde menos se lia do que se adivinhava: “Interditada pelo Serviço Sanitário”.

Fiz a carroça parar diante dela. O carroceiro, com ar suspeitoso, interrogou-me. Em lugar de responder-lhe com pala-

bras, saltei da boleia e meti o ombro na porta que, felizmente, não ofereceu muita resistência. Diante desse ato pouco usado pelos que se mudavam naquela cidade, em 1915, o coitado sentiu-se comprometido e, ressabiado, descarregou depressa a carga, chicoteou os animais e desapareceu no fim da ruela, nas bandas do Tumiaru.

Felizmente, meus irmãos souberam daquilo e correram a ajudar-me. Recolhemos a mudança, armamos as camas, distribuímos a mesa, o sofá, as cadeiras esculpidas que, em tempos melhores, meu pai havia comprado em Buenos Aires. E o saco com as panelas, a bacia com a louça embrulhada, peça por peça, em retalhos de jornal.

Quando minha mãe e minhas irmãs chegaram, horas depois, já encontraram a casa possivelmente arrumada. O fogão estava aceso e sobre ele fervia a chaleira grande, com água para o café. Mas as pobres vinham doentes e fatigadíssimas; procuraram logo as camas. Tudo, pois, até ali, se dera como eu havia previsto. Mas... faltava o pior.

No dia seguinte, com um friozinho na espinha, dirigi-me ao Serviço Sanitário, em Santos. Naquele tempo, se bem me lembro, estava instalado em uma casa de arquitetura exótica, no fim da Rua Santo Antônio. Entrando, disse ao contínuo que desejava falar ao diretor. Era o dr. Siqueira Zamith. Recebido em seu gabinete, ele indicou-me uma cadeira ao lado e dispôs-se a ouvir-me. Então, fazendo da fraqueza força, comecei a contar-lhe o que levava a efeito na véspera, e sua atenção foi crescendo à medida que eu falava. Quando lhe disse que havia arrombado a porta da casa e que lá havia instalado a família, ele, naturalmente, pensou que eu estivesse mancomunado com o dono, pois este, havia anos, como vim a saber depois, recorria a todo os expedientes na esperança de remover a interdição que pesava sobre a sua propriedade. Vi o diretor erguer-se, fora de si:

— Sabe que praticou um crime? Pois considere-se preso. Vou telefonar ao...

Então eu, com esta calma sobrenatural que só encontro nos momentos trágicos, contei-lhe a nossa situação, concluindo por estas palavras:

— Compreendo e admiro o seu zelo. O senhor tem o dever de proceder assim. Mas eu lhe asseguro que, invertidos os papéis, talvez o senhor fizesse exatamente o que eu fiz...

Ouvindo-me falar a linguagem do desespero e da sinceridade, o diretor procurou esconder a comoção, explicou-me:

— Sabe o senhor o que fez? Aquela casa é um foco de maleita; pela estatística do Serviço, posso assegurar-lhe que, nos últimos dez anos, as pessoas que lá foram residir saíram na padiola. E o proprietário é turrão, chicanista, recusa-se a fazer as obras que determinamos, contrata advogados, um horror...

Compreendi que, por fatalidade, tinha mexido numa casa de vespas. E o diretor olhava-me indeciso. Mas, no fim, sua bondade prevaleceu:

— Está bem, fica o dito por não dito, até amanhã. Lá pelas onze horas, passarei pela casa e verei o que posso fazer.

No dia seguinte, à hora aprazada, ele foi bater à nossa porta. Entrou grave, cerimonioso, com delicado propósito de não ser indiscreto. Levei-o ao quarto onde examinou as doentes e — se não me falha a memória — lhes prestou os primeiros cuidados médicos. Ao sair, com uma pontinha de emoção, concedeu:

— Podem ficar aqui até encontrar outra casa, mas quando se mudarem, exijo uma coisa: devolvam a chave ao Serviço Sanitário.

Sinceramente, dei a palavra de que cumpriria as suas ordens. Ali passamos não sei quantos meses. O proprietário que gastara dinheiro inutilmente para liberar a casa, e que de um dia para outro o conseguira por milagre, nem por isso se mostrou menos renitente. Nós sabíamos que novo mês havia

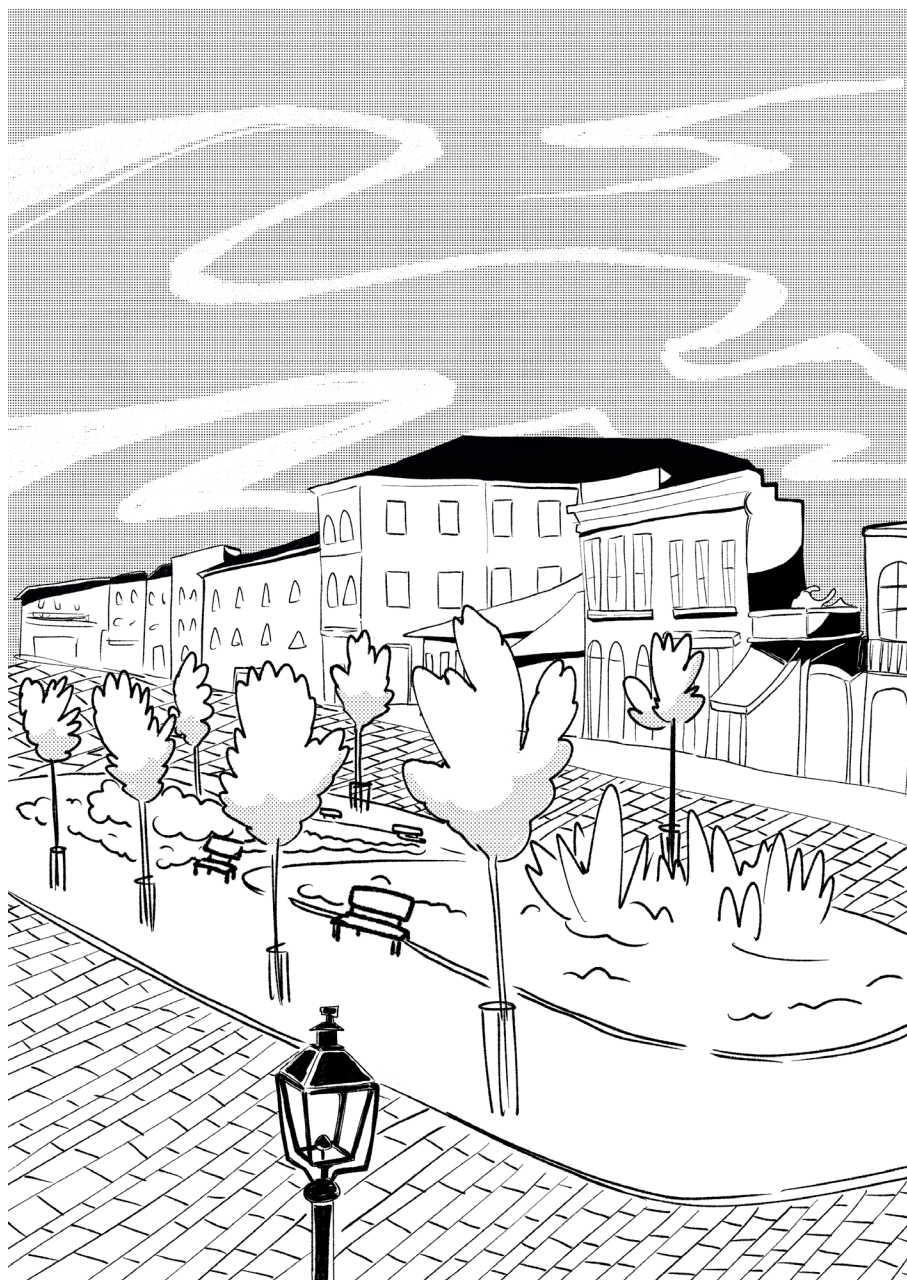
começado graças a uma folhinha pouco usada: ao desencostar a porta da rua, às sete horas da manhã, já encontrávamos o homenzinho sentado no degrau de pedra, com o recibo na mão.

Depois... Depois, a guerra entrou em declínio e a nossa vida, aos poucos, foi melhorando. Um hálito de esperança animou a praça. Eu, a pedido de João Salerno, entrei para “A Tribuna”, como repórter. Meu irmão Godofredo fez-se cobrador do Santos Futebol Clube. Andava o dia inteiro com uma valise de recibos e dinheiro. Dizia ele que seu braço direito estava crescendo com o peso; se continuasse, teria de dar um nó no cotovelo, para restabelecer a simetria. E os meninos, já mocinhos, conseguiram igualmente colocação.

Chegou o dia em que, finalmente, pudemos mudar para Santos. Ao fechar a porta da casa, lembrei-me do meu compromisso com o diretor do Serviço Sanitário. Dispus-me a levá-lo a chave, como havia prometido. Mas esbarrei num obstáculo respeitável: a casa não tinha chave. À noite, a porta da rua ficava encostada por um caixote, dos de sabão. Mas lá nunca penetrou um desavisado gatuno. O único que assaltou a família e, há mais de meio século, nos reduziu à pobreza, é podre de rico, tem escritório em Londres e, se aqui o chamássemos pelo nome, nos meteria a todos na cadeia.









## 5 – VÉSPER

— Bom dia, seu Pereirinha. Desculpe a amolação, mas vim pedir que me empreste...

Ainda não eram sete horas da manhã. O calor começara cedo. O vento noroeste agitava as estrelas verdes dos **jerivás**. Seu Pereirinha, em mangas de camisa, chinelas, tesoura em punho, ia e vinha pelo alpendre do chalé de madeira cuidando das parasitas. As toras úmidas, onde elas se agarravam, alinhavam-se penduradas na parede e na gradinha de tábuas, estadeando a alegria das bocas-de-leão e das chuvas-de-ouro. Livres dos jacazinhos de plantas, só se via o espaço da porta e o da janela com cortina de chita, esvoaçante. O mais era um jardim suspenso. O florista comprava essas joias, a baixo preço, dos praianos que vinham do Piaçabuçu e, depois, ia vendê-las no cais, diante da escada dos transatlânticos, a turistas boquiabertos. Nos últimos anos, porém, por causa da guerra, escasseavam os navios de linha e os viajantes de dinheiro fácil. Ele, à espera de melhores dias, limitava-se a conservar, na frente do chalé da Rua Padre Anchieta, aquele florido recanto de floresta.

Ao ver-me através das tabuinhas do portão, ao ouvir o tímido pedido, que com frequência se repetia, sopitou um gesto de mau humor. Ajeitou os óculos, depôs a tesoura sobre o banquinho, desceu a escada de três pranchas e atendeu-me pelo vão da cerca:

— Quanto precisa?

— Cinco mil-réis, Seu Pereirinha... Será até... O senhor sabe...

— E que vai fazer com esse cobre?

— Vou...

Entre o “vou” e o resto da frase, tive tempo de inventar um pretexto que me pareceu ótimo:

— Sabe, Seu Pereirinha? Vou fundar um jornal!

O homem não pôde deixar de rir. Catou uma nota no bolso fundo das calças e me estendeu, por entre a madressilva. Depois, sem esperar os agradecimentos, voltou-me as costas e foi tratar das flores. Afastei-me vexado, mas contente. E com razão. A praça estava atravessando dias de quase paralisação, de forçada “parcimônia nos gastos”. Muitos ricos tornavam-se riquíssimos com os fornecimentos, mas o povo sofria. A tal ponto que, em certo período, a Prefeitura foi obrigada a organizar um serviço de assistência às famílias necessitadas. Tal iniciativa seria muito para louvar se os benefícios não tivessem ficado adstritos aos cabos eleitorais e pessoas chegadas aos figurões.

Eu ainda andava na carreira dos vinte. Era solteiro e vivia com a família, na Rua das Sete Casas. Aquela manhã, ao levantar-me, fui como sempre à cozinha. Mas lá não encontrei o que desejava. Vi o fogão apagado. Um gato dormia na cinza da véspera. Encarou-me e soltou um miado tão lastimoso que não pude deixar de sorrir-lhe, fraternalmente. Sobre a mesa, o bule de ferro esmaltado, todo azul, ornado com um ramalhete de flores de pessegueiro, as xícaras díspares, umas desbeijadas, outras sem asa... Tudo limpo, arrumado, bonito, mas nem sinal de café. Foi diante desse quadro que saí para a rua, a fim de recorrer a algum conhecido. Seu Pereirinha era um homem perseguido pelo destino: morava alguns quarteirões adiante e muito cedo já se encontrava no alpendre, tratando do seu jar-

dim suspenso. Portanto, pela terceira ou quarta vez, recorri à sua bondade.

Apalpando no bolso a nota que acabava de receber, entrei na venda mais próxima, comprei um maço de cigarros de três tostões, reservei níqueis para o bonde e voltei à casa. Coloquei o troco em cima da mesa da cozinha, em lugar bem visível, e saí de novo, fechando a porta com o trinco. Na esquina, tomei o bonde que passava. Sentado no último lugar do último banco, tive ganas de rir. Lembrava a desculpa esfarrapada que dera àquele prestativo Seu Pereirinha. E, como não tivesse nada mais sério para ocupar o pensamento, comecei a parafrasear na ideia risível que me assaltara, de chofre... E se tentasse mesmo fundar um jornal? Nas minhas condições seria loucura pensar nisso. Mas ao chegar a Santos aquela maluquice já se havia dourado de possibilidades.

Apeei na Praça da República e, para encurtar caminho, tomei a Rua Martim Afonso, de má nota. Como fosse muito cedo, reinava completo sossego na zona. Os casebres fechados, as meias-portas desertas, os papagaios recolhidos. Apenas um ou outro caixeiro dos botequins próximos, a bandeja de lata equilibrada à altura do ombro, levavam bule de café, açucareiro e xícaras para as mulheres tresnoitadas que tinham ficado até tarde, insones, atrás das meias-portas ou das venezianas, a chamarem os transeuntes.

De repente, estaquei. Estava diante da oficina de “A Melindrosa”. Essa revista, meses antes, acossada pelos credores, suspendera a publicação. Olhando a casa fechada, que exibia a tabuleta pensa de banda, veio-me à cabeça um plano completo, até mesmo com pormenores miúdos, como se eu tivesse passado noites de vigília, a matutar na fundação de um diário.

— Para começar — assentei cá comigo — vou procurar o Ubaldino!

Ubaldino Ponce era zangão, muito conhecido na praça,

com fumaças de jornalista. Encerrada a publicação de “A Melindrosa”, que lhe ia tirando o pão da boca, fechou a tipografia, botou a chave no bolso e eclipsou-se, para fugir aos papéis selados e aos oficiais de justiça renitentes que lhe farejavam o rasto e lhe acuavam a sombra...

Onde andaria, pois, Ubaldino Ponce? Na lista telefônica só havia o número do aparelho do escritório, lugar de onde ele, cautamente, havia desaparecido. Nos cafés, no Bazar de Paris, na esquina da Rua 15 com a Rua do Comércio, ninguém conseguiu indicar-me o seu paradeiro. Diante disso, pus em prática o que tinha aprendido nas “Memórias de um Polícia Amador”, de Conan Doyle, e localizei-o numa chácara da Barra. Naquele tempo ainda se dizia “na Barra”. Pergunta que pergunta, com muito tato, fui descobri-lo a pescar de vara num barranco do Rio do Sapateiro, rio que agora só existe na memória de alguns velhos. O ilustre fujão estava em mangas de camisa e trazia na cabeça, por causa do sol, um vasto chapéu praiano. Por trás da cerca, reconheci-o. Ele estava imóvel, a olhar a água. Dir-se-ia a estátua da Paciência. Chamei-o pelo nome:

— Ubaldino!

O pescador teve um movimento de susto e, certamente, desandaria a fugir pela margem encapoeirada se eu não lhe tivesse adiantado palavras tranquilizadoras.

— Que quer aqui? Diga logo!

— Não quero nada. Ia passando pela avenida e senti cócegas de espiar para dentro. Ao ver você, não resisti ao desejo de...

— Ah! Isso sim...

Mas, assim mesmo, mostrou-se ressabiado. Só depois de eu prometer, com palavras escolhidas, que as minhas intenções eram pacíficas, o pescador aproximou-se da cerca e estendeu-me a mão até certo ponto receosa. Então, apanhando-o indefeso, disse-lhe a que vinha. O zangão sentiu-se traído

mas, como entre nós dois corresse a cerca de arame farpado, acendeu o charuto que se apagara e desabafou:

— Quem foi o maluco que lhe falou na minha oficina? Aquilo não é tipografia, é castelo de cartas. Cada credor puxa do seu lado. Graças a esse equilíbrio, ela ainda lá se encontra de pé, mas fechada, sem nenhuma possibilidade de reabrir-se. E a situação promete eternizar-se. Enquanto a demanda não ata nem desata, aqui estou eu, na casa de parentes, sem poder trabalhar na praça e sem um puro vintém para defender-me em juízo... Se você se sente com coragem de dar um empurrão na cagalhufa, me prestará serviço. Embora bocoriamente, como se diz no foro, arrendo-a desde já pelo prazo e pela importância mensal que você alvitrar... A política está corvejando sobre o acervo. Você sabe... As eleições se aproximam... Mas, como já lhe disse, é difícil encontrar por aí um Sansão, para derrubar o templo e morrer esmagado debaixo das colunas!

Riu satisfeito com a imagem e, depois de acender mais uma vez o charuto teimoso, concluiu:

— Arrendo-lhe, está dito. Será um meio de deslocar a chicana do ponto morto em que emperrou. Mas, como amigo, quero preveni-lo de que você vai cutucar um vespeiro.

Eu não entendia patavina daquilo, mas, fingindo-me bem informado nas tricas forenses, pisquei-lhe um olho finório:

— Estou a par de tudo. Vim procurá-lo certo de que aceitaria a minha proposta. Até pensei que você — a título de empréstimo, está claro — vai arranjar-me uns cobrinhos para as minhas despesas. Dinheirinho miúdo, sabe? Pretendo vir aqui muitas vezes a fim de informá-lo sobre o que for sucedendo...

Ubalduino vasculhou, aflito, os bolsos das calças.

— Chegam dez mil-réis? Vinte?... Leve-os. Mas com uma condição: bico calado quanto ao meu endereço! Ergueu a mão e com ela espalmada fingiu cortar o pomo de Adão, ex-

clamando:

— Estou por aqui com essas amolações!

Despedimo-nos com efusiva cordialidade. Caminhando para o ponto do bonde, parafusava:

— Que mal poderá acontecer-me no arrendamento de uma oficina crivada de dívidas e fechada pelos credores que, segundo parece, estão ansiosos à procura de um pretexto para reabri-la? Penhora? Cadeia? Ora, bolas! Vivo numa penúria tal que, aconteça o que acontecer, não poderá ser pior do que isto! As águas turvas da tipografia me parecem bem mais **piscosas** do que as águas do Rio do Sapateiro, onde Ubaldino está pescando há três meses sem puxar no anzol o mais ingênuo lambari!

No mesmo dia consegui a lista dos credores. Os mais renitentes eram o dono do prédio da Rua Martim Afonso e a “City”, fornecedora de energia elétrica. Resolvi entender-me, sem demora, com um e outra. Próxima à oficina prosperava aquela Agência Santiago cujo proprietário eu conhecia de nome, primeiro por passar muitas vezes pela sua vitrina, onde estava escrita a firma, com letras douradas; segundo, porque fora colega de escola de um seu filho, falecido havia pouco.

Comecei pelo senhorio. Muni-me de coragem e entrei à Agência Santiago. O dono estava debruçado sobre uma mesa, onde havia maços de notas, separando francos, duros, pesos, libras e dólares. Para não o distrair na grave contagem daqueles valores, encostei-me ao balcão e esperei. Mas o cambista pôs-se a espiar-me, de esguelha. Eu não tinha aspecto de quem ia trocar mil-réis por qualquer outra moeda. Talvez, por ver-me assim, ele sentisse injustificado receio... Em certo momento, abriu uma gaveta e apalpou qualquer coisa lá dentro. Devia ser a garrucha que essa gente conserva sempre ao alcance da mão, a fim de defender-se de assaltos... Depois, voltou a mexer na gaveta, à procura de um objeto... Com certeza,



esquecera-se da garrucha... Mas achou o que procurava; não era arma, era uma caixinha azul, de papelão, de onde retirou elásticos para sujeitar os maços de notas. Contado o dinheiro, ajuntado em maços que eram presos por argolas de cautchu, meteu-o no cofre, fechando-o com enigmáticos estalidos. Depois voltou-se para o balcão e atendeu-me:

— Que deseja?

— Vim falar-lhe sobre o prédio da tipografia.

— Aqui o nº 122? Isso não é comigo. Dirija-se ao advogado.

— Está bem, mas peço-lhe dois minutos de atenção. Sei que a demanda parou num ponto morto e pode durar ainda alguns anos. Acho que botar a oficina em funcionamento será uma saída muito favorável para o senhor...

O homem examinou-me longamente, com olho desconfiado. Certamente, perguntou aos seus botões quem me havia encomendado aquele sermão, e resolveu aparar o suposto golpe dos contrários:

— Está bem. Até certo ponto, aceito. Pague-me os (e a sua boca pálida encheu-se de contos de réis) que o Ubaldino me deve de aluguéis, e eu não farei a mínima objeção a que...

Senti-me desanimado ao ouvir a cautelosa resposta do Santiago e caminhei para a porta. Mas o cambista não se conteve. Parecia-lhe claro, então, que os antagonistas estavam a urdir-lhe uma cilada. E quis saber a coisa por miúdo:

— Olá...

Voltei-me.

— Mas, afinal, por que motivo você se dirige logo a mim?... Respondi-lhe chãmente:

— Estou procurando falar com todos os interessados. Quanto ao senhor, esperei melhor acolhimento.

O homem sobressaltou-se.

— Fui colega de seu filho, sabe?

— Do José?

— Sim, do Zezinho. Sentávamos na mesma carteira. Isso foi pouco antes do...

Operou-se visível mudança na fisionomia daquele homem mergulhado até o pescoço em libras, dólares, duros, pesos e mil-réis fortes.

— Então eram amigos?...

Pensou um pouco, sorriu com tristeza e, como voltando a si:

— Peça a chave ao Ubaldino. Ponha a tipografia em movimento, como achar melhor. De minha parte, fica autorizado. Já se entendeu com a “City”?

— Vou lá agora.

— Olhe que será difícil convencer Mister Brown. Quando ele amanhece com os seus calundus, é intratável. Mas nos outros dias é uma seda, até dá gosto precisar dele. O Ubaldino é um tranca, ficou a dever-lhe os cabelos da cabeça!

Rimo-nos, com gosto. Corri ao escritório da “City”, à Rua 15 de Novembro. Mister Brown, o gerente da Companhia, era um homem curioso. Chegava-se mesmo a dizer, a boca pequena, que era boa pessoa. E tinha ideias lá consigo. Infelizmente, atrás dele estava um inglês de chapéu de cortiça e cachimbo: o acionista. O acionista londrino é um atrasadão, um “penny-wide” levado da breca.

Pensando nessas coisas, subi a escada daquele casarão com frontaria de azulejos em cujos escritórios trinta “rowers” do Saldanha trabalhavam em mangas de camisa, suando em bica. Depois de certas formalidades, fui recebido pelo gerente. Expus as razões da visita e esperei que ele, com uma calma exasperante, abrisse o maço de cigarros, catasse o quebra-peito, o entalasse entre os dentes de boa marca e o acendes-se com um fósforo abstrato.

— Jornal aliado, não?

— Claro...

Atirou para o ar uma fumaça longínqua. Depois, voltou a si, reatou a conversa:

— O Sr. Ubaldino deve-nos (e lá veio, juntamente com a fumaça, um número inquietante de contos de réis). Mas a cobrança, a nosso critério, ficará suspensa. A contar de agora, sem prejuízo da dívida anterior, os gastos de luz e força passarão a ser pagos, inapelavelmente, no fim de cada mês, até melhores dias. Está bem assim?...

O boato de que eu ia publicar um jornal circulou rápido pelos cafés. Nas mesas do Paris e do Paulista discutiu-se acaloradamente a novidade. Havia cabeceamentos de dúvida e, não raro, também sorrisos amarelos de despeito. Um figurão da política sentenciou:

— Alguém está pagando isso! Precisamos descobrir quem é o esperto!

No dia seguinte, quando cheguei à Rua Martim Afonso, com a chave na mão para abrir a oficina, já encontrei os tipógrafos agrupados diante da porta. Eram conhecidos puxadores de linhas, velhos e sofreadores, que não tendo encontrado serviço depois do malogro da revista, andavam à cata do arisco pão de cada dia. Entre eles, surpreendi umas caras novas, naturalmente da profissão.

— De quantos homens precisa? — perguntou o Dominginho.

— Veja se me arranja um bico... — choramingou o Bentinho. Estabeleceu-se logo uma atmosfera de camaradagem.

— Desde já vocês todos podem considerar-se empregados. Mas lembrem-se de que por enquanto não há dinheiro. Nenhum vintém, mesmo. Se eu der a minha palavra, vocês acreditam? Será preciso jurar? Vamos lançar o grande órgão e, à medida que o cobre entrar, a gente se irá acomodando... Ademais, eu não aspiro a aumentar a minha fortuna com isto.

Bentinho era cético. Pequeno, magro, metido num terno castanho bem maior do que ele, começou a rir, mostrando as gengivas vermelhas. Mas o seu riso era triste, triste... Vitorino não dizia palavra. Encostado à parede, fumava olhando o vácuo, com olhos enevoados de bebidas. No passado, fora ator, escritor, comediógrafo, jornalista. Depois perdeu o ânimo. Tudo para ele, estivesse bem ou mal, era sempre a mesma coisa. Aqueles homens sabiam que estavam sobrando na profissão, depois da chegada das máquinas de compor. Os jornais da terra e algumas oficinas de obras já dispunham de linotipos e de linotipistas contratados com bons salários. Todos, pois, sem muita confiança na empresa, aceitaram a proposta de trabalhar comigo.

Introduzi na fechadura a grosseira chave de ferro, abri a porta e fomos entrando em fila, a um de fundo. A oficina estava escura e úmida, com cheiro de bolor. Eu, que ia na frente, escancarei a janela e a claridade bateu de viés nos cavaletes, na mesa de paginação, na porta do quatinho que servia de gabinete do diretor. Bentinho pôs-se a rir, como quem esfrega uma lixa na outra. O Guache perguntou-lhe:

— Que é isso, homem? Você está com cócegas? E ele, com um muxoxo de nojo:

— Não faço fé nesta joça. Você reparou no chefe? Ele entrou no jornal, e pela primeira vez, com o pé esquerdo!

A eletricidade ainda não tinha sido ligada mas, com a porta e a janela abertas, havia luz suficiente para os primeiros trabalhos. Vitorino desencantou o fole e começou a soprar a poeira acumulada nas caixas de tipos. Dominginho, para fazer alguma coisa, pegou num paquê e foi distribuí-lo na caixa do Elzevir. Guache resolveu desmanchar umas formas de anúncios que estavam na mesa de zinco, dentro das ramas. Ao vê-lo assim, eu me sobressaltei:

— Que é isso, homem? Espere aí. Não mexa por enquan-

to nessa composição. Primeiro, tire uma prova, que eu vou entender-me com os interessados e talvez consiga alguma publicidade...

Guache obedeceu. Era um operário consciencioso. Chamou Cirino, cara nova surgida pouco antes, mandou molhar tiras de papel e, depois, batendo com a escova, tirou provas dos vinte e dois anúncios da extinta revista.

Eu estava tomando posse do cubículo que seria o gabinete do diretor. Era tão exíguo que, no tempo do Ubaldino, um pândego qualquer pendurara à entrada este aviso: “Deixe a sombra do lado de fora, para não tomar lugar...” Quando me abanquei no carunchoso “bureau ministre” e me preparava para lançar no papel o artigo de apresentação do futuro jornal, Cirino veio entregar-me as provas. Interrompi a nascitura obra literária e saí com o maço de papel úmido, à procura de um telefone, para entender-me com os interessados. Podia bem ser que...

Fazia um calor de rachar. Os paralelepípedos estavam esbraseados. O quarteirão fronteiro à tipografia era todo de casas baixas, providas de janelas com venezianas e portas com meias-portas. Mulheres gordas, suadas, em trajés precários, ficavam para dentro das meias-portas.

A reabertura da oficina tinha assanhado a curiosidade fácil da zona. Debruçadas nas meias-portas, metidas em trajés para lá de rudimentares, por causa do calor asfíxiante, as mulheres queriam xeretear o que estava acontecendo. Elas eram de diversas nacionalidades. Havia montenegrinas ruivas e sardentas, francesas magras de colo batido e maçãs salientes, negras peitudas e de lábios escarlates à força de “rouge”. Ao passar em frente às casas, sentia-se um cheiro ácido correspondente a certo pó de arroz que só se encontrava naquele meio. Nessa manhã, elas repetiam sem tréguas a pergunta:

— Como é? “A Melindrosa” vai sair de novo?...

Nos botequins reles, com açucareiros de lata e canecas sem pires, caixeirinhos chegados pelo último vapor plantavam-se à porta, farejando novidade. Saí sem chapéu, o que naquela época era sinal seguro de uma aduela de menos. Caminhando com as provas na mão, fui seguido por olhares ávidos de informações:

— Olhe aqui, quem é o dono da fábrica?...

— Boniteza, você é o novo gerente?...

— Depois mais, vou visitar aquilo!

— Entre, mocinho, venha conversar comigo que o patrão não está vendo...

E eram risadas de mostrar os pivôs, de sacudir os seios flácidos, caídos como porungas debaixo do roupão de ramagens.

Uma ruiva fez alto-falante com as mãos e gritou para a esquina:

— Cachêrra! Média com pão e troco para cinco mil-réis! Outra imitou-a:

— Espanholzinho, venha buscar a garrafa e os copos. Traga troco para dez lonas!

Dirigi-me ao Café do Monte, que ficava na esquina, e, depois de entender-me com o proprietário, um ilhéu gordo e lívido, arremangado, com viçosa capilosidade nos braços, procurei o telefone. Ficava no canto mais escuro e estava ocupado por uma mulher da vizinhança. Habituada a vista à meia luz, pude ver que era negra, cabelos lisos, olhos pestanudos e tristes. Era a Amélia, do 121. Falava com voz doce:

— Mocinha, me diga onde está o Dr. Pitanga.

— ...

— Ele me disse que aí é o seu escritório. É uma caridade que você faz. Tenha pena da gente, se não...

— ...

— Olhe, mocinha de mau coração, não brinque com aquilo que não conhece... Eu já fui como você, mas o mundo é traidor...

— ...

— Deus é grande. Deixe estar... Hoje sou eu, amanhã...

Pendurou o fone no gancho e saiu a enxugar na fralda do roupão de ramagens os olhos pretos. Na sua aflição, entremostrava os opulentos seios cor de canela. Ao defrontar-se comigo, assustou-se:

— Você estava aí?...

— Cheguei agorinha mesmo.

— Estive telefonando para o Pitanga. Ou ele volta, ou... A mocinha do escritório é uma bisca. Má como ela só. Mas se eu um dia me encontrar com ela...

— Você continua apaixonada por aquele casca?

— Sempre. Cada vez mais. Isso não depende da gente... Já perdi de todo a vergonha. Vivo procurando ele e ele fugindo de mim, mandando dizer que não está, que ainda não chegou, que já saiu... Você é amigo do Pitanga, que eu sei. Diga para ele que estou disposta a tudo: não bebo mais, não chamo ele na rua, não telefono para o escritório, não tenho ciúme, não armo sarilho na zona... Você diz tudo isso pra ele, sim? Mas que volte, mas que volte, por tudo que ele tem mais sagrado na vida!

E a moça saiu aflita, arrepanhando pudicamente o roupão sacudido pelas lufadas do noroeste.

O botequineiro quis saber:

— Então, você conhece a Amélia?

— Conheço, há tempo.

— Mas de onde, homem?

— Daí, da cidade. Ela brilhou no baile carnavalesco do Coliseu. Não se lembra do prêmio à melhor fantasia? O Pitanga deu em cima e conquistou-a. Depois, você sabe...

— Pois a tipa está mesmo apaixonada por ele. Qualquer dia, vai procurá-lo no escritório e risca-o de navalha! Mal empregado, mal empregado...

Só então me aproximei do telefone. Naquele tempo, o aparelho pregado na parede era uma geringonça que mais parecia armário de banheiro. De um lado, o gancho em que se pendurava o fone. De outro lado, a manivela de chamar a estação. Em cima, duas campainhas gêmeas. Na frente, o bocal onde se falava; e, quase sempre, havia uma bolinha de naftalina, para divertimento dos bacilos.

Puxei a mesa de ferro, mais próxima, com anúncio de uma marca de cerveja; deposei sobre ela o maço de provas e, consultando as indicações nelas impressas, comuniquei-me com diversas firmas. Os respectivos gerentes, nas mais das vezes, atiravam-me uma negativa seca, ou uma evasiva descoroçoante. No entanto, nessas consultas, encontrei conhecidos.

— Tomei a liberdade de vir participar-lhe que vou publicar um diário. Estou recorrendo às casas mais representativas da praça, a fim de solicitar-lhes um anúncio, por modesto que seja. Sim senhor, tenho à mão aquela publicidade concedida à revista “A Melindrosa”, que há meses fechou as portas. Se me permitir...

Uma pessoa alegre respondeu lá da Rua Xavier da Silveira:

— Ora, deixe de desperdiçar palavras... Já o conheci pela voz desde o “tomei a liberdade...” Pode publicar o anúncio do nosso depósito de esteiras e chapéus de palha. Sabe quem fala aqui?”

— Assim, pela voz...

— Eu sou o Arouca!

— Ora eu não podia adivinhar que o careca das anedotas do papagaio no Café Paris fosse o mesmo Arouca, circunspecto gerente da firma Cartaxo e Mamede, tão conceituada nesta praça...

O homem estava mesmo disposto:

— Diga-me cá, você afinal cavou um empreguinho nesse novo jornal? É o seu angariador de publicidade?



— Dobre a língua: sou o dono!

Na outra extremidade do fio explodiu uma gargalhada.

— Mas que golpe hein... Quem havia de dizer...

E ao terminar o acesso de hilaridade, fez uma pergunta inconveniente:

— Que nome deu ao pasquim?

Como não tivesse pensado no título, fiquei atarantado. Fingi que tinha ouvido mal a pergunta e respondi de um modo vago:

— É vespertino, sabe?...

— Por que não põe apenas “Vésper”? Todo o mundo sabe que a você falta o “Tino...”

E depois de gozar suficientemente o bom dito, muito auspicioso, concluiu:

— Está bem. Não leve a mal estas expansões. Quando quiser, pode mandar receber o primeiro mês.

Graças a esse episódio, o jornal estava batizado: chamar-se-ia “Vésper”. Tanto melhor. Tudo ia, pois, às mil maravilhas. Num instante, conseguira oito anúncios, entre os quais o “Preço Fixo”, do amigo Aristides Cabreira, o “Bazar de Paris”, com o amável Pontes, a “Casa 61” com o simpático gerente cearense versado em Büchner e outros filósofos negativistas... Para o mês seguinte, o Freixo, que era amigo da imprensa, prometera um rodapé diário, com os seus cinemas.

Pendurei o fone no gancho e ia sair apressado para a oficina, mas alguém chamou-me no outro canto do botequim:

— Olá... Já não enxerga mais os amigos?

Estranhei que me conhecessem naquele café rampeiro, de cafajestes e marafonas. Rampeiro — pensei — é uma palavra da gíria local; nasceu na rampa do Mercado, onde se reúnem dia e noite os mendigos da cidade. Olhei o canto de onde me chamavam. Lá estavam três homens ao redor de uma mesa, diante de garrafas de cerveja. Chamaram-me, com efusão. Um

deles ordenou ao botequineiro:

— Manuel, mais uma garrafa e um copo!

Aqueles sujeitos eram meus conhecidos. Lá estava o Bergamota, corretor de seguros, com fumaças políticas. Enquanto conversava, tinha posto sobre a mesa os seus inseparáveis três volumes de Eça de Queirós. Na sua companhia, reconheci o Tristão, de nariz comprido e falas macias, que se especializara em crônicas humorísticas. A terceira figura era o Fabote, repórter conhecedor dos meios policiais, dos cafés-concerto e das folias de Momo. Estavam ali por mero acaso — disseram. Iam passando pela zona conflagrada, sentiram calor e entraram no primeiro frege para matar a sede.

Já tinham ouvido falar na história do vespertino. Conversando, especulavam. E riam maravilhados com a aventura. Fagote tinha voz de falsete; quando falava, parecia lamentar-se.

— E quanto é o seu capital?

Bergamota limitou-se a sorrir, com evidente superioridade.

— Vocês sabem — observou — que um golpe desses é capaz de dar certo?

Quiseram saber o nome do vespertino, a data marcada para o aparecimento do primeiro número. Prontificaram-se a deitar uma mão na roda pois, por mera coincidência, na ocasião nenhum deles estava trabalhando em jornal. Contasse com eles. Ali estavam de corpo e alma à disposição do colega.

Eu quis corresponder a essa camaradagem, mostrando-lhes a oficina, o início dos trabalhos. E, arriscando prognósticos sobre o futuro do jornal, nós quatro saímos pela rua suspeita. O sol do meio-dia torrava o quarteirão, as mulheres penduradas nas meias-portas, os papagaios a se catarem nas gaiolas de zinco. No 121, a Amélia tinha voltado à profissão. Estava atrás da meia-porta, com um cachorrinho no colo. Esforçava-se por sorrir, por se mostrar dengosa com os tipos que dela se aproximavam. Era de cortar o coração.

Atravessamos a rua, mesmo diante da oficina. Na fronteira da casa, sobre a porta, via-se a tabuleta de “A Melindrosa”. Era de lona, enquadrada em caixilhos. Estava pensa, com o M rasgado. Bergamota estacou a meio caminho, levantou a bengala e opinou:

— É preciso tirar aquela tabuleta, até que se pinte outra! Sorri comovido com o seu zelo:

— Pintar outra... Com que dinheiro? E ele solícito:

— Eu mando pintar, o essencial é tirar do frontispício aquela **almanjarra!**

Entrou na oficina à nossa frente, circunvagou o olhar perscrutador e foi dando ordens:

— Augusto! O Augusto está aí?

Um sujeito oleoso, fedendo a cachaça, apareceu:

— Pronto, doutor!

— Vá ali ao Café do Monte, peça a escadinha ao Manuel e retire essa tabuleta da frente da casa!

Augusto saiu pende-pendendo. Os tipógrafos continuaram na faina, pondo em ordem a oficina. Os visitantes, depois de examinarem tudo, despediram-se e saíram. Bergamota voltou-se para mim e prometeu:

— Amanhã cedo estaremos aqui, para o que for preciso. Os amigos são para as ocasiões...

E riu mais do que seria para esperar.

Já no passeio, pegou os companheiros pelo braço e troçou:

— Esse mocinho é um burro, ou é um anjo.

Ficando só, entrei no compartimento de tábuas destinado à direção; espanei o “bureau ministre” e a cadeira giratória; fui buscar um maço de papel cortado em tiras, ajeitei-as sobre o mata-borrão verde, procurei a caneta e o tinteiro do tempo do Ubaldino, preparei tudo e atirei-me ao trabalho. Fitei o teto de telha-vã e, inspirado, iniciei o artigo nº 1, para apresentar “Vésper” ao público. Escrevendo, pesava convenientemente

as palavras. Quando a primeira tira ficou cheia de garranchos, atirei a cadeira para trás, recostei-me e li: “Nesta cidade operosa e culta, onde moureja uma imprensa digna de todo o respeito...”

Risquei a palavra respeito e escrevi por cima “acatamento”.

“...onde moureja uma imprensa digna de todo o acatamento. Vindo tomar o nosso posto entre os que, com denodo, trabalham em prol da grandeza deste município que aos demais supera em riqueza...”

Cancelei a palavra “grandeza” e sobre ela rabisquei “pujança” para evitar a rima.

E, animado, encetei a segunda tira. A pena enferrujada e rombuda desembestou por ela a baixo, levando de vencida as excrescências do papel barato; deixava muitas vezes em seu lugar um borrão de tinta que, pouco a pouco, se alastrava na superfície áspera.

O trabalho do diretor entrou pela tarde a dentro. Sentindo um apetite que datava da hora do almoço, fui à porta do biombo, chamei o meninote que se inculcara aprendiz de tipógrafo e determinei:

— Cirino, vá ali ao Café do Monte e diga ao Manuel que me mande uma média e um sanduíche de mortadela, que eu ao sair passo por lá...

O aprendiz saiu aos pulos. Debrucei-me à janela a espialá-lo. Mas nem bem entrou no botequim, voltou correndo, de mãos abanando. Mesmo da rua, gritou o resultado:

— Patrão, o Seu Manuel disse que só fia para as mulheres... Jornalista lá não tem conta.

Na casa fronteira, o papagaio da Amélia pôs-se a gritar:

— Carona! Ó Carona!

Vexado e com um friozinho na boca do estômago, voltei ao meu posto. Escrevi, escrevi. Quando os sinos do Carmo cantaram as ave-marias, os tipógrafos foram saindo um a um. Augusto, que ficara por último, entrou no gabinete do diretor,

de chapéu na cabeça, uns ares impertinentes:

— Vim pedir uns dois mil-réis, para eu ir tapeando a barri-ga. É coisa urgente, sabe?

— Desculpe, Augusto, mas hoje não pode ser. Como avisei a vocês, estou sem tostão. Amanhã cedo, vou cobrar adiantadamente alguns anúncios, de comerciantes amigos. Então, sim...

O rapaz não gostou:

— Se você não tem dinheiro, como quer fundar jornal? Ora esta é muito boa!

E saiu dando a festa pro diabo.

Sentindo os primeiros tropeços daquela aventura, deixei-me ficar a trabalhar, fazendo horas. Li e reli os linguados que acabava de escrever, e já não gostei do artigo, que me pareceu pobríssimo nas palavras e nos conceitos. Mas tinha perdido o ânimo para refundi-lo.

Dali a pouco, entrou um sujeito de maleta na mão. Foi direito ao painel da eletricidade, abriu-o, cutucou-o com uma chave de fenda, e depois veio ter comigo:

— Onde está o patrão?

— Que patrão?

— Ora, o dono disto...

— Sou eu mesmo. Que deseja?

— Sou da “City”, vim fazer a ligação.

— Pois está bem, pode fazê-la.

Tossiu, olhou o teto, fez corpo mole, inventou dificuldades.

— Já examinei o quadro. Está com defeito. Eu bem poderia ligar, o senhor sabe, mas acho prudente comunicar primeiro à seção de instalações...

Tais palavras, naquele tempo, devidamente traduzidas, queriam dizer:

— Se você é mesmo o dono disto, prove com uma boa propina. Não seja unhas de fome. Compareça com os dois

mil-réis para a abrideira no “Buraco da Onça”, que é onde se manipulam as melhores “brasileiras”...

Infelizmente, eu não dispunha de dinheiro. Sentindo-me vexado diante daquela tácita exigência, só pude responder-lhe:

— Pois faça o que achar melhor. Isto aqui é um jornal. Um jornal aliado, compreende? Amanhã, quando eu me avistar com Mister Brown...

O homenzinho não esperou o resto da frase, eclipsou-se. Aborrecido por ter perdido a oportunidade de ver a oficina imediatamente iluminada, fui ao painel, abri a portinhola e espiei para dentro. Todas as chaves estavam levantadas; os fusíveis me pareceram intactos. E lembrei que o empregado não tinha nada a fazer ali, pois a ligação é feita fora do prédio. Então, embora com receio de receber uma descarga, arriei uma das chaves e, quando os metais se tocaram, resplandeceram quatro lâmpadas em diversos pontos da tipografia.

— Malandro... Ele já tinha feito a ligação, aquela presepada foi para me coagir a dar-lhe uma gorjeta...

Depois de pôr a redação em ordem, fechei a janela da rua e apaguei as lâmpadas. Saí e, de fora, empurrei a porta, para averiguar se ela estava bem fechada. Eu era, afinal, o responsável por aqueles valores que tanta gente cobiçava.

A vida noturna da zona tinha começado. Tipos de gola levantada e mão no bolso desfilavam diante das meias-portas, algumas das quais iluminadas com lâmpadas de cor.

O vulto mergulhava de ponta-cabeça no quadro azul, vermelho ou dourado da meia-porta. O papagaio fazia misérias na gaiola.

Quando passei pela frente do 121, um mocinho de pasta de couro saiu da casa e já na rua, demorou-se a falar numa língua qualquer com a infeliz sentada do lado de dentro.

— Boa noite, Popesco! Ele voltou-se, comovido:

— Fui ver a Amélia. A coitada está quase maluca, faz os

maiores desatinos por causa do Pitanga. Conhece? Aquele rábula da Alemoa, que enriqueceu com os despejos dos inquilinos dos morros. Pois, assim mesmo, a pobre apaixonou-se por ele. Agora pouco, a Amélia bebeu uma garrafa quase inteira de conhaque e está largada na cama. Vou chamar o farmacêutico.

Seguimos juntos, apressados. Popesco era magro, pálido, arcado. Usava “pince-nez” de aros de ouro e chapéu meio de banda. Toda a gente o sabia filho de uma “patronne” lá de baixo, perto da Rua São Francisco. Fora criado no conventilho, onde moravam três negras de boa estampa. Fizera com aproveitamento o Grupo Escolar e o Ginásio. Depois, começara a encontrar obstáculos. A polícia prendeu-o diversas vezes, mas nada pôde contra ele.

— Vocês querem me proibir de morar em casa de mamãe?...

Na infância, as três belas negras eram como suas tias. Chamava-as de titia Chica, titia Prenda e titia Nicota. De dia, tratavam-no com mimos maternos, ensinavam-lhe as lições e lhe davam conselhos para guiá-lo na escola, na rua e nas amizades. A titia Chiquinha era religiosa e, muitas vezes, levou-o à missa no Monte Serrat. A titia Prenda não o deixava sair de casa sem engraxar os sapatos, sem escovar os dentes, sem passar o pente nos cabelos. A titia Nicota era quem o servia na mesa. Obrigava-o a tomar a sopa e a mastigar bem o bife, pois — dizia — estômago de criança não é moinho de picar carne.

De tarde e de noite, elas cochilavam, cada vez mais gordas, cada vez mais pintadas, atrás da meia-porta. Agora, que ele contava vinte e poucos anos, as tias estavam de todo velhas, mas não queriam mudar de vida, talvez por causa do sobrinho, que era como filho. A “patronne”, por sua vez, não tinha coragem de despedi-las, de procurar outras inquilinas, pois aquelas já eram da família. E a receita começou a escassear. Era preciso que ele as ajudasse.

Na pasta de couro levava sempre envelopes de papel pardo com grãosinhos de resinas, para fumigações. Comprava-os na drogaria, com desconto, e vendia-os nos **alcouces**, para as infelizes afastarem as “más influências” de suas casas.

— Elas são muito supersticiosas — explicava — e as fumigações trazem-lhes, por sugestão, um pouco de sossego. Quem terá coragem de negar esse alívio a seres humanos que sofrem tanto?...

Mas não vivia exclusivamente desse comércio. Tinha uma profissão certa, velha como a necessidade da comunicação de notícias entre os seres humanos. Tornara-se indispensável na zona, onde havia muitas mulheres analfabetas. Tendo a prática diária de diversas línguas, escrevia-lhes as cartas à família, num país distante. A tabela que cobrava pelo serviço era modesta. Encarregava-se de selar e postar essas cartas, assim como de remeter pelo banco somas destinadas ao pai velho em Belgrado, à mãe paralítica em Oslo, ou mesmo ao diretor do internato, em Lausanne, onde estudava com todas as cautelas uma menina nascida na Santa Casa de Santos e a quem a mãe se esforçava por dar destino melhor do que o seu. Popesco era a providência do mulherio. De noite, fatigado pelo trabalho, ia para os cafés onde se reuniam os moços, alguns que tinham sido colegas de escola. Mas sentava-se à parte, envergonhado de sua procedência, do seu meio de vida. Uns o cumprimentavam, outros não. Quando nesses cafés eu lhe dirigia a palavra, com espontaneidade, ele se mostrava tão feliz, tão feliz...

De repente, estacou.

— Sabe, a Amélia está esperando nenê. O Pitanga, que é noivo de uma moça da praia, não gostou da novidade. E muscou-se. Daí o desespero da infeliz...

— Essa gente graúda, não?...

— Ih... Se eu fosse falar... Ninguém no mundo sabe o



drama das meias-portas, com escada interna de três degraus, com gaiola de papagaio e a lâmpada de cor. Ninguém sabe, ninguém sabe!

E, como chegássemos a uma farmácia, ele despediu-se.

Prossegui no caminho. Levava a alma incendiada de sonhos. No dia seguinte, pensava — com o auxílio daqueles três amigos, tão bondosos e prestativos, começaria a confecção do primeiro número de “Vésper”. Talvez pudesse iniciar a sua publicação na próxima segunda-feira. Então...

Ainda com estrelinhas sobre o mar, tomei o bonde para a cidade. Apeei no Largo do Rosário. Dirigi-me à Agência de Jornais, ali perto. O Tampinha estava fazendo a distribuição dos matutinos. Carregadores chegavam com fardos de jornais e os atiravam no passeio, diante das duas portas do estabelecimento. O caixeiro contava as folhas, entregava-as aos jornaleiros e, sempre xingando, de correia na mão, exigia as contas da véspera.

Chegara a Santos como palhaço de um pequeno circo que fracassou no bairro do Macuco mas, premido pelas exigências da vida, trocou o picadeiro pela imprensa...

Aproximei-me dele. O homenzinho, no passeio estreito da Rua Santo Antônio, desamarrava os fardos de jornais ainda úmidos da tinta de impressão. E, com a correia ameaçadora debaixo do braço, ia gritando os apelidos dos moleques:

— Arreganhado! Cadê o Arreganhado? Leva vinte, mas deixa o cobre! Entregava as folhas, recebia os níqueis.

— Cabeça de Pregó! Aqui, já, seu...

Aproximava-se um negrinho franzino, descalço, de paletó até os joelhos.

— Vai encaixando o suplemento, é p'ra castigo! Dois minutos de discussões, depois:

— Pereba!

Ninguém respondeu.

— Pereba! Pereba!

Um moleque deu sinal de si lá na esquina, com medo.

— Gatuno, venha prá cá, se não eu...

O menino aproximou-se, encolhidinho.

— Ontem você bancou o sabido e não prestou contas do encalhe. Pra quê é que existe cadeia nesta terra? Não precisa chorar, trate de ficar bonzinho...

À medida que Tampinha falava ora colérico ora persuasivo, meninos de calças arregaçadas, pés no chão, paletós pelos joelhos, iam-se aproximando e obedecendo às suas ordens. Mas de repente ele se lembrou de alguém:

— Cadê o Espirro? Cadê o Espirro?

Um de pernas em arco e lenço amarrado na cara, por causa da inflamação, respondeu:

— Não veio hoje, tá de cama, a mãe mandou recado. Tampinha sentiu-se roubado:

— Não vô nesse grupo! Daqui a pouco, tô na casa dele, no Marapé. Se não o encontrar na cama, passo-lhe a correia, deixo-o marcado!

Aproximei-me, sorridente:

— Tampinha, me deixe ver esse jornal.

— Que jornal?

— Ora, o “Jornal do Comércio”.

— Bota aí o tusta.

— Ora, Tampinha, eu sou da imprensa, sou do “Vésper”.

— Do quê? Da “Vespa”? Não conheço. Que é você nesse jornal?...

— Sou o dono.

Tampinha primeiro achou graça na pilhéria, depois sentiu-se ludibriado, enfarruscou e certamente se desmandaria em impropérios. Mas o Cabeça de Prego que estava ajoelhado no passeio, encaixando o suplemento do jornal, meteu a colher torta na conversa:

— Que é que ele tá falando aí?

— Quer uma folha de graça, como se isto fosse da Mãe-Joana! E a turma toda riu, a bandeiras despregadas.

Pobre Tampinha... Sim, pobre Tampinha... Trinta anos depois, vi-o já velho e doente, numa banca de jornais nas proximidades do Hotel Atlântico. Veio abraçar-me. E de olhos úmidos me disse:

— Este mundo... Gastei a vida a explorar para os outros essa pobre molecada... Por Deus que fui um carrasco... Quando fiquei assim, me soltaram na rua como um cachorro... Por que foi que eu troquei o circo pela imprensa?... Se a gente soubesse...

Nunca mais o vi, acho que morreu.

Voltemos à história. Cheguei à Rua Martim Afonso. O primeiro sol, já esbraseado, alumia a frontaria dos casebres. As janelas, as portas e as meias-portas permaneciam fechadas. Dos portais tinham desaparecido as gaiolas de papagaios. Sorri. Por quê? De pensamento em pensamento, cheguei à lembrança de um fato que pouco antes tinha divertido a população. A polícia apreendera um daqueles simpáticos bicharocos... “por incontinente na linguagem”.

Na beira do passeio, fermentando ao calor que começava cedo, vi os caixotes de lixo, sob nuvens de moscas esvoaçantes e zumbidoras. Por trás de algumas venezianas entreabertas, o pão nu e a meia garrafa de leite. Sobre os paralelepípedos, apenas a carroça da limpeza. Diante da oficina, uns sentados na soleira, outros no meio fio da calçada, os seis tipógrafos do futuro jornal conversavam em voz baixa e riam. Quando me aproximei, Augusto estava dizendo:

— Meu santo é forte. Qualquer coisa, corro ao dr. Bergamota!

Cumprimentei-os, abri a porta e deixei que os rapazes entrassem. Ia instalar-me no “bureau-ministre” para o trabalho interrompido na véspera quando Cirino veio falar-me:

— Patrão, a gente está precisando de dinheiro para tomar um café reforçado...

— Vocês têm razão. Vou tirar as primeiras contas e dar uma volta pela praça, assim que abrir o comércio. Tenho amigos que me adiantarão a importância dos anúncios. Mais um pouquinho de paciência. Nos primeiros dias, essas coisas são mesmo duras.

— E quem fica sendo o chefe da oficina?

— Para que chefe numa oficina com seis puxadores de linhas?

— Ora, sem chefe a gente não sabe trabalhar.

— Então, indico o Guache.

— O Guache? Credo!

E afastou-se, rindo à socapa. Comunicou a ordem a Augusto que o esperava de pé, à porta do cubículo. O conhecido do Bergamota pôs-se a falar alto, a mastigar impérios contra não sei quem. Com a intervenção de Bentinho e Dominginho, desistiu e o serviço começou.

Dali a pouco, três homens entraram conversando e rindo. Bergamota vinha à frente, com o “pince-nez” na ponta do nariz e os três livrinhos de Eça debaixo do braço. Tinha envergado o uniforme da Guarda, naturalmente para acrescentar mais importância à sua pessoa. Atrás dele, o cronista Tristão de terno claro e gravata esplêndida. Parecia mais arcado, mais narigudo. E, por fim, o repórter Fagote. Como sempre, falava cantado, ou chorado. Sabia a gíria na ponta da língua e, sem cessar, repetia os dichotes em voga. Entrou choramingando:

— Esse rapaz é mesmo um águia! Levou meio mundo no arrastão! O Ubaldino, o Browe, o Santiago, os tipógrafos... Vamos ser fera, mas assim também não!

Eu, com esta angelitude que me distingue, levantei-me para recebê-los:

— Vocês tiveram palavra... Isso é que se chama camara-

dagem!

Mas o Bergamota fez que não ouviu minhas palavras cordiais. Adiantou-se, examinando cuidadosamente o recinto e acabou por escolher o meu posto.

— Fico por aqui. O “bureau-ministre”, compete ao diretor!

Pegou nos linguados em que eu estava escrevendo e, sem cerimônia, atirou-os para cima de outro móvel. Abancou-se, fez funcionar a cadeira giratória para averiguar se estava azeitada. Depois, com pruridos de ordem e de asseio, levantou os mata-borrões verdes, assoprou-os e repô-los no mesmo lugar, mas com o avesso para cima. Foi à porta da tipografia, chamou o aprendiz e mandou-o passar o espanador. Quando Cirino terminou a tarefa, abriu a carteira onde se acamavam notas graúdas e miúdas, catou uma de 2\$000 e mandou-o comprar, ali perto, penas de boa qualidade, pois não gostava de escrever com aquelas malas de carregação, que datavam ainda do tempo do Ubaldino. Tristão apropriou-se da mesa, ao pé da janela. E Fagote, que era repórter, contentou-se com a mesinha do canto, onde havia livros destripados, galochas e tubos vazios de “Santal Midí”. Atirou tudo isso no chão e, chutando, removeu para o canto. Foi buscar uma cadeira não sei onde, almofadou o assento com jornais e declarou-se pronto para a labuta.

— Que manda, meu chefe?

Disse essas palavras debruçado sobre o Bergamota. Este interrompeu o que estava fazendo, tirou o “pince-nez” e batendo com ele na mão esquerda, deu ordens:

— Se você tiver alguma ideia aproveitável — sei que todas as suas ideias são aproveitáveis, como as do Dâmaso Salcede... — pode ir colhendo os dados, desde que seja matéria que não perca a oportunidade. Já pensou na Rampa do Mercado? Aquilo poderá chamar-se Pátio dos Milagres... E o elevador do Monte Serrat? Qualquer dia aquela geringonça despenca e vai ocasionar uma

dúzia de mortes... Dê-lhe o título de Espada de Dâmocles sobre a cabeça dos santistas... Enquanto você escreve com antecipação essas reportagens, bem vivas, como as de “A Noite” do Rio, eu vou resolver sobre a data da saída do jornal.

Tristão, por sua vez, foi inclinar-se diante do “bureau-ministre”. Propôs uma série de anedotas mais ou menos conhecidas, mas aparadas dos ferrões, contadas com aquela verve que muito agradava aos leitores. Bergamota acedeu, magnânimo:

— Ora, Tristão, você é mestre no “métier”. Quem sou eu para lhe marcar serviço? Para lhe orientar sobre a seção?...

Eu comecei a sentir-me demais naquele meio evidentemente superior. Arrisquei, com voz sumida:

— Já escrevi o artigo de apresentação. E mandei compô-lo em tipo 10, entrelinhado, largura de coluna e meia, para ser publicado no alto da primeira página, em três colunas, com cercadura de fio preto.

Bergamota, que era de natural grave, tornou-se de sobre-natural gravidade. Tirou o “pince-nez”, arregalou os olhos:

— Traga isso aqui, menino, preciso ver! Fui à porta da oficina:

— Guache, dê-me a prova da matéria letra A, com pé, que lhe dei para compor.

Foi Augusto quem apareceu com as seis tiras que eu, sem saber por que, fui levar a Bergamota. Ainda não estava composta. O homenzinho fechou a carranca e pôs-se a ler. Mas achou muita graça e repetiu em voz alta alguns tópicos para delícia dos companheiros.

— Escutem lá... Aqui está o artigo de fundo do nosso amigo... Prestem atenção... “Ao apresentarmos o primeiro número de nosso modesto vespertino, não diremos, como é de praxe, que ele vem preencher uma lacuna etc. etc...”

E os três riram, divertidos. Eu, angelicalmente, perguntei:

— Que acharam vocês de risível no meu trabalho?

Bergamota fixou-me, com ar severo:

— Ora, deixe essa prebenda comigo, que tenho mais tarimba. Além disso, sou o diretor.

Meia hora depois, apareceu na porta aquele tipo bem apessoado, trajando **pulcro** terno de linho, com um botão de rosa na lapela. Mascava com delícia a ponta do charuto. Foi direto ao “bureau-ministre”.

— Doutor, eu sou o Godinho.

— Muito prazer. Foi o Dr. Semáforo quem o mandou?...

— Sim, senhor. Sou o futuro cunhado dele.

— Ah! Ele me falou nisso. Parabéns. Conheço sua noiva. D. Basilissa é um encanto, pela inteligência, pelas graças femininas, pela excelsitude da bondade! Ele lhe falou no ordenado?...

— Falou. Disse que no fim do mês, de acordo com a aceitação do jornal...

— É isso mesmo. Veio encontrar-nos num período de organização. Acomode-se por aí, onde achar melhor.

Dirigiu-se aos sócios:

— Este é o Plácido Godinho de quem lhes falei. Homem decidido. Conhece meio mundo. Tem boas relações na praça. Ligado a uma de nossas mais distintas famílias...

Godinho tirou o paletó, a gravata flamante, arregaçou as mangas da camisa e meteu mãos à obra. Foi a um canto, removeu os pacotes empoeirados que cobriam uma pequena mesa, até então oculta, e nela se aboletou. Correu à oficina, entendeu-se com Augusto e de lá voltou com um cartão em que se lia: “Gerência”. Pregou-o à borda da mesa e chamou a atenção de Bergamota:

— Que tal, doutor?...

Bergamota olhou e maravilhou-se:

— Você é taco, mesmo!

A seguir, descobriu uma campainha na gaveta, colocou-a à sua frente e fê-la funcionar. Cirino apareceu à porta.

— Chame o chefe da oficina.

— O Guache?

— Que Guache é esse? O chefe é o Augusto.

Augusto entrou gingando e foi direto ao diretor:

— Doutor, eu não sou chefe...

— Se não é, fica sendo. Traga um espelho dos tipos existentes, para meu uso.

Augusto lançou-me um olhar zombeteiro e retirou-se para dar cumprimento à ordem. Fagote não resistiu:

— Eu conheço essa pinta. Estou fazendo força para lembrar...

— Era auxiliar do ajudante de carcereiro, mas abusou do cargo e foi posto na rua. Eu tive pena dele. É verdade que bebe o seu trago, mas mostra um devotamento canino pelos chefes!

— E entende de tipografia?

— Entende. Não sei onde aprendeu. Tristão perguntou:

— Bergamota, você topa esse título de “Vésper”?...

Fagote riu, ou melhor, queixou-se:

— Mas que nome besta... Parece poliantéia de Grupo Escolar! Por que não bota logo o nome de “O Suspiro”?...

E o diretor:

— É claro que eu prefiro “A Cidade”, “A Tarde” ou “Correio Nacional”. Será mais sério, mais idôneo.

Augusto voltou com um cartão amarelado onde se viam, em curtas composições, todas as fontes de tipos da oficina. Começava pelo tipo 6 e ia até o tipo 98. No fim, os caracteres de madeira, mas eram poucos. Meia dúzia de letras de cada coleção.

Bergamota lamentou:

— Aqui estão os tipos graúdos, mas não dão para nada.

Tristão e Fagote correram para o diretor. Este, vendo-os, pergun-



tou:

— Quem gosta de decifrar charadas? Componha com estas letras o nome do jornal!

Tristão arriscou:

— Não tem “A” nem “O”. Portanto... Fagote puxou um muxoxo:

— Vejam... Só dá “Vésper”!

Os três homens estiveram para responsabilizar-me pela cumplicidade do acaso. Bergamota revelou o seu mau humor:

— É lamentável, mas não temos tempo a perder. O jornal sairá segunda-feira, mesmo com o horroroso título de “Vésper”, como tinha resolvido aí o ... É um nome idiota, ridículo, sem interesse comercial, mas não nos cabe escolher porque os outros tipos são menores. E chamou:

— Augusto... Augusto... Onde você se mete?...

O ex-auxiliar de ajudante de carcereiro voltou.

— Leve daqui esta **endrômina**. Mande compor um cabeçalho como escrevi no papel: título, “Vésper”; diretor J. P. Bergamota; redação, administração e oficinas Rua Martim Afonso nº 122.

Senti o chão faltar-me debaixo dos pés.

— E eu? — perguntei com voz trêmula. Bergamota riu grosso:

— Não se aflija, mocinho; vou pensar no seu caso com toda simpatia.

Foi uma risota. Tristão, que estava acendendo o cigarro de palha, queimou a ponta do nariz; Fagote quis rir, mas só conseguiu lamentar-se:

— Credo! Neste mundo mau acontece cada uma...

Mas apareceu um homem vestido de zuarte, com gorro feito de jornal.

— Doutor, eu vim pintar a tabuleta.

— Trouxe a escada?

- Está aí na porta, com a lata de tinta.
- Então copie isto, como vou escrever.

Entregou-lhe um papel, mas primeiro leu em voz alta os dizeres: VÉSPER, em letras de dois palmos; embaixo, em letras menores, ponha: o VESPERTINO DE MAIOR CIRCULAÇÃO EM TODO O MUNICÍPIO. Entendeu bem?...

Estávamos numa terça-feira. Durante três ou quatro dias, a atividade foi intensa. Bergamota era apaixonado pelas “Cartas” de Eça e mostrava-se sensível às flores do estilo. Reservou para si a tarefa de umas cartas literárias, que deveriam ser nos moldes de Fradique Mendes. A primeira das cartas do nosso diretor era sobre o velho Teatro Guarani, construído por Garcia Redondo, decorado por Benedito Calixto e estreado, em 1872, com a peça “Mário”, de autoria do construtor.

O assunto foi primeiro contado à casa, para saber o efeito. Depois, ele atirou-se ao trabalho. Trazia livros embandeirados de tiras de papel que serviam para assinalar informações preciosas. Telefonava a uns e outros, geralmente velhos, solicitando depoimentos. Comprou papel “couché”, tinta nanquim, penas de bico finíssimo. E um dia, quando a casa modorrava cozinha em banho-maria pelo calor, lançou a primeira frase. Era mais ou menos assim:

“Felizes são estes flamboyans da Praça dos Andradas! Eles conhecem de um lado o zelo das autoridades da política e de outro lado o prédio velhinho mas ainda sussurrante de extintas tempestades de aplausos! Sua frontaria azinhavrada cobre-se de cracas...”

No dia seguinte, tive curiosidade e, primeiro a entrar, fui direto ao “bureau-ministre”. A frase estava passada a limpo, não tinha sido acrescida de uma só palavra. No segundo dia, o tropo fora enriquecido de um número razoável de vírgulas. No terceiro dia, ele substituiu as expressões, mas o sentido era o mesmo. No quarto dia, encontrei o papel “couché”, amarrotado

na cesta, com as linhas de tinta nanquim sensivelmente diminuídas. O Bergamota não foi além das cracas. E, por discrição, nunca mais se falou em Eça, em cartas, em Teatro Guarani e assuntos perigosamente correlatos.

Fagote, a palheta atirada para a nuca, o paletó desabotoado e a barriga a saltar por cima do cinturão de couro, andava pela cidade a colher notas destinadas às futuras reportagens sensacionais. Tristão, em mangas de camisa, palheta no co-curuto, pés atirados sobre a mesa, como competia a um colunista à moda do cinema, escogitava anedotas picantes que, cuidadosamente aparadas as rebarbas, se tornavam dignas de serem devidamente apreciadas pelas futuras leitoras.

Certa manhã, Bergamota entrou com cara de novidade:

— Sabem — foi logo dizendo — estou descontente. Impliquei com aquele impensado “redação à Rua Martim Afonso”. Imaginem vocês quando nas próximas eleições tivermos de receber visitas importantes... E as pilhérias da turminha do café com leite, ou mesmo dos cabeças de pepino... Diante disso, já aluguei uma sala naquele sobrado novo do Largo do Rosário. É só para pregar uma placa de metal amarelo à entrada do edifício e permitir que o jornal apresente no cabeçalho: Redação — Largo do Rosário.

Fagote, prevendo picardias, choramingou:

— E quem ficará na redação?

Fez-se um silêncio grávido de hipóteses. Os olhares dos três convergiam para mim. Eu me pus a contar as telhas rachadas da cumeeira. Bergamota apanhou no ar a intenção de Fagote. Aquilo era claro... Se eu fosse instalado na redação e lá ficasse sozinho, confirmaria a atoarda persistente nos cafés de que era dono e diretor de “Vésper”. Limitou-se a adiar a resposta.

— Vou pensar maduramente no assunto. Depois do almoço atirou a novidade:

— Já arranjei pessoa capaz de ficar na redação, no Largo do Rosário. Mobiliei a sala com mesa, estante, terno de palhinha e chapeleira. O felizardo a quem propus aceitou logo. E não ganhará vintém. Sentir-se-á bem pago em ter um escritório no centro. Receberá ali as cartas que nos são destinadas e fará sala às visitas. Na hora de fecharmos o expediente, todas as tardes, o Cirino irá buscar a correspondência.

— E quem é esse anjo? — perguntou Tristão.

— É um moço pobre e esforçado que está se iniciando nas letras. Chama-se Domingos Alexandre e chegou, há pouco, de Jurubatuba, onde residem os pais. Usa nos escritos um pseudônimo rebarbativo que, para falar verdade, já não lembro...

De fato, no dia seguinte, lá estava instalado Sílvio Floreal, pois era a ele que Bergamota se referia. Naquele tempo, ainda não tinha tido o prazer de ver o vistoso pseudônimo em letra redonda. À força de viver numa roda de poetas e de frequentar um sebo da Rua Augusto Severo, onde leu de graça todo o estoque, deixou de comparecer às obras onde era servente de pedreiro. Instalara-se na União Operária, onde estava hospedado aquele peregrino chamado Ernesto Herrera, um dos belos nomes das letras uruguaias.

Durante longos dias sem almoço, os dois abancavam-se à mesa das assembleias e vá de rabiscar papel. Herrera escrevia uma peça “El Lion Ciego” e Floreal compunha frases de muito efeito literário. E o mais curioso é que se tomou de ódio por tudo o que cheirasse à profissão, principalmente às game-las e às caçambas de reboco. Seus autores prediletos eram D’Annunzio e Vargas Vila... Criou a atitude de refinadíssimo esteta. Quando abria a boca, espoucavam as frases de efeito. Gostava de “épater le bourgeois”, como no tempo dos grandes boêmios. E era curioso ver um homem por assim dizer maltrapilho a deitar finuras estéticas pela boca fora!

Acho que foi para fugir à União Operária que ele aceitou a

proposta do Bergamota. E, com o seu imenso paletó, de profundos bolsos recheados de margens de jornal com pensamentos escritos a lápis, numa letra infantil, de menino de grupo, transportou-se para a redação de “Vésper”. Sua mudança constava de duas camisas, duas ceroulas e muitos livros. Transportou tudo isso embrulhado em folhas de jornal. Também, para ele, a imprensa só servia a dois fins: embrulhar a roupa suja e fornecer-lhe as margens de papel branco, bem mais largas que as de hoje. Para isso, recortava-as cuidadosamente, enrolava-as e metia-as pelos bolsos. Utilizava-as nas mesas dos cafés e nos jardins, registrando nelas, a lápis, as ideias felizes que lhe iam ocorrendo incessantemente.

Só vendo a satisfação com que Sílvio Floreal proclamou nas rodas o seu novo endereço!

No domingo, “Vésper” já estava paginado e pronto para rodar. No entanto, Bergamota deixara abertas, abaixo do cabeçalho, três colunas que à última hora deveriam ser preenchidas por uma sensacional reportagem. Tristão e Fagote estavam informados do golpe jornalístico. Poria num chinelo a imprensa do Rio. Por isso, na noite do auspicioso acontecimento da saída do primeiro número e da reportagem que abalaria a opinião pública, Bergamota foi surpreender Sílvio Floreal na redação onde, aliás, ninguém aparecia. Antes de subir a escada, admirou convenientemente a vistosa placa de metal amarelo parafusado ao lado da porta. Tinha poucos dizeres: “VÉSPER” “Diário da tarde — 2º andar — Sala 202”.

Satisfeito, subiu a escada deserta àquela hora e foi bater à porta do escritório. O literato custou a atender. Quando, afinal, se dispôs a isso e Bergamota entrou, quase caiu de pasmo. A redação tinha sido aos poucos mudada em quarto de dormir. E que quarto! O sofá e as poltronas inteligentemente reunidas, tinham-se transformado numa cama, sobre a qual aparecia velho cobertor dos mais baratos. Na mesa, ainda cheirando a

verniz, destinada ao expediente, ardia uma espiriteira de lata com um bule em cima, aquecendo o último gole de café. Um par de sapatos, molhados, com as respectivas meias, tão verdes que pareciam pelotas de folhas socadas, enxugavam sobre a estante através de cujos cristais Bergamota admirou mais uma vez a coleção encadernada de Eça de Queirós e volumes soltos de Rui Barbosa. Pelos cantos, roupas sujas, papéis engordurados de sanduíches comprados no Café Paris, cascas de banana. O escritor, descalço, em camiseta, as ceoulas enroladas nas pernas, preparava-se para dormir.

— Boa noite... Ah! É o dr. Bergamota... Desculpe este desarranjo, mas pode entrar...

Bergamota já tinha entrado. Levava consigo, debaixo do braço, suando em bica, um saco de aniagem contendo qualquer coisa mole, sob envoltório de papel de jornal.

— Que é isso, doutor?...

O gosto do patrão seria despachá-lo ali mesmo, naquele momento. Mas o jornal estava pronto, esperando apenas a reportagem sensacional. No dia seguinte lançada a folha, mandá-lo-ia embora, contrataria novo empregado para a sala da redação. Por isso, fez que não viu aquele chiqueiro. E foi logo dizendo:

— Está vendo isto? É a barrigada de um porco, que acabo de comprar no Mercado. Como deve saber, não há diferença entre as **pacueras** de um suíno e as vísceras de um homem. Você vai vestir-se imediatamente e transportar isto ao Monte Serrat.

— Lá em cima? — perguntou o literato, perplexo.

— Não, homem. Não deve ser precisamente no adro da Capela, mas numa curva do caminho, para ser topado pela primeira pessoa que, amanhã cedo, descer do morro para o serviço.

— E para quê esse trabalho?

— É um plano jornalístico. É para a polícia pensar que se trata de um assassinio de um crime misterioso, como o da mala...

- Será o crime do saco.
- Nós faremos barulho, a começar do primeiro número de “Vésper”, que será publicado amanhã, às duas da tarde.
- Vou vestir-me e toco para lá.
- Conto com você. Até amanhã.

Dada essa ordem, Bergamota saiu, engasgado de raiva, mas de esperto foi colocar-se de tocaia nas proximidades da igreja, a fim de verificar com os próprios olhos o cumprimento das determinações.

Ora, Sílvio Floreal não era bobo. Calçou-se resmungando, vestiu-se mascando palavras de mau humor, botou o volumoso embrulho debaixo do braço e, a fungar, saiu para a noite. No largo, circunvagou o olhar pelas luzes e pelas sombras. Encostado ao apêndice da igreja, um sobradinho estreitinho onde a “City” mantinha escritório de bondes, viu um terno escuro, uma palheta de banda, um cigarro aceso. Era o desconfiado patrão...

Virou pela Rua São Leopoldo, chegou à Praça dos Andradas e entrou no jardim para descansar. Fazia um luar esplêndido. Nos bosques escuros brilhavam os lampiões de gás. Perscrutou demoradamente a esquina, a fim de certificar-se de que Bergamota não o estava seguindo. Então, atirou com alívio o fardo no meio dos bambus imperiais e sentou-se num banco que estava à sua espera. O relógio da Santa Casa pingou as onze horas. O poeta sentiu um repelão na sensibilidade. E prosseguindo na página de pura filosofia em que mentalmente se ocupava, catou dos bolsos duas coisas de que sempre trazia provisão: um lápis bem apontado e tiras estreitinhas, cortadas à margem dos jornais. E, já esquecido da prebenda, começou a escrever sobre o mistério dos relógios.

1ª tira:

“O destino dos relógios bem se assemelha ao destino das criaturas. Os relógios que marcam os nossos momentos baços

de tédio dão-nos a impressão desses indivíduos incaracterísticos cuja alma não irradia nenhum vislumbre de beleza. Os que assinalam os nossos instantes ensolarados de felicidade são bem como essas almas eleitas que expandem em seu derredor o fluido da simpatia e do encanto...”

2ª tira:

“...selando em tudo a imagem da beleza e acalentando tudo com seu fogo. Aqueles vivem friamente para a banalidade das horas; estes, coroados pelas rosas de seus jardins interiores, vivem para o esplendor dos séculos. ”

E, lembrando-se da missão que lhe fora confiada:

— Que o diabo leve as pacueras!

Meteu o lápis no bolso de cima do paletó. Enrolou as duas tiras, onde só ele mesmo poderia destrinçar os garranchos e guardou-as, amorosamente, num dos misteriosos bolsos internos, entre dezenas de outras. Sentia-se feliz. Como se deduz do que aí fica, ele pairava a mil léguas acima dos miúdos do porco, do pasquim que ia entrar na máquina impressora e das cavilosas preocupações jornalísticas do Bergamota...

No dia seguinte, com vistosos anúncios nos jornais da manhã e avisos pintados a alvaiade nos espelhos dos cafés do centro, “Vésper” surgiu à luz da publicidade. A princípio o Tampinha da Agência não quis distribuí-lo. E, na Rua Santo Antônio, diante do fardo arriado pelo carregador contendo a vasta tiragem de 800 exemplares, gritava para quem quisesse ouvir:

— Moleque meu não vende este jornalzinho metido a besta!

Mas política é política. Bergamota telefonou a não sei quem. Esse não sei quem telefonou ao dono da Agência. E o caixeiro, atarantado, recebeu ordem de despachar dez meninos pelo centro da cidade, a apregoar o novo órgão. Os infelizes sentavam-se na sarjeta, debaixo da sombra de alguma árvore e resmungavam:



— “Vespa!”, “Vespa!”, “Vespa!”...

O público passava e não tomava conhecimento daquilo.

Quanto ao famoso crime do saco, o Chiquinho do Paquetá, escrevente da Polícia, muito perguntado e reperguntado pelo Fagote, farejou a maroteira e explodiu:

— Que tripas humanas, que nada! O que vocês querem é vender jornal à custa da polícia!

Fagote botou a viola no saco. E, por seu lado, os 128 munícipes que, inadvertidamente, tinham gastado o tostão comprando a folha, não se alarmaram com o estranho assassinio em que o criminoso tivera o **descoco** de abrir o cadáver meter as tripas num saco e ir atirá-lo num caminho, para ser encontrado pelos operários madrugadores. Então, Fagote resolveu averiguar por que motivo não se dera o crime, tão plausível, naquela época tão conturbada. Farejou... No dia seguinte, apareceu na redação e mostrou aos sócios um matutino indicando com a ponta do dedo uma queixa levada à redação por certo funcionário. Dizia assim:

“O zelador do jardim da Praça dos Andradas reclama por nosso intermédio contra o mau costume de algumas pessoas que transformam aquele aprazível logradouro em depósito de lixo. Ali são encontrados sapatos velhos, frutas podres e peças de roupa fora de uso. Ontem, para cúmulo do mau gosto, nosso informante encontrou, debaixo daquela touceira de bambus imperiais, nada menos que um saco de miúdos de porco, já podres. Nessas pacueras, ainda se podia ver o carimbo do Açougue Modelo e a nota de despesa tirada em nome de conhecido agente de seguros. De uma vez por todas, o jardim da Praça dos Andradas precisa ser tratado com maior carinho pela população”.

Diante disso, Bergamota, que estava para sair, enfiou o chapéu até as orelhas e explodiu:

— Aquele piolhento do escritório estragou o crime miste-

rioso! Só mesmo dando nele com um gato morto, até o gato miar!

Mas, bem pensado, a culpa não fora apenas do Floreal. Fora também dele, Bergamota, que não reparara no carimbo do açougue nem tirara a nota de compra em seu nome. Por isso, tacitamente, foi feito silêncio sobre o malogro da grande reportagem. E a indisposição geral contra mim cresceu ainda mais. Rosnava-se, de sobrecenho cerrado, que eu tinha achado graça naquele fiasco...

Mas jornal é jornal, não pode parar. Apesar desse e de outros percalços, todos trabalhavam à noite, até de madrugada, para que às duas da tarde a máquina rodasse e 800 exemplares fossem remetidos nas costas de um carregador para a Agência, onde o Tampinha, sem nenhum entusiasmo, os distribuía a dez chateados vendedores. Eu tinha arranjado um canto de mesa para escrever. Era quando o Fagote lá não estava. Por isso, fazia plantão até as 2 horas.

Certa noite, ali pelas 11, quando a zona parecia mais acesa, ouviram-se gritos lancinantes que partiam do 121. Surgiu gente de todo o quarteirão. Os tipógrafos deixaram o que estavam fazendo e correram à porta, para ver do que se tratava. Eu, ao sair, vi Popesco do outro lado, sem chapéu, sem pasta, a ajeitar os óculos de aros de ouro. Assim que me viu, contou a novidade:

— A Amélia, viu? Que maluca!

— Que foi, homem?

— Encharcou a roupa com álcool e botou fogo!

— Coitada...

— Também a pobre tinha perdido o juízo. Bebia conhaque na garrafa, dormia dez horas a fio e quando acordava era para chorar como criança. Depois, bebia de novo, até mergulhar naquele sono que se parecia com a morte. Mas havia meia hora desistira do conhaque. Foi ao Café do Monte, comprou uma garrafa de álcool e, chegando ao quarto, entornou em si o con-

teúdo e ateou fogo. Transformou-se num archote. Pôs-se a dar gritos espantosos, a chamar o Pitanga, como se ele estivesse ali mesmo e pudesse socorrê-la! Quis correr para a rua, mas rolou junto à meia-porta, onde agora se encontra.

Custamos a romper a aglomeração de curiosos. Foi preciso lançar mão de conhecido recurso em tais casos:

— Imprensa! Imprensa!

Assim conseguimos chegar até a infeliz. Estava caída no corredor sob a lâmpada azul, com as pernas rolando nos degraus. De quando em quando, procurava articular uma frase:

— Chamem ele... Por amor de Deus... Popesco inclinou-se sobre ela:

— O Pitanga?...

Moveu os lábios já sem voz, parecia mastigar alguma coisa. Um carro preto veio lá de baixo e embocou pela Rua Martim Afonso. Foi estacar diante do 121. Os curiosos deram passagem ao médico e ao delegado que, seguidos de policiais, aproximaram-se da Amélia. Cerca de trinta mulheres agrupadas diante da casa se lastimavam em muitas línguas, em muitos dialetos.

— Por que é que ela está assim molhada? Por que a água está correndo no soalho? — perguntou a autoridade.

Uma companheira, comovida, explicou:

— A gente atirou água nela para apagar as chamas... Não é assim que se faz?...

A agonizante estava seminua, mostrando os membros bem torneados, de uma coloração cálida de canela. Parecia feita de terracota, com manchas escuras nas axilas. Sobre a sua beleza mutilada, arrepanhavam-se bocados do roupão bege, com grandes flores azuis. Esses panos terminavam em orlas carbonizadas. Sobre ela, por vezes, erguia-se uma fuma-cinha pobre, como no rescaldo de um incêndio.

Ouviram-se vozes enérgicas:

— Lugar! Lugar!

Dois enfermeiros vieram do carro trazendo uma padiola. Um pela cabeça, outro pelos pés, juntaram a mulher e colocaram-na no leito de lona, deixando os braços caírem desamparados de um lado e de outro.

— Lugar! Lugar!

Passaram com ela estirada a fio comprido na maca, na direção do carro. Os braços dela, bonitos mas chamuscados, pendiam dos dois lados da maca. O mulherio redobrou de lamentações. Quando Amélia passou por Popesco, este observou que para fora da padiola balançava um trapo escuro, gotejante. Perguntou:

— Ela está embrulhada num lençol? O enfermeiro pilheriou:

— Êta caixa d'óculos besta! Não vê que é a pele que desgrudou do corpo?

A polícia arrolou testemunhas. O carro partiu à desfilada, pela rua deserta. A aglomeração dissolveu-se. As mulheres voltaram para as meias-portas, para as venezianas. Depois, a zona retomou o seu ritmo à luz dos lampiões de gás, que punham laivos verdes na frontaria das casas baixas. Popesco lá foi, sozinho, como sempre. Talvez repetisse aquela frase:

— Ninguém no mundo sabe o drama das meias-portas com escadas internas de três degraus, com a gaiola de papagaio e a lâmpada de cor. Ninguém sabe, ninguém sabe!

Eu atravessei a rua e entrei na oficina. Os tipógrafos, terminada a novidade, tinham voltado às tarefas. Preveni-os:

— Vou escrever a notícia da ocorrência.

Dirigi-me ao telefone, instalado na véspera, e pedi ligação para a polícia, entendendo-me com o plantão. Dali, fui para o cantinho que ocupava de empréstimo na mesa do Fagote e lancei o título em uma tira: “Do prostíbulo ao necrotério — A rua das mulheres tristes — Suicídio de uma infeliz”. Li, reli e chamei Augusto:

— Leve isto para compor. É o título da notícia. Tipo graúdo,

em três colunas.

O ex-auxiliar de ajudante de carcereiro, transformado em chefe da oficina do jornal, recebeu o papel e não disse nada. Então eu, conhecedor do drama daquela mulher, tendo à mão os últimos dados fornecidos pelo plantão da Central, pus-me a trabalhar com pressa, com ardor, lendo a cada passo os períodos escritos a fim de verificar se estavam concisos e verazes. As tiras cheias de rabiscos foram-se acumulando ao lado. Duas horas depois, quando já passavam pela rua aquietada as carrocinhas de pão e de leite, chamei Augusto. Encostou-se à porta. Estava lívido. Mal reprimia o ódio.

— Cá está o original do furo de amanhã, pois os matutinos àquela hora já tinham encerrado o expediente...

Falando, risquei longitudinalmente as tiras, marca convencional de composição entrelinhada. O chefe da oficina recebeu os originais e, sem dizer palavra, correu ao telefone, pedindo uma ligação.

— Para quem está telefonando, Augusto?

— Para o Dr. Bergamota. Tenho ordem de informá-lo de qualquer novidade.

Custou a ser atendido. Depois de relatar ao patrão o caso da Amélia, o diálogo perdeu-se em submissos: sim senhor, sim senhor...

Quando me retirei era muito tarde. Sentia-me cansadíssimo. Fui a um café noturno e, depois de fazer tempo, tomei o primeiro bonde. Chegando à Rua das Sete Casas, atirei-me na cama e dormi até tarde, como um bem-aventurado. Acordei à hora do almoço. Não tinha apetite. Preferi um café. Só depois de uma hora, saí para a cidade.

— Ora — pensei — já lá está minha reportagem para hoje. Quero ver a cara daqueles sabichões, depois de publicada!

Quando entrei na oficina, o número daquela tarde estava muito adiantado. As duas páginas do centro, onde abundavam

os anúncios e a matéria de pouca oportunidade já se encontravam na máquina, rodando. Na mesa de zinco, a primeira página estava fechada; da composição preta e compacta se destacava um clichê de guerra, gravado em delgadíssima chapá, dos que os Aliados remetiam gratuitamente pelo correio. O Guache gemia apertando os lingotes da última, onde apareciam vinhetas de navios, o homem com o bacalhau às costas e o tipo de cara escarapelada, correspondendo a calhaus de medicamentos, do tempo do Ubaldino, úteis para encher a página.

De passagem, vi aquela afobação e pensei:

— Estão apressando o jornal de hoje. É natural. Com a reportagem sobre a morte da Amélia!

Mas a minha atitude otimista foi perturbada ao passar para a redação. Bergamota, no seu cubículo, exclamou:

— Isto são horas de aparecer por aqui? O jornal já vai rodar. Sairá sem as suas seções: resultado das Loterias e movimento da Polícia do Porto. Vamos ter encalhe!

A casa inteira gozou com aquilo. Desconversei e, para disfarçar, pedi um fósforo. Tristão mais arcado, de nariz mais comprido, catou inutilmente a caixa pelos bolsos. E foi dizendo:

— Então, você quer brilhar, hein?... Fagote acrescentou, choramingando:

— Meu nego! Dêxa que eu te pessegue um abraço?...

Bergamota ajeitou o “pince-nez” e doutrinou:

— O repórter precisa ter faro, sorte e picardia. Você teve faro, teve sorte, mas não teve picardia...

— A que vem isso?...

Não respondeu, preocupado com um pedido de vinte linhas para o Guache fechar a página.

Tristão estava afrouxando um cigarro:

— Você apurou tudo, mesmo, sobre a morte da Amélia?

Fagote procurou, inutilmente, uma máscara austera:

— Tudo não. Esqueceu-se, apenas, de que o Pitanga é inte-

ressado na Sapataria Pelicano, nossa grande anunciante, que já pagou um trimestre adiantado. Foi um lamentável esquecimento!

Bergamota, de importância evidente, não ouviu os mexericos.

Nada tendo que fazer ali, pois a folha já estava pronta, saí e me dirigi ao centro da cidade. Nenhum jornal da manhã havia publicado o suicídio da Amélia. O êxito da minha reportagem seria, pois, total. Entrei no Café Paris, aboletei-me numa mesa da frente, e ali fiquei à espera de que um moleque passasse apregoando “Vésper”.

Luís Ambrósio falava com entusiasmo de um jogador que estava aparecendo no gramado do Santos: o Ratinho. O Pedro Neves, escrivão da Polícia, contava a história do Clube XV que, outrora, dava grandes festas mesmo nos períodos em que a epidemia devastava a cidade.

Uma hora depois, sem pressa nenhuma, o Cabeça de Prego, com medo da correia do Tampinha, passou resmungando:

— “Vespa!” “Vespa!” Traz a lista dos caloteiros... Um freguês lá do fundo perguntou:

— Ambrósio, que jornalzinho besta é esse que anda por aí?...

O Ambrósio era da imprensa e sabia tudo:

— É o jornalzinho do Bergamota; nasceu com o umbigo podre, vai morrer de mal de sete dias...

Chamei Cabeça de Prego e adquiri um exemplar. Abri-o, ansioso, sobre o mármore, e procurei a reportagem. Na primeira página, nada. Na última, a mesma coisa. Estranhei. Seria possível que eles, uns idiotas, tivessem atirado a matéria para as páginas do centro? Talvez, por necessidade da paginação... E olhe que era um furo; ia deixar os matutinos de cara à banda! Virei o jornal sobre a mesa. Corri os olhos pelas colunas mal impressas. Diacho! O Guache botou mais querosene do que tinta nos rolos da máquina! Limpei os dedos no lenço. Na segunda

página, no “Cadastro policial”, entre o mendigo espancado na Rampa e o gringo do “tramp” surto no porto que foi preso porque bebeu rum e não pagou, lá estava um tópico de seis linhas:

“SUICÍDIO — Hoje, às primeiras horas do dia, a decaída Amélia de tal, residente à Rua Martim Afonso, embebedou-se, encharcou a roupa com espírito de vinho e ateou fogo. A tresloucada foi conduzida para a Santa Casa onde, logo depois, faleceu. Há inquérito a respeito”.

Ao ver aquilo, não resisti:

— Ambrósio, você tem razão! É um jornal falecido! Também, onde se viu dar nome tão idiota a um vespertino? Nome besta, parece poliantéia de Grupo Escolar. Por que não botaram logo o nome de “O Suspiro”?...

Os fregueses mais próximos riram da pilhéria. Os outros não ouviram. Ou se ouviram não ligaram importância; estavam preocupados com a próxima regata do Saldanha. Senti-me irremediavelmente desligado daquela aventura jornalística. Cheio de cólera e despeito, corri à Rua Martim Afonso. Na oficina, só havia dois tipógrafos ocupados na distribuição dos paquês. Na redação, terminados os trabalhos daquele dia, os quatro homens, em mangas de camisa, conversavam diante de uma bandeja de sanduíches e garrafas de cerveja.

Entrei fulo de raiva e perguntei ao Bergamota, à queima-roupa:

— Quero saber uma coisa: que represento eu nesta casa?...

Todos interromperam a gana com que faziam o lanche e se refrescavam. O diretor, que estava contando uma anedota, interrompeu-a com enfado. E, simulando esforço por conter-se, respondeu:

— Ora, você é um dos nossos companheiros de trabalho.

— Mas eu sou o dono!

— O quê?



— O dono, já disse. Fui eu que...

Então ele dirigiu-se aos sócios, penalizado:

— Vocês estão vendo? Este pobre rapaz é mesmo o que nos disseram: um maníaco, atreito a alucinações... Godinho, mostra para ele os recibos de liquidação dos aluguéis, das contas da “City” e a carta do Ubaldino nos arrendando a tipografia... Sabe em quanto está para nós este vespertino: Em mais de cinco contos de réis! De cinco contos de réis, está ouvindo?... Cirino! Cirino!

O aprendiz apareceu na porta, com o componedor na mão.

— Deixe isso e vá ao café. Traga mais uma garrafa de cerveja e um copo. Tome, leve o dinheiro, que o Manuel é tu-barão, não fia para a imprensa...

— Nesse caso, vou-me embora.

— Que tal um ordenado de 100 mil-réis por mês, para fazer o resultado da Loteria, a Polícia do Porto e o movimento do Matadouro?...

— Não. Dê-me alguma coisa, a que tenho direito e...

— Deixe de tolices. Lembre-se de que posso arranjar-lhe o empreginho de que você tanto precisa. Aí uns duzentos mil-réis por mês. Além disso, se você está muito precisado, poderá fazer um vale ali na caixa, com o nosso Godinho, que é um camaradão. Ele anda dizendo por aí que tem um fraco por você...

— Vale de quanto? — perguntei eu, resolvido.

— De vinte mil-réis, por exemplo, que você não é nenhum perdulário...

Godinho achou oportuno intervir:

— Em caixa, só tenho 12\$700. Amanhã, quem sabe...

Fez-se um silêncio **telúrico**. Bergamota propôs, conciliatoriamente:

— Por que você não leva um recibo desses anunciantes embezerrados? Se conseguir receber, tanto melhor!

Godinho abriu uma gaveta e dela tirou uma garra de ferro que apertava, comercialmente, diversos papéis com estampilha e carimbo, mas já amarfanhados e sujos de tanto forçarem os devedores.

— Escolha. São antigos fregueses de “A Melindrosa”. Alegam que a autorização era para a revista, não para o jornal.

Entre os recibos enjeitados, bispei o do Arouca. Apanhei-o. O Fagote, que estava de olho em cima dele, praguejou:

— Bico de seringa! Reboco de igreja velha! Sapiquá de lazarento!

Bergamota cabeceou:

— São 158\$200. Dá para um terno, ou para dez pares de sapatos!

Quando virei as costas, ouvi o Godinho tranquilizar a turma:

— Eu não consegui receber... E quando eu não recebo, nem mesmo o Padre Eterno!

E o Tristão, que estava acendendo um cigarro caipira:

— Este rapaz tem futuro. Eu, se ganhasse na loteria, comprava ele para mim! Botei o papel no bolso e saí da redação pisando duro, sem despedir-me.

Dirigi-me ao escritório do Arouca, lá no fim da Rua Xavier da Silveira. Rua velha ao longo do cais. Calçamento irregular, com grandes buracos. Lagoas verdes, das quais emergiam velhos sapatos arreganhados, numa risada em que mostravam todos os pregos. Casario do tempo do Onça, calçadas de um metro de altura, portas e janelas de arco. Mulheres de lenço na cabeça sentadas nas soleiras de pedras. Hospedarias. Cobertores de baeta estendidos nas grades das sacadas. E o cheiro de sardinhas em azeite. E o mormaço...

Lá embaixo, num sobrado castanho com portadas de azul lavado pelo tempo, consultei a placa com dizeres e entrei. Dentro, reinava escuridão úmida e fresca. No armazém acimentado, grossos rolos de esteiras, pirâmides de chapéus caiçaras e mon-

tes de toras de caixeta do brejo para fábricas de tamancos. No fundo, havia um compartimento com a frontaria revestida de tela de arame e dois guichês. Era o escritório. Uma voz se fez ouvir:

— Quem vem lá?

— Sou eu! A imprensa!

— Assim, contra a luz, é difícil reconhecer quem entra.

Mas com essa voz e esse jeitão de frango molhado... Chegue-se!

Era o Arouca, mais alegre do que nunca.

Quando entrei na gaiola de arame, ele estava barbeando-se.

— Pode guardar a navalha que eu sou de paz.

— Então? Eles te passaram a manta. Adeus, vespertino.

Não disse que você tem mais “Vésper” do que tino?

E, raspando a barba dura, comentou:

— Aqueles três são da pá-virada. Quando souberam que você, na bamba, tinha fundado um jornal, se sentiram ofendidos. Reviraram Santos debaixo para cima. O irmão do Ubaldino teve de trazer uma carta, passando o negócio para eles. Foram à “City” e ao Santiago e, apresentando a carta, pagaram o débito da revista. De um dia para outro você, sem que tal percebesse, estava de fora. Não protestou, nem poderia protestar. Com que elementos?... Ontem, o Godinho veio receber o anúncio. Não paguei e disse-lhe boas...

Silenciosamente, estendi-lhe o recibo. Ele foi à torneira, lavou o rosto com muitas fungadelas, enxugou-o na toalha que lhe caía do ombro e tratou de pagar-me. Abriu o cofre, tirou 158\$200 bem contadinhos e passou-os para a minha mão.

— Agora, já sei, vai para a bilontragem...

— Não. Vou pagar uma dívida e comprar umas coisas para a semana.

— Dívida?

— Sim. Vou pagar a “Seu” Pereirinha, das parasitas, s cinco mil-réis que ele me emprestou e com os quais fundei o jornal...

Arouca riu tanto e com tanto gosto que eu disse a meus botões:

— Esta anedota por 158\$200 é muito barata...

Foi assim que eu, nos primeiros tempos da primeira grande guerra, com 5\$000 que me emprestou “Seu” Pereirinha, das parasitas, fundei “Vésper”, diário da tarde composto e impresso na tipografia de “A Melindrosa” que, pouco antes, acossada pelos credores, tinha fechado as portas.

Depois que o abandonei às feras, o vespertino ainda se arrastou morrê-morrendo dois ou três anos. Andou de mão em mão. Certo dia, porém, como o tempo tivesse melhorado, não sei quem o adquiriu por uma tuta e meia, no propósito deliberado de lacrar-lhe a porta, para evitar que ele caísse em poder de algum inimigo.

E na cidade tórrida, onde o café entrara bruscamente em alta, ninguém sentiu sua morte. É que na segunda década deste século muitos jornaizinhos como aquele surgiram por ali; vociferaram e desapareceram sem deixar vestígio, brilhantes mas efêmeros como meteoros.

**FIM**

## GLOSSÁRIO

**Adelo**, s.m. Loja de roupas ou objetos usados; brechó.

**Alcouce**, s.m. Prostíbulo.

**Alfarrábio**, s.m. Livro antigo ou velho, de leitura enfadonha.

**Almanjarra**, s.f. Coisa grande e disforme.

**Altercação**, s.f. Discussão acalorada.

**Alvião**, s.m. Utensílio usado para cavar terra dura.

**Amarugem**, s.f. Sentimento de amargura; azedume.

**Bafiento**, adj. Bolorento; mofoso.

**Bicho-careta**, s.m. Pessoa considerada sem importância.

**“Buena-dicha”**, s.f. Ler a sorte.

**Canicular**, adj. Excessivamente quente; tórrido.

**Caninana**, s.f. Serpente não peçonhenta da família dos Colubrídeos.

**Caradura**, s.f. Falta de vergonha; cinismo; caradurismo.

**Carripana**, s.f. Veículo ordinário ou diligência reles, para transporte de passageiros.

**Catadura**, s.f. Expressão do semblante; feição; fisionomia.

**Cauto**, adj. Que tem cautela; precavido; prudente.

**Celerado**, s.m. Criminoso; perverso; facínora.

**Cincerro**, s.m. Campainha ou sino que se pendura ao pescoço de animal que serve de guia a outros.

**Descoco**, s.m. Atrevimento, audácia, ousadia, descaramento.

**Embira**, s.f. Fibra de certos vegetais usada como corda.

**Endrômina**, s.f. Ardil, impostura, artimanha.

**Enfarrar**, vti. Tomar aborrecimento; pegar nojo de (alimento).

**Enfarruscado**, v.t. e pron. Perturbado; amuado.

**Enxúndias**, s.f. Excesso de gordura no ser humano.

**Estroina**, s.m. Que age de maneira irresponsável; pessoa que gasta excessivamente.

**Epitáfio**, s.m. Inscrição sobre túmulos ou monumentos funerários.

**Esborcinado**, adj. Que possui a borda danificada; v.t.i. Quebrar a borda.

**Facadista**, s.m.f. Que ou aquele que costuma pedir dinheiro emprestado aos outros; faquista.

**Faulhar**, v.i. Crepitar; faiscar.

**Fescenino**, adj. Que apresenta caráter licencioso; devasso; obsceno.

**Fojo**, s.m. Caverna ou cova onde se açoitam feras.

**Fumeiro**, s.m. Espaço entre o telhado e o fogão onde se penduram carnes e peixes para defumá-los.

**Jamegão**, s.m. Assinatura, firma ou rubrica que confirma um ato ou legaliza um documento.

**Janízaro**: soldado de um corpo de elite das tropas turcas criado no século XIV e abolido em 1826. No sentido figurado: guarda-costas de um ditador.

**Jerivá**, s.m. Planta da família da Palmáceas, frequente nas matas sul-brasileiras e produz frutinhas amarelas, comestíveis.

**Labrego**: adj.subst.masc.: diz-se de ou homem rude do campo; camponês, vilão.

**Marçano**, s.m. Aprendiz de caixeiro.

**Merencório**, adj. Que causa melancolia.

**Noctâmbulo**, s.m. Que anda à noite; noctívago.

**Pacóvio**, s.m. Simplório; tolo.

**Pacuera**, s.f. Vísceras de boi, carneiro ou porco.

**Piscoso**, adj. Abundante em peixes.

**Prestidigitador**, s.m. adj. Aquele que tem manha para escamotear, fingir ou iludir.

**Pulcro**, s.m. Belo; formoso.

**Querencoso**, adj. Termo afetuoso; carinhoso.

**Rábula**, s.m. Indivíduo que advoga sem formação em Direito.

**Ragu**, s.m. Guisado ou ensopado de carne, feito com legumes e muito molho.

**Recalcitrante**, s.m. Teimoso; renitente; obstinado.

**Sanga**, s.f. Sulco no solo, cavado pela chuva ou por correntes subterrâneas.

**Sargaço**, s.m. Algas encontradas nas marés.

**Sibarita**, s.f.m. Que gosta da indolência e dos prazeres físicos.

**Solerte**, adj. Diz-se de pessoa que age com desembaraço e esperteza.

**Sorrelfa**, s.m. Expressão que designa artifício para enganar; que disfarça suas intenções.

**Telúrico**: m.s. Relativo à terra ou ao solo

**Virente**, adj. Que verdeja; verdejante.

**Zoncho**: alavanca que faz mover o êmbolo de uma bomba de mão

**Zurrapa**: s.f. vinho de qualidade inferior e/ou de sabor desagradável







O livro “Bom Tempo”, de Afonso Schmidt, surgiu de uma série de aventuras que o autor vivenciou e tendo como fio condutor a sua atuação nas redações dos jornais impressos. Engana-se quem pensa que o livro apresenta apenas uma biografia. Schmidt, de forma genial, concebeu o livro através de histórias que despertam o interesse num crescente. A narrativa limpa convida o leitor a conhecer o dia a dia das pequenas redações, os que nela trabalham e os vários personagens que cruzam seus caminhos. “Bom Tempo” pode ser considerado uma homenagem aos profissionais que exercem o jornalismo.

realização:

**instituto**  
**afonso.schmidt**

Secretaria  
de Cultura



PREFEITURA DE  
**Cubatão**

ISBN: 978-65-89632-16-0



CL